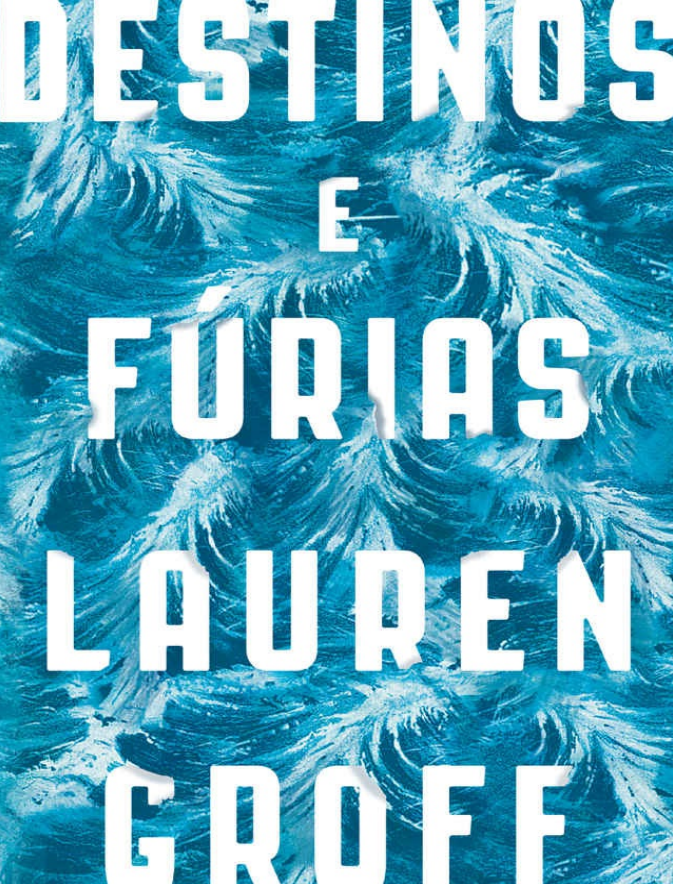




**DESTINOS
E
FÚRIAS**

LAUREN

GROFF



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



“Destinos e fúrias é um triunfo.”

The Washington Post

“Incrivelmente bom: preciso, lírico, rico, transformador de uma forma ao mesmo tempo mundana e épica. Groff é uma escritora original, cujos livros são ousadamente não conformistas.”

The New Yorker

“Audacioso e deslumbrante. O resultado não é só deliciosamente voyeurístico como também sábio com relação aos confortos e indignidades da parceria romântica.”

Los Angeles Times

“Lauren Groff rasga as costuras de um casamento aparentemente perfeito”.

Vanity Fair

“Uma leitura instigante que questiona se o amor pode ser verdadeiro quando está envolto em falsidade.”

People

“Só podemos ficar fascinados com a possibilidade de saber o que ocorre atrás de portas fechadas, ainda mais quando há um casal glamouroso e extremamente apaixonado do outro lado.”

Marie Claire

“A escrita de Groff é marcante e reveladora.”

USA Today

“Frase por frase, esse romance é um puro-sangue. Se considerarmos seus truques narrativos, entretanto, é um cavalo de Troia. A simples história de um casamento em que nenhum dos parceiros de fato entende o outro é contada de forma sofisticada, subvertendo as expectativas.”

Time

“Essa história é uma tempestade que você torce para que não acabe: surpreendente, selvagem, com momentos de calma que geram expectativa para a próxima chuva.”

O, The Oprah Magazine

LAUREN GROFF

Destinos e fúrias

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © 2015 by Lauren Groff

TÍTULO ORIGINAL

Fates and Furies

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

André Marinho

DESIGN DE CAPA

Rodrigo Corral e Adalis Martinez (arte sobre trabalho original de Nathaniel
Currier, fotografia de MPI/Getty Images) ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Antonio Hermida

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

E-ISBN

978-85-8057-912-3

Edição digital: 2016

1ª edição

TIPOGRAFIA

Bembo

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário Elogios

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Destinos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Fúrias

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

[Agradecimento](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

Para Clay
[É claro]

Destinos

Do céu, uma garoa densa, como o movimento súbito de uma cortina. As aves marinhas interromperam sua afinação, o oceano ficou mudo. A iluminação acima da água esmaeceu ao cinza.

Duas pessoas vinham pela praia. Ela era loura e estilosa em um biquíni verde, embora fosse maio no Maine, e frio. Ele era alto, vívido; cintilava nele uma luz que captava o olhar e o prendia. Eles se chamavam Lotto e Mathilde.

Por um minuto observaram uma poça formada pela água do mar, repleta de criaturas espinhosas, que levantou espirais de areia ao desaparecer. Então ele segurou com as mãos o rosto dela e beijou seus lábios pálidos. Seria capaz de morrer de felicidade naquele momento. Em um devaneio, viu o mar subindo para tragá-los, descarnando-os com a língua e fazendo os ossos deles rolares pelos molares de corais que habitam as profundezas. Se ela estivesse ao seu lado, pensou, ele flutuaria à deriva, cantarolando.

Bem, ele era jovem, vinte e dois anos, e eles haviam se casado em segredo naquela manhã. A extravagância, sob tais circunstâncias, era perdoável.

Os dedos dela descendo pelas costas dele lhe queimavam a pele. Ela o empurrou para trás, conduzindo-o para cima de uma duna coberta de vegetação, depois para baixo novamente, onde a parede de areia bloqueava o vento, onde se sentiam mais aquecidos. Por baixo do sutiã do biquíni, o arrepio assumira um tom azul lunar, e os mamilos no frio se contraíram. De joelhos agora, embora a areia fosse áspera e machucasse. Não importava. Eles estavam reduzidos a bocas e mãos. Ele arrastou as pernas dela para seu quadril, pressionou-a para baixo, cobriu-a com seu calor até que ela parasse de tremer, fez de suas próprias costas uma duna. Os joelhos esfolados da mulher estavam erguidos na direção do céu.

Ele ansiava por algo inexprimível e potente: o quê? Vestir-se dela. Imaginou viver para sempre no calor de seu corpo. As pessoas na vida dele haviam se afastado uma a uma, feito dominós; cada movimento a imobilizava mais para que ela não tivesse como o abandonar. Ele imaginou uma vida de transas na praia até que se tornassem um daqueles casais de anciãos que fazem caminhadas pela manhã, que têm uma pele que mais parece uma noz laqueada. Mesmo idoso, ele a conduziria para as dunas e realizaria os próprios desejos com aqueles ossos sexy e frágeis como os de um pássaro, o quadril de plástico, o joelho biônico. Drones salva-vidas pairariam no céu, acendendo as luzes e gritando *Fornicadores! Fornicadores!* para expulsá-los dali cheios de culpa. Seria assim, para todo o sempre. Ele fechou os olhos e fez seu pedido. Os cílios dela em sua bochecha, as coxas dela em sua cintura, a primeira vez que consumavam essa coisa aterrorizante que haviam feito. Casamento era para sempre.

[Ele se planejava para uma cama decente, um ar de cerimônia: tinha roubado a casa de praia de seu colega de quarto, Samuel, onde havia passado

quase todos os verões desde que tinha quinze anos, sabendo que escondiam a chave embaixo do casco da tartaruga-de-pente no jardim. Era uma casa com estampas xadrez e floral e louça de cerâmica colorida, com camadas de poeira. O quarto de hóspedes com o piscar triplo da luz do farol à noite, a praia escarpada logo abaixo. Foi o que Lotto imaginara para a primeira vez com aquela garota deslumbrante que ele esposou em feitiço. Mas Mathilde tinha razão em pleitear a consumação ao ar livre. Ela sempre tinha razão. Logo ele ficaria sabendo.]

Terminou muito depressa. Quando ela gritou, as gaivotas escondidas pela duna dispararam em direção às nuvens baixas. Mais tarde, ela mostraria ao marido a escoriação causada pela fricção da oitava vértebra contra a concha de um mexilhão enquanto ele metia de novo e de novo. Os dois estavam com os corpos tão colados que, quando riram, a risada dele vinha da barriga dela, e a dela saía da garganta dele. Ele beijou-lhe as maçãs do rosto, a clavícula e a parte pálida do pulso com veias azuis, que pareciam raízes. Aquela terrível fome, que ele achou que seria saciada, não foi. O fim estava aparente no começo.

— Minha esposa — disse. — Minha.

Talvez em vez de vesti-la, ele pudesse engoli-la inteira.

— Ah, é? — respondeu ela. — Certo. Porque sou uma posse. Porque minha família real me trocou por três mulas e um balde de manteiga.

— Amo seu balde de manteiga — comentou ele. — Agora é *meu* balde de manteiga. Tão salgada. Tão doce.

— Pare — pediu ela. Perdera o sorriso, tão tímido e constante que deixara o marido espantado de vê-la de perto sem um. — Ninguém é de ninguém. Fizemos algo grandioso. É novidade.

Pensativo, ele olhou para ela e mordeu com delicadeza a ponta do seu nariz. Ele a amara com todas as forças durante aquelas duas semanas e, amando tanto assim, a considerara transparente, um prato de vidro. Através dela ele conseguia rapidamente ver sua bondade. Mas vidro é algo frágil, portanto ele teria que ser cuidadoso.

— Você tem razão — disse ele; pensando “Não”, pensando em quão profundamente pertenciam um ao outro. Sem dúvida.

Entre a pele dele e a dela havia o menor dos espaços, mal cabia ar, mal cabia a camada de suor que começava a esfriar. Mesmo assim, uma terceira pessoa, o casamento dos dois, se insinuara ali.

Eles escalaram as pedras em direção à casa que haviam deixado iluminada no anoitecer.

Uma unidade, o casamento, feita de partes distintas. Lotto era barulhento e cheio de energia; Mathilde, quieta, observadora. É fácil acreditar que a metade dele era a melhor, a que dava o tom. É verdade que tudo o que ele vivera até então o forjara progressivamente para Mathilde. Que, se a vida dele não o tivesse preparado para o momento em que ela surgira, jamais haveria *eles*.

A garoa se adensou em gotas. Eles se apressaram no último trecho da praia.

[Interrompa-os ali: magros, jovens, atravessando a escuridão em direção ao calor, andando por sobre a areia e as pedras frias. Voltaremos a eles. Mas, por enquanto, é dele que não conseguimos desviar os olhos. É ele quem brilha.]

*

Lotto adorava a história. Ele nascera, como sempre contava, no olho calmo de um furacão.

[Desde o início, um *timing* incrível.]

Sua mãe era bonita naquela época, e seu pai ainda estava vivo. Verão, final dos anos sessenta. Hamlin, Flórida. Tão nova a sede da fazenda que havia etiquetas nos móveis. As venezianas não haviam sido firmadas e fizeram um barulho extraordinário quando a violenta tempestade fez sua primeira passagem.

Então, brevemente, o sol. A chuva pingava das laranjeiras-amargas. No intervalo, a engarrafadeira rugia pelos dois hectares de mato da família. No corredor, duas empregadas, a cozinheira, o jardineiro e o chefe da engarrafadeira encostaram a orelha na porta de madeira. Dentro do quarto, Antoinette estava à deriva em lençóis brancos, e o enorme Gawain segurava a cabeça quente da esposa. A tia de Lotto, Sallie, se agachou para pegar o bebê.

Lotto fez sua estreia: um trasto com pernas e braços compridos, mãos e pés enormes e pulmões excessivamente fortes. Gawain o ergueu sob a luz que entrava pela janela. O vento ganhava força novamente, os carvalhos regiam a tempestade com seus braços musgosos. Gawain chorou. Chegara ao ápice.

— Gawain Júnior — disse o pai.

Mas Antoinette fizera todo o trabalho, no fim das contas, e metade do ardor que sentira pelo marido já tinha sido desviado para o filho.

— Não — retrucou ela. Pensou em um dos encontros com Gawain, o veludo bordô do cinema e *Camelot* na tela. — Lancelot — disse.

Seus homens seriam inspirados em cavaleiros. Ela não era desapossada de humor próprio.

Antes de a tempestade voltar, o médico chegou para costurar Antoinette. Sallie passou um pano com azeite de oliva na pele do bebê. Tinha a sensação de estar segurando nas mãos o próprio coração pulsante.

— Lancelot — sussurrou Sallie. — Que nome. Vai apanhar com certeza. Mas não se desespere. Vou garantir que você seja Lotto.

E como ela conseguia se esgueirar pelas paredes, como o camundongo com que se parecia, foi de Lotto que passaram a chamá-lo.

*

O bebê era exigente. O corpo de Antoinette estava acabado, os seios, triturados. Amamentar não foi um sucesso. Mas assim que Lotto começou a sorrir e ela percebeu que ele era uma imagem miúda dela mesma, com suas covinhas e seu charme, perdoou-o. Um alívio encontrar a própria beleza ali. A família do marido não era nada encantadora, descendentes de todo tipo de floridenses, desde os originários da tribo indígena Timucua, passando por espanhóis, escoceses, escravos fugidos, os índios seminóis e nortistas brancos que emigraram para o Sul; acima de tudo, portavam a feição de um biscoito de água e sal cozido além do ponto. Sallie tinha traços fortes, o rosto ossudo. Gawain era peludo, grandalhão e calado; era piada em Hamlin dizer que ele era só metade humano, a cria de um urso que emboscara sua mãe quando ela estava indo para o banheiro do lado de fora da casa. Antoinette historicamente fora atraída pelos parceiros tranquilos e bem-cuidados, de passo leve, cheios da grana, mas com um ano de casada ainda se sentia tão contaminada pelo marido que, quando ele chegava, à noite, ela o seguia completamente vestida para o chuveiro, como se estivesse em transe.

Antoinette tinha sido criada numa casa colonial na costa de New Hampshire: cinco irmãs mais novas e uma corrente de ar tão terrível no inverno que ela achava que morreria antes de conseguir se vestir pela manhã. Gavetas com botões sobressalentes e baterias usadas. Batatas assadas em seis refeições seguidas. Ela recebera bolsa integral para estudar na Smith College, mas não conseguira desembarcar do trem. A Flórida se abrira em uma revista na poltrona ao lado da sua, árvores gotejando frutas douradas, sol, luxo. Calor. Mulheres de trança espinha de peixe ziguezagueando sobre tons de verde. Estava sacramentado. Ela foi até o fim da linha, até acabar o dinheiro, pegou carona para Weeki Wachee. Quando entrou na sala do gerente, ele assimilou seu cabelo vermelho-dourado na altura da cintura, suas curvas sinuosas, murmurou *Sim*.

O paradoxo de ser uma sereia: quanto mais preguiçosa parecia, mais a sereia trabalhava. Antoinette sorriu lânguida e deslumbradamente. Peixes-bois roçavam nela; percas mordiscavam seu cabelo. Mas a água era de frios vinte e três graus, a correnteza, forte, a calibragem de ar nos seus pulmões, exata para regular flutuação ou afundamento. O túnel por onde as sereias desciam a nado para chegar ao teatro era escuro, comprido, e às vezes prendia os cabelos delas e as enganchava ali pelo escalpo. Ela não conseguia ver o público, mas sentia o peso dos olhares através do vidro. Antoinette esquentava o clima para os observadores invisíveis; fazia-os acreditar. Mas, outras vezes, quando sorria,

pensava nas sereias como as conhecia: não a Pequena Sereia boba que ela fingia ser, mas aquela que renunciava sua língua, sua habilidade de cantar, sua cauda e seu lar para se tornar imortal. A que cantaria um navio cheio de homens em direção aos abrolhos e assistiria, ferozmente, a eles caindo soltos pelas profundezas.

Claro, ela ia aos bangalôs quando requisitada. Conheceu atores e comediantes da televisão, além de jogadores de beisebol e até aquele cantor cheio do rebolado certa vez, nos anos em que ele se transformou em astro do cinema. Eles faziam promessas, mas nenhuma era realizada. Jatinho algum seria mandado para ela. Nada de *tête-à-tête* com diretores. Ela não seria acomodada numa casa em Beverly Hills. Chegou aos trinta. Trinta e dois. Trinta e cinco. Ela não seria uma jovem revelação, entendeu, soprando as velas. Tudo o que tinha pela frente era a água fria, o lento balé.

Então Sallie entrou naquele teatro montado embaixo d'água. Tinha dezessete anos, torrada de sol. Havia fugido; queria vida! Algo além do irmão calado que passava dezoito horas por dia na engarrafadeira e voltava à casa para dormir. Mas o gerente das sereias apenas riu dela. Tão magra, parecia mais uma enguia do que uma ondina. Ela cruzou os braços e se sentou no chão. Ele ofereceu a concessão de cachorro-quente para convencê-la a se levantar. Em seguida, ela entrou no anfiteatro escuro e ficou abismada diante do vidro cintilante, onde Antoinette estava no meio de sua performance, de cauda e sutiã vermelho. Ela tomava para si toda a luz.

A atenção fervorosa de Sallie se comprimiu para o tamanho da mulher na janela e ali ficaria, fixada, de vez.

Ela se fez indispensável. Costurava caudas de paetê para exposições, aprendeu a usar um respirador para raspar as algas do lado molhado do vidro. Um dia, um ano depois, com Antoinette sentada de qualquer jeito na sala do túnel, tirando das pernas a cauda encharcada, Sallie se acercou. Ela entregou a Antoinette um folheto para o novo parque da Disney em Orlando.

— Você é a Cinderela — murmurou.

Antoinette nunca na vida se sentira tão compreendida.

— Eu sou — concordou.

E era. Colocaram nela uma tiara de zircônia e um vestido de cetim com armação. Tinha um apartamento num laranjal e uma nova colega de quarto, Sallie. Antoinette estava tomando sol de biquíni preto e batom vermelho na sacada quando Gawain subiu carregando a cadeira de balanço da família.

Ele ocupava todo o vão da porta: dois metros, tão peludo que a barba juntava com o cabelo, tão solitário que as mulheres conseguiam farejar em seu rastro quando ele passava. Já fora considerado burro, no entanto, depois que os pais morreram num acidente de carro quando ele tinha vinte anos, deixando-o com uma irmã de sete, foi o único que percebeu o valor da terra da família. Usou suas

economias para dar entrada na construção de uma fábrica que engarrafasse a limpa água fria da nascente da propriedade familiar. Vender um direito de nascença dos habitantes da Flórida para eles mesmos estava no limite da imoralidade, talvez, mas era o jeito americano de ganhar dinheiro. Ele acumulava riqueza, não gastava nada. Quando a vontade de ter uma esposa ficou intensa demais, ele construiu a casa da fazenda com vastas colunas coríntias brancas em volta. Tinha ouvido falar que esposas adoravam colunas grandes. Ele esperou. Nenhuma esposa apareceu.

Até que a irmã ligou para pedir que ele levasse algumas bugigangas da família para o apartamento novo dela, e lá estava ele, esquecendo-se de respirar ao se deparar com Antoinette, curvilínea e alva. Dava para entender por que ela não se deu conta do que estava vendo. Pobre Gawain, seu emaranhado de cabelos, suas roupas de trabalho sujas. Ela sorriu e tornou a se deitar para ser adorada outra vez pelo sol.

Sallie olhou para a amiga, o irmão; juntou as peças.

— Gawain, essa é Antoinette — apresentou ela. — Antoinette, esse é meu irmão. Ele tem alguns milhões no banco.

Antoinette ficou de pé, flutuou pelo espaço, colocou os óculos escuros no topo da cabeça. Gawain estava perto o suficiente para ver a pupila dela engolir a íris, e então ver o próprio reflexo na parte preta.

O casamento foi às pressas. As sereias de Antoinette sentaram-se brilhando com suas caudas nos degraus da igreja, jogando ração de peixe nos recém-casados. Os ianques mal-humorados suportaram o calor. Sallie esculpira um enfeite em marzipã para o topo do bolo, o irmão erguendo com um dos braços uma Antoinette em supino, o adágio, o *grand finale* dos espetáculos das sereias. Em uma semana, os móveis para a casa foram encomendados, empregados foram arranjados, escavadeiras removiam terra para a piscina. Com o conforto assegurado, Antoinette não tinha mais imaginação para gastar o dinheiro; tudo o mais era de qualidade standard, bom o bastante para ela.

Antoinette considerou aquele conforto como seu quinhão; não havia esperado o amor. Gawain a surpreendeu com sua transparência e gentileza. Ela o tomou sob seus cuidados. Quando raspou todo aquele pelo, encontrou um rosto sensível e uma boca bondosa. Com os óculos de armação de chifre que comprara para o marido, os ternos feitos sob medida, ele era distinto, se não bem-apeadoado. Sorriu para ela do outro lado da sala, transformado. Naquele instante, a centelha nela irrompeu em chama.

Dez meses depois, o furacão, o bebê.

*

Era certo para o trio de adultos que Lotto era especial. Menino de ouro.

Gawain transbordou nele todo o amor que engolira por tanto tempo. O bebê, um pedaço de carne moldado pela esperança. Chamado de burro durante toda a

vida, Gawain segurou o filho e sentiu o peso da genialidade nos braços.

Sallie, por sua vez, mantinha as tarefas domésticas. Contratava babás e as despedia por não serem ela. Passou a mastigar banana e abacate quando o bebê começou a comer alimentos sólidos e os colocava na boca do menino como se ele fosse um passarinho.

E assim que recebeu o sorriso recíproco, Antoinette voltou suas energias para Lotto. Colocava Beethoven para tocar no aparelho de som de alta fidelidade no volume máximo, gritando os termos musicais sobre os quais havia lido. Fez cursos por correspondência sobre mobiliário colonial americano, mitologia grega, linguística, e lia jornais inteiros para ele. Talvez, pensou ela, a criança lambuzada de ervilha na cadeira de alimentação só captasse um duodécimo dos seus conceitos, mas ninguém sabia o tanto que permanecia nos cérebros infantis. Caso ele se tornasse um grande homem, o que a mãe tinha certeza de que aconteceria, ela iniciaria a grandeza dele naquele exato instante.

A memória formidável de Lotto se revelou quando ele tinha dois anos, e Antoinette se sentiu grata. [Dom funesto. Permitiria que ele tivesse facilidade em tudo, mas o tornaria preguiçoso.] Certa noite, Sallie leu para o menino na cama um poema infantil, e, de manhã, quando ele desceu para tomar café, ficou em pé numa cadeira e berrou o poema. Gawain aplaudiu atônito, e Sallie enxugou os olhos numa cortina.

— Bravo — disse Antoinette friamente, e ergueu a xícara pedindo mais café, disfarçando o tremor em sua mão.

À noite, Sallie passou a ler poemas maiores; pela manhã, o garoto os dominava. Uma certeza crescia dentro dele com cada êxito, a sensação de estar subindo uma escada invisível. Quando os homens das águas iam à fazenda com as esposas para passar fins de semana prolongados, Lotto se esgueirava escada abaixo, engatinhava para baixo da grande mesa de jantar. Naquela caverna, ele via o peito dos pés sobressaindo dos mocassins masculinos, as conchas em tom pastel molhadas nas calcinhas das mulheres. Ele surgia gritando o poema “If”, de Kipling, para receber ruidosa aclamação. O prazer do aplauso daqueles desconhecidos era minado pelo sorriso fraco de Antoinette, por seu “Vá se deitar, Lancelot”, em lugar de um elogio. A mãe tinha reparado que o filho deixava de se esforçar quando ela o elogiava. Os puritanos entendem o valor da gratificação tardia.

*

No fedor úmido da Flórida Central, com aves pernaltas selvagens e frutas colhidas no pé, Lotto cresceu. Desde que aprendera a andar, suas manhãs eram de Antoinette, em suas tardes perambulava pela vegetação árida, pelas nascentes gélidas borbulhando do solo, pelos pântanos com jacarés que o observavam dos juncos. Lotto era um pequeno adulto, articulado, radiante. A mãe o manteve fora da escola um ano a mais, e até o ensino fundamental ele não conheceu outras

crianças, pois Antoinette se considerava boa demais em relação à cidadezinha. As filhas do capataz eram toscas e caipiras, e ela sabia aonde isso ia dar, então não, obrigada. Na casa havia pessoas para servi-lo em silêncio: se ele jogasse uma toalha no chão, alguém recolheria; se quisesse comer às duas da manhã, seria servido num passe de mágica. Todo mundo trabalhava para agradar, e Lotto, sem ter outros modelos, agradava também. Escovava o cabelo de Antoinette, deixava Sallie carregá-lo no colo mesmo quando já tinha quase o tamanho da tia, passava a tarde toda sentado em silêncio ao lado de Gawain no escritório, tranquilizado pela bondade calma do pai, pelo jeito que ele às vezes permitia que seu humor brilhasse como um raio de sol, o que fazia todo mundo piscar. O pai ficava feliz só de lembrar que Lotto existia.

Certa noite, quando o menino tinha quatro anos, Antoinette tirou o filho da cama. Na cozinha, ela colocou chocolate em pó numa xícara, mas se esqueceu de acrescentar o líquido. Ele comeu o pó com um garfo, lambendo e lambuzando. Ficaram sentados no escuro. Durante um ano, Antoinette tinha negligenciado os cursos por correspondência, privilegiando um pastor na televisão que mais parecia um pedaço de isopor com o qual uma criança esculpiu um busto e pintou com aquarela. A esposa do pastor estava sempre de delineador, seus penteados como elaboradas catedrais que Antoinette copiava. Ela encomendou fitas proselitistas, que escutava com enormes fones de ouvido e um gravador 8-track à beira da piscina. Depois, fazia cheques de altos valores que Sallie queimava na pia.

“Querido”, murmurou Antoinette para Lotto aquela noite, “estamos aqui para salvar sua alma. Sabe o que vai acontecer com os descrentes, como seu pai e sua tia, quando chegar o Dia do Juízo Final?”

Ela não esperou por uma resposta. Ah, como tentara mostrar a luz a Gawain e Sallie. Estava desesperada para dividir o céu com eles, que apenas sorriam timidamente e se afastavam. Ela e o filho assistiriam com tristeza de seus lugares nas nuvens aos outros dois ardendo lá embaixo para todo o sempre. Era Lotto quem ela *precisava* salvar. Antoinette acendeu um fósforo e começou a ler o Apocalipse com uma voz sussurrada e trêmula. Quando o fósforo apagava, ela acendia outro e continuava lendo. Lotto observava o fogo consumir os palitos finos de madeira. Quando a chama se aproximava dos dedos da mãe, ele sentia o calor nos próprios dedos, como se ele é quem estivesse sendo queimado. [Esuridão, trompetes, criaturas marinhas, dragões, anjos, cavaleiros e monstros com inúmeros olhos; eles permeariam seus sonhos por décadas.] Ele observou os belos lábios da mãe se moverem, seus olhos enlevados nas órbitas. Lotto acordou de manhã com a certeza de que estava sendo vigiado, julgado o tempo inteiro. Era igreja o dia todo. Ele fazia expressões inocentes quando tinha pensamentos ruins. Mesmo quando estava sozinho, atuava.

Lotto teria sido alegre, comum, se os anos continuassem desse jeito. Mais uma pessoa privilegiada com as tristezas de um garoto comum.

Mas por fim chegou o dia em que Gawain fez seu intervalo diário do trabalho às três e meia da tarde e seguiu pelo extenso gramado em direção à casa. Sua mulher dormia na borda do lado fundo da piscina, de boca aberta e com as palmas das mãos voltadas para o sol. Ele cobriu delicadamente o corpo dela com um lençol, para que não se queimasse, e deu um beijo em seu pulso. Na cozinha, Sallie tirava biscoitos do forno. Gawain deu a volta na casa, pegou uma nêspera no pé, rolou a fruta ácida na boca e se sentou na bomba hidráulica ao lado dos hibiscos silvestres, observando a rua de terra até que, finalmente, lá estava seu filho, um mosquito, uma mosca, um louva-a-deus na bicicleta. Era o último dia de aula do sétimo ano. O verão parecia um rio extenso e lento diante de Lotto. As maratonas de série seriam reprisadas, as inéditas que ele perdera por causa da escola: *Os Gatões e Dias Felizes*. Caçariam rãs nos lagos à meia-noite. A alegria do menino enchia a rua de luz. A existência do filho comovia Gawain, pois ele em si era um milagre, crescido, engraçado e bonito, melhor que aqueles que o fizeram.

Mas, de repente, o mundo se contraiu em volta de seu menino. Assustador. Gawain teve a impressão de que tudo estava impregnado com tamanha clareza que ele conseguia enxergar até os átomos.

Lotto desceu da bicicleta quando viu o pai sentado na velha bomba, aparentemente cochilando. Estranho. Gawain nunca dormia durante o dia. O menino ficou imóvel. Um pica-pau picava uma magnólia. Um camaleão passou depressa por cima do pé de seu pai. Lotto largou a bicicleta e correu, segurou o rosto de Gawain e gritou tão alto o nome do pai que, quando ergueu a cabeça, viu a mãe disparando em sua direção, a mulher que nunca corria, uma berrante rapidez branca como um pelicano.

*

O mundo se revelou tal como era. Ameaçado pela escuridão que vinha de baixo.

Certa vez Lotto observara um sumidouro se abrir de repente e engolir o antigo banheiro externo da casa da família. Em toda parte: sumidouros.

Ele corria nas alamedas arenosas entre asogueiras-pecãs e tinha medo de que o chão se abrisse sob seus pés e ele caísse sem jeito pela escuridão e, ao mesmo tempo, temia que isso não acontecesse. Os antigos prazeres tiveram suas cores drenadas. O jacaré de cinco metros do pântano, que ele alimentara com frangos inteiros que roubara do congelador, agora não passava de um lagarto. E a engarrafadeira era apenas mais uma máquina grande.

A cidade observou a jovem viúva ter um espasmo de vômito sobre as azaleias, seu belo filho dando-lhe tapinhas nas costas. As mesmas maçãs do rosto salientes, cabelo vermelho-dourado. A beleza aponta com exatidão a dor e acerta

no alvo do coração. Hamlin chorou pela viúva e pelo menino, mas não pelo enorme Gawain, seu filho nativo.

Não era só o sofrimento que a fazia vomitar. Antoinette estava grávida novamente, prescrita a repouso. Durante meses, a cidade observou pretendentes aparecerem em carros elegantes, vestindo ternos pretos e carregando pastas, e especulou sobre quem ela escolheria. Quem não gostaria de se casar com uma viúva tão rica e encantadora?

Lotto ia de mal a pior. Tentou largar a escola, mas os professores o consideravam excelente e não consentiriam. Ele se esforçou para se sentar com a mãe e ouvir os programas religiosos, segurando sua mão inchada, mas Deus amargara dentro dele. Retiveram-se apenas os rudimentos: as histórias, a rigidez moral e a mania de pureza.

Antoinette lhe beijava a palma da mão e o deixava ir, tão plácida na cama quanto um peixe-boi. Os sentimentos dela foram soterrados. Ela observava tudo de uma enorme distância. Ficou arredondada, cada vez mais redonda. Por fim, como uma bela fruta, partiu-se. A bebê Rachel, o caroço, caiu.

Quando Rachel acordava à noite, Lotto era o primeiro a chegar, acomodava-se na cadeira e lhe dava a fórmula, ninando-a. Ela teve sua atenção durante todo aquele primeiro ano, sua irmã, que tinha fome, a quem ele podia alimentar.

O rosto dele explodira em acne cística, intensa e latejando sob a pele; ele não era mais um garoto bonito. Isso não importava. Meninas se atropelavam para beijá-lo, por pena ou porque ele era rico. Nas bocas macias, escorregadias das garotas, chiclete de uva e língua quente, Lotto se concentrou e conseguiu dissolver o horror que se instalara dentro dele. Festas de pegação em salões de jogos, em parques à noite. Ele voltava de bicicleta para casa sob a escuridão da Flórida, impelindo as pernas o mais rápido que conseguia para ultrapassar sua tristeza, porém a tristeza era sempre mais veloz, o alcançava de novo facilmente.

Um ano e um dia após a morte de Gawain, Lotto, com quatorze anos, foi tomar café da manhã ao amanhecer. Ia pegar alguns ovos cozidos para comer enquanto pedalava até a cidade, onde Trixie Dean esperava, os pais dela estariam fora no fim de semana. Ele carregava um vidro de WD-40 no bolso. Lubrificante, disseram os garotos da escola, era importante.

Do escuro veio a voz de sua mãe: — Querido. Tenho uma novidade.

Ele se sobressaltou, acendeu a luz e a viu do outro lado da mesa usando um terninho preto, com o cabelo despenteado, como se coroa-se sua cabeça com labaredas.

Pobre mãezinha, pensou ele. Tão acabada. Tão gorda. Ela achava que os analgésicos que não parara de tomar após o nascimento de Rachel fossem um segredo. Mas não eram.

Horas depois, Lotto estava em pé na praia, piscando. Aqueles homens que

carregavam pastas não eram pretendentes, mas advogados. Tudo tinha acabado. Os empregados haviam desaparecido. Quem faria o trabalho? A casa da fazenda, sua infância, a engarrafadeira, a piscina, Hamlin, onde seus ancestrais viviam desde sempre, tudo já era. O fantasma de seu pai já era. Trocados por uma quantidade obscena de dinheiro. O local era agradável, Crescent Beach, mas a casa era minúscula, cor-de-rosa, construída sobre estacas acima das dunas feito uma caixa de Lego sobre pilastras. Embaixo, um emaranhado de palmeiras e pelicanos inclinando-se sob o vento quente, salgado. Era uma dessas praias em que dava para dirigir. As picapes que tocavam heavy metal nas alturas ficavam escondidas pelas dunas, mas, dentro de casa, dava para ouvir o som.

— Isso? — disse ele. — Você podia ter comprado quilômetros de praia, mãezinha. Por que estamos nessa caixinha insignificante? Por que *aqui*?

— É barata. Execução da hipoteca. Aquele dinheiro não é para mim, querido. É seu e da sua irmã. Está reservado para vocês. — Um sorriso de mártir.

Mas por que ele se importaria com dinheiro? Odiava dinheiro. [Ele evitaria pensar nisso durante toda a vida, deixando a preocupação para os outros, presumindo que sempre teria o suficiente.] O dinheiro não era seu pai nem a terra do seu pai.

— Traição — disse Lotto chorando furioso.

A mãe segurou seu rosto nas mãos, tentando não tocar nas espinhas.

— Não, querido — retrucou ela, com um sorriso radiante. — Liberdade.

*

Lotto ficou emburrado. Permaneceu sentado sozinho na areia. Cutucou uma água-viva morta com gravetos. Tomou raspadinhas em frente à loja de conveniência na avenida A1A.

Depois foi comer taco no quiosque onde os garotos legais almoçavam, esse miniyuppie de camisa polo, bermuda xadrez e mocassins, embora aquele fosse um local em que garotas entrassem nas lojas com o sutiã do biquíni à mostra e os meninos deixassem as camisas em casa para bronzear os músculos. Ele já tinha um metro e oitenta e três, quatorze anos beirando os quinze no final de julho. [Era de leão, o que o define totalmente.] Cotovelos e os joelhos esfolados, o cabelo estufado na parte de trás. Pobre pele pustulenta, destruída. Perplexo, piscando, meio órfão; dava vontade de abraçá-lo contra o corpo para confortá-lo. Algumas meninas tinham ficado atraídas, perguntado seu nome, mas ele estava devastado demais para ser interessante, e elas o abandonaram.

Comeu sozinho numa mesa de piquenique. Um pedaço de coentro grudou em seus lábios, o que fez rir um garoto asiático de aparência elegante. Ao lado do asiático estava sentada uma garota de cabelo desgrenhado, garranchos de delineador, batom vermelho, um alfinete de fralda em cima da sobrancelha, uma esmeralda falsa brilhando no nariz. Olhava para ele com tanta intensidade que Lotto sentiu os pés começarem a formigar. Ela devia mandar bem no sexo,

ele deduziu, sem saber como. Ao lado dela havia um menino gordo de óculos com uma expressão dissimulada, que era seu irmão gêmeo. O garoto asiático era Michael; a menina intensa era Gwennie. O gordo seria o mais importante. Seu nome era Chollie.

Naquele dia havia outro Lancelot no quiosque de tacos, que era chamado de Lance. Qual era a probabilidade? Lance era muito mirrado, pálido devido à falta de vegetais, fingia mancar, usava um chapéu de lado e uma camiseta tão comprida que balançava atrás dos joelhos. Ele saiu fazendo beatbox em direção ao banheiro, e quando voltou, trouxe o fedor junto. O garoto atrás dele chutou sua camisa, de onde caiu um cocozinho.

— Lance cagou a camisa! — gritou alguém.

Isso se desenrolou por algum tempo até uma pessoa se lembrar de que havia outro Lancelot ali, vulnerável, novo, com uma aparência esquisita, e Lotto passou a ser interrogado: — A gente fez você se borrar de medo, novato?

— Qual é seu nome todo? Sir Luvsalot?

Miseravelmente, ele se arqueou. Largou a comida, foi embora se arrastando. Os gêmeos e Michael o alcançaram embaixo de uma tamareira.

— Essa é uma camisa polo de marca? — perguntou Chollie, tocando na manga da roupa dele. — Isso custa oitenta paus no varejo.

— Choll — repreendeu Gwennie. — Pare com o consumismo.

— É falsificada, eu acho — disse Lotto, dando de ombros, embora nitidamente não fosse.

Os outros passaram bastante tempo o encarando.

— Interessante — comentou Chollie.

— Ele é fofo — disse Michael.

Olharam para Gwennie, que semicerrou os olhos para Lotto até que se tornassem fendas de rímel.

— Ah, está bem — suspirou ela. — Acho que podemos ficar com ele.

Uma covinha se formava em sua bochecha quando ela sorria.

Eles eram um pouco mais velhos, prestes a cursar o segundo ano do ensino médio. Sabiam coisas que Lotto desconhecia. A vida dele começou a girar em torno da areia, da cerveja, das drogas. Roubava os analgésicos da mãe para dividir. Sua tristeza por ter perdido o pai diminuía durante o dia, embora ele ainda acordasse chorando no meio da noite. Seu aniversário chegou, e ao abrir o cartão encontrou uma mesada cuja quantia era absurda para alguém de quinze anos. O verão se estendeu pelo ano letivo, o nono ano, um passeio no parque em sua memória. Sempre iam à praia depois da escola, onde ficavam até anoitecer.

“Cheire isso”, diziam os amigos. “Fume isso.” Ele cheirava, ele fumava, ele esquecia por um tempo.

Gwennie era a mais interessante dos seus três novos amigos. Havia algo despedaçado nela, embora ninguém lhe dissesse o quê. Ela atravessava a pé

quatro pistas em meio ao trânsito; na loja de conveniências, enfiava latas de chantili na mochila. Ele a considerava feroz, embora os gêmeos morassem num rancho, tivessem pai e mãe, e Gwennie estivesse prestando três provas de nível universitário apesar de ainda cursar o ensino médio. Gwennie gostava de Michael, e Michael colocava as mãos nos joelhos de Lotto quando os outros não estavam olhando, e à noite Lotto sonhava em tirar as roupas de Gwennie e fazê-la tremer. Certa vez, tarde da noite, ele pegou sua mão fria, e ela permitiu que ele a segurasse por um instante antes de apertá-la e soltá-la. Lotto às vezes imaginava todos eles do ponto de vista de um pássaro pairando no céu: circulando, circulando, perseguiam uns aos outros, só Chollie ficava de fora, observando com tristeza as voltas sem fim dos colegas, raramente tentando se infiltrar na roda.

— Sabe — disse Chollie a Lotto uma vez —, acho que nunca tive um amigo de verdade antes de você.

Eles estavam na galeria, jogando video game e filosofando: Chollie com base em um monte de cartuchos que arranjara no Exército da Salvação, e Lotto fundamentado em um livro do nono ano que ele conseguia evocar e citar, por mais que não entendesse o que estava escrito. Lotto viu o Pac-Man refletido no viço oleoso da testa e do queixo de Chollie. O outro garoto empurrou os óculos para o alto no nariz, desviando os olhos. Lotto se enterneceu.

— Também gosto de você — disse ele, sem saber que isso era verdade até falar em voz alta.

Chollie, com sua rusticidade, sua solidão, sua inocente avidez por dinheiro, o fazia se lembrar do pai.

A vida louca de Lotto só se sustentou até outubro. Um pequeno número de meses para tanta mudança.

O pivô seria o seguinte: fim de tarde, sábado. Estavam na praia desde a manhã. Chollie, Gwennie e Michael dormiam em cima de uma manta vermelha. Queimados de sol, salgados pelo oceano, cerveja amargando a boca. Maconheiros, pelicanos, um pescador na praia puxando um peixe dourado de trinta centímetros. Lotto ficou bastante tempo observando até lentamente se formar a mesma imagem que ele vira num livro: mar vermelho com um caminho de pedras açoitando seu interior, como a língua volteada de um beija-flor. Ele pegou a pá que uma criança havia esquecido e começou a cavar. A pele retesada, como se estivesse coberta com cola seca; a queimadura era grave, mas, sob a pele, os músculos amaram o movimento. Um corpo forte é uma glória. O mar sibilava e gorgolejava. Aos poucos, os outros três foram acordando. Gwennie se levantou, o estalo da carne no biquíni. Nossa, ele a lamperia do cocuruto ao dedão do pé. Ela ficou observando o que ele fazia. Ela entendeu. Garota durona, piercings, tatuagem de cadeia feita com os próprios alfinetes e caneta, mas os olhos transbordavam do delineador. Ela se ajoelhou e

aplainou com os antebraços a areia. Chollie e Michael roubaram pás da caçamba da picape dos guardas da praia. Michael chacoalhou sobre a palma da mão um vidro de anfetamina que pegara da mãe, e eles tomaram os comprimidos. Eles se revezaram cavando, estalando as mandíbulas. Quatro garotos problemáticos no início de outubro, do crepúsculo à escuridão. A lua surgiu tosca, mijando branco na água. Michael catou tocos de madeira e fez uma fogueira. Os sanduíches cheios de areia lá no passado. As mãos com bolhas até sangrar. Eles não se importavam. Para o espaço mais interno, o centro da espiral, eles tombaram para o lado uma cadeira de salva-vidas, a enterraram e compactaram areia em cima com muita pressão. Um a um, tentavam adivinhar em voz alta as intenções de Lotto com aquela escultura: náutilo, broto de samambaia, galáxia. Linha escapando do fuso. Forças da natureza, perfeitas em beleza, perfeitamente efêmeras, palpitavam. Lotto era tímido demais para dizer *o tempo*. Acordara com a língua seca e com uma vontade de tornar concreto o abstrato, formar seu novo conhecimento: de que o tempo era assim, uma espiral. Ele adorava a inutilidade de todo o esforço, a efemeridade daquele trabalho. O mar invadiu. Lambeu os pés deles. Forçava a parede externa da espiral, cutucando para conseguir entrar. Quando a água removeu a areia que cobria a cadeira de salva-vidas, revelando algo branco como osso embaixo, alguma coisa se quebrou, e os fragmentos giraram rumo ao futuro. [Este dia recurvaria e lançaria sua luz em tudo.]

*

Na noite seguinte mesmo, tudo acabou. Em meio à escuridão, Chollie, grandioso em seu barato, pulara da cadeira de salva-vidas, já novamente levantada. Por um instante, sua silhueta ganhara contraste com a lua cheia, mas depois ele despencara sobre as canelas com um estalo horripilante. Michael o levava depressa para o hospital, deixando Gwennie e Lotto sozinhos na praia em meio ao vento frio do outono e à escuridão. Ela segurou a mão dele. Lotto pôde sentir o fervilhar na pele. Chegara seu momento: ia perder a virgindade. Ela foi sentada no guidom da bicicleta dele para uma festa em alguma casa abandonada no pântano. Beberam cerveja enquanto observavam os garotos mais velhos se reunirem em volta de uma enorme fogueira até que, por fim, Gwennie conduziu Lotto pela casa. Velas votivas nos parapeitos das janelas, colchões com pernas, braços, nádegas e mãos reluzentes. [Luxúria! História antiga renovada em carne nova.] Gwennie abriu uma janela, e eles pularam e se sentaram no telhado da varanda. Ela estava chorando? Sua sombra de olho desenhava assustadores espinhos escuros nas maçãs do rosto. Ela aproximou a boca da dele, e Lotto, que não beijava uma garota desde que tinha ido morar na praia, sentiu o familiar líquido branco e quente se mover por seus ossos. A festa estava barulhenta. Ela o empurrou de costas no papel alcatroado cor de areia, e ele ficou observando seu rosto sob a luz, e ela levantou a saia e afastou a calcinha para o lado, mas Lotto,

que estava sempre pronto, que estava pronto nas fantasias mais abstratas com uma garota — pegadas de um passarinho eram uma virilha, garrafas de leite evocavam peitos —, não estava pronto naquele início ó-tão-de-repente. Mas não importava. Gwennie o enfiou para dentro, embora estivesse seca. Ele fechou os olhos e pensou em mangas, mamões partidos, frutas ácidas e doces escorrendo o sumo, até que acabou, ele gemeu e seu corpo todo se tornou afável, e Gwennie olhou para baixo com um sorriso se expandindo em seus lábios mordidos, depois fechou os olhos e se afastou dele, e quanto mais ela se distanciava, mais Lotto tentava se aproximar, como se estivesse perseguindo uma ninfa pelo campo. Lembrou-se de suas revistas pornográficas secretas, então rolou a garota colocando-a de quatro, e ela riu por cima do ombro para ele, e Lotto fechou os olhos, a penetrou, sentiu quando ela arqueou as costas como uma gata, entrelaçou os dedos no cabelo dela, até que viu as labaredas saindo pela janela. Mas não conseguia parar. Não conseguia. Apenas desejava que a casa aguentasse até ele terminar. Glorioso, tinha nascido para fazer aquilo. Havia estalos por todo lado e um calor abrasador como o do sol, e Gwennie tremia embaixo dele, e um-dois-três, ele explodiu dentro dela.

Então Lotto começou a gritar no ouvido dela que tinham que ir, ir, ir. Ele não terminou de se vestir, correu para a beirada do telhado e pulou nos sagus lá embaixo. Gwennie flutuou para cima dele, a saia se abrindo para cima em pétalas, como uma tulipa. Os dois se arrastaram dos arbustos, o pau dele pendurado para fora da braguilha, e foram recebidos por bombeiros que aplaudiram sarcasticamente.

— Bom trabalho, Romeu — disse um deles.

— Lancelot — corrigiu o menino.

— Pode me chamar de Don Juan — disse um policial, algemando os pulsos de Lotto, depois os de Gwennie.

A viagem foi curta. Ela não olhou para ele. Ele nunca mais a veria.

Em seguida, a cela com uma latrina que mais parecia um duende imundo no canto, Lotto vasculhando por lascas que pudesse usar como faca, a lâmpada crepitante que finalmente estourou provocando uma chuva de vidro ao amanhecer.

*

Lar. A expressão desolada de Sallie. Rachel no colo de Lotto, chupando o dedo. Um ano de idade e já oprimida pela ansiedade. A decisão tinha sido tomada: elas precisavam afastá-lo daqueles delinquentes. Antoinette fechou a porta ao entrar, estalou os polegares, pegou o telefone. Dinheiro suficiente pode lubrificar qualquer engrenagem. À tarde, estava tudo resolvido. À noite, ele estava arrastando os pés pela passarela para entrar no avião. Olhou para trás. Sallie carregava Rachel, e as duas choravam. Antoinette estava parada, mãos na cintura. Ela portava uma expressão tortuosa. De raiva, pensou ele. [Errado.]

A porta se fechou atrás de Lotto, o garoto banido por seus pecados.

Ele nunca se lembraria da viagem para o norte, só do choque. Acordar de manhã para o sol e a Flórida, ir para a cama na fria escuridão de New Hampshire naquele mesmo dia. Um dormitório com cheiro de chulé dos meninos. Dor de fome em suas entranhas.

No jantar daquela noite no refeitório, uma fatia de torta de abóbora acertara sua testa. Lotto ergueu os olhos e notou os garotos rindo dele. Alguém gritou: *Ai, pobre Torta de Abóbora*. Outra pessoa disse: *Pobre Torta da Flórida*, e mais uma falou: *Torta da Puta que Pariu*, e foi disso que mais riram, então foi assim que passaram a chamá-lo. Ele, que a vida inteira andara para todo canto debaixo de um calor sufocante como se fosse dono do lugar [ele tinha mesmo sido dono do lugar], sentia os ombros colarem nas orelhas enquanto andava depressa pelo chão frio e duro. Torta da Puta que Pariu, um caipira para aqueles garotos de Boston e Nova York Cheio de espinha, o encanto da infância desaparecido, muito alto, muito magro. Um sulista, inferior. Sua riqueza, que antes o destacara, passava despercebida pelos ricos.

Ele acordou antes do raiar do dia e sentou-se tremendo na beira da cama, observando a janela clarear. DUM-dum, DUM-dum, batia seu coração. Na cafeteria, panquecas frias e ovos meio cozidos, depois era hora de caminhar pelo chão congelado até a capela.

Ele ligava todo domingo às seis da tarde, mas Sallie não dava muito papo, Antoinette não ia a lugar algum naquela época, portanto tinha pouca coisa para relatar além de seus programas de televisão, e Rachel ainda era muito nova para formar frases. A ligação era encerrada após cinco minutos. Um mar negro à sua frente até o próximo telefonema. Nada em New Hampshire era caloroso. Até o céu tinha uma frieza anfíbia. Lotto ia para a banheira aquecida ao lado da piscina assim que o ginásio abria, às cinco e meia, numa tentativa de derreter o gelo de seus ossos. Lá ele boiava, imaginando os amigos fumando sob o sol. Se estivesse perto de Gwennie, os dois já teriam exaurido cada posição sexual de que ele tivesse ouvido falar, até as apócrifas. Só Chollie mandava correspondência, embora praticamente se tratassem de piadas em cartões-postais pornográficos.

Lotto fantasiava com as vigas do ginásio, que tinham pelo menos quinze metros de altura. Um mergulho de ponta no raso colocaria um fim naquilo tudo. Não, ele subiria no topo do observatório, amarraria uma corda no pescoço, pularia. Não. Ele se esgueiraria para o almoxarifado e roubaria alguns pós brancos usados para limpar os banheiros e os comeria como se fosse sorvete até suas entranhas espumarem para fora. Um componente de teatralidade já contido em sua imaginação. Ele não foi autorizado a passar o Dia de Ação de Graças nem o Natal em casa.

— Ainda estou sendo punido? — perguntou ele, tentando manter a voz máscula, mas ela acabou saindo trêmula.

— Ah, querido — disse Sallie. — Isso não é castigo. Sua mãe quer que você tenha uma vida melhor.

Uma vida melhor? Ali ele era o Torta da Puta que Pariu; ele não falava palavra, portanto nem sequer podia reclamar do próprio apelido. Sua solidão gritava ainda mais alto. Todos os meninos praticavam esportes, e ele foi forçado a remar no barco de oito pessoas dos novatos, por isso em suas mãos surgiram bolhas e calos, cascas próprias.

*

O decano chamou Lancelot. Ouvira dizer que o garoto estava perturbado. Suas notas eram perfeitas. Ele não era burro. Estava infeliz? As sobrancelhas do decano eram lagartas que se alimentavam de macieiras inteiras durante a noite. Sim, disse Lotto, ele estava infeliz. Hum, respondeu o reitor. Lotto era alto, inteligente, rico. [Branco.] Garotos como ele eram predestinados a serem líderes. Quem sabe, arriscou o decano, se Lotto comprasse um sabonete facial, conseguiria conquistar uma posição mais alta na hierarquia? Ele tinha um amigo que poderia passar a receita; procurou um bloco para anotar o número. Dentro da gaveta aberta, Lotto vislumbrou o familiar brilho gorduroso de uma pistola [mesa de cabeceira de Gawain, coldre de couro]. E isso era tudo que o menino podia ver diante de si enquanto enfrentava os dias aos trancos e barrancos: aquele breve lampejo da arma, o peso que ele conseguia sentir nas mãos.

*

Em fevereiro, a porta da sala da aula de inglês se abriu, e um sapo de capa vermelha entrou. Cara de larva. Um brilho pastoso, cabelo escasso. Uma rodada de risadinhas. O pequeno homem girou a capa para tirá-la dos ombros, escreveu *Denton Thrasher* no quadro-negro. Fechou os olhos e, quando os abriu, fez uma expressão de dor e estendeu os braços como se segurasse algo pesado.

Gemei, gemei, gemei!, murmurou ele. *Oh, sois homens de pedra!*

Se eu tivesse vossas línguas e vossos olhos, de tal modo os usaria, que faria arrebentar a abóbada celeste. Ela se foi para sempre! Sei quando alguém está morto e quando está vivo. Ela está tão morta quanto a terra. Empréstai-me um espelho. Se a respiração dela embaçar ou manchar a superfície, então está viva.

Silêncio. Nenhuma brincadeira. Os meninos estavam quietos.

Uma parte desconhecida de Lotto se iluminou. Ali estava a resposta para tudo. Era possível deixar a si mesmo para trás, transformar-se em alguém que não se era. Era possível infligir à coisa mais assustadora do mundo — uma sala cheia de garotos — silêncio. Lotto se tornara impreciso desde a morte do pai. Mas neste momento, sua perspicácia voltou.

O homem suspirou e voltou a ser ele mesmo.

— O professor de vocês foi contaminado por alguma doença. Pleurisia. Hidropisia? Enfim, cabe a mim substituí-lo. Eu me chamo Denton Thrasher. Agora me digam, rapazinhos, o que estão lendo?

— *O sol é para todos* — sussurrou Arnold Cabot.

— Que deus nos ampare — disse Denton Thrasher, e pegou a lixeira para percorrer todas as fileiras, jogando as edições baratas dos meninos lá dentro. — Não devemos nos preocupar com mortais menos importantes quando mal abrimos uma brecha para o Bardo. Antes do fim das minhas aulas, vocês estarão transpirando Shakespeare. Isso é chamado de boa educação. Os japoneses serão nossos mestres imperiais daqui a vinte anos. — Ele se sentou na beirada da mesa, apoiando-se diante dos arcos que formara com os braços. — Primeiro me digam a diferença entre tragédia e comédia.

Francisco Rodríguez respondeu: — Solenidade *versus* humor. Seriedade *versus* leveza.

— Errado — disse Denton Thrasher. — É um truque. Não há diferença. É uma questão de perspectiva. Narrar é construir uma paisagem, e tragédia é comédia é drama. Só depende de como a pessoa emoldura o que está vendo. Olhem aqui.

O professor fez uma moldura com as mãos, que moveu pela sala até colocá-la à frente de Rocambole, o menino triste cujo pescoço vazava para fora do colarinho. Denton engoliu o que estava prestes a dizer e moveu a caixa formada por suas mãos para Samuel Harris, um garoto esperto, popular, bronzeado, que era o timoneiro do barco de Lotto, e disse: — Tragédia.

Os meninos riram, Samuel mais alto que todos. Sua confiança era um quebra-vento. Denton Thrasher aproximou a moldura do rosto de Lotto, que notou os olhos intensos do professor fixos nele.

— Comédia — falou.

Lotto riu com os outros, não porque fosse o mote da piada, mas porque sentia-se grato ao homem por ter revelado o teatro a ele. O único jeito, finalmente descobrira, que poderia viver no mundo.

*

Ele interpretou Falstaff na peça que apresentaram na primavera. Mas sem a maquiagem, seu próprio eu miserável tornava a se insinuar dentro dele.

— Bravo! — exclamou Denton Thrasher em sala de aula quando Lotto recitou um monólogo de *Otelo*, mas o garoto apenas deu um meio sorriso e voltou para o seu lugar.

No remo, o barco dos novatos venceu o time oficial no treino, e ele foi promovido a posição de voga, estabelecendo o ritmo. Mesmo assim tudo continuava triste, mesmo após os botões despontarem nas árvores e os passarinhos voltarem.

Em abril, Sallie ligou, chorando. Lotto não poderia voltar para casa no verão.

— É... perigoso — disse ela, e ele soube que a tia queria dizer que seus amigos ainda estavam por lá.

Imaginou Sallie observando-os andar pela rodovia, as mãos dela

espontaneamente desviando o carro para esmagá-los. Ah, Lotto queria tanto abraçar a irmã; ela estava crescendo, não se lembraria dele. Provar a comida da tia. Sentir o perfume da mãe, deixá-la contar com sua voz sonhadora sobre Moisés ou Jó como se fossem pessoas que ela conhecesse. Por favor, por favor, ele nem sequer sairia de casa, sussurrou, e Sallie o consolara dizendo que as três o visitariam em Boston durante o verão. Em sua mente, a Flórida adquirira o brilho do sol. Ele achava que poderia ficar cego caso olhasse diretamente para ele. Sua infância estava oculta sob aquela luz intensa, impossível de se ver.

Ele desligou o telefone, sem esperanças. Sem amigos. Abandonado. Histórico de autopiedade.

Bolou um plano durante o jantar, após uma guerra de comida com brownies de menta.

Quando escureceu, deixando as flores nas árvores tão pálidas quanto mariposas, ele saiu.

O prédio administrativo abrigava a sala do decano; a sala do decano abrigava a gaveta que abrigava a arma. Ele imaginou o diretor abrindo a porta de manhã e encontrando os respingos, seu passo trêmulo para trás.

Sallie e sua mãe explodiriam de dor. Ótimo! Ele queria que elas passassem o resto da vida chorando. Queria que morressem chorando pelo que haviam feito com ele. Sentia-se vacilante apenas ao pensar na irmã. Ah, mas ela era tão pequena... Não saberia o que tinha perdido.

O prédio era um bloco sem luz. Ele bateu para encontrar a porta — destrancada —, que deslizou sob sua mão. A sorte estava ao seu lado. [Alguém estava.] Ele não podia arriscar acender as luzes. Bateu a parede: quadro de avisos, ganchos para pendurar casacos, quadro de avisos, porta, parede, porta, quina. A fronteira do grande espaço escuro que era o enorme hall. Ele vislumbrou como se estivesse de dia: a escada dupla em curva ao fundo. Os corrimãos do segundo andar cobertos com a oleosidade dos homens brancos gordos. Um barco antigo pendia das vigas. De dia, janelas altas de clerestório transferiam luz de uma para outra. Mas naquela noite eram poços de escuridão.

Ele fechou os olhos. Andaria bravamente em direção ao fim. Deu um passo, depois outro. Curtindo o toque refinado do carpete, o vazio vertiginoso à sua frente, deu três passos alegres correndo.

Então bateu de cara.

Caiu de joelhos, ficou bateando o carpete. Atingido de novo no nariz. Ergueu o braço, mas não havia nada ali; não, a coisa surgiu de novo, e ele caiu para trás, sentiu acima dele algo o roçar. Mexeu as mãos, tocando um pano. Pano sobre madeira, não, madeira, não, espuma revestindo aço, não, espuma, não, um pudim com calda endurecida? Bateu. Sentiu couro. Cadarços? Sapato? Foi atingido nos dentes.

Andou para trás feito caranguejo, um barulho alto e agudo vinha de algum

lugar, depois seguiu atabalhoadamente pelo corredor e, após uma eternidade, encontrou o interruptor. Na claridade terrível, se deparou com o barco suspenso no teto, inclinado para um lado, e dele pendendo o pior enfeite de Natal de todos os tempos. Um garoto. Um garoto morto. Com o rosto azul. A língua para fora. Os óculos tortos. Logo sobreveio o reconhecimento: ah, pobre Rocambole, pendurado na proa de um barco de oito remos longos. Ele subira ali e amarrara o laço. Pulara. Brownie de menta do jantar por toda a sua camisa. O som morreu no peito de Lotto. Ele correu.

*

Depois da polícia, da ambulância, veio o decano. Ele trouxe donuts e um chocolate quente para Lotto. Suas sobancelhas dançavam pelo seu rosto, pensando em processos judiciais, suicídios imitativos, vazamentos para a imprensa. Deixou Lotto no dormitório, mas, quando a luz das lanternas traseiras do carro cintilou ao longe, o menino saiu de novo. Não podia ficar perto dos outros garotos, que estavam, naquele exato instante, tendo sonhos inocentes e ansiosos com partes femininas e empregos de verão.

Encontrava-se sentado no teatro do auditório quando o sino da capela tocou às três horas.

A longa fileira de cadeiras guardava a lembrança dos corpos. Lotto pegou o baseado que pretendia fumar exatamente antes de encostar o cano da arma nos dentes.

Nada fazia sentido. Ouvia-se um assovio despreocupado nas coxias à direita do palco. Denton Thrasher, sem óculos e usando um velho pijama xadrez, atravessou o palco, com um nécessaire na mão.

— Denton? — chamou Lotto.

O homem observou a escuridão, segurando a bolsa junto ao peito.

— Quem está aí? — perguntou.

— Sois vós quem deveis responder. Levantai e dai-vos a conhecer — disse Lotto.

Denton deu passos suaves pelo palco.

— Ah, Lancelot. Você fez meu sangue gelar. — Tossiu uma vez e perguntou: — Estou sentindo o cheiro excitante da cânabis?

Lotto posicionou o baseado entre seus dedos esticados, e Denton deu uma tragada.

— O que está fazendo de pijama? — questionou o garoto.

— A pergunta, meu caro, é o que você está fazendo aqui. — Ele se sentou ao lado de Lotto, depois acrescentou, com um sorriso repuxado: — Ou você estava me procurando?

— Não — respondeu o jovem.

— Ah.

— Mas aqui está você — observou Lotto.

Quando já não havia mais baseado para fumar, Denton disse: — Economizando meus centavos. Dormindo na sala dos figurinos. Estou resignado a uma velhice indigente. Mas não é tão ruim. Não tem perचेvejos. E gosto dos sinos que tocam constantemente.

Naquele exato instante, tocou o sino das três e meia, e os dois riram.

— Essa noite, encontrei um garoto enforcado — contou Lotto. — Que se enforcou.

Denton ficou imóvel.

— Ah, coitado — disse.

— Eu não o conhecia direito. Os outros o chamavam de Rocambole.

— Harold — informou Denton. — Aquele garoto. Tentei convencê-lo a falar comigo, mas ele era muito triste. Vocês, garotos, são terríveis. Uns selvagens. Ah, você não, Lotto. Eu não estava me referindo a você. Sinto muito que tenha sido você a encontrá-lo.

Lotto sentiu algo subir até sua garganta, e se imaginou pendendo do barco até a porta se abrir e a luz acender. Ele pensou que mesmo que tivesse subido sorrateiramente a escada, encontrado a sala do decano destrancada, aberto a gaveta e sentido o peso da arma na mão, algo dentro de si teria resistido. Lotto nunca teria acabado daquele jeito. [Verdade. Sua hora não havia chegado.]

Denton Thrasher abraçou Lotto e enxugou o rosto do aluno com a barra da camisa do pijama, revelando sua barriga branca e peluda. Lotto foi embalado na beira do palco, sentindo cheiro de hamamélis, Listerine e pijama usado à exaustão entre uma lavagem e outra.

*

Lancelot criança no colo de Denton. Tão jovem, chorando para além da dor imediata, para algo mais profundo. Isso assustou o professor. Eram quatro horas. Doce Lancelot, tão talentoso, mas assim já era demais, mesmo que Denton enxergasse que nele havia um brilho raro. Sua aparência era promissora e ao mesmo tempo dava a impressão de alguma promessa essencial ter escapado e deixado destroços em seu rastro, o que era estranho, considerando que o menino tinha no máximo quinze anos. Bem, a beleza podia retornar, talvez. Dali a dez anos, ele poderia estar arrebatador, ter desenvolvido seu grande corpo atrapalhado, seu encanto: ele já tinha no palco a grandeza de um ator de verdade. Infelizmente, Denton sabia, o mundo estava cheio de atores de verdade. Nossa, os sinos de quatro e meia, ele estava prestes a perder a cabeça. Denton não conseguia conter sua dor. Era fraco demais. [A dor é para os fortes, que a usam como combustível.] O professor pensou “Eu vou ficar preso aqui com este garoto para sempre”. Só sabia de uma coisa capaz de estancar o fluxo de lágrimas, e, em pânico, ajeitou o menino, apalpou o colo dele e tirou a espantada pálida minhoca de dentro da calça jeans, que cresceu de forma impressionante em sua boca, ainda bem, e só isso bastou para conter o choro. Bastão da juventude!

Juvenilmente rápido também. Ah, o que antes estava muito, muito sólido começou a derreter, descongelando, concluindo-se em orvalho impetuoso. Denton Thrasher limpou a boca e se sentou. O que tinha feito? Os olhos do garoto desapareceram numa sombra.

— Vou me deitar — sussurrou o garoto, e correu pelos corredores, passou pelas portas e saiu.

Que pena, pensou Denton. Era dramático ser obrigado a fugir no meio da noite. Ele sentiria falta daquele lugar. Lamentaria não acompanhar o crescimento de Lancelot. Ficou em pé e fez uma mesura.

— Bendito seja — disse para o grande teatro vazio e seguiu até a sala dos figurinos para arrumar as malas.

*

Samuel Harris, de pé já cedo para formar a tripulação, estava olhando pela janela quando notou o pobre Torta da Puta que Pariu atravessar correndo o pátio escuro, chorando. Desde que o outro garoto aparecera no meio do semestre, andava tão deprimido que chegava a exalar tristeza. Samuel era o timoneiro do barco do Puta que Pariu, praticamente se aninhava todos os dias no colo do colega, e apesar do fato de o outro garoto ser uma espécie de pária, Samuel se preocupava com ele, que tinha um metro e noventa e só uns setenta quilos, uma aparência fria, com bochechas que mais pareciam pedaços de filé amaciado. Parecia óbvio que ele ia se machucar. Quando Samuel ouviu Lotto subir correndo a escada, abriu a porta e puxou-o para dentro do quarto, alimentou-o com biscoitos de aveia que sua mãe mandara de casa e, desse jeito, ficou sabendo de toda a história. Ai, meu Deus, Rocambole!! Lotto contou que depois da chegada da polícia, passara horas sentado no teatro para se acalmar. Ele deu a impressão de que queria dizer mais alguma coisa, considerou a possibilidade, mas guardou para si. Samuel ficou pensando. Pensou no que seu pai, o senador, faria e desenhou o rosto sério do homem no próprio rosto. Colocou a mão no ombro de Lotto e deu tapinhas até o colega se acalmar. Parecia que os dois tinham atravessado uma ponte um segundo antes de desabar.

Durante um mês, Samuel observou Lotto se arrastar pelo campus. Quando as aulas terminaram, Samuel levou o garoto com ele para sua casa de verão no Maine. Lá, com o pai senador e a mãe galgaz de Samuel, debutante estrela da mais alta sociedade negra de Atlanta, Lotto teve como experiência passeios em barcos a vela, piqueniques na praia, amigos que usavam roupas de linha da Lilly Pulitzer e Brooks Brothers, champanhe, tortas esfriando no peitoril das janelas, labradores retrievers. A mãe de Samuel comprou sabonete facial e roupas boas para ele, o fez comer e andar de cabeça erguida. Ele se transformou nele mesmo. Fez sucesso com uma prima de quarenta anos de Samuel que o pegou de jeito na garagem dos barcos; pele morena tinha o mesmo gosto da rosada, Lotto aprendeu, para seu deleite. Quando eles voltaram à escola para o segundo ano,

Lotto estava tão bronzado que quase não dava para reparar nas cicatrizes de acne em suas bochechas. Ele estava mais louro, mais solto. Sorria, contava piadas, tinha aprendido a se engrandecer no palco e também fora dele. Por nunca xingar, demonstrava sua calma. Perto do Natal, o amigo de Samuel já era mais popular até do que o próprio Samuel, o Samuel da confiança devastadora, de grandes olhos brilhantes e castanhos, mas já era muito tarde para se importar. Toda vez que olhava para o amigo, durante todos aqueles anos de amizade, Samuel percebia como ele mesmo era um milagreiro, afinal havia trazido Lotto de volta à vida.

*

Então, logo antes do Dia de Ação de Graças daquele segundo ano, Lotto, ao voltar para o quarto depois de passar o dia estudando matemática, encontrou Chollie, viscoso e fedido, tombado no corredor em frente à sua porta.

— Gwennie — disse Chollie, e gemeu, dobrando-se.

Lotto o arrastou para dentro do quarto. Ouviu uma história deturpada; Gwennie tinha morrido de overdose. Ela não poderia ter morrido, a perigosa Gwennie, entusiasmada com a vida. Mas acontecera. Chollie a encontrara. Ele fugira. Não tinha para onde ir, exceto atrás de Lotto. O chão bege de linóleo se tornou um oceano, batendo e batendo nas canelas do menino. Ele se sentou. Quão depressa as coisas mudavam. Dois minutos atrás, ele era apenas um garoto, pensando em seu Nintendo, preocupado com assíntotas e senos. Agora sentia-se pesado, adulto. Mais tarde, quando os meninos tinham se acalmado e saído para comer pizza na cidadezinha, Lotto revelou a Chollie o que queria dizer a Gwennie desde a noite do incêndio: — Vou cuidar de você.

Ele se sentiu corajoso. Lotto deixou Chollie dormir em sua cama pelo resto do período letivo. Não se importava de ficar no chão. [Durante o restante do ensino médio, durante a faculdade, o amigo aceitaria feliz o dinheiro que recebia de Lotto, saíria para o mundo, e por fim voltaria. Ele assistia a todas as aulas que conseguia; não tinha nenhum diploma, porém aprendeu mais que o suficiente. Se os colegas não denunciavam Lotto, era porque gostavam dele, não por que se preocupavam com Chollie, que só Lotto conseguia aguentar.]

O mundo era precário, Lotto aprendera. As pessoas podiam ser subtraídas dali devido a uma matemática equivocada e apressada. Se uma pessoa morria a qualquer instante, outra precisava viver!

Assim começou a era das mulheres. Viagens à cidade, suando camisas polos nas boates, carreiras de cocaína em mesas de centro modernas de meados do século, pais fora da cidade. *Está tudo bem, cara, não esquenta, a faxineira não se importa.* Sexo a três com duas garotas no banheiro da casa de alguém.

— Você podia nos visitar esse verão — disse Antoinette.

— Ah, *agora* você me quer — retrucou Lotto com sarcasmo, recusando o convite.

A filha do diretor da escola no campo de lacrosse. Chupões. Maine de novo, prima de quarenta e um anos num motel velho, a vizinha numa rede, uma turista nadando até o veleiro à noite. Samuel revirando os olhos de inveja. Uma caminhonete Volvo comprada com a mesada gorda de Lotto. Cresceu mais oito centímetros em setembro, um metro e noventa e oito. Otelo no mesmo epônimo, e uma Desdêmona da cidade, de dezessete anos, depilada nas partes íntimas como uma pré-adolescente, Lotto descobriu. Primavera; verão no Maine; outono, a regata Head of the Charles, o barco a remo deles numa boa colocação. Dia de Ação de Graças na casa de Samuel de Nova York. No Natal, Sallie levou Lotto e Rachel para Montreal.

— Nada de mãezinha? — perguntou ele, tentando não deixar seu sofrimento à mostra.

A tia corou.

— Ela está com vergonha da própria aparência — respondeu com delicadeza. — Está gorda, uma bola. Nunca sai de casa.

O menino logo foi admitido em Vassar, a única faculdade para a qual se candidatou, superconfiante; uma festa excelente lá, uma festa que colocaria fim a todas as outras, nenhuma outra razão para a escolha além dessa. Comemorou com a irmã de quinze anos de Samuel no fim de semana, num banheiro para deficientes. Nunca, nunca conte para o Samuel. Olhar abrasador. O que eu sou, um idiota? Surpresa! Samuel também estava indo para Vassar, tinha sido aceito em todas as universidades, mas morreria caso parasse de se divertir com Lotto. Só a Sallie magrela e Rachel, com quatro anos, que não o deixava colocá-la no chão, estiveram presentes na sua formatura. Nada de mãezinha. Para compensar sua tristeza, Lotto imaginou a mãe como a sereia que ela tinha sido, não a mulher obesa que a engolira. No Maine, a prima de quarenta e três anos de Samuel na Suíça, infelizmente. A irmã do amigo, de biquíni laranja, estava com um namorado de cabelo desgrenhado que andava distraído atrás dela, ainda bem. Só ficara com uma garota durante todo aquele verão, uma bailarina com língua de serpente... Ah, o que ela conseguia fazer com as pernas! Jogos de croqué. Fogos de artifício. Barril de cerveja na praia. Regatas.

Então chegou a última semana do verão. À mesa, os pais de Samuel estavam tristes, afastando o novo filhote de labrador dali.

— Nossos garotos estão crescendo — comentou a mãe, no restaurante de lagosta.

Garotos, considerando-se crescidos! Esses quatro anos tinham feito bem para ela. Os demais se mantiveram sérios com o comentário.

Os garotos, veja só, já se consideravam adultos!

Do campus abafado da escola preparatória masculina para o país das maravilhas que era a faculdade. Banheiros mistos: seios ensaboados. Refeitório: garotas lambendo sorvetes cremosos. Em dois meses, Lotto passou a ser

chamado de Pica das Galáxias. Pica-mor. Não é verdade que ele não tinha critérios, simplesmente via o encanto de cada mulher. Lóbulos como pêssegos. Pelos dourados e macios margeando as têmporas. Essas coisas ofuscavam o resto menos apetitoso. Lotto se imaginava como um antipadre, dedicando sua alma ao sexo. Ele morreria como um sátiro ancião, com a casa cheia de ninfas insinuantes saltitando ao levá-lo para o túmulo. E se os seus maiores dons fossem os que ele usava na cama? [Ledo engano! Os homens altos têm tantos quilômetros de braços e pernas que o coração se cansa ao bombear sangue para as partes inferiores do corpo. Lotto encantava os outros levando-os a considerá-lo melhor do que ele realmente era.]

Seus colegas de dormitório não conseguiam acreditar no desfile de garotas: uma aluna desfavorecida de estudos femininos com piercing no mamilo; uma menina da cidade grande que enrolava a barra da calça jeans com lavagem tipo *acid wash*; uma estudante de neurociência, bem-arrumada, com óculos de aro grosso, que se especializara na posição vaqueira invertida. Da sala comunitária, os colegas de dormitório observavam o movimento, e assim que Lotto e a garota desapareciam no quarto dele, os outros garotos pegavam o livro das classificações.

Australianopithecus: australiana de cabelo lambido, que depois se tornou uma famosa violinista de jazz.

Virago stridentica: punk de gênero ambíguo com quem Lotto ficara no centro da cidade.

Sirena ungulatica: oradora da turma, com rosto de pele aveludada e corpo de cento e trinta e seis quilos.

As garotas nunca descobririam. Os colegas de dormitório não se consideravam cruéis. Mas, dois meses depois, ao mostrarem o livro para Lotto, ele ficou furioso. Gritou e os chamou de misóginos. Os meninos deram de ombros. Mulheres que trepavam mereciam o desprezo que recebiam. Lotto estava fazendo o que os homens fazem. Não foram eles que criaram as regras.

Lotto nunca trazia os homens para casa. Não eram inseridos em livro algum. Permaneciam sem serem vistos, estes fantasmas de ânsias na cama dele ficavam de fora.

*

Era a última noite da peça de faculdade que Lotto participava: *Hamlet*. As pessoas da plateia que entraram depois do sinal estavam ensopadas; nuvens que passaram o dia inteiro oprimindo o vale se afastaram umas das outras. Ofélia foi interpretada nua, seus enormes peitos com veias azuis parecendo queijos Stilton. Hamlet era Lotto e vice-versa. Em todas as apresentações, ele fora aplaudido de pé.

Nas coxias escuras, estalou o pescoço e respirou fundo. Alguém estava chorando, outra acendeu um cigarro. Tinha gente saindo sorrateiramente no

crepúsculo. Sussurros. *É, arranjei um emprego no banco... Ela estava em pé na sacada, sendo hostil ao imitar o cara soluçando, enquanto amigavelmente lhe dava as boas-vindas... Merda. Muita merda!*

Silêncio reverberante. Cortina aberta. Os guardas saem amontoados.

— Quem está aí?

Dentro de Lotto, um interruptor foi ligado, e sua vida recuou. Alívio.

A casca de Lotto observava da coxia enquanto ele, Hamlet, passeava.

Voltou a si quando seu gibão já estava ensoado de suor e ele fazia uma mesura, enquanto o barulho do público aumentava até a aclamação final de pé. O professor Murgatroyd sentara-se na primeira fila, apoiado entre sua amante e o amante da sua amante, gritando com sua voz de sabichão vitoriano: — Bravo, bravo.

Buquês de flores. Garotas com quem ele dormira, uma após a outra, abraçando-o, brilhos labiais grudentos em sua língua. Quem é essa? Bridget, que tem o rosto de um spaniel, puxa vida, agarrando-o. Eles tinham transado o quê? Duas vezes? [Oito.] Ouvira que a menina se intitulava namorada dele, coitada.

— Vejo você na festa, Bridge — disse ele com delicadeza, livrando-se dela.

O público desapareceu debaixo da chuva. Ofélia apertou seu braço. Poderia encontrá-lo mais tarde? Ele tinha gostado das duas vezes em que ficaram dentro do banheiro para deficientes durante os ensaios. Ele a encontraria, *sim*, murmurou, então ela levou aquele corpo de menina louca embora.

Ele se fechou numa das cabines do banheiro. O prédio ficou vazio, as portas da frente foram trancadas. Quando Lotto saiu, os camarins tinham sido varridos. Estava tudo escuro. Ele tirou devagar a maquiagem, observando-se sob a luz fraca. Reaplicou a base, uniformizando as marcas em seu rosto, e deixou o delineador, pois gostava do fato de que realçava o azul do seu olho. Era bom ser a última pessoa naquele lugar sagrado. Em qualquer outro local, ele odiava ser deixado sozinho. Mas, aquela noite, a última glória de sua juventude, tudo que ele vivera até o momento o preenchia: sua Flórida quente e perdida, a dor onde esteve o pai, a confiança fervorosa da mãe nele, Deus vigiando, os corpos deslumbrantes dentro dos quais ele temporariamente se esquecera de si mesmo. Deixou tudo isso lavá-lo em ondas. Carregou o fulgor da sensação pela chuva escura para chegar à festa do elenco, a qual ele conseguia ouvir a oitocentos metros, na qual entrou sob aplausos, e alguém colocou uma cerveja na sua mão. Minutos ou eternidade depois, ele ficou ao parapeito de uma janela enquanto o mundo atrás de si brilhava com os relâmpagos.

As árvores se transformaram em silhuetas de neurônios reluzentes. O campus todo uma brasa rápida, cinza lenta.

A seus pés, a festa se desenrolava em meio à moda vanguardista do início dos anos noventa: barrigas de fora, piercings, bonés para esconder as entradas, dentes arroxeados pela luz negra, batom e delineador marrons, argolas na

cartilagem da orelha, botas biker, cuecas à mostra, danças provocantes, músicas do Salt-N-Pepa, caspas verdes brilhantes, manchas de desodorante e maçãs do rosto iluminadas.

Não se sabe como, ele estava com uma jarra de água vazia na cabeça que alguém prendera ali com uma atadura. Uma pessoa gritou: — Um Salve para o Príncipezinho da Água.

Nossa, isso foi sacanagem. Seus amigos tinham descoberto de onde vinha seu dinheiro. Ele escondera isso, e ainda dirigia um Volvo velho, pelo amor de Deus. Percebeu que estava sem camisa, melhor para exibir os músculos. Tinha noção de como aparecia em todos os ângulos da sala, e o que a jarra roubava em dignidade devolvia em vivacidade militarista. Ele inflou o peito. Agora tinha uma garrafa de gim na mão, e seus amigos gritavam “Lotto! Lotto! Lotto!” enquanto ele a virava e bebia grandes goles, que pela manhã se transformariam num fluxo de solda em seu cérebro, deixando seus pensamentos impenetráveis, impossíveis de distinguir.

— O mundo está acabando — berrou ele. — Por que não trepar?

Uma salva das pessoas dançando a seus pés.

Lotto levantou os braços. [O erguer de olhos fatal.]

De repente ela surgiu à porta.

Alta, em silhueta, o cabelo molhado transformando a luz da sala num halo, um manancial de corpos na escada logo atrás. Ela o encarava, embora ele não conseguisse ver seu rosto.

A menina mexeu a cabeça e lá estava metade da face, forte e brilhante. Maçãs do rosto proeminentes, lábios aveludados. Orelhas pequenas. Ela pingava depois de ter pegado chuva. Ele a amou primeiro pelo impacto que ela causou em meio à batida da música e à dança.

Ele já tinha visto aquela menina, sabia quem era. Mathilde, ou seja lá como ela se chamasse. Beleza como a dela cintila até nas paredes do outro lado do campus e deixa fosforescente as coisas em que toca. Ela estivera tão acima de Lotto — tão acima de qualquer um na faculdade — que se tornara mitológica. Sem amigos. Fria. Passava os fins de semana na cidade. Era modelo, então usava roupas elegantes. Nunca ia a festas. Olímpica, elegante em seu monte. Sim, Mathilde Yoder. Mas o triunfo dele o preparara para ela naquela noite. Lá estava Mathilde para Lotto.

Atrás dele no temporal estrondoso, ou talvez dentro dele, havia uma crepitação. Lotto mergulhou entre os corpos esmagados, acertando o joelho no olho de Samuel e derrubando uma pobre garota baixinha no chão.

Lotto nadou para fora da multidão e atravessou a sala em direção a Mathilde. Ela tinha um metro e oitenta e três e usava meias soquete. De salto, seus olhos se fixavam no contorno dos lábios dele. Olhou tranquilamente para Lotto. Ele já amava a risada que ela escondia, que ninguém mais veria.

Lotto sentiu o drama da cena. E sentiu também as inúmeras pessoas os observando, como ele e Mathilde ficavam lindos juntos.

Num instante, ele se fez novo. O passado tinha ido embora. Lotto se ajoelhou e colocou as mãos de Mathilde sobre seu coração. Depois gritou para ela: — Case-se comigo!

Ela jogou a cabeça para trás, deixando à mostra seu pescoço branco sinuoso, riu e disse algo, com uma voz abafada. Lotto leu seus lábios deslumbrantes pronunciarem “Sim”. Ele contaria essa história dezenas de vezes, destacando a luz negra, o amor instantâneo. Todos os amigos durante todos aqueles anos, inclinados para a frente, secretamente românticos, sorrindo. Mathilde ficava observando Lotto do outro lado da mesa, indecifrável. Toda vez que ele contava a história, ele dizia que ela respondeu “Claro”.

Claro. Sim. Uma porta fechada às costas dele. Outra, ainda melhor, sendo aberta.

Uma questão de ponto de vista. Da posição do sol, afinal, a humanidade é uma abstração. A Terra, mero ponto luminoso a girar. De perto, a cidade era um nó de luz no meio de outros nós; mais perto ainda, e os prédios brilhavam, se separando lentamente. O alvorecer nas janelas revelava corpos, todos iguais. Só com foco surgiam detalhes, uma verruga no nariz, o dente mordendo o lábio inferior seco durante o sono, a pele de uma axila tão fina quanto papel.

Lotto acrescentou creme ao café e acordou a esposa. Uma música tocava no aparelho de som, ovos fritos, pratos lavados, pisos varridos. Cerveja e gelo comprados, petiscos preparados. No meio da tarde, tudo brilhava, pronto.

— Ninguém chegou ainda. Podíamos... — disse Lotto no ouvido de Mathilde.

Afastou o cabelo comprido dela da nuca e beijou o osso proeminente ali. O pescoço era dele, pertencia à sua esposa que era dele, brilhando, sob seu toque.

O amor que começara com tanta intensidade dentro do corpo espalhara-se exuberantemente para todo o resto. Estavam juntos havia cinco semanas. Na primeira, não fizeram sexo. Mathilde provocante. Então vieram um final de semana acampando e uma primeira vez embebida em álcool, e, na mijada matinal, ele encontrou o pau todo ensanguentado e se deu conta de que ela era virgem e não quisera dormir com ele antes por causa disso. Sob essa nova luz, Lotto se virou para ela, mergulhou o rosto de Mathilde no riacho gelado para lavá-lo, erguendo de volta suas bochechas coradas e brilhantes, e percebeu que ela era a pessoa mais pura que ele já conhecera, logo ele que havia sido preparado para a pureza. Soube então que os dois fugiriam para se casar, se formariam, morariam na cidade e lá seriam felizes juntos. Estavam felizes, apesar de ainda serem estranhos um para o outro. No dia anterior, ele descobrira que ela era alérgica a sushi. Essa manhã, enquanto conversava com a tia pelo telefone, ele observou Mathilde se enxugando ao sair do chuveiro e foi arrebatado pelo fato de que ela não tinha família nenhuma. O pouco que ela contava sobre sua infância era assombrado por abusos. Ele imaginara isso vividamente: pobreza, um trailer caindo aos pedaços, um tio mal-intencionado — ela insinuara coisa pior. Suas lembranças mais claras da infância eram da televisão que nunca era desligada. A salvação proporcionada pela escola, bolsa de estudos, trabalhos como modelo para ganhar alguns trocados. Entre eles, haviam começado a agregar suas histórias. Por exemplo, quando era pequena, isolada no interior, ela se sentia tão sozinha que uma vez deixou uma sanguessuga passar uma semana vivendo no interior de sua coxa. Tinha sido descoberta como modelo no trem por um homem que parecia uma gárgula. Mathilde deve ter precisado de uma imensa força de vontade para deixar seu passado, tão triste e obscuro, para trás. Agora só tinha a ele. Comovia-o saber que significava tudo para ela. Ele não pediria mais do que Mathilde estivesse disposta a oferecer.

Lá fora fazia um dia quente de junho em Nova York. Logo aconteceria a festa, dezenas de amigos da faculdade chegariam em massa para a inauguração da casa, que já estava fervendo com o calor do verão. Por enquanto, eles permaneciam em segurança, lá dentro.

— São seis horas. Convidamos para as cinco e meia. Não podemos — retrucou Mathilde.

Mas ele não deu ouvidos, enfiou as mãos embaixo da saia e depois por baixo do elástico da calcinha de algodão suada na virilha. Eram casados. Ele tinha esse direito. Mathilde inclinou o quadril para trás, roçando nele, e apoiou as mãos de cada lado do espelho comprido e barato que, junto do colchão e do zigurate de malas, onde guardavam as roupas, consistia em todos os objetos do quarto. Um tigre de luz, através das janelas acima da porta, vagueou pelo chão limpo de madeira.

Lotto baixou a calcinha dela até os joelhos e afirmou: — Vamos ser rápidos.

Questão: resolvida. Pelo espelho, ele a observou fechar os olhos e o rubor tomar suas bochechas, seus lábios, a concavidade do pescoço. A parte de trás das pernas dela estava úmida e tremia contra os joelhos dele.

Lotto sentia-se exuberante. Com o quê? Tudo. O apartamento no West Village, com um jardim perfeito, administrado pela inglesa velha e rabugenta que morava no andar de cima, cujas coxas grossas, mesmo naquele instante, estavam apoiadas entre os lírios da janela. Apenas um quarto, mas enorme; no subsolo, mas com o preço do aluguel controlado pelo governo. Da cozinha ou do banheiro, dava para ver os pés dos pedestres passando, exibindo joanetes e tatuagens nos tornozelos, mas era seguro ali embaixo, abrigado das calamidades, protegido de furacões e bombas por camadas de terra e de rua. Depois de tanto tempo nômade, ele estava enraizado àquela casa, enraizado à essa esposa, de traços elegantes e triste, olhos maliciosos e sardas e corpo alto e desengonçado com sabor de fruto proibido. Tão terríveis as coisas que sua mãe dissera quando ele ligara para contar que estava casado. Coisas horríveis. Faziam-no se sentir nebuloso só de lembrar. Mas naquele dia até mesmo a cidade fora disposta como um menu degustação; era o início dos brilhantes anos noventa; garotas passavam glitter nas bochechas; roupas eram matizadas com fios prateados; tudo continha uma promessa de sexo, de riqueza. Lotto devoraria todas essas coisas. Tudo era beleza, tudo era abundância. Ele era Lancelot Satterwhite. Tinha um sol ardendo dentro dele. E esse esplêndido *tudo* era o que ele estava fodendo naquele momento.

Seu próprio rosto o olhou de volta por trás da face excitada e ofegante de Mathilde. Sua mulher, um coelho capturado. A pulsação e o latejar dela. Os braços dela se curvaram, o rosto ficou pálido, e ela caiu em cima do espelho, que estalou, e uma rachadura trincou as cabeças dos dois em metades desiguais.

A campanha soou um silvo longo e demorado.

— Um minuto! — gritou Lotto.

Na entrada, Chollie mudou a posição do enorme Buda de latão que encontrara numa caçamba de lixo no caminho, e disse: — Aposto cem dólares que eles estão trepando.

— Nojento — comentou Danica.

Desde a formatura, ela perdera muito peso. Era um monte de gravetos enrolado em gaze. Estava planejando contar a Lotto e Mathilde, assim que abrissem a porta — se algum dia abrissem —, que ela e Chollie não tinham vindo juntos, encontraram-se na calçada em frente ao prédio, que *literalmente* nem morta ela seria flagrada sozinha no mesmo lugar que Chollie, aquele pequeno ogro. Os óculos dele eram remendados com fita adesiva. Sua boca asquerosa, que parecia um bico de gralha, grasnava a mesma canção amarga. Ela detestava quando ele ia visitar Lotto na faculdade e sua permanência se estendia por meses até as pessoas presumirem que ele era um aluno, embora não fosse, na verdade mal tinha o ensino médio completo, era apenas um amigo de infância de Lotto. Ela passou a odiá-lo ainda mais naquele momento. Tremendo impostor gordinho.

— Você fede a lixo — comentou ela.

— Mergulho em caçambas — disse ele, e levantou triunfante o Buda. — Eu transaria o tempo todo se fosse eles. Mathilde tem uma aparência esquisita, mas eu comeria. E Lotto já fodeu muito. Virou um especialista a essa altura.

— Não é? Ele é muito piranha — concordou Danica. — Sai impune por causa do jeito que olha para as pessoas. Tipo, se fosse mesmo bonito, nunca seria tão fatal, mas, depois de cinco minutos numa sala com ele, tudo que você quer é ficar nua. E também tem o fato de ser homem. Se uma garota transa com tanta gente feito Lotto, ela fica, tipo, contaminada. Pária. Mas um homem pode meter em um milhão de lugares e todo mundo apenas acha que ele está fazendo o que um homem deve fazer.

Danica deu toques rápidos na campainha, de novo e de novo. Depois baixou o tom de voz: — Enfim, dou um ano para esse casamento terminar. Quer dizer, quem se casa com vinte e dois anos? Tipo, mineiros. Tipo, fazendeiros. Não *a gente*. Daqui a uns oito meses Lotto vai trepar com aquela senhora assustadora do andar de cima. E também com alguma diretora brava na menopausa que o colocará para interpretar Rei Lear. E com qualquer outra pessoa que chamar sua atenção. Mathilde vai conseguir depressa o divórcio e se casar com um príncipe da Transilvânia ou algo assim.

Eles riram. Danica tocou a campainha em código Morse: SOS.

— Aceito a aposta — disse Chollie. — Lotto não vai trair. Conheço ele desde que tinha quatorze anos. É um cara arrogante para caramba, mas é leal.

— Um milhão de dólares — sugeriu Danica.

Chollie colocou o Buda no chão e os dois trocaram um aperto de mão.

A porta se abriu e lá estava Lotto, com gotas de suor brilhando nas têmporas.

Do outro lado da sala vazia, deu para ver uma fatia de Mathilde quando ela fechou a porta do banheiro, uma borboleta azul fechando as asas. Danica teve que se segurar para não lamber a bochecha de Lotto quando o beijou. Salgada, nossa, deliciosa, como um pretzel macio e quentinho. Ela sempre ficava um pouco fraca perto dele.

— Sejam muito bem-vindos. Não sei se rio ou se choro. Estou tenso e tranquilo ao mesmo tempo. Bem-vindos — disse Lotto.

Puxa vida, eles tinham tão pouco: estantes de livros feitas de tijolos de cimento e compensado, o sofá do centro acadêmico da faculdade, uma mesa bamba e cadeiras projetadas para um terraço, e não uma sala. Mesmo assim, aquele apartamento parecia abrigar muita felicidade. Em Danica, uma palpitação de inveja.

— Espartana — disse Chollie, e içou o Buda gigante para cima do console da lareira, de onde ficou sorrindo para a sala branca.

Chollie esfregou a barriga da estátua, depois foi para a cozinha e tomou um banho de gato com detergente e água da torneira, numa tentativa de se livrar do fedor da caçamba de lixo. Dali, observou chegar a enxurrada de presunçosos, dissimulados e mauricinhos animados com quem passara a rivalizar desde que Lotto fora mandado para o internato, e depois para a faculdade. Seu amigo o acolhera quando Chollie não tinha mais ninguém. Ainda tinha aquele garoto horrroso chamado Samuel, que fingia ser o melhor amigo de Lotto. Mentira. Por mais que Chollie o insultasse, Samuel não se alterava: Chollie sabia que era inferior, desprezível demais para Samuel se importar. Lotto era mais alto que todos, disparando raios laser de alegria e calor, e todos ficavam ofuscados e tontos com seu sorriso. Os amigos lhe entregavam vasos terracota com plantas ornamentais, engradados de cerveja, livros, garrafas de vinho. Embriões de yuppies, mimetizando a postura dos pais. Dali a vinte anos, teriam casas de campo e filhos com pretensiosos nomes literários, fariam aulas de tênis, comprariam carros feios e se envolveriam com jovens estagiárias sensuais. Furacões dos títulos, todos turbilhão, barulho e destruição, nada no centro.

Em vinte anos, anunciou Chollie em silêncio, vou ser dono de todos vocês. Ele bufou. Queimava por dentro.

Mathilde parou diante da geladeira, franzindo o cenho para a poça que se formara ao redor dos pés de Chollie, as manchas de água em seu short cáqui. No queixo dela, havia uma marca vermelha transparecendo através da maquiagem.

— Olá, ranheta — disse ele.

— Oi, ranho na boceta — cumprimentou ela.

— Você beija meu amigo com essa sua boca suja? — provocou ele, mas Mathilde apenas abriu a geladeira, pegou uma tigela com pasta de grão-de-bico e duas cervejas, entregando uma ao rapaz.

Ele conseguia sentir o cheiro dela: uma fragrância de alecrim vinha dos seus

cabelos louros sedosos, sabonete Ivory e o inconfundível odor de sexo. Ah, isso mesmo. Ele tinha razão.

— Vá se misturar — ordenou ela, se afastando. — E não dê motivos para ninguém lhe dar um soco, Chollie.

— E correr o risco de destruir essa perfeição? — disse ele, indicando o próprio rosto. — Nunca.

Como peixes num aquário, corpos se moviam pelo espaço abafado. No quarto, uma roda de garotas se formou. Estavam observando o canteiro de flores na janela logo acima de suas cabeças.

— Como eles conseguem bancar esse lugar? — murmurou Natalie.

Ela estava tão nervosa com aquela visita — Lotto e Mathilde cheios de glamour — que tomara algumas doses antes de sair de casa. Por isso já estava bastante bêbada.

— Aluguel com preço controlado — justificou uma garota de minissaia de couro, olhando em volta à procura de alguém para salvá-la.

As outras meninas haviam sumido quando Natalie se juntou a elas. Era uma daquelas pessoas que era legal encontrar quando se estava um pouco bêbado em alguma festa da faculdade, mas naquele momento elas estavam no mundo real, e tudo o que Natalie fazia era se queixar de dinheiro. Era exaustivo. Eles todos eram pobres, *o esperado* é que eles fossem pobres após terem saído da faculdade, então era melhor ela cair na real. A menina de minissaia grudou numa garota sardenta que passava. Todas as três já haviam transado com Lotto. E, no fundo, cada uma se considerava a preferida dele.

— É — disse Natalie. — Mas Mathilde nem sequer tem um emprego. Eu entenderia como eles conseguem arcar com os gastos se ela ainda trabalhasse como modelo, mas já casou, então deve ter parado com isso, enfim, vai saber. *Eu* não pararia de trabalhar como modelo se alguém me quisesse. Lotto é *ator*, e por mais que a gente o considere incrível, ele não vai estrelar o próximo filme ao lado do Tom Cruise ou algo assim. Quer dizer, olhe aquela pele horrível dele. Sem ofensa! Ele é *brilhante*, mas seria difícil conseguir pagar as contas mesmo pertencendo ao sindicato, sendo que ele nem faz parte.

As outras duas meninas olharam feio para Natalie, notando seus olhos arregalados e o buço não depilado, e suspiraram.

— Você não sabe? — perguntou a de minissaia. — Lotto é herdeiro de uma puta fortuna. Uma engarrafadeira de água. Sabe a água Hamlin Springs? Pertence à família dele. A mãe, tipo, é dona da Flórida inteira. Multimilionária. Eles poderiam ter comprado um apartamento de três quartos com porteiro no Upper East Side com o trocado que tinham no bolso.

— Na verdade é muito humilde eles viverem assim — comentou a garota sardenta. — Ele é o melhor.

— Já ela... — disse Natalie, baixando o tom de voz. As outras deram um

passo, se aproximando da roda de conversa, e inclinaram a cabeça para escutar. Sagrada comunhão da fofoca. — Mathilde é um enigma envolto em mistério envolto em bacon. Ela não tinha nenhum amigo na faculdade. Quer dizer, *tudo* mundo faz amigos na faculdade. De onde ela veio? Ninguém faz ideia.

— Eu sei — concordou a de minissaia. — Ela é muito calma e calada. E muito fria. E Lotto é bastante escandaloso. Quente, sexy. São opostos.

— Para ser sincera, não entendo — disse a sardenta.

— Ih. É só o primeiro casamento — comentou a de minissaia.

— E adivinha quem vai estar presente com uma comidinha quando tudo desmoronar?! — disse a sardenta.

Elas riram.

Bem, pensou Natalie. Agora estava tudo esclarecido. O apartamento, o fato de Lotto e Mathilde fluatarem numa correnteza própria. Os colhões necessários para escolher seguir uma profissão criativa, o narcisismo. Natalie já quisera ser escultora e era muito boa nisso. Já soldara uma hélice de DNA de aço inoxidável de três metros que foi colocada no laboratório de ciências de sua escola. Sonhara construir estruturas móveis gigantescas, como giroscópios e cata-ventos, acionados apenas pelo movimento do ar. Mas seus pais tinham razão quanto a arranjar um emprego. Ela estudou economia e espanhol na Vassar College, o que era coerente, no entanto teve que alugar de alguém no Queens um quartinho que cheirava a naftalina até terminar o estágio. Seu único sapato de salto alto tinha um furo que ela precisava tapar toda noite com uma supercola. Opressiva essa vida. Nada do que lhe prometeram. Estava explícito nos folhetos que lera em sua cama suburbana como se fossem pornografia quando se candidatou à faculdade: ao chegar em Vassar, aquelas pessoas lindas e sorridentes prometiam que você levaria a vida dos sonhos. Em vez disso, um apartamento asqueroso e cheio de cerveja ruim era a melhor vida que ela teria por enquanto.

Pela porta da sala de estar, ela viu Lotto rindo de alguma piada contada por Samuel Harris, filho do senador mais suspeito de Washington. Era o tipo do homem que, tendo gastado toda a sua empatia casando-se com alguém surpreendente, queria garantir que ninguém mais tivesse a capacidade de fazer as próprias escolhas sozinho. Ele era contra a imigração, os direitos das mulheres e dos gays, e isso só para início de conversa. A seu favor, ele fundou o Liberais do Campus, mas Lotto e Samuel haviam adquirido da mãe arrogante de Samuel o sentimento de condescendência inato dos aristocratas. Certa vez, ela fizera Natalie se sentir muito mal por ter assoado o nariz no guardanapo enquanto jantava em sua casa, na época em que ela e Samuel tiveram um breve relacionamento. Lotto, pelo menos, era charmoso o suficiente a ponto de fazer a pessoa se sentir interessante. Samuel apenas a fazia se sentir inferior. Natalie morria de vontade de esfregar suas botas Dr. Martens na cara deles de riquinho idiota. Ela suspirou.

— Água em garrafa é horrível para o meio ambiente — disse, mas as outras tinham sumido para consolar aquela menina Bridget que estava chorando no canto, ainda apaixonada por Lotto.

Era simplesmente constrangedor observá-la ao lado de Mathilde toda loura, alta e magra. Natalie fez careta ao olhar para si mesma no espelho trincado, vendo apenas uma garota quebrada com a boca amarga.

Lotto estava nas nuvens. Alguém colocara *En Vogue* no aparelho de som, ironicamente, é claro, mas ele *adorava* as vozes daquelas cantoras. O apartamento estava quente como o inferno, o sol do fim de tarde entrando como se fosse um *voyeur*. Nada importava: todos os seus amigos de faculdade estavam reunidos outra vez. Ele se deteve um instante para observar, em pé na porta, segurando uma cerveja.

Natalie estava de cabeça para baixo acima do barril de chope, os caras da cafeteria na esquina a seguravam pelos tornozelos, sua camisa enrolando na barriga pálida. Samuel, com bolsas azuis sob os olhos, contava em alto e bom som que tinha trabalhado noventa horas no banco de investimentos na semana anterior. A bela Susannah enfiou a cabeça no freezer para se refrescar, radiante com o comercial de xampu que fora chamada para fazer. Lotto engoliu a inveja. A garota não sabia atuar, mas tinha frescor, vulnerabilidade. Havia transado uma vez no primeiro ano da faculdade. Ela tinha gosto de creme de leite. Seu cocapitão na equipe de remo da escola, Arnie, advindo de um curso de drinques, preparava coquetéis *Pink Squirrels*. Sua pele tinha listras em tom de pêssego por causa da loção bronzeadora.

Atrás dele, surgiu uma voz que Lotto não conhecia: — Numa charada que tem como tema o xadrez, qual é a única palavra proibida?

Outra pessoa fez uma pausa e depois de um tempo respondeu: — Xadrez?

E a primeira pessoa disse: — Você se lembra do nosso seminário de Borges do primeiro ano!

Lotto caiu na risada, sentindo que amava aqueles escrotos pretensiosos.

Dariam aquela festa todo ano, decidiu ele. Seria a *fête* junina anual deles, reunindo os amigos, crescendo até precisarem alugar um hangar de aviões para caber todo mundo, onde poderiam beber, gritar e dançar a noite toda. Lanternas de papel, camarões cozidos, a banda de bluegrass do filho de alguém. Quando sua família o rejeita, como a de Lotto fez, a pessoa forma a própria família. Esse desamparo lotado e suado era tudo o que ele queria da vida; era o auge. Nossa, como ele estava feliz.

O que era isso? Um esguicho de água entrava pelas janelas do jardim, a velha gritava com eles direcionando uma mangueira para aquela algazarra, sua voz quase inaudível por causa da música e da gritaria. As garotas berraram, seus vestidos colaram em suas belas peles. Macias. Úmidas. Ele comeria todas. Imaginou a si mesmo em uma pilha de braços, seios e pernas, uma boca

vermelha aberta, deslizando sobre a dele — mas, ah, é mesmo, ele não podia. Era casado. Sorriu para a esposa, que corria pela sala em direção à gorda que gritava pela janela: — Seus selvagens! Controlem-se! Diminuem o barulho! Seus selvagens.

Mathilde falou num tom apaziguador, as manivelas foram giradas e as janelas do jardim foram fechadas, e abriram-se as que davam para a rua, onde estava mais fresco, aliás, por estar na sombra. Já naquela hora, os chupões, o sarro, embora o sol ainda brilhasse. Eles aumentaram um pouco o barulho, e as vozes.

— ...à beira de uma revolução. A Alemanha Oriental e Ocidental se reuniram, vai ser um enorme retrocesso para o capitalismo.

— Hélène Cixous é sexy. Simone de Beauvoir. Susan Sontag.

— Feminazis, *ipso facto*, não podem ser sexy.

— ...quer dizer, a condição humana fundamental é ficar sozinho.

— Cínico! Só você diria isso no meio de uma orgia.

O coração de Lotto pulava em seu peito como um sapo; deslizando em sua direção com aquela saia azul brilhante, Mathilde. Seu leão azul exuberante. O cabelo comprido trançado descia pelo seio esquerdo, ela, o nexo com todo o bem do mundo. Ele estava esticando o braço para alcançá-la quando ela o puxou para a porta da frente. Estava aberta. Havia uma pessoa baixinha ali parada. Surpresa! Rachel, sua irmã mais nova usando maria-chiquinha e macacão, estava observando aquela cena de bebedeira, pegação e cigarro com o horror de um bebê batista, tremendo de nervoso. Ela só tinha oito anos. Uma identificação de menor desacompanhado pendia do seu pescoço. Havia um casal de meia-idade usando botas de caminhada idênticas e franzindo o cenho para a sala diante da menina.

— Rachel! — gritou Lotto, e a segurou pela alça da mochila, levando-a para dentro.

Os amigos se afastaram arrastando os pés. Os beijos cessaram, pelo menos na sala; impossível saber o que estava acontecendo no quarto. Mathilde desenganchou Rachel. Elas só tinham se visto uma vez, quando a tia de Lotto levou a menina para a formatura algumas semanas antes. Rachel tocou o colar de esmeraldas que Mathilde impulsivamente tirara do próprio pescoço e lhe dera durante aquele jantar.

— O que está fazendo aqui? — gritaram Lotto e Mathilde mais alto que o barulho da festa.

Rachel se afastou um pouco de Mathilde, que estava com um cheiro desagradável. Desodorante, dizia Mathilde, dá Alzheimer; perfume lhe causava urticária. Havia lágrimas nos olhos de Rachel quando ela perguntou: — Lotto, você me convidou?

Ela não disse nada sobre ter esperado três horas no aeroporto nem sobre os

bondosos, mas severos viajantes que a viram chorando e lhe ofereceram carona. E Lotto lembrou-se, afinal, de que ela viria, e o dia desbotou porque ele se esquecera de que a irmãzinha ia passar o fim de semana lá, esquecera logo após concordar com a ideia no telefone com tia Sallie, sumira de seus pensamentos antes mesmo de chegar ao outro cômodo para contar a Mathilde. Uma onda de vergonha subiu ao peito, e ele imaginou o medo da irmã, sua angústia, enquanto esperava sozinha na esteira das bagagens. Ai, caramba. E se algum homem mau a tivesse pegado? E se ela houvesse confiado em alguém terrível, não naquelas pessoas simples ao lado do barril de cerveja, com bandanas e mosquetões, rindo ao se lembrarem das festas loucas da própria juventude. E se ela tivesse confiado num perverso? Flashes de escravidão branca, Rachel ajoelhada esfregando o chão de uma cozinha, morando numa caixa embaixo da cama de alguém. Ela parecia ter chorado havia pouco tempo, pois os olhinhos ainda estavam vermelhos. Deve ter sido apavorante vir lá do aeroporto com desconhecidos. Ele torcia para que a irmã não contasse à mãezinha, ou ela ficaria ainda mais desapontada com ele do que já estava. As coisas que ela lhe dissera logo após ele ter fugido para se casar não saíam da sua cabeça. Lotto era mesmo um calhorda.

Mas Rachel estava abraçando a cintura dele com força. A expressão tempestuosa de Mathilde também desanuviara. Ele não merecia à sua volta aquelas mulheres, capazes de endireitar as coisas. [Talvez não.] Uma conferência sussurrada, e estava decidido: a festa poderia continuar na ausência deles, pois iriam levar Rachel para jantar no restaurante da esquina. Depois iriam colocá-la na cama, trancar a porta do quarto às nove da noite e baixar a música; durante todo o fim de semana iriam compensar a falha deles. Brunch, cinema com pipoca e uma ida à loja de brinquedos FAO Schwarz para dançar no piano do chão.

Rachel colocou suas coisas no armário onde guardavam material de camping e capas de chuva. Quando se virou, foi logo abordada por um homem baixo e moreno — Samuel? — que parecia exausto e estava falando sobre seu trabalho *extremamente* importante num banco ou algo do tipo. Como se fosse *muito* difícil descontar cheque e dar o troco. Coisa que a própria Rachel podia fazer, e estava só no terceiro ano.

Ela se afastou de fininho e enfiou um envelope com seu presente de inauguração da casa no bolso traseiro do irmão. Ficou feliz ao imaginar a expressão que ele faria quando o abrisse. Ela havia economizado seis meses de mesada, o que dava quase dois mil dólares. Era uma mesada insana para uma menina de oito anos. Com o que ela poderia gastar todo esse dinheiro? Mãezinha ficaria histérica, mas Rachel *ardia* por Lotto e Mathilde, e não *acreditava* que eles tivessem sido expulsos da família ao se casarem. Como se dinheiro fosse capaz de impedi-los: Mathilde e Lotto haviam nascido para se aninhar um no outro feito colheres numa gaveta. Além do mais, precisavam do dinheiro. Olhe

esse apartamentinho escuro sem móvel algum. Ela nunca vira uma casa tão vazia. Eles nem televisão tinham, nem sequer chaleira ou um tapete. Estavam *empobrecidos*. Ela se colocara novamente entre Mathilde e o irmão mais velho, com o nariz encostado em Lotto porque ele cheirava a hidratante e, bem, Mathilde tinha o mesmo cheiro da sala de luta livre da escola onde a turma de escoteiras dela se reunia. Era difícil respirar. Ao menos o medo que invadira Rachel no aeroporto tinha finalmente se dissipado, substituído por um banho de amor. As pessoas ali estavam muito sensuais e bêbadas. Ela ficou chocada com a quantidade de *porras* e *merdas* que saíam de suas bocas: Antoinette enfiara na cabeça dos filhos que palavrões eram para os verbalmente anormais. Lotto nunca xingava. Ele e Mathilde eram o tipo correto de adultos. Ela seria como os dois, vivendo com ética, pureza, vivendo no amor. Observou os corpos entrelaçados sob o sol da tarde, no apartamento naquele clima abafado de junho, bebida e música. Tudo o que ela queria na vida era isso: beleza, amizade, felicidade.

*

O sol se deslocou ao declínio. Eram oito da noite.

Serenidade. Clima ameno. Fim de outono. Frio no ar, como uma premonição.

Susannah entrou pela porta que levava ao jardim. O apartamento, com seu novo tapete de juta, estava em silêncio. Encontrou Mathilde sozinha, jogando vinagrete em alfaces na cozinha.

— Você ouviu? — murmurou Susannah, mas ficou quieta quando Mathilde virou o rosto para ela.

Mais cedo, ela achara que entrar no apartamento de pintura nova amarelado era como entrar no sol: ofuscante. Mas agora aquele tom combinava com as sardas cor de canela que Mathilde tinha no rosto. Ela fizera um corte assimétrico, o cabelo louro na altura do maxilar à direita, e da gola da blusa à esquerda, realçando suas maçãs do rosto salientes. Susannah até se sentiu atraída. Estranho. Durante todo aquele tempo, Mathilde tivera uma aparência comum, ofuscada pelo brilho do marido, mas agora o casal fez sentido. Mathilde era realmente encantadora.

— Ouvi o quê? — perguntou ela.

— Ah, Mathilde, seu cabelo está maravilhoso — disse Susannah.

Mathilde levou a mão à cabeça e falou: — Obrigada. Mas ouvi o quê?

— Certo — disse Susannah, e pegou as duas garrafas de vinho que Mathilde indicou com o queixo. Ao passar com a amiga pela porta de entrada e subir a escada dos fundos, acrescentou: — Sabe a Kristina da nossa turma? Que faz parte dos Zaftones, aquele grupo *a cappella*? Que pinta o cabelo e, bem, é um pouco gorda? Acho que Lotto e ela...

Susannah fez uma careta para si mesma. Ah, sua boba. Mathilde parou no

degrau, depois fez um gesto com a mão, como se dissesse: Ah, sim, Lotto e todo mundo trepavam feito coelhos, o que Susannah precisava admitir que era verdade e então elas chegaram ao jardim. Pararam, impressionadas com o outono. Lotto e Mathilde tinham espalhado lençóis de brechó na grama e os amigos haviam disposto no centro os petiscos que cada um levava, e todo mundo estava deitado em silêncio, com os olhos fechados sob a última porção de raios do frio sol de outono, bebendo vinho branco e cerveja belga gelados, esperando a primeira pessoa se servir de comida.

Mathilde colocou a tigela de salada no chão e disse: — Comam, crianças.

Lotto sorriu para ela e pegou uma spanakopita quente. O restante das pessoas, umas dez mais ou menos, acotovelou-se em cima da comida e retomou a conversa.

Susannah ficou na ponta dos pés e cochichou no ouvido de Mathilde: — Kristina. Ela se matou. Se enforcou no banheiro. Do nada, ontem mesmo. Ninguém sabia que estava deprimida. Ela tinha namorado e tudo, além de um emprego no Sierra Club e um apartamento na área nobre do Harlem. Não faz sentido.

Mathilde ficou muito calada e seu sorriso fixo desapareceu. Susannah se ajoelhou e se serviu de melancia, fatiando os pedaços grandes: tinha parado de comer alimentos de verdade porque ganhara um novo papel na televisão, mas ficava muito constrangida de falar sobre isso na frente de Lotto. Não era nenhum *Hamlet*, em que ele tanto brilhara no último semestre da faculdade. Era o papel de uma adolescente numa novela, e ela sabia que estava se vendendo. Ainda assim, era mais do que qualquer coisa que Lotto conseguira desde que se formaram. Ele havia sido ator substituto em algumas produções off-off-Broadway; tinha interpretado um papel minúsculo no Actors Theatre de Louisville. Isso foi tudo durante um ano e meio. Lotto se dirigia a ela com o mesmo aspecto com o qual encerrara *Hamlet*: curvado, com a fantasia toda suada, o que a deixara pasma e a fizera gritar “Bravo!” da plateia, por mais que tivesse perdido o papel de Ofélia para uma garota peituda que ficou nua em pelo na cena do lago. Piranha. Susannah deu uma mordida na melancia e engoliu um frêmito de vitória. Ela passou a amar mais Lotto ao se compadecer.

Longe da bagunça, Mathilde tremeu e apertou mais o cardigã no corpo. Uma folha vermelho-escura caiu do bordo japonês e aterrissou numa pastinha de espinafre com alcachofra. Fazia frio na sombra embaixo da árvore. Em breve, chegaria o longo inverno, frio e branco. Seria uma rasura daquela noite, do jardim. Ela acendeu as luzes de Natal que eles haviam entrelaçado no alto dos galhos, e a árvore acendeu na forma de um dendrito. Ela se sentou atrás do marido porque queria se esconder, e as costas dele eram tão lindas, largas e musculosas que apoiou a cabeça ali e se sentiu reconfortada. Através do peitoral, ouvia a voz dele abafada, marcada pela suavidade de seu sotaque sulista.

— ...dois idosos sentados numa varanda, jogando conversa fora — dizia Lotto. Depois, contou uma piada: — Um velho cão de caça chega e fica andando em círculos na terra, depois se senta e começa a lamber o pinto. Chupando, enfiando na boca e curtindo à beça seu pauzinho cor-de-rosa. Um batom todo para fora. Então um dos caras velhos dá uma piscadela para os amigos e diz: *Cara, bem que eu queria fazer isso*. E o outro diz: *Xi! Esse cachorro ia te MORDER*.

Todo mundo riu, não tanto da piada, mas do jeito que Lotto a contou, do prazer que ele sentia fazendo isso. Mathilde sabia que aquela era a piada preferida do pai dele, a que fazia Gawain gargalhar a ponto de tapar a boca com a mão e ficar vermelho toda vez que Lotto a contava. O calor de seu marido que passava pela camisa polo verde-esmeralda começou a derreter o torrão de pavor em Mathilde. Kristina morou no mesmo andar que ela no dormitório no primeiro ano da faculdade. Mathilde a flagrara chorando uma vez debaixo de um dos chuveiros mistos, reconheceu sua bela voz de contralto, mas saiu do local, preferindo conceder o dom da privacidade em vez do consolo. Só em retrospecto essa lhe pareceu a pior escolha. Mathilde sentiu nas entranhas uma lenta irrupção de raiva por Kristina, então ela respirou fundo em cima de Lotto para reprimir esse sentimento.

O marido esticou a mão para trás e puxou Mathilde de lado para o seu colo. A barriga dele roncava, mas não conseguiu dar mais do que uma ou duas mordidas na comida: já fazia duas semanas que esperava o retorno de uma ligação e não queria sair de casa com medo de perdê-la. Mathilde sugerira a reunião para distraí-lo daquilo tudo. Era um papel para interpretar Claudio em *Medida por Medida*, que estrearia na temporada do próximo verão de Shakespeare in the Park, no Central Park. Ele conseguia se *imaginar* de gibão diante de milhares. Com morcegos zunindo. O crepúsculo lançando labaredas rosadas no alto. Desde que se formara, ele vinha trabalhando continuamente, ainda que em papéis pequenos. Entrara para o sindicato. Este era o próximo passo em direção ao céu.

Pela janela, ele observou o interior do apartamento, onde o telefone permanecia em cima do console da lareira sem tocar. Logo atrás estava o quadro que Mathilde trouxera havia alguns meses da galeria onde tinha trabalhado no último ano. Depois que o artista do quadro saíra feito um louco, jogando a tela na parede e quebrando o caixilho, o dono da galeria, Ariel, mandou que ela jogasse a obra no lixo. Em vez disso, Mathilde pegara o quadro quebrado, trocara o caixilho, emoldurara-o e pendurara atrás do Buda de latão. Era uma composição abstrata em tom de azul e lembrava a Lotto o momento que antecedia cada amanhecer, representando o mundo sombrio e nebuloso em meio a outros mundos. Qual é mesmo a palavra? *Quimérico*. Como a própria Mathilde. Em certos dias, ele chegava em casa depois dos testes de elenco que fazia e a

encontrava sentada no escuro, observando o quadro com uma taça de vinho tinto nas mãos e uma expressão vaga.

— Será que devo me preocupar? — perguntara ele uma vez, após fazer um teste para um espetáculo do qual nem queria participar e voltar para casa e a encontrar ali sentada no quarto, que escurecia aos poucos.

Beijara-a atrás da orelha.

— Não. Só estou muito feliz — respondera ela.

Ele não contara sobre o longo dia, que precisara esperar na rua por duas horas debaixo da garoa e, depois de finalmente entrar, ler suas falas e sair pela porta e ouvir o diretor dizer: — Excepcional. Pena que é gigante.

Não comentara que seu agente não retornava suas ligações. Que ele teria apreciado um bom jantar dessa vez. Porque, na verdade, ele não se importava. Se ela estava feliz, significava que não o deixaria. E se tornara dolorosamente evidente durante o recente casamento deles que ele não valia o sal que ela suava. A mulher era uma santa. Ela se preocupava em economizar dinheiro, dava um jeito de pagar as contas deles quando Lotto não tinha com que contribuir. Naquele dia, ele ficara sentado ao lado dela até escurecer de vez, e Mathilde se virara com um farfalhar de seda e o beijara de repente, e, sem jantar, ele a levou para a cama.

Mas agora Mathilde estava levando um pedaço de sanduíche de salmão aos lábios de Lotto, e embora ele não quisesse, ela o encarou, e pontinhos dourados brilharam nos olhos dela, portanto ele aceitou a garfada. Beijou-a na ponte sardenta do nariz.

— Nojento — gritou Arnie de um lençol distante. Tinha passado o braço em volta da garota tatuada que trabalhava no seu bar e com quem ele estava saindo. — Vocês estão casados há um ano. A lua de mel já acabou.

— Nunca — disseram Mathilde e Lotto ao mesmo tempo.

Eles bateram na madeira e tornaram a se beijar.

— Como é isso? — perguntou Natalie baixinho. — O casamento, quer dizer.

— É como um banquete sem fim, em que você come, come e nunca fica saciado — respondeu Lotto.

— Kipling chamava o casamento de uma conversa muito longa — disse Mathilde.

Lotto olhou para a esposa e afagou sua bochecha.

— Sim — disse.

Chollie se inclinou na direção de Danica, que se virou para o outro lado. Ele disse baixinho: — Você me deve um milhão de dólares.

— O quê? — disse ela secamente.

Estava morrendo de vontade de pegar uma coxa de frango, mas precisava comer bastante salada antes de se permitir alguma coisa gordurosa.

— Ano passado, na festa de inauguração da casa deles — afirmou Chollie.

— Apostamos um milhão de dólares que estaríamos divorciados a essa altura. Você perdeu.

Os dois olharam para Lotto e Mathilde, tão bonitos, o eixo do jardim, do mundo que girava.

— Não sei. Quanto disso é encenação? — questionou Danica. — Tem coisa aí. Provavelmente ele está fingindo ser fiel e ela está fingindo não se importar.

— Você é má — disse Chollie espantado. — Qual é a sua implicância com Lotto? Você foi uma das milhões de conquistas dele? Todas essas garotas continuam apaixonadas por ele. Encontrei aquela Bridget, que se intitulava namorada dele na faculdade, e ela começou a chorar depois que perguntou sobre Lotto. Ele foi o amor da vida dela.

Danica semicerrou os olhos e crispou os lábios. Chollie riu, deixando à mostra pedaços de lasanha mastigada.

— Não, é o oposto — observou ele. — Ele nunca se interessou por você.

— Se você não calar a boca, vou enfiar salada na sua fuça — disse ela.

Eles ficaram bastante tempo sentados, comendo, fingindo comer. Até que Danica sugeriu: — Tudo bem. O dobro ou nada. Mas vou aumentar o tempo. Seis anos. Até 1998. Aí vão estar divorciados, você vai me pagar dois milhões de dólares e poderei comprar um apartamento em Paris. *Enfin*.

Chollie piscou, se empertigando.

— Você está presumindo que vou ter como pagar.

— Claro que vai. Você é daquele tipinho de homem escorregadio que vai ganhar cem milhões de dólares quando estiver com uns trinta anos — disse Danica.

— Essa é a coisa mais gentil que alguém já disse de mim — reconheceu Chollie.

Quando escureceu o suficiente para que o gesto não fosse notado, Susannah deu um beliscão na bunda de Natalie. Elas riram com as taças apoiadas nas bocas. Então estabeleceram um acordo tácito: outra noite elas terminariam aquilo na casa de Susannah. Só Natalie sabia sobre o novo papel de Susannah como a filha mimada de um vilão de novela. Só Natalie sabia sobre o novo sentimento que crescia entre elas.

— Minha carreira terminaria antes mesmo de começar se todo mundo soubesse que sou uma lésbica gorda — dissera Susannah.

Algo parecia errado para Natalie, mas ela guardava essa impressão para si, permitia passar o dia inteiro tendo pensamentos ardentes sobre Susannah enquanto ficava à sua mesa triste e cinzenta negociando commodities, aumentando sua conta bancária a cada segundo.

Natalie estava com uma aparência melhor, pensou Lotto, observando-a roçar a mão na hortelã que sobrara. Ela descolorira o buço, perdera peso, estava se vestindo com estilo. Encontrara a beleza que ele sempre soubera que estava lá.

Ele sorriu para ela, que corou, retribuindo o riso.

Passaram a comer com menos ansiedade. O grupo ficou em silêncio. Depois circularam brownies de caramelo. Alguns dos amigos observaram o dissolver pastoso de fumaça no céu que escurecia, e havia certa pungência na maneira com que desaparecia; isso fez a maioria deles se lembrar da garota morta de cabelo preto, que eles nunca mais sentiriam os braços dela em volta de seus pescoços num abraço. Ela tinha cheiro de laranja.

— Na escola preparatória encontrei um garoto enforcado — disse Lotto de repente. — Que se enforcou.

Olharam para ele com interesse. Estava pálido, triste. Ficaram esperando a história, porque Lotto sempre tinha uma história para contar, no entanto ele não falou mais nada. Mathilde segurou sua mão.

— Você nunca contou — sussurrou ela.

— Depois conto para você — disse ele.

O pobre Rocambole espinhento pendeu fantasmagoricamente no jardim por um momento. Lotto passou a mão no rosto, o garoto sumiu.

— Olhem! A lua! — exclamou alguém.

E lá estava ela, erguida como um navio no céu azul-marinho, e isso encheu todo mundo de saudade.

Rachel se sentou ao lado do irmão, se inclinou ao calor do corpo dele. Ela estava passando as férias de outono lá, fizera furos em toda a volta da orelha e um corte de cabelo comprido na frente e raspado atrás. Radical para alguém de dez anos, mas ela precisava mesmo ter um *diferencial*, caso contrário ficava parecendo uma menina de seis anos franzina que agitava muito as mãos, e após analisar seu grupo de amigos, ela entendeu que era melhor ser esquisita do que meiguinha. [Menina esperta. Isso mesmo.] Ela tinha acabado de entrar em casa e foi colocar o envelope com a mesada que acumulara no ano anterior na gaveta de calcinhas de Mathilde, escondendo-o em meio às peças de seda. Não passara despercebido por Rachel que os armários de seu irmão estavam vazios, que Mathilde ligara para Sallie no mês anterior, e a tia mandara dinheiro para eles. Depois ficou observando a janela no primeiro andar onde vira a barra da cortina esvoaçar, metade de um punho, um olho. Rachel imaginou o interior com os tetos forrados com papel de parede. Gatos com enfermidades, gatos ciclopes, gatos sem rabo, com problemas articulares e com a pata inchada. Fedor de pomada para as juntas. Tigela de minestrone aquecida no micro-ondas. Uma velha triste dentro de casa. Mãezinha acelerava para esse futuro; a casinha de praia cor-de-rosa, um túmulo de bibelôs e chintz. Mãezinha contara a Rachel que adorava o barulho do mar, mas a menina nunca a vira pisar na areia. Ela se limitava a ficar como um peixe naquele aquário cor-de-rosa que era a casa, colada no vidro, abrindo e fechando a boca. Pobre mãezinha.

Nunca vou ficar velha, prometeu Rachel a si mesma. Nunca serei triste.

Antes que isso ocorresse, engoliria um comprimido de cianureto, me mataria como aquele amigo de Lotto por quem todo mundo está se lamentando. A vida não vale a pena a não ser que você seja jovem e esteja cercada de outros jovens num belo jardim frio com perfume de terra, flores e folhas caídas, iluminadas pelas luzinhas de Natal do lado de fora, ouvindo os ruídos daquela cidade tranquila na última noite boa do ano.

Embaixo do arbusto moribundo de trombeta-cheirosa, a gata tigrada da velha os observava. Desconcertante, aquelas pessoas deitadas em volta da comida como enormes gatos saciados com sua presa. Ela queria se aproximar de mansinho e investigar, mas havia muita gente, e eles eram bruscos e imprevisíveis. E então: as pessoas se levantaram, soltando gritinhos, recolhendo as coisas ali espalhadas, com pressa. A gata se sobressaltou com o fato de eles terem se sobressaltado, porque ela havia sentido o cheiro da chuva antes mesmo de ouvi-la. Uma colher caiu de uma tigela de tabule e deixaram largada na terra, sendo salpicada com a lama formada pelas primeiras gotas de chuva. As pessoas sumiram dali. Uma mão saiu de uma janela no térreo e apagou a luz das árvores. Imerso na escuridão, o fio amarelo das luzinhas era puxado pela janela, se retorcendo feito uma cobra, e a gata ficou com vontade de caçá-lo, mas o fio desapareceu e a janela se fechou. A gata tocou delicadamente com sua pata uma grande gota de chuva na beira de uma folha, depois atravessou correndo o jardim e entrou em casa.

*

A porta do apartamento se abriu; adentrou um duende. Eram nove da noite, um frio atípico. Atrás do duende, vieram Miss Piggy, um esqueleto, um fantasma. Albert Einstein fazendo moonwalk. Samuel estava usando uma cúpula de abajur como chapéu, uma caixa de papelão pintada para parecer uma mesa de cabeceira, com uma revista e duas embalagens de camisinha coladas em cima.

Lotto de toga, coroado com louros dourados, colocou sua cerveja na mesa de Samuel e disse: — Olá! Você é uma mesa de cabeceira. De motel. Ha ha.

Uma rainha de baile de formatura assassinada passou farfalhando e resmungando: — Ilusão.

— Acho que essa era minha ex-namorada — comentou Samuel, rindo.

Depois foi até a geladeira buscar uma cerveja.

— Desde quando neva no Halloween? É essa maldita lorota de aquecimento global — disse Luanne batendo as botas no tapete de vime da entrada.

Ela era amiga de Mathilde da galeria onde as duas trabalhavam, e estava habilmente pintada como a Dora Maar de Picasso, imitando o quadro em que havia uma maçã mordida no lugar da bochecha. Ela deu um beijo demorado em Lotto, dizendo: — Ah, *ave*, César.

Ele riu alto demais, afastando-se. Luanne era encrenca. Mathilde chegava

em casa quase todo dia contando histórias de como a colega tentava seduzir o chefe delas, um velho de olhos esbugalhados com sobrancelhas grossas de *vaudeville* chamado Ariel.

— Por quê? — perguntara Lotto. — Ela é bonita. É jovem. Poderia arranjar coisa muito melhor.

Mathilde lançara-lhe um olhar penetrante e dissera: — Amor. Ele é *rico*.

E, claro, isso explicava tudo. Juntos, Lotto e Luanne se aproximaram de Mathilde, que estava resplandecente vestida de Cleópatra, comendo um cupcake ao lado do enorme Buda de latão no console da lareira enfeitado com óculos escuros e colar havaiano. Lotto puxou a esposa para perto e lambeu as migalhas dos seus lábios enquanto ela ria.

— Eca — disse Luanne. — Vocês não podem ser reais.

Então ela foi para a cozinha, pegou uma garrafa de Zima na geladeira, deu um gole, mal-humorada, e fez uma careta. Ela estimara o desânimo de Lotto pelo tamanho da barriga dele e pela quantidade de livros usados que abarrotavam o apartamento; em suas piores fases, ler era tudo o que Lotto conseguia fazer. Engraçado, porque ele parecia ser um grande imbecil, até que abria a boca e citava parágrafos de Wittgenstein ou algo do tipo. Isso a irritava, a distância entre quem ele aparentava ser e a pessoa que realmente era.

Alguém colocou um CD do Nirvana e algumas garotas se levantaram do sofá de couro que Lotto encontrara na calçada. Elas arriscaram uma dança, mas desistiram e botaram *Thriller* para tocar mais uma vez.

Chollie, de duende verde, aproximou-se timidamente de Lotto e Mathilde, com a fala embriagada.

— Eu nunca tinha reparado como seus olhos são próximos um do outro, Mathilde, e como os seus são separados, Lotto. — Chollie fez um gesto com dois dedos como se apunhalasse Mathilde e disse: — Predadora. — Depois apunhalou Lotto e falou: — Presa.

— Eu sou a presa e Mathilde, a predadora? — questionou Lotto. — Fala sério. Eu sou o predador *dela*. O predador *sexual* dela — disse ele, e todo mundo suspirou.

Luanne olhava para Arnie do outro lado da sala. Fez um gesto impaciente com a mão.

— Cale a boca, gente — disse ela. — Estão atrapalhando meu flerte.

Mathilde suspirou, se afastando.

— Espere. Com quem? Ah, Arnie — observou Chollie, desdenhoso. Ou seria desapontado? — Fala sério. Ele é um idiota.

— Burro como uma porta — disse Luanne. — Exatamente o que estou dizendo.

— Arnie? — questionou Lotto. — Ele se especializou em neurociência na faculdade. Não é burro. Só porque não estudou em Harvard como você não quer

dizer que ele seja burro.

— Não sei. Talvez ele tenha queimado os neurônios com tanto álcool — disse Luanne. — Na última festa, eu o ouvi dizendo que o Sting é o animal espiritual dele.

Lotto assoviou para o outro lado da sala. Arnie-vestido-de-Hulk ergueu os olhos das inúmeras garotas para quem preparava martinis de chocolate. Aproximou-se de Lotto e deu um tapinha no ombro do amigo. Chollie e Arnie estavam pintados de verde. Lado a lado, Arnie era a versão cheia de antes e Chollie a esvaziada de depois.

— Luanne falou que vai pular no seu pau caso você consiga definir hermenêutica de forma satisfatória — disse Lotto a Arnie, conduzindo-os para o quarto e fechando a porta.

— Nossa — exclamou Chollie. — Eu morreria.

— Eles ainda não saíram do quarto — comentou Lotto. — O cupido mata alguns com flechas, outros com armadilhas.

— Shakespeare de novo? — perguntou Chollie.

— Sempre — disse Lotto Chollie se afastou. Lotto estava sozinho. Quando ergueu os olhos, viu apenas o próprio reflexo nas janelas escurecidas pela noite, a barriga que ganhara depois do verão deprimente desse ano, o brilho nas têmporas, onde perdia cabelo. Três anos e meio após terminar a faculdade, e era Mathilde quem continuava pagando as contas. Triste, Lotto afagou a cabeça do Buda e passou por um grupo de bruxas que se amontoavam diante da Polaroid de alguém, rostos surgindo da escuridão.

Mathilde estava de costas, cochichando com Susannah. Lotto se aproximou furtivamente e descobriu que ela estava falando dele.

— ...melhor. Um comercial de café em setembro. Pai e bebê num barco de pesca ao amanhecer. Parece que o menino caiu e Lotto o pescou com um remo, salvando a vida dele. Nosso herói!

Elas riram, e Susannah disse: — Eu sei! Da marca Folgers. Já vi. Ao raiar do dia, um chalé na floresta, o garoto acordando num barco a remo. Lotto é admirável. Ainda mais de barba.

— Conte a todos os diretores que você conhece, arranje um emprego para ele — pediu Mathilde.

— Que emprego? — perguntou Susannah.

— Qualquer coisa.

A amiga deu um meio sorriso e disse: — Vou ver o que posso fazer.

Lotto, magoado, se afastou depressa sem deixar que elas o vissem.

Mathilde nunca era desagradável, mas usava sua agressão passiva como se fosse uma segunda pele. Se não gostava da comida no restaurante, não tocava no prato nem dizia nada, ficava apenas olhando para baixo até Lotto ser obrigado a avisar ao garçom que a comida estava muito salgada ou crua e será que

poderiam trazer outra coisa, muito obrigado, cara. Uma vez ela deu um jeito de conseguir convite para um casamento em Martha's Vineyard depois de ficar a noite inteira ao lado da noiva, que era uma importante atriz da Broadway, apenas sorrindo gentilmente, mas sem dizer uma palavra, até a noiva impulsivamente convidá-los. Eles foram e dançaram; ele encantou um produtor e foi chamado para um segundo teste para a nova montagem de *My Fair Lady*, mas sua voz não era grande coisa, e ele não conseguiu o papel. Eles mandaram para a atriz um conjunto muito bonito de antigas colheres de prata para comer grapefruit, que compraram num brechó e poliram para que parecessem caras.

Diante dos olhos de Lotto surgiu uma visão dele mesmo preso a cem fios brilhantes pelos dedos dos pés e das mãos, pálpebras, os músculos da boca. Todos os fios levavam ao dedo indicador de Mathilde, e ela dava puxõezinhos muito sutis, fazendo-o dançar.

O duende Chollie parou ao lado de Mathilde, e juntos eles observaram Lotto do outro lado da sala numa roda com os rapazes: segurando uma garrafa de bourbon entre dois dedos, enquanto as folhas douradas do diadema balançavam na parte de trás de sua cabeça.

— Que bosta está incomodando você? — perguntou Chollie. — Você parece desligada.

Mathilde suspirou e disse: — Tem alguma coisa errada com ele.

— Acho que ele está bem — opinou Chollie. — Só precisamos nos preocupar se ele está a ponto de melhorar ou piorar. Está saindo da depressão do verão. — Fez uma pausa para observar Lotto. — Pelo menos está perdendo a pança.

— Ainda bem — disse ela. — Durante todo o verão fiquei achando que ele estava prestes a se jogar na frente de um trem. Ele precisa arranjar um papel. Tem dias que nem sai de casa. — Ela estremeceu. — Enfim, como vai seu negócio de carros usados?

— Saí disso — respondeu Chollie. — Agora estou trabalhando com imóveis. Daqui a quinze anos serei dono de metade de Manhattan.

— Certo — disse Mathilde. E, de repente, acrescentou: — Estou saindo da galeria.

Os dois pareceram espantados.

— Está bem — disse Chollie. — Mas quem vai sustentar o gênio?

— Vou trabalhar. Arranjei um emprego numa startup de internet. Um site de relacionamento. Começo daqui a uma semana. Ainda não contei para ninguém, nem para Luanne, Ariel ou Lotto. Eu só... precisava de uma mudança. Achei que meu futuro estaria na arte. Mas não está.

— Está na internet?

— O futuro de todos nós está na internet — disse ela, e eles sorriram juntos com a boca dentro do copo de bebida.

— Por que está me contando? — perguntou Chollie depois de algum tempo.
— Quer dizer, é estranho me escolher para confidente. Você sabe, não é?

— Não sei — respondeu Mathilde. — Não sei se você é benigno ou maligno. Mas tenho a sensação de que eu poderia lhe contar os meus segredos agora mesmo e que você guardaria todos, esperando a melhor ocasião para usá-los.

Chollie ficou parado, em alerta.

— Então me conte todos os seus segredos — pediu.

— Não tem a menor chance — disse ela.

Mathilde largou Chollie ali, se aproximou do marido do outro lado da sala e cochichou em seu ouvido. Lotto arregalou os olhos, conteve um sorriso e não observou a esposa percorrer a festa e sair pela porta da frente do apartamento, girando o interruptor no caminho, e assim a única claridade na sala passou a vir das abóboras iluminadas.

Um minuto depois, Lotto saiu pela porta ostentando um ar de desinteresse.

Subiu um lance de degraus e encontrou Mathilde diante da porta da vizinha idosa. A festa dele rolava lá embaixo; de dentro do apartamento, não tinha se dado conta de que estava tão barulhenta. Ele se perguntou por que a velha ainda não tinha chamado a polícia, como costumava fazer. Talvez ainda não fossem dez da noite. Uma corrente de ar frio entrou quando o portão foi aberto e um grupo de palhaços desceu a escada para o apartamento deles fazendo uma algazarra, e o traseiro descoberto de Lotto ficou arrepiado. Mas o portão da frente se fechou e a porta do apartamento deles se abriu para receber os palhaços. Ele largou o seio esquerdo de Mathilde do bustiê, ainda com a boca na curva do pescoço dela.

Ele a virou, forçando-a a encostar a bochecha na porta, mas ela conseguiu voltar para a posição anterior, os olhos brilhando, e ele se rendeu ao papai e mamãe de pé. Talvez não fosse tão excitante, mas continuava sendo uma oração aos deuses do amor.

Dentro do apartamento do segundo andar, Bette estava sozinha no escuro comendo um sanduíche com ovo de gema mole, sem conseguir dormir por causa da festa do andar de baixo. Então ouviu um evidente rangido na escada, e se empolgou com a ideia de que se tratava de um ladrão, e pensou na pistolinha que ela deixava na base da samambaia. Deixou o sanduíche de lado e colocou o ouvido na porta. Até que surgiu outro rangido, um murmúrio. Os gemidos das preliminares. Com certeza era isso! Estava acontecendo. Fazia tanto tempo desde o seu Hugh. Mas o que se passara entre eles continuava fresco em sua memória, pois fora tão saboroso quanto uma mordida num pêssego. Parecia que tinha sido ontem que sentira todo aquele prazer físico. Tudo começou quando ainda eram muito jovens, numa época em que nem sabiam o que estavam fazendo, mas não queriam se afastar um do outro, então, com idade suficiente, se casaram. Não era a pior coisa do mundo construir um casamento em torno de toda aquela energia. Os primeiros anos haviam sido alucinantes, os últimos, meramente

felizes.

A garota no patamar da escada gemeu profundamente. O garoto murmurava, mas não de forma tão clara a ponto de Bette entender as palavras, e os gemidos da menina ficaram mais altos, depois foram abafados como se ela estivesse mordendo algo — o ombro dele, talvez? O chacoalhar na porta estava forte. Bette se aproximou da porta de madeira pesada. [Fazia tanto tempo que ninguém a tocava; no mercado, ela colocava o dinheiro na palma para o atendente roçar sua mão com os dedos.] Que atletas. Então Bette se lembrou da casa dos macacos ao visitar o zoológico num domingo, da sacanagem alegre dos macacos-pregos.

Ao ouvir os dois darem um grito contido, Bette murmurou para a tigradinha que se entrelaçava em seus tornozelos: — Doce ou travessura, garota. É o que de fato está acontecendo.

No patamar da escada, havia uma respiração pesada, murmúrios e aqueles dois tolos. Ah, ela sabia quem era: o gigante de aparência esquisita do andar de baixo e sua mulher alta e sem graça. Mas ela fingiria não saber para poupar o constrangimento quando se encontrassem na portaria. Então, os passos desceram, se afastaram, a música ficou mais alta, mas baixou quando a porta deles se fechou, e Bette ficou sozinha de novo. Hora de um uísque forte e já para a cama, fofinha, como a boa menina que você se tornou.

*

Eram dez horas e Mathilde estava ajoelhada catando os cacos da milionésima taça de vinho que se espatifara desde que se mudaram para aquele apartamento deprimente cinco anos antes. Depois de todo esse tempo, ainda usavam coisas de brechó. Um dia, quando Lotto arranjasse um trabalho, eles conseguiriam arcar com coisa melhor. Ah, ela estava cansada. Nem se dera o trabalho de colocar lentes de contato naquela noite, e as lentes dos seus óculos estavam sujas de impressões digitais. Ela queria que todo mundo fosse para casa.

Ouviu Lotto dizer no sofá: — Uma tentativa de animar as coisas. Pelo menos não é mais tão animado quanto algumas músicas dos Lemonheads.

Rachel passou a mão na parede recém-pintada.

— Que cor é essa? — murmurou. — Suicídio sob o crepúsculo? Igreja numa tarde de inverno? É o azul mais escuro que já vi. — Ela parecia mais nervosa do que de costume. O cano de descarga de um carro acabara de explodir na rua, e ela deixara sua taça cair. — *Por favor*, me deixe limpar isso — disse envergonhada para Mathilde. — Sou muito desastrada.

— Pode deixar. E ouvi seu comentário sobre a pintura nova, sabe. Eu amei — gritou Mathilde, jogando os cacos de vidro no lixo. Uma gota de sangue caiu no lixo. Mathilde cortara o indicador sem sentir. — Porra — murmurou.

— Também amei — comentou Luanne. Ela estufara no ano passado como massa de pão. — Quer dizer, pelo menos fica legal como fundo para aquele

quadro roubado.

— *Pare* de dizer isso — pediu Mathilde. — Pitney quebrou o quadro, Ariel me mandou jogar fora e foi o que eu fiz. Se depois tirei da caçamba de entulho, foi jogo limpo.

Luanne deu de ombros, mas seu sorriso continuou fixo no rosto.

— Com todo o respeito — disse Chollie. — Essa é a pior festa na história das festas. A gente está conversando sobre *paredes*. Susannah e Natalie estão se pegando, e Danica está dormindo no tapete. O que deu em você para dar uma festa de degustação de vinhos? Quem tem vinte e tantos anos e entende alguma merda sobre vinho? A gente ia a festas melhores no ensino médio.

Lotto sorriu, causando o mesmo efeito que o alvorecer. Os outros se animaram.

— A gente *era* louco — comentou Lotto. Depois se virou para o resto das pessoas e acrescentou: — Só morei alguns meses em Crescent Beach antes de Chollie me desvirtuar e minha mãe me mandar para o internato. Mas era o máximo. A gente passava quase todas as noites acordado. Nem tenho ideia de quantas drogas a gente usava. Choll, lembra aquela festa na casa abandonada perto do bosque? Eu estava comendo uma garota no telhado quando percebi que a casa estava pegando fogo, então apressei as coisas, saí rolando de cima dela, caí numa moita e saí me arrastando com o pau para fora da braguilha. Os bombeiros me receberam com uma salva de palmas. — Os outros riram, e Lotto continuou: — Essa foi a última noite que passei na Flórida. Minha mãe me despachou no dia seguinte. Fez uma grande oferta para a escola, pouco se fodendo para os critérios de admissão. Desde então, nunca mais voltei para casa.

Chollie engasgou. Todos olharam para ele.

— Minha irmã gêmea — disse. — Era ela. Que você estava comendo.

— Caramba — exclamou Lotto. — Desculpe, Choll, sou muito babaca.

Chollie respirou fundo, soltando o ar em seguida.

— Foi naquela noite que quebrei a perna na escultura em espiral enquanto curtíamos a pré-festa na praia. Eu estava operando quando essa outra coisa aconteceu.

Longo silêncio.

— Estou muito envergonhado — confessou Lotto.

— Não esquente — disse Chollie. — Naquela época ela já tinha transado com o time de futebol inteiro.

A namorada de Chollie gemeu de aflição. Ela era uma modelo fofa de algum país da União Soviética cuja beleza, Lotto tinha que admitir, ofuscava até a de Mathilde. [O que atualmente não era difícil.] Lotto observou sua mulher parada na cozinha. Ela estava muito largada, com o cabelo sujo, usando óculos e moletom. Ele não devia ter insistido em dar aquela festa. Mas andava preocupado com ela. Fazia semanas que ela estava calada e distante. Havia

alguma coisa errada. Nada do que ele dizia era certo, nenhuma de suas piadas tinha graça. Será que era o trabalho?, perguntou-se, por fim. Se estava tão infeliz, ela devia se demitir e os dois começariam uma família. Se desse um neto a Antoinette, eles com certeza seriam reintegrados. Então teriam muito dinheiro, nossa, o suficiente para Mathilde relaxar um pouco e descobrir o que realmente queria fazer da vida. Ela lhe parecia uma artista que nunca tinha encontrado sua forma de expressão, experimentando diversas coisas, mas incapaz de encontrar uma maneira de comunicar sua urgência. Talvez encontrasse nos filhos. Mas ela sibilara *Ai, meu Deus, Lotto, pare, por favor, pare de falar, pare com essa conversa sem fim, pare de falar sobre ter filhos*. E era verdade que ainda eram muito jovens, poucos amigos seus haviam procriado, pelo menos intencionalmente, então ele adiara a discussão e a distraía com vídeos e bebidas. Achara que uma festa de degustação de vinhos a animaria, mas estava claro que tudo o que ela queria era ir para o colchão novo deles, para o quarto com cortinas bordadas e antigas gravuras de ninhos, e se esconder ali. Ele a forçara aquela noite.

O pânico cresceu. E se ela estivesse se preparando para deixá-lo, e se seu baixo-astral não tivesse a ver com ela, mas com *ele*? Tinha certeza de que a desapontara... E se ela soubesse que podia arranjar outro melhor? Ele abriu os braços para a esposa, com o intuito de consolar a si mesmo, mas ela apenas trouxe uma toalha de papel para que ele pudesse dar um laço em volta do seu dedo que sangrava.

— Não sei. Estou achando divertido — disse Rachel.

A fiel Rachel, com rosinho esperto e olhos ávidos. Ela viera do internato para passar o fim de semana na cidade. Mal tinha completado quatorze anos e já parecia cansada. Havia roído as unhas até o sabugo, Lotto notara. Ele teria que perguntar a Sallie se havia alguma coisa acontecendo com a menina que ele precisasse saber.

— Estou aprendendo muito. Com certeza está melhor que a festa do pijama que teve sexta-feira no alojamento.

— Posso imaginar. Garrafa de schnapps de hortelã. *O Clube dos Cinco* no videocassete. Alguém chorando no banheiro a noite inteira. Gente correndo pelada no pátio à meia-noite. Garotas jogando verdade ou consequência. Minha Rachel lendo um livro no canto vestindo um pijama com estampa de lagosta e julgando todas as outras meninas como se fosse uma minirrainha — comentou Lotto. — O relato no diário dela seria de arrasar.

— Desapontadora, sem graça e chata — disse Rachel. — Dois polegares para baixo.

Eles riram e o nó de desespero na sala se afrouxou um pouco. Essa calma era provocada pela presença de Rachel, o que não era um dom chamativo, apenas uma coisa boa.

No silêncio que se seguiu, Luanne disse: — Claro que a ética profissional

deveria ter impedido você de pegar o quadro, Mathilde.

— Porra — exclamou ela. — Se outra pessoa tivesse tirado o quadro da caçamba de lixo, não teria problema? Você, por exemplo? Qual é, Luanne? Está com inveja?

A amiga fez uma careta. Claro que estava com inveja. Devia ser muito difícil para Luanne, pensou Lotto, quando Mathilde trabalhava na galeria. Mathilde era sempre o braço direito. Entendida, inteligente, simpática. Sem dúvida Ariel preferira Mathilde. Todo mundo preferia Mathilde.

— Rá — disse Luanne. — Isso é hilário. Inveja de *você*?

— Por favor, parem — disse Chollie. — Se fosse um Picasso, todo mundo teria elogiado Mathilde pela visão dela. Você está sendo muito escrota.

— Está me chamando de escrota? Nem sei quem você é — retrucou Luanne.

— A gente já se encontrou um milhão de vezes. E você sempre diz isso — afirmou Chollie.

Danica observava a discussão como se fosse um jogo de pingue-pongue. Ela perdera ainda mais peso. Seus braços e suas bochechas ganharam uma penugem estranha. Ela estava rindo.

— Por favor, parem de brigar — pediu Rachel baixinho.

— Aliás, não sei por que venho às suas festas idiotas — disse Luanne, levantando-se. Depois começou a chorar de raiva. — Você é uma tremenda impostora, Mathilde, e sabe do que estou falando. — Virou-se para Lotto e disse venenosamente: — Você não, Lotto, você não passa de um Bambi esquisito. A essa altura qualquer outra pessoa entenderia que você não tem talento suficiente para estar no palco. Mas ninguém quer magoá-lo dizendo isso. Muito menos sua mulher, que adora infantilizar sua vida.

Lotto saiu da cadeira tão depressa que o sangue fugiu da sua cabeça.

— Cale essa sua boca imunda, Luanne. Minha mulher é o melhor ser humano do planeta, e você sabe disso.

— Lotto! — exclamou Rachel.

— Lotto, pare — pediu Mathilde baixinho.

— Ei! — disseram Natalie e Susannah.

Só Chollie desatou a rir de forma estridente. Olga, de quem eles haviam quase se esquecido, virou-se depressa e socou o ombro dele com força, depois se levantou e atravessou a sala batendo os sapatos de salto alto no chão, abriu impetuosamente a porta do apartamento e gritou: — Vocês são uns monstros!

E saiu em disparada para a rua. O vento gelado veio do portão e soprou pela escada, salpicando-os de flocos de neve.

Durante um bom tempo nada foi dito. Até que Mathilde sugeriu: — Vá atrás dela, Chollie.

— Não — respondeu ele. — Ela não vai longe sem casaco.

— Está dez graus negativos, seu merda — disse Danica, e jogou o casaco de pele sintética de Olga no rosto de Chollie.

Ele se levantou resmungando e saiu, batendo a porta do apartamento e o portão do prédio. Mathilde ficou de pé e tirou o quadro da parede, passando-o por cima da careca reluzente do Buda de latão, e entregou-o a Luanne.

Luanne observou o quadro em suas mãos.

— Não posso aceitar isso — disse ela.

Os outros na sala tiveram a sensação de que uma batalha feroz era travada no silêncio.

Mathilde se sentou, cruzou os braços e fechou os olhos. Luanne apoiou o quadro nos joelhos de Mathilde. Ela saiu e a porta se fechou às suas costas para sempre. Em sua ausência, a sala pareceu mais brilhante, até as luzes do teto se suavizaram.

Um por um, os amigos foram embora. Rachel se trancou no banheiro, e deu para ouvir a água da banheira.

Quando ficaram sozinhos, Mathilde se ajoelhou diante de Lotto, tirou os óculos e enterrou a cabeça no peito dele. Ele a abraçou, impotente, fazendo murmúrios tranquilizadores. Conflitos o deixavam nauseado. Ele não conseguia suportar. Os ombros magros de sua mulher se sacudiam. Porém quando ela ergueu a cabeça, por fim, ele ficou surpreso: o rosto dela estava vermelho e inchado, mas ela estava rindo. Rindo? Lotto beijou as marcas roxas embaixo dos olhos dela, as sardas em sua pele pálida. Ele se sentiu terrivelmente espantado.

— Você chamou Luanne de boca imunda — disse Mathilde. — Você! O Sr. Genial. Se metendo para salvar a situação. Rá!

Garota maravilhosa. Ele viu, com entusiasmo, que ela iria sobreviver a esse momento de penúria e infelicidade tão horrível que não podia compartilhar com ele. Ela voltaria. Iria amá-lo de novo. Não iria embora. E em cada casa onde morassem a partir de então, aquele quadro azularia o ar. Seria uma evidência. O casamento deles se levantou do chão, se espreguiçou e olhou para eles com as mãos nos quadris. Mathilde estava voltando para Lotto. Aleluia.

*

— Aleluia — disse Chollie, bebendo um eggnog de conhaque. Eram onze horas. — Jesus Cristo nasceu.

Ele e Lotto estavam competindo em silêncio para descobrir quem conseguia ficar mais bêbado. Lotto disfarçava melhor, parecendo normal, mas a sala girava se ele não piscasse para endireitá-la.

Lá fora, a espessura da noite. Os postes de luz na rua pareciam pirulitos de neve luminosa.

Fazia horas que tia Sallie não parava de falar, e no momento estava dizendo: — Claro, não sei nada, não sou sofisticada feito vocês, artistas formados, e tenho certeza de que não tenho como afirmar o que você deve fazer, Lotto, meu filho,

mas, se fosse eu, o que não é, eu sei, mas se fosse, eu diria que dei tudo de mim, sentiria grande orgulho das três ou quatro peças que fiz nesses últimos anos e falaria que, bem, nem todo mundo pode ser Richard Burton, e talvez eu possa fazer outra coisa da minha vida. Tipo, quem sabe, ah, assumir o comando da empresa ou algo assim. Recuperar a afeição de Antoinette. Ser desdeserdado. Você sabe que ela está mal, com o coração doente. Rachel e você têm muito a ganhar quando ela falecer, mas Deus queira que isso demore a acontecer.

Ela olhou astuciosamente para Lotto por sobre seu focinho de rato.

O Buda riu em silêncio no console da lareira. Em volta dele havia uma exuberância de bicos-de-papagaio. Embaixo, um fogo que Lotto se atrevera a acender com os gravetos que foram catados no parque. Mais tarde, haveria um incêndio de chaminé, o barulho do vento que mais parecia o de um trem cargueiro em alta velocidade ou de caminhões de bombeiros chegando no meio da noite.

— Estou me esforçando — disse Lotto. — Talvez. Mas, fala sério, nasci rico, branco e homem. Eu não teria com o que trabalhar se não precisasse me esforçar um pouco. Estou fazendo o que eu amo. E isso não é pouca coisa.

O comentário soou mecânico até para seus próprios ouvidos. Atuação ruim, Lotto. [Mas sua capacidade de atuar já tinha se perdido um pouco, não tinha?] Seu coração não estava mais na briga.

— O que é sucesso, afinal de contas? — questionou Rachel. — Eu acho que é poder trabalhar o quanto quisermos com algo que nos alegre. Lotto trabalhou de forma regular durante todos esses anos.

— Eu te amo — disse Lotto à irmã.

Ela já estava no ensino médio e era tão magra quanto Sallie. Puxara o lado Satterwhite, por isso era morena, peluda e pouco atraente. Seus amigos não conseguiam acreditar que ela e Lotto fossem parentes. Só Lotto a considerava sensacional, sem imperfeições. O rosto magro dela o lembrava das esculturas de Giacometti. A menina não sorria mais. Ele puxou a irmã para perto e a beijou, sentindo como, no fundo, ela estava tensa.

— Sucesso é dinheiro — disse Chollie. — Dã.

— Sucesso é encontrar a própria grandeza, fofinhos — retrucou Sallie. — Lotto, você nasceu com isso. Reparei no instante em que você saiu gritando de dentro de Antoinette. No meio do furacão. Você simplesmente *não está dando ouvidos* à sua grandeza. Gawain me disse que sempre achou que você se tornaria presidente dos Estados Unidos ou astronauta. Algo grandioso. Está escrito nas estrelas.

— Desculpe decepcionar você — disse Lotto. — E as estrelas.

— Bem. Você também decepcionou seu falecido pai — acrescentou Rachel, rindo.

— Ao nosso falecido pai decepcionado — disse Lotto.

Ergueu o copo para a irmã e engoliu sua mágoa. Não era culpa dela. Nunca conhecera Gawain, portanto não sabia a dor que causava ao mencioná-lo.

Mathilde voltou à porta, carregando uma bandeja. Estava deslumbrante com o vestido prata, o cabelo platinado, em uma reviravolta de Hitchcock: ela se tornara mais elegante desde que fora promovida seis meses antes. Lotto queria levá-la para o quarto e se dedicar a vigorosa tarefa de diminuir sua frustração.

“Socorro”, articulou ele com a boca, mas a esposa não estava prestando atenção.

— Estou preocupada. — Mathilde largou a bandeja na bancada da cozinha e se virou para as pessoas. — Hoje de manhã deixei essa bandeja lá em cima para Bette, mas já são onze horas e ela não tocou em nada. Alguém a viu esses dias?

Silêncio absoluto, exceto pelo tique-taque do relógio de família que Sallie trouxera na sua bagagem de mão. Todos estavam olhando para o teto, como se pudessem enxergar além das camadas de gesso, assoalho e carpete para dentro do apartamento frio e escuro [silencioso, afora o zumbido da geladeira, um grande vulto frio na cama e a única coisa que respirava, a tigrada faminta se esfregando na janela].

— M. — disse Lotto. — É Natal. Ela deve saído ontem para a casa de algum parente e se esqueceu de nos dizer. Ninguém fica sozinho no Natal.

— Mãezinha está — retrucou Rachel. — Mãezinha está sozinha naquela casa de praia úmida, observando as baleias de binóculo.

— Besteira. Sua mãe teve escolha e optou pela agorafobia em vez de passar o aniversário de Jesus com os filhos. Pode acreditar, sei que isso é uma doença. Convivo com isso todo santo dia. Não sei por que todo ano compro uma passagem para ela. Esse ano chegou até a fazer a mala. Vestiu casaco, passou perfume. Mas depois simplesmente se sentou no sofá. Disse que preferia organizar as caixas de fotos no banheiro de hóspedes. Fez a opção dela, e já é uma mulher adulta. Não podemos nos sentir mal — disse tia Sallie, mas seus lábios contraídos desmentiam suas palavras.

Lotto sentiu uma onda de alívio. A implicância dela com ele essa noite, a provocação, era culpa dele mesmo.

— Não me sinto mal — disse Rachel, mas sua expressão era de cansaço.

— Eu me sinto — confessou Lotto baixinho. — Não vejo minha mãe faz muito tempo. Eu me sinto muito mal.

Chollie emanou um suspiro sarcástico. Sallie olhou furiosa para ele.

— Bem, não é como se vocês não pudessem ir visitá-la, crianças — disse Sallie. — Sei que ela deserdou você, Lotto, mas tudo o que precisa fazer é passar cinco minutos com sua mãe e depois ela estará amando vocês dois. Prometo. Posso fazer isso acontecer.

Lotto abriu a boca, mas havia muita coisa a dizer, mas era só coisa desagradável sobre sua mãe, nada natalino, então ele continuou quieto e engoliu

as palavras.

Mathilde colocou com força uma garrafa de vinho tinto na bancada.

— Olhe. Antoinette nunca entrou nesse apartamento. Nunca me conheceu. Escolheu ficar brava e continuar assim. Não podemos lamentar as escolhas dela.

Lotto notou que as mãos da esposa tremiam; de raiva, ele se deu conta. Adorava as raras vezes em que ela demonstrava quão tênue era sua superfície frágil, como, na verdade, por baixo, ela fervia. Um lado perverso de Lotto queria trancar sua mãe e Mathilde numa sala e deixá-las se engalfinhar. Mas ele não faria isso com a esposa. Ela era muito amável para passar um minuto sequer na companhia de sua mãe sem sair mutilada. Ela apagou o lustre, permitindo que a árvore de Natal, com suas luzes e seus enfeites de vidro em formato de floco de neve, tomasse a sala. Então ele a puxou para o seu colo.

— Respire — disse Lotto baixinho, encostado no cabelo da mulher.

Rachel piscou com o brilho da árvore.

Sallie dissera verdades cruéis, ele sabia disso. Ficara claro no decorrer do último ano que ele já não podia mais contar com seu charme, que tinha se perdido. Ele o testava insistentemente com os atendentes de bar, nas filas de testes de elenco e com pessoas lendo no metrô, mas afora a abertura que as pessoas concedem a qualquer rapaz um pouco atraente, estava claro que ele perdera seu charme. As pessoas viravam a cara para ele atualmente. Por muito tempo achara que aquilo era como um botão que ele podia ligar. Mas ele perdera seu borogodó, seu encanto, seu esplendor. Sua facilidade de se comunicar já era. Não conseguia se lembrar de uma noite em que não tivesse dormido bêbado.

Então ele abriu a boca e começou a cantar “Bate o sino”, uma música que odiava, além de nunca ter sido o melhor tenor do mundo. Porém, o que mais podia fazer senão cantar diante da desolação, da imagem de sua mãe gorda sentada sozinha ao lado do vaso de uma majestosa palmeira com lâmpadas coloridas penduradas? Os outros se juntaram a ele, de forma milagrosa, todos eles, menos Mathilde, que ainda estava tensa de raiva, embora começasse a amolecer, um sorriso se formando aos poucos em seus lábios. No fim das contas, até ela cantou.

Sallie observou Lotto, dividida. Seu garoto. Sangue do seu sangue. Ela era perceptiva e sabia que Rachel, por ter tido uma origem de moral melhor, mais bondosa e humilde, merecia sua afeição mais do que Lotto. Mas era por Lotto que Sallie acordava rezando. Esses anos de distância tinham sido difíceis para ela [...já nasceu Deus menino...]. Ela se lembrou do Natal antes de ele terminar a faculdade, antes de Mathilde, quando encontrara com ela e Rachel em Boston, onde se hospedaram num maravilhoso hotel antigo e ficaram isolados lá dentro sob um metro de neve, como se estivessem presos num sonho. Lotto descolara um encontro com uma garota que estava em outra mesa durante o jantar. Sua doçura era tão parecida com a da mãe quando ela era jovem e encantadora que

Sallie ficou sem fôlego. Antoinette, fantasmagórica, por um momento fora sobreposta ao filho. Mais tarde, Sallie ficou de tocaia até meia-noite, parada na janela losângica no fim do corredor onde ficavam os quartos deles, enquanto a neve interminável caía na área comum às suas costas lá fora [...*para o nosso bem...*]. Na outra ponta, ao longe, três faxineiras com seus carrinhos de limpeza riam, uma mandando a outra fazer silêncio. Afinal, a porta do seu garoto se abriu e ele apareceu ali apenas de calção de corrida. Ele tinha costas lindas e compridas, como as da mãe, pelo menos na época em que ela era magra. Havia uma toalha em volta do pescoço dele. Estava indo para a piscina. O pecado que ele pretendia cometer era tão dolorosamente óbvio que as bochechas de Sallie ardiam ao imaginar o bumbum da garota com marcas quadriculadas por causa do ladrilho, os joelhos de Lotto ralados pela manhã. De onde ele tirou tanta confiança?, perguntou-se ela, enquanto ele diminuía o passo, indo na direção das faxineiras. Ele disse alguma coisa e as três gargalharam, e uma deu uma batidinha de leve nele com um pano, e outra jogou algo brilhante, chocolates, em seu peito [... *paz na terra pede o sino alegre a cantar!*]. Ele os pegou. Seu riso ecoou até Sallie. Ele estava se tornando um garoto normal, pensara ela. Estava ficando banal. Se ele não tomasse cuidado, alguma doce garota grudaria nele, a tia percebeu, e Lotto seria arrastado para o casamento, um emprego bem-remunerado, uma família, cartões de Natal, uma casa na praia, flacidez na meia-idade, netos, dinheiro demais, tédio, morte. Ele seria fiel e conservador na velhice, sem reconhecer o privilégio que tivera na vida. Quando parou de chorar, Sallie se deu conta de que estava sozinha, a corrente de ar frio que entrava pela janela batia em seu pescoço e em ambos os lados do corredor havia infinitas portas, que sumiam de vista no final [...*Abençoe Deus menino este nosso lar*]. Mas que glória! Mathilde apareceu. E embora parecesse ser exatamente a garota doce que Sallie temera, não era o caso. Sallie viu uma dureza nela. Mathilde poderia salvá-lo da própria preguiça, Sallie pensara, mas lá estavam os dois, anos mais tarde, e ele ainda era um cara banal. O refrão da música ficou preso em sua garganta.

Um estranho correndo o mais rápido que podia pelas calçadas congeladas espiou dentro do apartamento deles. Viu uma roda de pessoas cantando banhada pela luz branca que emanava da árvore de Natal, seu coração deu uma cambalhota, e a cena permaneceu em sua cabeça; permaneceu misturada a ele mesmo até chegar em casa e encontrar os próprios filhos, que já dormiam, a esposa irritada por ter que montar o triciclo sem ter uma chave de fenda, que ele saíra correndo para pedir emprestada. Permaneceu até muito tempo depois de seus filhos terem aberto os presentes, largado os brinquedos embolados no papel e passado da idade de brincar, saído de casa, deixando os pais e a infância para trás. No fim, ele e a esposa se olharam boquiabertos, perplexos com a terrível velocidade com que tudo acontecera. Durante todos esses anos, os cantores

naquele apartamento suavemente iluminado permaneceram cristalizados em sua cabeça, tornou-se a verdadeira aparência que a felicidade devia ter.

*

Já era quase meia-noite, e Rachel ainda não conseguia superar aquele teto. Que audácia Mathilde tivera para pintá-lo de dourado! Seus corpos reverberavam, glóbulos na luminosidade acima. O teto transformava a sala, brilhando elegantemente nas paredes escuras. Nesse gélido último dia do ano, parecia que haviam puxado o teto para trás como se fosse a tampa de uma lata de sardinha, deixando-os sob do sol de verão.

Era inacreditável que aquele fosse o mesmo espaço branco e vazio em que ela entrara no dia da festa de inauguração da casa mais de sete anos antes, com aquele turbilhão selvagem de corpos e fedor de cerveja, o glorioso calor suarento e, pela janela, o jardim radiante sob a luz do início de verão. Agora havia pingentes de gelo brilhando nos postes de luz da rua. Havia orquídeas em volta do Buda, heras-do-diabo grandes demais nos cantos, poltronas estilo Luís XIV estofadas de saco de farinha francesa. Era elegante, abarrotado, exageradamente lindo. Uma gaiola dourada, pensou Rachel. Mathilde foi curta e grossa com Lotto a noite inteira. Não sorria mais quando olhava para ele. Quer dizer, ela mal olhava para ele. Rachel tinha medo de que Mathilde, a quem Rachel amava tão carinhosamente quanto a qualquer outra pessoa, estivesse prestes a dar o fora dali em um bater de asas. Pobre Lotto. Pobre de todos eles se Mathilde o deixasse.

A nova namorada de Rachel, Elizabeth, uma garota tão pálida de pele e cabelos que parecia feita de papel, sentiu o nervosismo da irmã de Lotto escalando e apertou seu ombro. A tensão se esvaiu de Rachel. Deu um suspiro trêmulo e beijou timidamente o pescoço de Elizabeth.

Lá fora, a passagem ligeira de um corpo de gato na calçada. Não podia ser a tigrada da velha do andar de cima. Aquela gata já era anciã quando Lotto e Mathilde se mudaram. No Natal anterior, o animal passara fome por três dias até Lotto e Mathilde localizarem o proprietário do imóvel que estava passando férias nas Ilhas Virgens Britânicas e mandarem alguém investigar. Pobre Bette podre de morta. Lotto teve que deixar a histérica Mathilde no apartamento de Samuel por uma semana para que ela se acalmasse enquanto a casa deles era fumigada. Foi estranho ver a serena Mathilde perder a compostura; fez Rachel enxergá-la como a garotinha magra de olhos grandes que ela deve ter sido, aumentando o amor que a menina sentia pela cunhada. Agora era um casal com um recém-nascido no andar de cima, e por isso a festa de réveillon que estavam dando essa noite era tão pequena. Recém-nascidos, aparentemente, não gostam de barulho.

— Reprodutores — disse Mathilde, do nada, Mathilde, aquela que lia pensamentos.

Ela riu da expressão de espanto de Rachel e voltou para a cozinha, servindo

champanhe nas taças em cima da bandeja de prata. Lotto pensou no bebê lá em cima e imaginou Mathilde grávida, parecendo esbelta por trás, mas, de perfil, como se tivesse engolido uma melancia. Ele riu desse pensamento. A alça do sutiã abaixada, o seio relaxado de fora, grande demais até para a boca sedenta dele. A superfície dos dias se expandindo a partir do puro, da pele quente e do leite; era isso que ele queria, exatamente isso.

Chollie, Danica, Susannah e Samuel estavam sentados em silêncio, pálidos, meio que sérios. Tinham ido à festa sozinhos, um ano ruim por términos de relacionamentos. Samuel estava magro, com a pele rachada em torno da boca. Essa era a primeira vez que ele saía desde que operara um câncer no testículo. Ele parecia, pela primeira vez, diminuído.

— Por falar em reprodutores, semana passada vi aquela garota com quem você namorou na faculdade, Lotto. Como era o nome dela? Bridget — comentou Susannah. — Aluna de oncologia pediátrica. Gravídissima. Inchada como um carrapato. Parece estar feliz.

— Eu não namorei na faculdade — disse Lotto. — Com exceção de Mathilde. Durante duas semanas. Aí a gente fugiu para se casar.

— Não namorou, mas comeu todas as garotas do Vale do Hudson. — Samuel riu. A quimioterapia o deixara careca de repente; sem os cachos, ele ficou parecendo um furão. — Desculpe, Rachel, mas seu irmão era um puto.

— É, já ouvi falar — disse Rachel. — Acho que essa Bridget vinha às festas quando vocês se mudaram para cá. Ela era muito chata. Vocês sempre enchiam essa sala com um milhão de pessoas. Sinto saudade daquela época.

Então emergiram os fantasmas das festas, os fantasmas deles mesmos mais jovens, burros demais para entender que estavam em êxtase.

O que será que aconteceu com todos aqueles nossos amigos?, perguntou-se Lotto. Alguns que pareciam muito essenciais haviam desaparecido. Tornaram-se príncipes nerds carregando seus filhos gêmeos em carrinhos, morando em Park Slope e bebendo cervejas artesanais. Arnie, que era dono de um império de bares, ainda comia garotas com alargador nas orelhas e tatuagens de cadeia. Natalie se tornara gerente financeira de uma startup de internet em São Francisco. Uma centena de outros sumiram. As amizades foram aparadas. As que ficaram eram carne, medula.

— Não sei — dizia Susannah baixinho. — Acho que gosto de morar sozinha.

Ela ainda era uma adolescente na novela. Seria adolescente até matarem sua personagem e então interpretaria mães e esposas. As mulheres nas narrativas eram sempre definidas pelos relacionamentos.

— Fico muito triste dormindo sozinha — comentou Danica. — Quero comprar um boneco inflável só para acordar de manhã com alguém ao meu lado.

— Namore um modelo. Dá no mesmo — sugeriu Chollie.

— Não vou com a sua cara, Chollie — retrucou ela, se esforçando para não rir.

— Blá-blá-blá — disse ele. — Pode continuar com a ladainha de sempre. Nós dois sabemos a verdade.

— Falta menos de um minuto para descer a bola da Times Square — gritou Mathilde, levando para a sala a bandeja com as taças de champanhe.

Todo mundo olhou para Samuel, que deu de ombros. Nem mesmo um câncer conseguia abalá-lo.

— Pobre Samuel monobola — comentou Lotto.

Ele começara a tomar bourbon depois do jantar e ainda estava sob o efeito da bebida.

— Velha bola solitária — falou Chollie, mas não com uma má intenção, pela primeira vez.

— Sam meio saco — disse Mathilde, chutando Lotto de leve, que estava estirado no sofá.

Ele se sentou, bocejou. Tinha desabotoado a calça. Já chegara aos trinta anos, o fim da juventude. Sentiu a tristeza voltar, e disse: — É isso, gente. O último ano da humanidade. No próximo réveillon, o do ano 2000, todos os aviões vão cair do céu e os computadores vão explodir e todas as usinas nucleares vão desligar e veremos um clarão e depois a grandiosa brancura vã se abaterá sobre todos nós. Acabado. Fim da experiência humana. Então vivam! É o último ano que temos!

Disse em tom de brincadeira; acreditava no que estava dizendo. Pensou em como o mundo sem humanos seria mais brilhante, mais verde, repleto de vida estranha, com ratos com polegares opositores, macacos de óculos e peixes mutantes que constroem palácios submarinos. Em como, pensando no grande quadro das coisas, seria melhor não ter testemunho humano. Imaginou o rosto jovem de sua mãe cintilando à luz de vela durante o apocalipse.

— E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração — murmurou Lotto, e seus amigos se voltaram para ele, viram algo terrível, então desviaram os olhos.

Ele partiu a porra do coração de Rachel. A família inteira partiu a porra do coração dela. Mãezinha se enterrando em solidão, em infelicidade. A devotada tia Sallie trabalhando feito uma escrava. Lotto, cujo orgulho ela não conseguia entender; só uma criança seria capaz de ficar tão zangada por tanto tempo, só uma criança não perdoaria caso o perdão fosse necessário para corrigir as coisas. Mathilde reparou que os olhos de Rachel se encheram de piedade e balançou de leve a cabeça: Não. Ele vai ver isso.

— Trinta segundos — avisou Mathilde.

Prince estava tocando do computador, é claro.

Chollie se inclinou em direção à Danica, posicionando-se para dar o beijo da meia-noite. Que homenzinho horrível. Foi um erro deixar que ele a bolinasse no táxi certa noite voltando dos Hamptons no último verão. O que passou pela cabeça dela? Não estava namorando ninguém, mas mesmo assim...

— Sua chance é zero, porra — disse ela.

Mas ao mesmo tempo ele falou: — ...me deve dois milhões de dólares.

— O quê? — perguntou ela.

— Faltam vinte e poucos segundos para 1999 — afirmou ele, rindo. — Você apostou que eles estariam divorciados em 1998.

— Foda-se.

— Foda-se você, sua caloteira — disse ele.

— Temos até o fim desse ano.

— Vinte segundos — avisou Mathilde. — Adeus, 1998, seu ano lento e lodoso.

— Nada em si é bom ou mau, tudo depende daquilo que pensamos — disse Lotto, bêbado.

— Você fala uma infinidade de nada — disse Mathilde.

Lotto recuou, abriu a boca, mas em seguida a fechou.

— Está vendo? — murmurou Danica. — Eles estão brigando. Se um deles sair daqui soltando os cachorros, declaro minha vitória.

Mathilde pegou um copo da bandeja e disse: — Dez.

Depois ela lambeu o champanhe que derramou na mão.

— Perdoo sua dívida se você sair comigo — disse Chollie, soltando seu bafo quente na orelha de Danica.

— O quê?

— Sou rico. Você é má — argumentou Chollie. — Por que não?

— Oito — disse Mathilde.

— Por que detesto você — confessou Danica.

— Seis. Cinco. Quatro — disseram os outros.

Chollie ergueu uma sobrancelha.

— Ah, ok, está bem. — Danica suspirou.

— Um! Feliz ano-novo! — gritaram.

Alguém deu três pisões fortes no apartamento do andar de cima, o bebê chorou, e dava para ouvir lá fora a o barulho enfraquecido de vozes gritando ao longe na noite cristalina da Times Square, depois uma explosão de fogos de artifício na rua.

— Feliz 1999, meu amor — disse Lotto a Mathilde.

E fazia muito tempo que os dois não se beijavam desse jeito. Um mês, pelo menos. Ele já tinha esquecido as sardas no belo nariz dela. Como pôde se esquecer de uma coisa dessas? Nada como uma mulher se matando de trabalhar para reprimir a disposição para o amor. Nada como sonhos desfeitos, pensou

Lotto, e decepção.

A íris dos olhos de Mathilde se contraíram quando ela inclinou a cabeça para trás.

— Este vai ser o ano da sua virada — afirmou ela. — Você vai interpretar Hamlet na Broadway. Vai encontrar sua praia.

— Adoro seu otimismo — disse ele, mas se sentia enjoado.

Elizabeth e Rachel estavam beijando as bochechas de Susannah, porque ela parecia muito solitária. Samuel também a beijou, corando, mas ela riu dele.

— Estou de porre — disse Danica, afastando-se do beijo de Chollie.

Parecia sobressaltada.

Eles foram embora, dois de cada vez, e Mathilde apagou as luzes, bocejou, empilhou a comida e os copos nas bancadas para limpar tudo de manhã. No quarto, Lotto a observou sacudir do corpo o vestido e ir de calcinha para debaixo do edredom.

— Você lembra quando a gente costumava transar no réveillon antes mesmo de ir para cama? Uma bênção física para o ano novo — gritou ele da porta.

Pensou em dizer mais coisas; que esse ano, talvez, eles poderiam ter um filho. Lotto poderia ser pai em tempo integral. Se ele é quem tivesse a anatomia necessária, com certeza já teria errado ao tomar o anticoncepcional e haveria um pequeno Lotto chutando suas entranhas. Era injusto que as mulheres pudessem ter uma alegria tão primitiva, e os homens, não.

— Amor, a gente costumava transar no dia que recolhiam o lixo e no dia das compras do mês também — disse ela.

— O que mudou? — perguntou ele.

— Estamos velhos. A gente ainda transa mais do que a maioria dos nossos amigos casados. Duas vezes por semana não está ruim.

— Não é o suficiente — murmurou ele.

— Ouvi isso. Como se algum dia eu não tivesse ficado disponível para você.

Ele suspirou fundo, preparou-se para se levantar.

— Ótimo — disse ela. — Se vier para a cama agora, deixo você me comer. Mas não fique puto se eu dormir no meio.

— Nossa, que tentador — disse Lotto, sentando-se de volta com sua garrafa no escuro.

Ficou escutando a respiração da sua esposa se igualar a roncos e se perguntou como chegara naquele ponto. Bêbado, sozinho, cozinhando no próprio fracasso. A vitória fora garantida. De alguma forma, ele desperdiçara seu potencial. Um pecado. Trinta anos e ainda era um zero à esquerda. Mata lentamente, o fracasso. Como Sallie diria, ele dera todo o sangue que tinha.

[Talvez a gente ame mais ele assim: humilhado.]

Naquela noite, ele entendeu a mãe, que se enterrava viva na casa de praia.

Sem mais correr o risco do sofrimento decorrente do contato com outras pessoas. Ele ouviu a batida sombria sob seus pensamentos, a qual sempre estivera ali, desde que o pai morrera. Alívio. A fuselagem de um avião podia cair e imprensá-lo na terra. Bastava apertar um interruptor em seu cérebro para desligá-lo. Seria um bendito alívio, no fim das contas. Aneurismas eram comuns na sua família. O de seu pai fora muito repentino, aos quarenta e seis anos, ainda muito jovem; e tudo o que Lotto queria era fechar os olhos e encontrar seu pai, apoiar a cabeça no peito dele, sentir seu cheiro e ouvir os batimentos quentes do seu coração. Era pedir muito? Ele tivera um pai que o amara. Mathilde lhe dera bastante amor, mas ele a oprimira. A fé fervorosa dela esfriara. Desviava o rosto. Estava desapontada com ele. Ih, cara, ele estava perdendo a esposa, e se a perdesse, se ela o deixasse — com a mala de couro na mão, com suas costas magras viradas para ele —, seria melhor mesmo que Lotto morresse.

Lotto estava chorando; sabia, pois sentia as lágrimas frias no rosto. Tentou não fazer barulho. Mathilde precisava dormir. Ela andava trabalhando dezesseis horas por dia, seis dias por semana, mantinha-os alimentados e abrigados. Ele não contribuía com nada para o casamento, só com decepção e roupa suja. Pegou o laptop que guardara embaixo do sofá quando Mathilde o mandara arrumar as coisas antes dos convidados chegarem naquela noite. Ele só queria entrar na internet, encontrar as outras almas tristes do mundo, mas, em vez disso, abriu um documento em branco, fechou os olhos e pensou no que perdera. Seu estado natal, a mãe, a felicidade que despertava em desconhecidos, em sua esposa. Seu pai. Todo mundo tinha subestimado Gawain porque era calado e ignorante, mas só ele entendera o valor da água que vinha da terra infértil na propriedade da família, a engarrafara e vendera. Lotto lembrou as fotos que vira da sua mãe ainda jovem, quando era uma sereia, a cauda grudada nas pernas como uma meia-calça, balançando na água fria. Ele se lembrava de enfiar a própria mãozinha na nascente, os ossos regelando após o ponto de dormência, de como ele adorava aquela dor.

Dor! Espadas de luz matinal atingiam seus olhos.

Mathilde estava coroada por um halo ofuscante de singelos na janela. Estava usando seu roupão de ficar em casa. Os nós dos dedos dos seus pés estavam vermelhos de frio. E seu rosto... O que era aquilo? Havia alguma coisa errada. Os olhos estavam inchados e vermelhos. O que Lotto fizera? Sem dúvida algo horrível. Talvez ele tenha deixado imagens pornográficas abertas no laptop e ela tenha visto quando acordou. Talvez fosse um tipo terrível de pornografia, a pior de todas, pode ser que ele tenha sido conduzido àquilo por uma forte curiosidade, buscando buracos de minhoca tão progressivamente mais nocivos que acabou acessando algo imperdoável. Ela o deixaria. Lotto estaria acabado. Gordo, sozinho e fracassado, sem nem sequer valer o ar que respirava.

— Não me deixe — pediu ele. — Vou melhorar.

Ela ergueu os olhos, depois se levantou, atravessou o tapete para chegar ao sofá, colocou o laptop na mesa de centro e envolveu as bochechas dele com suas mãos frias.

O robe se abriu, revelando suas coxas, um anjinho renascentista rosa. Praticamente de asas.

— Ah, Lotto — disse Mathilde, e o hálito de café dela se misturou com o de rato morto dele. O marido sentiu os cílios dela tremularem em sua têmpora. — Você conseguiu, meu amor.

— O quê? — perguntou.

— Está muito bom. Não sei por que fiquei tão surpresa... Claro que você é brilhante. É só que há muito tempo tem sido uma luta.

— Obrigado — disse ele. — Desculpe, mas o que está acontecendo?

— Não sei! Uma peça, eu acho. Chamada *As Nascentes*. Você começou à 1h47 da madrugada. Não consigo acreditar que escreveu tudo isso em cinco horas. Precisa de um terceiro ato. E de uma revisão, que já comecei. Você comete erros de ortografia, mas isso não é nenhuma novidade.

De repente ele se lembrou de que passara a noite escrevendo. Havia uma emoção enterrada lá no fundo, algo sobre seu pai. Ah.

— O tempo todo escondido bem debaixo do nosso nariz. Seu verdadeiro talento — disse ela.

Mathilde montou nele e foi descendo a calça jeans dele pelo quadril.

— Meu verdadeiro talento... — disse ele, devagar — era me esconder.

— Sua genialidade, sua nova vida... Você nasceu para ser dramaturgo, meu amor. Ainda bem que nós descobrimos isso.

— Nós descobrimos isso — repetiu ele.

Como se saísse da neblina: o garotinho, o homem adulto. Personagens que ao mesmo tempo eram e não eram ele mesmo, Lotto transformado pela visão onisciente. Sentiu um choque de energia ao dar uma olhada naqueles personagens de manhã. Havia vida nesses papéis. De repente, se sentiu ansioso para voltar àquele mundo, viver ali por mais um tempo.

— Ei, Sir Lancelot, seu cara valente — dizia Mathilde. — Saia para que eu possa cavalgá-lo.

Que belo jeito de acordar de vez: com a esposa montada nele, sussurrando para seu pau recém-feito cavaleiro, aquecendo-o com o hálito, e ainda dizendo que ele é o quê? Um gênio. No fundo, Lotto já sabia disso havia muito tempo. Desde pequeno, quando declamava em cima de uma cadeira e deixava os adultos corados e em lágrimas. Mas era ótimo receber essa confirmação, ainda mais daquela forma. Embaixo do teto de ouro, embaixo da sua esposa de ouro. Tudo bem, então. Ele podia se tornar um dramaturgo.

Ele observou o Lotto — o que até então achara que era — se levantar de maquiagem e jaqueta, com o gibão todo suado, ofegante, o rugido dentro dele se

externando assim que o público ficou de pé para ovacioná-lo. Como um fantasma, ele saiu do próprio corpo, fazendo uma reverência elaborada, e passou pela porta fechada do apartamento, para nunca mais voltar.

Não devia sobrar nada. No entanto, parte do antigo Lotto resistia. Um eu à parte, um novo eu embaixo da esposa, que puxou o rosto dela deslizando pela barriga dele e afastou a calcinha para o lado, o envolvia. Ele usou as mãos para abrir o roupão dela e exhibir seus seios, frágeis como filhotes de passarinho. Ela mantinha o queixo erguido na direção do vago reflexo de seus corpos.

— Ah, nossa — dizia ela. Em seguida, bateu os punhos com força no peito do marido e acrescentou: — Agora você é Lancelot. Chega de Lotto. Lotto é nome de criança, e você não é mais criança. É o genial dramaturgo Lancelot Satterwhite. Vamos fazer isso acontecer.

Se isso fizesse sua esposa voltar a sorrir para ele através de seus cílios louros, voltar a cavalgá-lo como uma valorosa amazona, ele podia mudar. Podia se tornar o que ela quisesse. Não mais um ator fracassado. Dramaturgo em potencial. Aquilo fez emergir a sensação de descobrir uma janela em um cubículo trancado sem luz. Mas ainda sentia uma dor, uma perda. Ele fechou os olhos para isso e, no escuro, foi em direção àquilo que havia pouco apenas Mathilde conseguira enxergar com clareza.

As Nascentes, 1999

Ele ainda estava bêbado.

— A melhor noite da minha vida — disse. — Milhões de aplausos. Todos os meus amigos. E olhe só para você, deslumbrante. Ovações. Off-Broadway. Bar! Caminhada para casa, estrelas no céu!

— Estão lhe faltando palavras, meu amor — falou Mathilde.

[Errado. Palavras, naquela noite, não faltaram. Ocultas nos cantos dos teatros, as forças do julgamento se reuniram. Elas observaram, ponderaram e aprovaram.]

— Chegou a hora do corpo assumir — disse ele.

E ela estava pronta para o que Lotto tinha em mente, mas, quando voltou do banheiro, ele estava dormindo, nu em cima do edredom, então ela o cobriu, beijou suas pálpebras, provou da glória dele ali mesmo. Saboreou-a. Dormiu.

Rei caolho, 2000

— Amor, esta peça é sobre Erasmo. Você não pode chamá-la de *Os Oneiros*.

— Por quê? — perguntou Lotto. — É um bom nome.

— Não vão se lembrar dela. Ninguém sabe o que isso significa. Eu não sei o que significa.

— Os Oneiros são os filhos de Nix, a Noite. São sonhos. Irmãos de Hipnos, Tânato e Geras: Sono, Morte e Velhice. É uma peça sobre os sonhos de Erasmo, querida. O príncipe dos humanistas! O filho bastardo de um padre católico, que a peste deixou órfão em 1483. Perdidamente apaixonado por outro homem...

— Eu li a peça, já sei disso...

— E a palavra *Oneiros* me faz rir. Foi Erasmo que disse: *Em terra de cego, quem tem um olho é rei*. Rei de um olho só. *Roi d'un oeil*. Que parece Oneiroi, ou seja, os Oneiros.

— Ah — disse Mathilde, depois de franzir o cenho quando ele falara francês.

Ela se especializara em língua francesa, história da arte e literatura grega e romana na faculdade. Dália roxa na janela lateral do jardim, reluzindo o brilho da luz do outono. Ela foi até ele, apoiou o queixo em seu ombro, enfiou as mãos na calça do marido e acrescentou: — Bem, é uma peça sensual.

— Sim. Suas mãos são muito macias, querida esposa.

— Só estou trocando um aperto de mão com seu rei caolho.

— Ah, amor — disse ele. — Você é brilhante. *Esse* é um título melhor.

— Eu sei. É todo seu.

— Que generosa — comentou ele.

— Só que não estou gostando do jeito que o seu rei está me olhando. Está me lançando seu olhar fatal.

— Cortem-lhe a cabeça — falou Lotto, carregando-a para o quarto.

— Não é que eu *concorde* com eles — disse ela. — Mas *foi* muito ousado da sua parte escrever sobre três arrumadeiras de hotel caribenhas em meio a uma nevasca em Boston.

Ele não ergueu a cabeça, que apoiava na curva do cotovelo. Jornais estavam espalhados pela sala do apartamento novo que compraram no segundo andar de um prédio. Depois de comprar o imóvel, não sobrara dinheiro para se darem ao luxo de ter um tapete. A austeridade com que as tábuas de madeira do chão brilhavam fazia Lotto se lembrar da esposa.

— Phoebe Delmar, eu entendo — disse ele. — Ela odeia tudo que eu já fiz e farei na vida. Apropriação cultural, sei lá mais o quê, peça estridente. Mas por que o crítico do *Times* precisava mencionar o dinheiro da minha mãe? O que isso tem a ver? Eu nem sequer consigo pagar por uma calefação na minha casa, então por que eles se importam com isso? E não posso escrever sobre gente pobre só porque fui criado com dinheiro? Eles não entendem o que é *ficção*?

— Podemos pagar por calefação, sim — retrucou ela. — TV a cabo, talvez não. Mas, tirando essa parte, a crítica é boa.

— É ambivalente — resmungou ele. — Quero morrer.

[Em uma semana, aviões caíam a quase dois quilômetros dali, e Mathilde, no trabalho, deixaria a xícara cair no chão, espatifando-a; Lotto, em casa, calçaria o tênis e correria quarenta e três quarteirões para o norte até o escritório da esposa e entraria pela porta giratória só para vê-la saindo pela porta de vidro ao lado. Eles contemplariam um ao outro esmaecidos através do vidro, pois ela agora estava do lado de fora, e ele, dentro, e Lotto sentiria uma vergonha confusa em meio ao pânico, embora a origem disso — aquele determinado momento da semana anterior, com a intensidade do seu leve desespero — já tivesse sido esquecida.]

— Pare de drama — disse ela. — Phoebe Delmar ganharia se você morresse. É só escrever uma nova.

— Sobre o quê? Estou esgotado. Acabado aos trinta e três anos.

— Volte para o que você conhece — sugeriu ela.

— Não conheço mais nada.

— Conhece a mim.

Olhou para a esposa, o rosto dele sujo de tinta de jornal, e começou a sorrir.

— Conheço — confirmou.

A Casa no Pomar, 2003

Ato II, Cena I [*Varanda da sede da fazenda. Olivia usando o uniforme branco de jogar tênis, esperando Joseph sair. A mãe dele está numa cadeira de balanço com uma taça de spritzer de vinho branco na mão.*]

Ladybird: Agora venha cá e se sente. Fico feliz por termos um minuto para conversar. É raro Joseph trazer uma namorada para casa, sabe. Na

maioria dos Dias de Ação de Graças, somos só nós. A família. Mas por que não me conta sobre *você*, querida? De onde vem? O que seus pais fazem?

Olivia: De lugar nenhum. E nada. Não tenho pais, Sra. Dutton.

Ladybird: Bobagem. Todo mundo tem pais. Você saiu da cabeça de alguém? Desculpe, mas você não é Minerva. Pode não gostar dos seus pais, o Bom Deus sabe que não gosto dos meus, mas você tem pais, é claro.

Olivia: Sou órfã.

Ladybird: Órfã. Ninguém quis adotá-la? Uma beldade como você? Não acredito nisso. Claro que você deve ter sido uma criança rabugenta. Ah, sim. Dá para ver que você era bastante rabugenta. De gênio difícil. Inteligente demais a ponto de prejudicá-la.

Olivia: [*Após uma longa pausa.*] Joseph está demorando muito.

Ladybird: Vaidade de garoto. Fica se olhando no espelho e fazendo caretas, observando seu penteado bonito. [*As duas riem.*] Em todo caso, é óbvio que você não quer discutir esse assunto, e não a censuro por isso. Tenho certeza de que é uma ferida aberta, querida. A família é a coisa mais importante do mundo. A mais importante. Ora, é sua família que diz quem você é. Sem uma família, você é ninguém.

[*Olivia, perplexa, ergue os olhos. Ladybird está encarando a menina, com um grande sorriso.*]

Olivia: Eu não sou uma ninguém.

Ladybird: Querida, não quero ofender, mas passei a duvidar muito disso. Você é bonita, claro, mas não tem muito para oferecer a um garoto como Joey. E, sim, ele está apaixonado, mas ele sempre se apaixona. Você não precisa se preocupar em deixá-lo de coração partido. Vai arranjar outra namorada minutos depois. Você pode simplesmente escapulir. Poupe o seu tempo e o meu. Deixe-o encontrar alguém um pouco mais adequado.

Olivia: [*Devagar.*] Adequada. Você quer dizer uma garota com uma família rica? Isso é engraçado, Sra. Dutton, porque eu tenho uma família. E são ricos como reis.

Ladybird: Você é uma mentirosa? Porque ou está mentindo agora ou estava quando disse que era órfã. De qualquer maneira, não acredite em uma palavra que saiu da sua boca desde que você chegou aqui.

Joseph: [*Aparece sorrindo alegremente e assobiando.*] Olá, belezuras.

Olivia: Eu nunca minto, Sra. Dutton. Sou uma patológica contadora de verdade. Agora, se me der licença, vou jogar tênis com meu maridinho aqui. [*Sorrisos.*]

Joseph: Olivia!

Ladybird: [*Levantando-se.*] Seu... Seu o quê? Seu maridinho? Maridinho? Joseph!

— Corta um tanto a própria carne — disse Mathilde, erguendo os olhos.

Ela revestiu de tristeza os cantos de seus lábios.

— Você vai conhecer minha mãe um dia — afirmou Lotto. — Só quero que esteja preparada. Ela ainda pergunta quando vou arranjar uma moça direita.

— Ai — disse ela. Olhou para ele por cima da mesa, café e um bagel comido pela metade. — Patológica contadora de verdade?

Ele olhou para a esposa. Aguardou um instante.

— Ok — admitiu ela.

Gacy, 2003

— “O que acometeu o jovem dramaturgo Lancelot Satterwhite, cujos únicos verdadeiros talentos até o momento consistem em fazer uma espécie de releitura da experiência sulista, a escrever uma peça glorificando John Wayne Gacy, o palhaço serial killer e pedófilo? Como se o diálogo duro, as horripilantes canções que Gacy canta à capela e as cenas explícitas de tortura e mutilação não fossem suficientemente ruins, três horas depois o público ainda sai com uma assoberbadora pergunta: por quê? Além de horrível, a peça é de péssimo gosto. Talvez seja uma mesura de Satterwhite a seus ídolos ou algum tipo de homenagem a *Sweeney Todd*, mas, triste dizer, Lancelot Satterwhite não é Stephen Sondheim e nunca será” — leu Mathilde. Depois jogou o jornal no chão. — Você adivinhou. A porra da Phoebe Delmar.

— Todas as outras pessoas amaram a peça — disse ele. — Normalmente fico um pouco envergonhado ao receber uma crítica ruim. Mas essa mulher está tão por fora que nem me importo.

— Acho que é uma peça engraçada — comentou Mathilde.

— É engraçada. A plateia inteira estava morrendo de rir.

— Phoebe Delmar. Cinco peças, cinco críticas negativas. Essa mulher não entende nada — disse Mathilde.

Os dois se entreolharam, começaram a rir.

— Tenho que escrever outra — falou ele. — Eu sei.

Grimoire, 2005

— Você é um gênio — disse ela, largando o manuscrito.

— Então transe comigo — sugeriu ele.

— Com muito prazer.

Hamlin no Inverno, 2006

Sallie, Rachel e seu novo marido foram para a noite de estreia. Marido? Um homem? Onde estava Elizabeth? Mathilde e Lotto ficaram de mãos dadas no táxi que os levou para o brunch, comunicando-se, calados.

O marido de Rachel tagarelava feito um esquilo.

— Idiota mas educado. — Foi a avaliação que Mathilde fez mais tarde.

— Cobra e iletrado. — Foi o comentário de Lotto. — O que ela está fazendo? Achei que fosse lésbica. Eu adorava Elizabeth. Ela tinha peitos deslumbrantes. Onde ela arranjou esse viciado em metanfetamina?

— Só porque ele tem uma tatuagem no pescoço não significa que seja viciado em metanfetamina — disse Mathilde. Depois refletiu por um instante. — Eu acho.

O novo casal contou sua história enquanto comia ovos beneditinos. Rachel enfrentara um ano ruim depois da faculdade. Estava com tanta energia que suas mãos arremetiam como um beija-flor, do prato ao talher ao copo ao cabelo ao colo sem parar.

— A pessoa não se *casa* aos vinte e três anos só porque teve um ano ruim — disse Lotto.

— Por que a pessoa se casa aos vinte e três anos, Lotto? — perguntou Rachel. — Por favor, me diga.

— *Touché* — murmurou Mathilde. Lotto olhou para ela. — Na verdade, nós tínhamos vinte e dois.

Enfim, como ela dissera, Rachel tivera um ano ruim. Elizabeth terminara o relacionamento por causa de alguma coisa que Rachel fizera. O que quer que tenha sido, era ruim o suficiente, pois Rachel ficou ainda mais corada, e seu marido apertou seu joelho por baixo da mesa. Ela voltou à casa de praia para que Sallie pudesse tomar conta dela. Pete trabalhava no Marineland.

— Você é biólogo, Pete? — perguntou Mathilde.

— Não, mas eu alimento os golfinhos — contou ele.

Pete foi o cara certo que surgiu exatamente na hora certa, segundo Rachel. Ah, e ela ia cursar faculdade de direito, e, se Lotto não se importasse assumiria as finanças da empresa quando terminasse.

— Mãezinha também deserdou você? — perguntou Lotto. — Pobre senhora. Privada da grande celebração frívola que tanto desejara. Ela não saberia quem convidar e no final acabaria não comparecendo, mas adoraria planejar. Mangas bufantes para você, Rachel. Um bolo no formato de Chichén Itzá. Damas de honra com saias armadas. Toda a família ianque dela ganhando queimaduras de sol e, no fundo, ardendo de inveja. Eu não me surpreenderia se ela mudasse o beneficiário do dinheiro para um centro de resgate de pit-bulls esquizoides ou algo assim.

Houve uma pausa. Sallie se contraiu e se entreteve com o guardanapo.

— Ela não me deserdou — afirmou Rachel baixinho.

Um longo silêncio. Lotto piscou para afastar a mágoa.

— Mas tive que assinar um acordo pré-nupcial. Só recebo dois milhões — disse Pete, fazendo uma expressão comicamente triste, e todos desviaram os olhos para os próprios copos de Bloody Mary. Pete corou e acrescentou: — Isso se alguma coisa ruim acontecer. E não está acontecendo nada, meu amor.

Rachel assentiu discretamente.

Ele se provaria um constrangimento temporário; em seis meses, Elizabeth, a dos maravilhosos peitos macios, dos óculos de gatinho, da pele e do cabelo claros,

voltaria de vez.

No teatro, Lotto observou a tia e a irmã. Dez minutos depois, quando o rímel delas começou a escorrer, ele suspirou, relaxando, e passou a mão no rosto.

Após os aplausos, os parabéns, os abraços, e o discurso que Lotto preparou para seus atores, que o adoravam, o *adoravam*, via-se pelo jeito que o olhavam, Mathilde afinal puxou furtivamente o marido pela porta dos fundos até o bar para onde mandara o assistente levar a família dele.

Sallie se levantou em um pulo, começou a chorar e o abraçou pelo pescoço. Rachel o envolveu com força pela cintura. Pete se apressou para dar tapinhas nos braços de Lotto. Sallie disse em seu ouvido: — Eu não fazia ideia, meu querido, de como você queria ter filhos.

Ele olhou para a tia, surpreso.

— Foi *isso* que você entendeu? Que quero ter filhos?

— Bem. Sim — concordou Rachel. — A peça é sobre família, sobre como passamos as coisas de uma geração para outra, sobre como pertencemos a certo lote da família ao nascermos. Isso ficou bem óbvio. Além disso, Dorothy está grávida. E Julie tem um bebê. E até Hoover carrega o filho no colo. Não foi isso que você quis dizer?

— Não — disse Mathilde, rindo.

Lotto deu de ombros.

— Talvez.

Leonor da Aquitânia, 2006

Um homem baixo chegou correndo na cabine preta da bilheteria VIP. Seu cabelo ralo era branco. Usava um manto verde desbotado e, ao levantar os braços, parecia uma mariposa-luna.

— Ah, meu querido menino, ah, meu queridíssimo Lotto, você conseguiu, fez o que eu sempre soube que faria. Está no seu sangue, o teatro. Essa noite, Tália vai até lhe dar um beijo na bochecha.

Lancelot sorriu para o homenzinho imitando Tália, beijando-lhe o rosto. Então Lotto pegou uma taça de champanhe de uma bandeja que passou.

— Muito obrigado. Adoro Leonor da Aquitânia. Ela foi um gênio, a mãe da poesia moderna. Aliás, desculpe, sei que nos conhecemos, mas me lembre de onde exatamente.

Lotto sorriu, sem desviar os olhos do homenzinho, que jogou rapidamente a cabeça para trás e piscou.

— Ah. Querido menino. Peço desculpas. Tenho acompanhado sua carreira com tanto deleite, sabe, e conheci você tão bem através das suas peças que, claro, achei que você também me reconheceria. A velha falácia autoral. Estou mortificado. Sou seu velho professor do internato. Denton Thrasher. Isso faz... — Ele respirou fundo e soltou o ar teatralmente. — Isso faz você se lembrar de algo?

— Desculpe, Sr. Thrasher — disse Lancelot. — Não o reconheci. Minha memória está ruim. Mas muito obrigado por ter vindo aqui me lembrar.

Ele sorriu para o homem.

— Não precisa agradecer — disse o professor, com a voz falhando.

Então corou e pareceu desaparecer onde estava.

Mathilde, que estivera ao lado do marido esse tempo todo, ficou curiosa. A memória de Lotto era tão afiada quanto um cortador de diamante. Ele nunca esquecia uma fisionomia. Era capaz de recitar uma peça *verbatim*, depois de vê-la apenas duas vezes. Ela o observou se virar e cumprimentar uma lendária estrela da música com um beijo na mão e notou, por trás do charme e do riso fácil dele, uma energia áspera. Denton Thrasher se afastou. Mathilde apoiou a mão no braço do marido. Quando o astro da música também se distanciou, Lotto se voltou para ela e aportou a cabeça em seu ombro por dois instantes. Recarregado, virou-se para lidar com as outras pessoas.

Paredes, Teto, Piso, 2008

— *Paredes, Teto, Piso?* — questionou o produtor.

Era um homem gentil, de olhar sonolento, que escondia um coração feroz em meio a carne de seu peito.

— É a primeira parte de uma trilogia dos despossuídos — disse Lotto. — Mesma família, mas os personagens principais são diferentes. Eles perdem a propriedade da família, onde guardam tudo: história, móveis, fantasmas. Uma tragédia. Todas as três devem, esperamos, estar em cartaz simultaneamente.

— Simultaneamente. Nossa. Ambicioso — comentou o produtor. — Qual parte da trilogia é essa?

— A da saúde mental — disse Lotto.

Último Gole, 2008

— Último gole. Deixa eu adivinhar... — disse o produtor. — Alcoolismo.

— Execução de hipoteca — retrucou Lotto. — E a última, *Graça*, conta a história de um veterano do Afeganistão que vai para casa.

Graça, 2008

— Uma história de guerra chamada *Graça*? — indagou o produtor.

— Fui designado a acompanhar o Corpo de Fuzileiros Navais no Afeganistão — contou Lotto. — Foram só duas semanas, mas o tempo inteiro achei que fosse morrer. E todo minuto que eu não morria fazia eu me sentir abençoado. Por mais que eu tenha abandonado a religião quando criança. Acredite ou não, o título faz sentido.

— Você está me matando. — O produtor fechou os olhos. Quando os abriu, disse: — Ótimo. Se eu amar o que ler, vamos fazer. Sou louco por *As Nascentes*. E *Grimoire*. Acho que você tem coisas interessantes na cabeça.

— Fechado — disse Mathilde da cozinha, arrumando alguns biscoitos recém-assados no prato.

— Mas só off-off Broadway — comentou ele. — Talvez em algum lugar Nova Jersey.

— Para a primeira temporada — disse Mathilde, colocando a bandeja com biscoitos e chá na mesa. O produtor riu, mas ninguém o acompanhou.

— Você está falando sério — observou ele.

— Leia. Você vai entender — concluiu ela.

*

Uma semana mais tarde, o produtor ligou. Mathilde atendeu o telefone.

— Entendi o que você queria dizer — confessou o produtor.

— Foi o que pensei — disse Mathilde. — A maioria das pessoas entende.

— Você entendeu? Na superfície, parece muito bobo. Só piada e trapalhadas. Como você conseguiu enxergar além disso?

— Simplesmente enxerguei. Assim que o conheci — disse ela. — Aporra de uma supernova. Todo dia desde então. — *Ou quase*, pensou ela, sem dizer em voz alta.

*

Depois de encerrar a ligação com o produtor, ela encontrou Lotto na varanda da nova casa de campo deles [que ainda era um desastre composto de tapumes e paredes de gesso; mas ela sabia que tinha alguma coisa bonita — pedras brutas, vigas antigas — por baixo da confusão.] Havia cerejeiras na frente, um espaço plano perfeito para uma piscina nos fundos. Mathilde largara o emprego meses antes e passara a cuidar da parte comercial do trabalho de Lotto. Eles mantinham o apartamento de um quarto como um *pied-à-terre* na cidade; ela tornaria a casa de campo perfeita para os dois. A vida era rica de possibilidades. Ou sua vida possivelmente seria rica; talvez, em breve, não tivesse mais que se preocupar com contas de telefone, nem precisasse fazer malabarismo com a fatura do cartão de crédito para conseguir pagar a seguinte. Ela estava radiante com essa novidade.

Sol frio, capuzes-de-frade brotando da lama ainda congelada. Lotto ficou observando o mundo acordar gradativamente. Fazia dezessete anos que estavam casados; ela vivia no aposento mais profundo do seu coração. E às vezes isso significava que *esposa* surgia em sua mente antes de *Mathilde*, companhia antes de indivíduo. A abstração vinha antes do ser visceral. Mas não naquele momento. Quando ela apareceu na varanda, ele *enxergou* Mathilde de repente. O chicote sombrio no âmag dela. O modo com que, com muita delicadeza, ela o estalava e mantinha Lotto no eixo.

Ela colocou a mão fria na barriga dele, a qual ele estava bronzendo para se livrar da palidez do inverno.

— Vaidoso — disse ela.

— Sou um ator na pele de um dramaturgo — comentou ele com tristeza. — Eu jamais não vou ser vaidoso.

— Ah, bem. Este é você — disse ela. — Você precisa desesperadamente do amor de desconhecidos. Precisa ser visto.

— Você me vê — afirmou ele.

Ouviu o eco das palavras em seus pensamentos um minuto antes e ficou satisfeito.

— Vejo.

— Agora. Por favor. Fale — pediu Lotto.

Ela esticou os braços compridos acima da cabeça, exibindo pequenos ninhos de pelos invernais nas axilas. Dava para chocar filhotes de passarinho ali. Mathilde olhou para o marido, saboreando a informação dela, a desinformação dele. Abaixou os braços, suspirando, e perguntou: — Quer ouvir?

E ele disse: — Ah, minha nossa, M., você está me matando.

— Vamos fazer — avisou ela. — Todas as três.

Ele riu e segurou a mão dela, calejada pela demolição da casa, e a beijou, das unhas roídas aos dedos machucados, subindo pelo braço, o pescoço. Levantou-a acima do ombro e girou-a até perder o chão como referência, e então, porque o ar estava límpido e os passarinhos observavam, percorreu uma trilha longa e lenta de beijos por sua barriga, e a pelou ali mesmo.

Depois da incompreensão e do peixe cru, veio o voo longo, depois o curto. Por fim, casa. Ele estava sentado, observando pela janela enquanto aproximavam a escada do avião pelo asfalto insulado. Caíra uma pancada de chuva de primavera enquanto taxiavam pela pista, mas passara tão depressa quanto começara. Queria seu rosto no pescoço de Mathilde, o conforto do cabelo dela. Duas semanas como dramaturgo residente em Osaka, o máximo de tempo que ficou longe da mulher. Tempo demais. Ele despertava para a ausência de Mathilde em sua cama e sentia desconsolo na falta de calor onde o corpo dela deveria estar.

A escada deslizante cutucou e errou três vezes a entrada da porta da aeronave antes de engatar. Ansioso como uma virgem. Como era bom esticar este seu corpo comprido, ficar em pé e respirar um pouco de ar fresco no alto da escada, curtindo o cheiro de óleo, esterco e ozônio do pequeno aeroporto de Albany, sol no rosto, a esposa no aeroporto esperando para levá-lo de volta à bela casa que tinham no campo, o jantar cedo. O luxurioso cansaço em seus ossos seria acossado por um prosecco gelado, um banho quente, a pele macia de Mathilde e, por fim, pelo sono.

Sua felicidade abriu as asas e as agitou algumas vezes.

Ele não levava em conta a impaciência dos outros passageiros. Somente quando já estava suspenso no ar percebeu a mão forte de alguém nas suas costas. Que ultrajante, pensou. Empurrado.

Em seguida, o asfalto começou a ondular na direção dele, feito uma toalha de mesa sendo sacudida, uma única biruta distante apontando para o leste, o telhado ameaçado do aeroporto, os degraus antiderrapantes brilhando ao sol, o nariz do avião de alguma forma entrando em seu campo de visão e o piloto alongando os braços na janela; Lancelot já havia se virado por completo quando seu ombro direito bateu na beirada de um degrau e estava olhando para o responsável pelo empurrão que surgia na caverna escura do alto, um homem de cabelo e rosto cor de tomate, linhas de expressão em destaque na sua testa, que ainda por cima usava uma bermuda xadrez horrorosa. A cabeça de Lancelot atingiu o degrau no mesmo instante que sua bunda e suas pernas, ainda que num ponto mais baixo, e então as coisas ficaram um pouco confusas. Atrás do homem estava a aeromoça, que furtivamente dera a Lancelot duas minigarrafas de bourbon depois que ele passara alguns minutos jogando seu velho charme de ator nela — uma breve fantasia com ela de saia levantada, as pernas em volta da cintura dele dentro do banheiro de plástico, antes de banir aquele pensamento; ele era casado! e fiel! —, no processo lento de tapar a boca com a mão enquanto o corpo de Lotto fazia o gratificante *tuncata tuncata* ao deslizar escada abaixo; ele agitou as pernas na direção do corrimão no instinto de impedir a queda, mas sentiu uma

dor aguda e curiosa na canela, e toda aquela área ficou dormente. Com uma lentidão agradável, aterrissou numa poça rasa, molhando o ombro e a orelha na água aquecida pelo sol, as pernas ainda estendidas nos degraus, embora seu pé, pelo que parecia, formasse um ângulo oblíquo de um jeito que não condizia com sua dignidade.

Para baixo, agora, o homem de cabeça de tomate estava vindo. Fizeram um sinal para ele parar. Seus passos sacudiam a escada e pioravam a dor de Lancelot. Quando o homem chegou perto, Lotto levantou a mão que não estava dormente, mas o sujeito passou por cima dele. Lancelot conseguiu ver por dentro da bermuda dele: coxa branca cabeluda e pelos escuros e emaranhados perto da genitália. Então o homem saiu correndo pelo asfalto brilhante, engolido pelas portas do terminal. Empurrão? Fuga? Quem faria uma coisa dessas? Por quê? Por que com *ele*? O que Lotto tinha feito?

[Não haveria respostas. O homem sumiu.]

O rosto da aeromoça surgiu em seu campo de visão, com suas bochechas macias e narinas infladas. Ele fechou os olhos quando ela tocou em seu pescoço e alguém em algum lugar começou a gritar.

*

Iluminada por trás, a fratura era tectônica, e as placas dele se sobrepondo. Colocaram dois gessos, uma tipoia, uma coroa de gaze, comprimidos que davam a impressão de que seu corpo era revestido com dez centímetros de borracha. Se estivesse sob o efeito dessas mesmas drogas quando caiu, ele teria batido no asfalto e quicado para o alto prazerosamente, espantando pombos em meio ao voo e alcançando repouso no teto do aeroporto.

Ele cantou “Earth, Wind & Fire” em falsete até chegar à cidade. Mathilde o deixou comer dois donuts, e ele ficou com os olhos cheios d’água porque aqueles eram os donuts mais incríveis da história dos donuts com glacê, a comida dos deuses. Lotto ficou todo alegre.

Eles teriam que passar o verão no campo. Infelizmente! Sua peça *Paredes, Teto, Piso* estava sendo ensaiada, e ele deveria estar presente para isso, mas a verdade é que havia muito pouco que ele pudesse fazer. Não podia subir a escada que levava ao local do ensaio, e seria um abuso de poder fazer seu assistente de dramaturgia carregá-lo; nem sequer pôde subir a escada do pequeno apartamento deles. Ficou sentado nos degraus do prédio, observando os lindos ladrilhos em preto e branco. Para lá e para cá ia Mathilde, pegando a comida, as roupas e tudo de que precisavam do apartamento da cidade e levando para o carro estacionado em fila dupla na rua.

A tímida e morena filha do síndico do prédio colocou a cabeça para fora da porta e olhou para ele.

— O que foi, hein, pirralha? — perguntou ele para a garota.

Ela enfiou um dedo na boca e o retirou todo molhado.

— O que aquele maluco está fazendo lá fora nos degraus? — questionou ela, o eco mirim de algum adulto.

Lancelot zirrou, e o síndico olhou para fora, um pouco mais avermelhado que o normal, e observou os gessos, a tipoia, a gaze. Assentiu para Lancelot, depois puxou a filha e a própria cabeça para dentro e fechou depressa a porta.

No carro, Lancelot admirou Mathilde: que rosto suave o dela, lambível, como se fosse uma casquinha de sorvete de baunilha. Se ao menos o lado esquerdo do corpo dele não tivesse sido enterrado em concreto de repente, ele pularia o freio de mão e a trataria do jeito que uma vaca trata um bloco de sal.

— Crianças são idiotas — disse ele. — Abençoadas sejam. A gente devia ter filhos, M. Talvez agora que vai ser minha enfermeira pelo resto do verão, você ganhe licença para usar livremente meu corpo, e em meio a todo frenesi e luxúria, a gente gere um serzinho amável.

Eles não estavam usando métodos anticoncepcionais, e não havia a possibilidade de que um dos dois fosse defeituoso. Claramente era questão de sorte e tempo. Quando ele não estava chapado, era mais cuidadoso, ficava quieto, sensível ao desejo estoico que ele sentira nela sempre que trazia esse assunto à tona.

— E aquelas suas drogas espetaculares? — perguntou Mathilde. — Parecem mesmo muito espetaculares.

— Está na hora — disse ele. — Está mais que na hora. Temos algum dinheiro guardado, uma casa, você ainda está frutífera. Pode ser que seus óvulos estejam ficando um pouco enrugados, não sei. Quarenta anos. Estamos correndo o risco de que a criança nasça com alguns parafusos a menos. Mas talvez não seja tão ruim ter um filho abobado. Os inteligentes vão embora logo que conseguem escapar. Os abobados ficam mais tempo com os pais. Por outro lado, se esperarmos demais, estaremos cortando a pizza dele aos noventa e três anos. Não, temos que fazer isso o quanto antes. Assim que chegarmos em casa, vou engravidar você para cacete.

— Essa foi a coisa mais romântica que você já falou para mim.

Desceram a estrada de terra e subiram a entrada de cascalho da garagem. Os graciosos membros afluentes das cerejeiras, aí, caramba, eles moravam em *O Jardim das Cerejeiras*. Lotto ficou parado diante da entrada dos fundos, observando Mathilde abrir a porta de vidro que dava para a varanda, descer pela relva até a piscina nova e cintilante. Havia dois homens bronzados e musculosos suando debaixo do sol poente enquanto desenrolavam uma faixa de grama. Mathilde, de vestido branco, o cabelo platinado curto, o corpo esbelto, raios de sol atravessando as nuvens e homens musculosos reluzentes. Era insuportável. *Tableau vivant*.

Ele se sentou de repente. Uma umidade quente invadiu seus olhos: toda aquela beleza, todo o impacto de sua sorte. Então a dor veio à tona, feito um

submarino nuclear saindo das profundezas.

*

Ele acordou à sua hora habitual, 5h26, despertando de um sonho em que estava numa banheira pouco maior que seu corpo, cheia de cuscuz de tapioca. Por mais que tentasse, ele não conseguia sair dali de dentro. A dor o deixou enjoado, e seus gemidos acordaram Mathilde. Ela pairou sobre Lotto com seu hálito horrível, o cabelo fazendo cócegas no rosto dele.

Quando ela voltou trazendo uma bandeja com ovos mexidos, um bagel com cream cheese e cebolinha, café puro e um vaso com uma rosa coberta de orvalho, ele notou a expressão empolgada dela.

— Você gosta mais de mim como um inválido — disse ele.

— Pela primeira vez em nossa vida em comum, você não é nem um buraco negro de depressão nem um redemoinho de energia maniaca. Isso é bom. Talvez a gente até consiga assistir a um filme inteiro juntos agora que você está preso comigo. Talvez — falou ela, ofegante, corando [pobre Mathilde!] — possamos trabalhar juntos num romance ou coisa assim.

Ele tentou sorrir, mas, da noite para o dia o mundo mudara, e a transparência dela estava parecendo anêmica, não mais feita de açúcar e manteiga clarificada. Os ovos estavam gordurosos, o café, forte demais, e até a rosa do jardim de sua mulher exalava um odor que o deixava saturado e o desagradava.

— Ou não — acrescentou ela. — Foi só uma ideia.

— Desculpe, meu amor — disse ele. — Acho que perdi o apetite.

Ela deu um beijo na testa dele, depois encostou sua bochecha fria ali.

— Você está quente. Vou te dar um dos seus comprimidos mágicos.

Lotto teve que controlar sua impaciência enquanto ela se atrapalhava com a água, a tampa da garrafa, o algodão e o comprimido que gloriosamente se dissolveu na língua dele.

*

Ela foi até a rede do lado de fora, onde Lotto contemplava sombriamente, embora o sol trepidasse e brincasse nas folhas lustrosas e a piscina sugasse com suas calhas. Três copos de uma garrafa de bourbon; já passava das quatro, mas quem se importava? Ele não tinha para onde ir; não tinha o que fazer; estava profundamente deprimido, tristíssimo, estilhaçado em cacos. Colocara para tocar *Stabat Mater*, de Pergolesi, e a música saía às alturas dos alto-falantes especiais na sala de jantar chegando até ele na rede.

Ele queria ligar para a mãe, deixar que a doce voz dela o envolvesse, mas, em vez disso, assistiu a um documentário sobre Krakatoa no seu laptop. Depois ficou imaginando como o mundo ficaria se fosse tomado por cinzas vulcânicas. Como se uma criança louca tivesse rabiscado de preto e cinza toda a paisagem: os rios ficariam oleosos, as árvores pareceriam esponjas de cinza e a vegetação

se tonaria uma maré de óleo cintilante. Uma imagem de Hades. Campos de punição, gritos no meio da noite, Campos de Asfódelos. Os mortos chacoalhando os ossos.

Deleitando-se com o horror, ele estava. Com sua infelicidade de estar quebrado. Não deixava de haver certa volúpia nisso.

— Amor — começou a esposa, com delicadeza. — Trouxe chá gelado para você.

— Nada de chá gelado — respondeu ele, mas, para sua surpresa, sua língua também não estava funcionando tão bem quanto deveria. Estava grossa. Ele envesgou os olhos como se quisesse olhar para a própria língua, depois disse: — Faça chuva ou faça sol, estaremos juntos, quer a gente goste ou não.

— Pura verdade — disse Mathilde.

E então Lotto notou que ela estava usando aquela saia azul antiga, sua roupa hippie de um milhão de anos quando eles ainda eram novidade um para o outro e transavam quatro vezes por dia. Sua querida esposa, Mathilde, continuava atraente. Ela subiu na rede com cuidado, mas o movimento ainda fazia um milhão de presas atacarem fundo seus ossos quebrados, e ele gemeu, mas reprimiu um grito, e ainda mal conseguia enxergar quando ela tirou a camiseta e levantou a saia até a cintura. Um estímulo de interesse em seu corpo sempre interessado. Mas ele foi novamente esmagado pela dor. Ela tentou persuadi-lo, mas não adiantou.

Mathilde desistiu.

— Você deve ter quebrado o osso do pinto também — brincou ela.

Ele fez tudo o que podia para evitar jogá-la para fora da rede.

*

A PBS exibiu um fascinante programa especial sobre buracos negros, que têm sucção e atração tão fortes que podem engolir a luz. A luz! Lotto tomou um grande gole da sua bebida enquanto assistia; ficou na dele. Havia problemas no ensaio; eles precisavam dele, disseram. Fizeram uma apresentação problemática de *As Nascentes* em Boston e uma boa temporada de *Paredes, Teto, Piso* em Saint Louis. Geralmente ele comparecia toda vez que era convidado, e, no entanto, não conseguia sair daquele chalé no meio de milharais e vacas. *Precisavam* de Lancelot Satterwhite. E Lancelot Satterwhite não estava presente. Ele *nunca* tinha deixado de estar presente. Poderia até já estar morto.

Ouviu um *ploc ploc* na biblioteca. Havia um cavalo em casa? Mas não, era Mathilde entrando com seus sapatos de ciclismo, usando aquela calça acolchoada na bunda, ridícula. Ela resplandecia saúde e suor. Fedia a cê-cê e alho.

— Amor — chamou ela, levando embora o copo dele e desligando a televisão. — Você já bebeu quatro garrafas de Blanton's em duas semanas. Chega de ver documentários sobre catástrofes. Você precisa fazer alguma coisa para ocupar seu tempo.

Ele suspirou e esfregou o rosto com sua mão boa.

— Escreva alguma coisa — ordenou ela.

— Não estou inspirado — retrucou ele.

— Escreva um ensaio.

— Ensaio é para os bocós.

— Escreva uma peça sobre como você odeia o mundo — sugeriu ela.

— Eu não odeio o mundo. O mundo me odeia — afirmou ele.

— Mimi. — Ela riu.

Ela não podia saber, pensou ele. Não desconte nela. Peças não surgem do nada. É preciso estar preenchido com um tipo de urgência para fazer direito. Ele deu um sorriso pesaroso e tomou um gole da garrafa.

— Você está bebendo porque está triste ou está bebendo para me mostrar como está triste? — perguntou Mathilde.

Acertou em cheio. Ele riu e disse: — Víbora.

— Falstaff. Você está até engordando. Toda aquela correria para nada. E achei que a gente tinha banido isso definitivamente. Qual é, garoto, reaja, pare de beber, erga a cabeça.

— Para você é fácil falar — disse ele. — Está vendendo saúde. Pratica duas horas de exercício por dia! Eu fico sem fôlego só de sair da rede. Então, até que meus ossos ignorantes se calcifiquem e recuperem a solidez, vou exercer meu direito à intoxicação, ao mau humor e à distração.

— Uma festa de Quatro de Julho, então.

— Não.

— Isso não foi uma pergunta — afirmou ela.

E aí, como que num passe de mágica, lá estava ele três dias depois entre kebabs e velas sparklers multicoloridas acesas em mãos infantis que mais pareciam patinhas, enquanto as crianças corriam pela área enorme que a própria Mathilde aparara com seu cortador de grama barulhento. Não havia nada que aquela mulher miraculosa não pudesse fazer, pensou Lotto, depois concluiu que o cheiro de grama cortada era o grito olfativo da vegetação.

Havia um barril de cerveja inteiro, espigas de milho, salsicha vegetariana e melancia, e Mathilde num vestido claro bem decotado, muito mais que bonita, aninhando a cabeça embaixo do queixo do marido e beijando o pescoço dele, de modo que Lotto passou a noite inteira com uma marca de batom vermelho feito uma ferida ali.

Todos os seus amigos perambulavam no crepúsculo, à noite. Chollie estava com Danica. Susannah parecendo um fogo de artifício num vestido vermelho e sua nova namorada, Zora, jovem, negra, com penteado afro lindo de morrer, se beijando embaixo do salgueiro-chorão. Samuel com a mulher e os trigêmeos, que davam os primeiros passos por ali carregando cascas de melancia nas mãos, e Arnie com sua mais nova funcionária adolescente do bar, Xanthippe, que era

quase tão maravilhosa quanto Mathilde fora no apogeu, de cabelo preto e um vestido amarelo tão curto que sem dúvida as crianças conseguiam ver sua calcinha e sua virilha úmida. Lotto pensou em se jogar na grama para dar uma olhada também, mas esse movimento lhe causaria uma dor tremenda, então ele permaneceu em pé.

Os fogos de artifício estourando no céu como pústulas, a festa ressoava. [Pessoas condenadas celebram a paz com bombas no céu.] Lotto imaginou-se observando a si mesmo de longe, interpretando sua própria versão enrijecida de um palhaço jocoso. Estava com uma dor de cabeça horrível.

Entrou no banheiro, e as lâmpadas claras, a visão das próprias bochechas coradas e das talas infláveis lhe deixou atordoado. Então ele desmanchou seu sorriso e observou a máscara triste que sobrou. Estava no meio da viagem da vida. Disse em voz baixa: — *Nel mezzo del cammin di nostra vita, mi ritrovai per una selva oscura, ché la diritta via era smarrita.*

Ele era ridículo. Lúgubre e pretensioso ao mesmo tempo. Lugensioso. Pretúgubre. Cutucou a barriga do tamanho de um bebê de seis meses grudado em seu tronco. Quando Chollie o vira, perguntara “Você está bem, cara? Parece que engordou um pouco”.

“Olá, Roto”, cumprimentou Lancelot. “E você parece acabado.” O que era verdade, pois a barriga de Chollie forçava os botões da sua camisa de quatrocentos dólares. Mas também o amigo nunca tinha sido um garoto bonito. A queda de Lotto fora de muito mais alto. Danica, toda chique com seu vestido de grife de um ombro só, comprado com o dinheiro de Chollie, dissera: “Deixe ele, Choll. O homem está quebrado da cabeça ao dedo do pé. Se tem alguma hora na vida de um homem em que ele começa a engordar, é essa.”

Ele não suportava a ideia de ter que voltar lá para fora, Lancelot decidiu, para ver aquelas pessoas que às vezes tinha certeza de que detestava. Então foi para o seu quarto, se despiu como pôde e se deitou na cama.

Estava numa antessala escura do sono quando a porta se abriu, a luz forte do corredor acordando-o, depois se fechou, e no quarto havia outro corpo, que não era o dele. Ficou aguardando, em pânico. Mal conseguia se mexer! Se alguém subisse na cama para violentá-lo, ele não poderia fugir! Mas o seja lá quem fosse eram dois, e não estavam interessados na cama porque ele ouviu risos baixos, alguns sussurros e o farfalhar de um tecido, e começaram a bater ritmadamente na porta do banheiro. Um barulho sincopado acompanhado de alguns surpreendentes uhs percussivos.

Aquela porta estava realmente chacoalhando, pensou Lancelot. Ele devia apertar a maçaneta no dia seguinte.

Então pensou, uma facada de dor no coração, que antigamente teria sido ele a levar uma garota para o quarto para comê-la, e teria sido de um jeito muito, muito melhor do que como aquela menina estava sendo comida, coitada, embora

ela parecesse estar curtindo. Mesmo assim, havia certa falsidade nos gemidos dela. Antes, inclusive, ele teria se levantado e transformado o acontecimento em uma orgia, aderindo de forma tão natural que até pareceria que ele tinha sido convidado. Agora ele estava preso naquela carapaça de ossos quebrados, criticando a performance dos outros, lento como um caranguejo. Contando com a segurança do escuro, imitou a expressão carrancuda de um caranguejo de bigode, estalando as garras com a sua mão boa.

A garota disse:

— *Aaaaaaah!*

E o cara disse:

— *Uuuuuh!*

Houve mais risadas abafadas.

— Ai, nossa, eu precisava disso — sussurrou o homem. — Essas festas são um porre quando as pessoas trazem os filhos.

— Eu sei — disse ela. — Coitado do Lotto, com uma vontade no rosto vendo aqueles bebês. E Mathilde está ficando feia de tão magra. Se continuar assim, vai se tornar uma bruxa velha. Sei lá, mas, tipo, acho que botox não existe à toa.

— Nunca entendi por que achavam que ela era gostosa. Só loura, alta e magra, mas nunca foi bonita — comentou ele. — E desse assunto eu entendo.

Som de carne levando um tapa. Bunda?, Lotto se perguntou. [Coxa.]

— Ela tem uma aparência interessante. Lembra como isso era importante no início dos anos noventa? Nós todas morriamos de inveja. Lembra que Lotto e Mathilde viveram a maior história de amor de todos os tempos? E as festas deles! Nossa! Eu me sinto um pouco mal pelos dois agora.

A porta se abriu e surgiu uma cabeça cor de abóbora, quase careca. Ahá, Arnie. Acompanhado por uma mulher ossuda com um ombro de fora. Danica. Caso antigo revisitado. Pobre Chollie. Lotto ficou mal ao perceber como o casamento podia significar tão pouco para algumas pessoas.

Exausto, exausto, extremamente enjoado, Lancelot se levantou e se vestiu. Aquelas pessoas podiam trepar como coelhos até morrerem de exaustão, mas ele não permitiria que elas falassem mal de Mathilde e dele. Era terrível inspirar pena naqueles dois insignificantes. Insignificantes adúlteros. Pior ainda.

Ele desceu de novo, ficou em pé na porta com sua esposa e se despediu animadamente dos amigos, os filhos desmaiados no colo dos pais, os adultos bêbados sendo levados de carro por outra pessoa, e os que só estavam de pilequinho saíram dirigindo o próprio carro. Lotto jogou tanto charme extra para cima de Arnie e Danica que os dois coraram e voltaram a flertar timidamente, Danica enganchando os dedos na alça do cinto dele quando lhe deu um beijo de boa-noite.

— Sozinhos outra vez — disse Mathilde, observando os últimos faróis traseiros dos carros se afastarem. — Teve uma hora que achei que tínhamos

perdido você. E aí eu saberia que estávamos realmente mal. Lotto Satterwhite perdendo uma festa de propósito é o mesmo que Lotto Satterwhite cortando uma perna.

— Na verdade, eu apenas forcei o riso — disse ele — em desprazer.

Ela se virou para o marido, com os olhos semicerrados. Deixou o vestido cair dos ombros e ir parar no chão. Não estava usando nada por baixo.

— Eu me despi.

— Não desaponta — disse ele.

— Querido, me desbrave.

— Desejo atendido — disse ele.

Porém, para o desgosto dela, ele parecia desabar de cansaço, um desastre.

*

E então uma queda rápida. Todas as coisas haviam perdido o sabor. Ele tirou os gessos, mas o lado esquerdo do seu corpo estava flácido, cor-de-rosa e com a mesma textura de um talharim cozido demais. Mathilde ficou olhando para ele nu na sua frente. Ela fechou um olho.

— Semideus — disse. Depois fechou o outro. — Paspalho.

Ele riu, mas sua vaidade fora atingida em cheio. Ele ainda estava muito fraco para ir para casa na cidade. Ansiava por poluição, barulho, luz.

As coisas que ele descobrira na internet tinham perdido a graça. Afinal de contas, havia apenas um número limitado de vídeos de bebês fofos ou de gatos caindo de lugares altos. O próprio esplendor do sol agora não passava de uma mancha! E a beleza de sua mulher, antes tão inquestionável, era irritável, tinha enfraquecido. Que coxas ela tinha, parecendo *jamonesserranos*: salgadas e excessivamente firmes. Sob a luz da manhã, parecia que suas rugas faciais tinham sido riscadas com muita força pela mão de alguém. Seus lábios haviam afinado, seus caninos superiores ficaram surpreendentemente longos e batiam nas bordas de canecas, nas colheres de sopa, o que lhe dava arrepios. E ela estava sempre rondando! Soprando nele seu hálito de impaciência! Ele começou a ficar na cama mesmo depois da hora de acordar, esperando Mathilde sair para correr, ir para a aula de ioga ou passear de bicicleta pelo campo, para que pudesse voltar a dormir.

Era quase meio-dia. Manteve seu corpo imóvel, ouvindo Mathilde se aproximar de mansinho da porta do quarto. Depois a colcha foi erguida, e algo macio e peludo subiu em Lotto e o lambeu do queixo ao nariz.

Ele estava rindo quando viu um rosto doce, que mais parecia um protetor de ouvidos com olhos e orelhas triangulares de feltro.

— Ah, oi — disse ele para o filhote de cachorro. Então olhou para Mathilde, e não conseguiu se conter: havia lágrimas em seus olhos. — Obrigado.

— É uma shiba inu — informou Mathilde, indo se sentar ao seu lado. — Qual nome você quer dar a ela?

Cão, ele quis dizer. Sempre quisera chamar um cachorro de Cão. Era autoexplicativo. Era engraçado.

Porém, de uma forma estranha e emocionante, em vez disso acabou dizendo *Deus*.

— Deus. Prazer em conhecê-la, Deus — disse ela. Em seguida, pegou a cachorrinha e a encarou. — Essa é a epistemologia mais racional que já ouvi.

*

Poucas coisas um filhote de cachorro não é capaz de consertar, ainda que o conserto dure pouco. Lotto passou uma semana inteira praticamente feliz outra vez. Ele sentia enorme alegria quando Deus ganhava de fome e tirava cada bolinha de ração da tigela para comer em cima do pé de Lotto. O jeito afilto que a cachorrinha se agachava, trazendo as patas traseiras para a frente e levantando o rabo, deixando exposto o buraquinho do cu, que se abria e dilatava, e ela ainda apertava os olhos, como se estivesse refletindo feito um filósofo, enquanto fazia cocô. Como ela se sentava quietinha e roía as barras da calça de Lotto, enquanto ele sonhava deitado de costas numa manta estendida na grama. Como surgia uma coisa fofa na mão tão logo gritava “Deus!”, o que parecia a primeira imprecação que já dissera na vida, mas não era, pois não passava de um nome próprio. Ele era recompensado com um sentimento de felicidade quando os dentinhos finos dela perfuravam seu polegar. Até mesmo o ganido estridente que a cadela dava ao se enroscar na coleira ou ficar presa no cesto onde dormia o fazia rir.

Ele não se desapaixonou pelo cão, per se; as coisas simplesmente perdiam o brilho com desgaste diário. Deus não tinha como superar a distância entre a vida de eremita de um homem debilitado e a vida que Lotto desejava levar outra vez na cidade, repleta de entrevistas, jantares e situações em que era reconhecido no metrô. Não havia como ela regenerar os ossos mais depressa. A linguinha da cadela não podia estancar todas as feridas. Os cães, sem o dom da fala, podem ser apenas espelhos de seus humanos. Não é culpa deles se seus donos têm graves defeitos.

Uma semana depois, ele voltou a ficar deprimido. Os pensamentos não eram sérios quando ele se imaginava preparando um suflê com o veneno de rato que Mathilde guardava no jardim ou pegando o volante das mãos da esposa quando ela o deixava acompanhá-la até o mercado, dando uma guinada para o lado do despenhadeiro em que ficavam as árvores. Não eram sérios, porém estavam vindo à tona com cada vez mais frequência até ele ficar cheio de ideias sinistras. Estava afundando de novo.

*

E então era seu aniversário, o quarentão, e ele teria preferido dormir o dia inteiro, mas acordou com Deus saindo de cima do baú onde dormia e descendo a escada para encontrar Mathilde, que estava acordada desde antes do amanhecer

tentando não fazer barulho na cozinha. A porta dos fundos foi aberta, depois fechada. Logo Mathilde estava no quarto, tirando o melhor terno de Lotto do armário.

— Chuveiro — ordenou ela. — Vista isso. Não reclame. Tenho uma surpresa.

Ele vestiu, mas ficou desconfortável, o cós tão apertado que poderia ser uma cinta. Ela o enfiou no carro e os dois partiram atravessando o orvalho ainda fraco, iluminado pelo raiar do dia. Ela lhe entregou um muffin quente de ovo com recheio de um excelente queijo de cabra, tomates e manjerição da horta.

— Cadê Deus? — perguntou ele.

— Está em todo lugar — respondeu ela beatificamente, fazendo um grande movimento com os braços.

— Ha ha ha — disse ele.

— Sua cachorrinha está com a filha do vizinho e vai voltar para nós de banho tomado, mimada e com lacinhos cor-de-rosa nas orelhas. Relaxe.

Ele se acomodou e deixou a paisagem envolvê-lo. Aquele campo, livre de gente, combinava totalmente com seu estado de espírito. Ele cochilou e acordou já no estacionamento. Era uma bela manhã iluminada e ali havia um lago calmo e algo que parecia um celeiro marrom ao longe. Sua esposa carregou a cesta de piquenique para a beira do lago embaixo de um salgueiro-chorão tão velho que já não chorava, limitava-se a suportar seu destino de forma tranquila demais. Ovos cozidos recheados, champanhe, terrine de legumes, a foccacia de Mathilde, queijo Manchego e reluzentes cerejas vermelhas colhidas no pomar deles. Além de dois pequenos cupcakes com recheio de chocolate e cream cheese, o dele com uma vela que ela acendeu.

Ele a apagou, desejando uma coisa inexprimível. Algo melhor, mais digno dele.

Alguém contornou o prédio tocando uma sineta, e Mathilde guardou as coisas devagar. Ele usou a mulher como bengala ao atravessar o campo cheio de restolho e ratos-do-campo, e ir para a ópera.

Estava frio lá dentro, e em volta deles havia uma infinidade de cabeças com cabelo branco.

— Cuidado — sussurrou Mathilde em seu ouvido. — Geriatrismo. É contagioso, mortal. Não respire muito fundo.

Ele riu pela primeira vez em semanas, ou ao menos foi como se sentiu.

Os longos e suaves não acordes da afinação das cordas. Ele se deu conta de que poderia passar horas ouvindo essa não música antecipatória e sair desse lugar se sentindo reabastecido.

As laterais deslizantes do teatro começaram a se fechar contra o dia, o burburinho se aquietou, e a regente apareceu e ergueu os braços. Abaixou-os para dar lugar a uma ressurgência... de quê? Não era de música exatamente.

Som. Adstringente, estranho, selvagem; no entanto, se decompunha lentamente da cacofonia se transformando num tipo de melodia. Ele se inclinou à frente e fechou os olhos, sentindo o mofo que crescera dentro de si durante essas semanas ser limpo aos poucos pelo som.

A ópera se chamava *Nero*. Era uma história de Roma em chamas, mas o incêndio ocorria nos bastidores, e não se tratava de Nero, o imperador, mas de um Nero doppelgänger, o Nero responsável pelas adegas, que poderia ser o irmão gêmeo do imperador, que morava no palácio embaixo do rei. Era menos uma história do que uma importante personalidade emergindo das profundezas. Era mais uma súbita onda audível do que uma narrativa. Deixou a cabeça de Lancelot girando. A verdadeira identificação provoca isso. Atordoa.

No intervalo, ele se virou para sua mulher, que sorriu como se estivesse se esforçando para vê-lo de um lugar mais alto. Vigilante, aguardando. Ele sussurrou: — Ah, M., fiquei até sem ar.

*

No pátio lá fora, impressionados com a claridade, o vento fresco e agradável entre os álamos. Mathilde buscou água com gás para eles. Uma mulher sozinha na mesa de uma cafeteria o reconheceu: isso estava acontecendo com cada vez mais frequência. Ele memorizava uma taxonomia geral de rostos e normalmente conseguia identificar as pessoas num segundo. Mas não essa mulher. Ela riu e lhe garantiu que não o conhecia, apenas lera o perfil dele na *Esquire*.

— Que bom — comentou Mathilde, quando a mulher foi para o toalete. — Uma baba-ovo de famosos.

Claro, aquela era o pessoal dele, o pessoal do teatro. Era de se esperar que algumas daquelas pessoas soubessem algo sobre ele, mas mesmo assim a tietagem da mulher alimentara algo ávido dentro dele.

Fumaça de aviões no céu claro. Algo começava a rebentar dentro dele. Uma rebentação positiva; não era, dessa vez, osso.

No segundo ato, a história era ainda mais incidental, um poema sonoro. Dançarinos surgiram com cordas para encarnar o fogo. Ao sentir um esguicho quente e metálico na língua, ele se deu conta de que tinha mordido o lábio.

Cortina. *Fin*.

Mathilde tocou o rosto dele com suas mãos frias.

— Ah — disse ela. — Você está chorando.

*

Durante quase todo o caminho de volta para casa, ele ficou com os olhos fechados, não porque não quisesse ver sua esposa ou o tom verde-azul-dourado do dia, apenas não conseguia suportar o fato de deixar a ópera.

Quando os abriu, Mathilde parecia desanimada. Ele não conseguia se lembrar da última vez que a vira sem um sorriso no rosto. A luz do dia lhe

permitia ver os vincos ao lado dos olhos e do nariz dela, finos cabelos grisalhos arrepiados com a estática em volta de sua cabeça.

— Madonna Medieval — disse ele. — Em guache. Coroada com uma folha de ouro. Obrigado.

— Feliz aniversário, amigo do meu coração — disse ela.

— Foi feliz. Está sendo. Aquela ópera me transformou.

— Achei que faria isso. Que bom que deu certo. Você estava ficando um pouco chato.

Espetaculares explosões de laranja enquanto o sol se consumia em chamas. Eles assistiram da varanda com mais uma garrafa de champanhe. Lotto pegou Deus no colo e deu um beijo no cocuruto da cadela. Ficou com vontade de dançar, então entrou e colocou Radiohead para tocar. Depois usou o lado forte do corpo para tirar Mathilde da cadeira e puxá-la para si.

— Deixe-me adivinhar — disse a mulher, com a cabeça apoiada no ombro dele. — Agora você quer escrever uma ópera.

— Isso — confirmou ele, sentindo o perfume dela.

— Ambição nunca lhe faltou — afirmou ela, e riu, mas foi um som triste, que ecoou na laje e no voo dos morcegos lá no alto.

*

As horas que antes ele passaria se lamentando, assistindo à narração de cenas de destruição ou de gente nua corada e suando de tanto se exercitar, deram lugar a um frenesi de pesquisas. Ele passou uma noite inteira lendo tudo o que encontrou sobre o compositor.

Um tal de Leo Sen. Sen, cognome hindu, derivado do sânscrito para *exército*, concedido àqueles que realizavam uma façanha digna de respeito. Morava na Nova Escócia. Era um artista com uma carreira bem recente, tendo suas composições interpretadas fazia só cerca de seis anos, muito jovem. Difícil dizer, porque não havia imagens de Leo Sen na internet, só um currículo de dois anos atrás e alguns elogios ao seu trabalho. O *New York Times* o considerava um empolgante compositor estrangeiro. Na *Opera News* tinha uma descrição de dois parágrafos de uma obra intitulada *Paracelsus*. Havia alguns cliques de áudio de uma peça ainda não finalizada no site amador de alguém, mas eram de 2004, e isso fazia tanto tempo que era possível ser um trabalho de sua época como estudante. Na medida em que é possível ser um fantasma na internet, Leo Sen se transformara em um.

Um gênio eremita, imaginou Lancelot. Monomaniaco, olhar agitado, enlouquecido pelo próprio brilhantismo, ou, não, só um semiautista. Barbudo. De tanga. Socialmente incompetente. De essência selvagem.

Lancelot mandou e-mail para praticamente todos os seus colegas a fim de descobrir se alguém o conhecia. Nenhuma alma.

Mandou e-mail para a diretora do festival de ópera no campo para ver se

ela poderia lhe passar o contato dele.

Extrato da resposta dela: O que a gente ganha com isso?

Extrato da dele: Preferência numa possível colaboração?

Extrato da dela: Você tem minha bênção. Segue o contato.

*

Setembro? Já? As folhas caíam das árvores. Surgiu uma subcamada de pelo fofo em Deus. Lancelot ainda mancava, puxando um pouco sua perna fraca ao andar. Seu narcisismo era tão vasto que parecia que o próprio mundo hesitava e cambaleava para imitar seu corpo.

Eles tinham voltado a passar a semana na cidade e apenas o fim de semana na casa de campo. À noite, toda noite, Lotto escrevia um breve e-mail para Leo Sen. Nada de resposta ainda.

Mathilde estava cautelosa, atenta. Quando o marido finalmente ia para a cama, mesmo dormindo ela se virava para ele, agarrando-o, logo ela que nunca gostava de ser tocada enquanto dormia. Ele acordava com o cabelo dela na boca, o braço de alguma forma dormente até se sentar e sentir o sangue voltar a percorrer dolorosamente seu corpo.

Até que um dia, no início de outubro, com um frio novo no ar, ele conseguiu falar com Leo Sen pelo telefone. A voz era diferente do que Lotto estava esperando. Era suave e hesitante, com um sotaque britânico, o que lhe surpreendeu a princípio. Mas, pensando bem, a Índia havia sido colonizada, e a classe culta certamente reproduziria de forma refinada as entonações da BBC. Isso era racista? Ele não tinha certeza.

— Você disse Lancelot Satterwhite? — perguntou Leo Sen. — Estou até emocionado.

— A emoção é toda minha — disse Lancelot, alto demais devido ao seu constrangimento.

Ele imaginara isso tantas vezes que chegava a ser estranho ouvir aquela voz suave e escutar, primeiramente, que era admirado. Imaginava que Leo Sen se isolasse em sua genialidade, que fosse avesso à convivência. Leo Sen explicou: não havia internet na ilha onde morava, e o telefone só funcionava quando havia alguém por perto para atender. Era uma comunidade intencional. Dedicada a um humilde trabalho rotineiro e à reflexão.

— Parece um mosteiro — disse Lancelot.

— Ou um convento — comentou Leo. — Às vezes é o que parece.

Lancelot riu. Ah! Leo tinha senso de humor, que alívio. De tão contente, Lancelot começou a descrever sua reação à obra de Leo na ópera a que assistiu no verão, como ela mexeu com algo dentro dele. Ele usou a palavra ótima e as expressões *mudança radical* e *sui generis*.

— Estou muito feliz — falou Leo Sen.

— Eu faria quase qualquer coisa para escrever uma ópera em colaboração

com você — revelou Lancelot.

O silêncio que se seguiu foi tão longo que ele quase desligou, derrotado. Bem, boa tentativa, Lancelot, mas isso não estava escrito nas estrelas, algumas coisas não dão certo, erga a cabeça e dê a volta por cima. Bola para a frente, cara.

— Claro — respondeu Leo Sen. — Sim, claro.

Antes de desligarem, os dois concordaram em fazer uma residência de três semanas em novembro numa colônia de artistas. Deviam um favor a Lancelot, e ele achou que por isso conseguiriam ser aceitos. Pelo menos no primeiro dia, Leo teria que terminar a encomenda de um quarteto de cordas, mas eles já poderiam começar a pensar, discutir coisas. Depois trabalhariam de forma interminável e incessante pelas três semanas seguintes, até terem algumas ideias, talvez inclusive rascunhassem um libreto.

— O que acha? — perguntou Leo do outro lado da linha. — Na verdade, a parte de criar um conceito é a mais difícil para mim.

Lancelot olhou para o quadro de avisos em seu escritório, onde pregara pelo menos cem, mil ideias.

— Acho que a parte do conceito não será um problema para nós.

*

De manhã, Mathilde saiu zunindo para percorrer cento e trinta quilômetros de bicicleta. Lancelot tirou a roupa e se olhou no espelho. Ah, a meia-idade, que horror. Ele estava acostumado a ter que procurar pela beleza perdida no rosto, mas não no seu corpo, que fora alto e forte a vida inteira. Porém atualmente havia rugas na pele do seu escroto, um rodaminho grisalho nos pelos do seu peito, uma papada fetal. Basta um ponto fraco para a morte se infiltrar. Ele virou para um lado e para outro até encontrar um ângulo que o deixasse com a mesma aparência que tinha antes daquele voo improvisado escada abaixo na primavera.

Por cima do ombro, viu Deus na cama, observando-o com o queixo apoiado nas patas.

Lotto piscou. Abriu um sorriso brilhante para o Lancelot que viu no espelho, dando uma piscadela, balançando afirmativamente a cabeça e assobiando entre os dentes enquanto tornava a se vestir, até espanando uma poeira imaginária dos ombros do suéter, pegando os comprimidos, dando um grunhido satisfeito antes de sair depressa como se tivesse se lembrado de uma tarefa urgente.

*

Então chegou o mês de novembro, e eles percorriam em alta velocidade os campos que iam ficando cinzentos, atravessaram Hudson e entraram em Vermont, New Hampshire. Um silêncio no ar e uma grande energia concentrada ali.

Durante suas preparações febris, Lancelot perdera cinco quilos. Passara horas na bicicleta ergométrica, porque só o movimento conseguia fazê-lo pensar.

No momento, sacudia os joelhos ao som de alguma música inaudível para Mathilde, que dirigia.

— Reduzi as ideias a cinco, M. — contou ele. — Ouça isso. Nova versão de “O Colar”, de Maupassant. Ou da “Pequena Sereia”, mas o oposto da Disney. No estilo de Andersen, só que com ainda mais estranheza. Ou as provações de Jó, mas de um jeito maluco, com piadas sombrias. Ou o entrelaçamento de histórias de soldados no Afeganistão que, juntas, formam uma trama mais longa, como *Crônica de Uma Morte Anunciada*. Ou *O Som e a Fúria* em forma de ópera.

Mathilde mordeu o lábio inferior com os longos caninos e olhou só para a estrada.

— Maluco? — questionou. — Piadas sombrias? As pessoas não atrelam muito ópera a humor. Esperam ver mulheres gordas, solenidade, donzelas do Reno, mulheres se matando pelo amor de um homem bom.

— A ópera tem uma longa tradição de humor. Ópera-bufa, que costumava ser o principal entretenimento das massas. Seria bom democratizá-la outra vez, torná-la uma diversão popular, de forma que até o carteiro cante enquanto entrega as correspondências. Ele parece estar escondendo uma linda voz sob aquele uniformezinho azul.

— Sim, mas você é conhecido pelo seu lirismo — argumentou ela. — Você é sério, Lotto. Exuberante, às vezes, mas não engraçado.

— Você não me acha engraçado?

— *Eu* acho você hilário. Mas acho que sua obra não é muito engraçada.

— Nem mesmo *Gacy*? — perguntou ele.

— *Gacy* era sinistra. Irônica. Cômica de um jeito triste. Não engraçada em si.

— Você acha que eu não consigo ser engraçado? — indagou ele.

— Acho que você consegue ser sinistro, irônico e cômico de um jeito triste — disse ela. — Com certeza.

— Maravilha. Vou provar que você está errada. Enfim, o que achou das minhas ideias?

Ela fez uma careta e deu de ombros.

— Ah — disse ele. — Não gostou de nenhuma.

— Muita coisa reaproveitada.

— Mas não a do Afeganistão.

— Não — concordou Mathilde. — Verdade. Essa é a única ideia boa. Mas talvez esteja muito na cara. Muito óbvia. Faça algo mais alegórico.

— Cuidado com o que fala, bruxa-esposa — disse ele.

Mathilde riu.

— Talvez, no fim das contas, isso seja uma coisa com a qual vocês dois tenham que concordar. Você e esse seu Leo Sen.

— Leo. Eu me sinto como um adolescente de smoking e gravata-borboleta a

caminho do baile de inverno — disse ele.

— Bem, meu amor, é assim que as pessoas às vezes se sentem quando conhecem você — disse Matilde de forma muito, muito gentil.

O chalé dele era pequeno, de pedra, com uma lareira e não muito distante da casa principal onde seriam servidos o jantar e o café da manhã. Pela primeira vez, ele se preocupou com a neve, com a possibilidade de cair por causa da sua perna ainda frágil. Havia uma mesa, uma cadeira e uma cama de tamanho normal, o que significava que suas pernas penderiam para fora da cama na altura das canelas.

Mathilde se sentou na beirada da cama e quicou. A estrutura guinchou como um rato. Lancelot se sentou ao lado da mulher e quicou no mesmo ritmo que ela. Colocou a mão em sua perna e, a cada pulo, a fez subir mais pela coxa, até estar roçando sua virilha com o dedo, então o enfiou embaixo do elástico, encontrando uma suculência prévia. Mathilde se levantou, e ele parou de quicar. Sem se dar o trabalho de fechar as cortinas, ela afastou a calcinha para o lado e montou nele. Lotto enfiou a cabeça por dentro da camisa dela, curtindo a escuridão agradável dali.

— Olá, partes íntimas — cumprimentou ela, provocando a extremidade dele. — Atenção.

— Três semanas — disse ele, quando ela colocou para dentro. Mathilde mexia o quadril como uma vaqueira. — Muito tempo sem alívio.

— Não para mim. Comprei um vibrador — contou ela, ofegante. — Dei o nome de Lancelotinho.

Mas talvez essa não tenha sido a coisa certa a dizer, porque ele se sentiu pressionado e teve que colocá-la de quatro para terminar. A pontuação final foi um orgasmozinho sem graça que o deixou descontente.

Ela chamou do banheiro, onde estava se ensaboando com água da pia.

— Estou aflita por deixar você aqui. Da última vez que você ficou longe de mim por um tempo, voltou quebrado. — Ela se virou para o marido e apertou as bochechas dele. — Meu velho excêntrico, achando que podia voar.

— Dessa vez, só minhas palavras vão voar — disse ele solenemente.

Os dois caíram na gargalhada. Quase vinte anos juntos, e se o calor abrasante ficara morno, o humor era menos selvagem, porém mais fácil de sustentar.

— Terão mulheres brilhantes aqui, Lotto — disse ela hesitantemente. — E sei como você gosta de mulher. Ou gostava. No passado. Quer dizer, antes de mim.

Lancelot franziu o cenho. Ela nunca tinha sido ciumenta durante o relacionamento deles. Isso era indigno dela. Dele. Do casamento dos dois. Ele recuou um pouco.

— Ah, fala sério — disse Lotto, então ela deixou o assunto para lá e o beijou

intensamente.

— Se precisar de mim, eu venho. Estou a quatro horas de distância, mas chego aqui em três.

Depois ela saiu pela porta, indo embora dali.

*

Sozinho! A floresta, iluminada pelo crepúsculo, o observava pelas janelas. Eufórico, ele fez flexões porque ainda não estava na hora do jantar. Tirou da mala os cadernos e as canetas. Saiu para a rua em volta do chalé, arrancou uma samambaia pela raiz, a plantou numa caneca azul-marinho com bolinhas brancas e a colocou no console da lareira, embora os cantos da planta já estivessem enrolando por causa do calor inesperado do interior da casa. Quando o sino do jantar tocou, ele seguiu mancando pela estrada de terra sombria e passou pelo campo que tinha a estátua de um cervo. Ou não, talvez fosse um cervo de verdade e bastante flexível. Passou pelo monte de feno transformado em galinheiro cercado por plantações de framboesa, passou pelo jardim repleto de abóboras brilhando à meia-luz, pelos pés crescidos de couve-de-bruxelas, para chegar na sede da fazenda, de onde emanava um cheiro delicioso de comida.

As duas mesas já estavam servidas, e ele ficou parado na porta de vidro até alguém acenar para ele e tocar em uma cadeira vazia. Lotto se sentou e a mesa inteira se virou na sua direção, piscando depressa, como se uma luz reluzente tivesse se acendido.

As pessoas ali eram muito bonitas! Ele não sabia por que tinha ficado tão nervoso. Uma famosa poeta de cabelo cacheado estava mostrando a todo mundo a casca de cigarra perfeita que tinha na palma da mão. Havia um casal alemão que podia ser gêmeo, usando óculos sem armação idênticos e um corte de cabelo que parecia ter sido feito com um gadanho enquanto eles dormiam. Um garoto de cabelo ruivo que mal parecia ter saído da faculdade, com o rubor súbito da timidez comprometedora: obviamente um poeta. Havia uma romancista, loura, atlética, nada mal, apesar da barriga de reprodutora e das olheiras arroxeadas. Nem se comparava a Mathilde, mas era jovem o bastante para ser o tipo de pessoa que a deixaria preocupada. Ela tinha, sim, encantadores antebraços brancos, como se cortados de uma madeira de espruce polida. Muito tempo atrás, quando achava toda mulher deslumbrante com sua beleza particular, os antebraços dela teriam chamado a atenção dele, e o jovem Lotto retornou por um instante, aquele cão de caça sensual em busca de uma nova orgia, a romancista de barriga redonda com estrias. Encantadora. Passou uma jarra de água para ela e afastou seu pensamento.

Uma cineasta afro-americana muito jovem observou Lancelot e disse: — Satterwhite? Acabei de me formar em Vassar. Havia um Prédio Satterwhite lá.

Lancelot fez uma careta e suspirou. Tinha sido um choque desagradável quando, na primavera passada, ele visitara sua alma mater para dar uma

palestra. O deão se levantara e, entre outros elogios à sua apresentação, mencionara que a família de Lancelot financiara o dormitório. Lotto fez as contas e se lembrou de que no fim de semana da sua formatura encontrara Sallie parada diante de um vasto buraco no chão, onde havia escavadeiras passando, com uma expressão séria e o vento balançando a saia em suas pernas magras. Ela enganchou o braço no dele e o afastou dali. Era verdade que Lotto só se candidatara para uma universidade e que a carta de aceitação aparentemente fora enviada para sua casa na Flórida. Ele nunca a vira. Se houvera alguma deslealdade, tinha o selo de Antoinette naquilo.

— Ah — disse Lotto à cineasta, que olhava para ele de um jeito estranho. Deve ter sido traído por sua expressão. — Nenhuma relação.

Luzes se acenderam na varanda: um guaxinim havia disparado o sensor. Quando apagaram, o céu estava duplamente azul-marinho. Eles passaram todo o salmão brilhante em seu leito de couve e limões, e ainda havia uma tigela de salada de quinoa.

Lancelot percebeu que não conseguia parar de falar. Empolgado demais por estar ali. Alguém lhe servira uma taça de vinho atrás da outra. Alguns artistas desapareceram quando a sobremesa foi servida, mas a maioria puxara a cadeira para a mesa dele. Ele contou a história de seu voo fatídico escada do avião abaixo; contou sobre um teste de elenco desastroso quando era ator, em que o mandaram tirar a blusa e ele se esquecera de que, no chuveiro, aquela manhã, Mathilde havia raspado os pelos do seu peito no formato de uma carinha.

— Eu tinha ouvido falar que você era uma figura — comentou a poeta, acima do *crème brûlée*, com a mão apoiada no braço dele. Ela rira tanto que seus olhos estavam lacrimejando. — Mas eu não fazia ideia do *quanto*.

Na outra mesa, se sentara uma mulher meio indiana de túnica, e Lancelot sentiu um frio na barriga: será que Leo era a abreviação de Leona? Algumas mulheres tinham vozes masculinas. Havia uma mecha branca no cabelo preto dela, o que parecia condizentemente excêntrico para o criador da ópera a que ele assistira no verão. Tinha mãos deslumbrantes, como uma corujinha. Mas a mulher se levantou de forma brusca, levou o prato e os talheres para a cozinha e saiu. Lotto engoliu em seco, amargurado. Ela não quisera conhecê-lo.

Depois foram para a sala principal, onde havia uma sinuca e uma mesa de pingue-pongue, e ele estava jogando. Apesar da bebida alcoólica, seus reflexos estavam rápidos: ficou satisfeito ao perceber que ainda tinha um quê de atleta, mesmo depois de ter passado o verão engessado. Alguém trouxe o uísque. Assim que ele parou, ofegante, sentindo pontadas no seu braço esquerdo mole, uma rodinha de artistas se formou ao seu redor. Automaticamente Lancelot passou a exibir seu charme.

— Como é seu nome? O que você faz? — perguntou a um de cada vez.

Artistas! Narcisistas! Alguns disfarçavam melhor que outros, mas pareciam

crianças paradas na beira do parquinho, chupando o dedo, observando os outros de olhos arregalados enquanto eram induzidos a brincar, um por um. Cada pessoa, quando convidada a falar, no fundo ficava aliviada por *alguém* ter notado sua importância ali. Que a pessoa mais importante na sala a tenha reconhecido como uma pessoa igualmente importante. Ainda que fosse um valor apenas em potencial. Ainda que só futuramente.

Porque, por mais que risse com tanta simpatia para os outros, Lancelot sabia que era o único artista de verdade ali.

Quando chegou sua vez, o inteligente e corado garoto de cabelo vermelho disse seu nome tão baixinho que Lancelot teve que se inclinar para a frente e pedir que ele repetisse. O menino olhou para ele com um lampejo de alguma coisa — teimosia ou divertimento — e disse: — Leo.

Lancelot mexeu a boca até que as palavras saíssem, por fim: — Você é Leo? Leo Sen? Leo Sen, o compositor?

— Em carne e osso — confirmou. — Prazer em conhecê-lo.

Como Lancelot ainda não conseguia falar, o garoto ruivo disse, friamente: — Estavam esperando um indiano, não é mesmo? Acontece muito. Meu pai é meio indiano e se parece com um. Mas os genes dele foram esmagados pelos da minha mãe. Por outro lado, minha irmã parece uma dessas atrizes de Bollywood, e ninguém consegue acreditar que somos parentes.

— Esse tempo todo você estava simplesmente *parado* aí? — exclamou Lancelot. — Me deixando fazer papel de bobó?

Leo deu de ombros e disse: — Eu estava achando graça. Queria ver como meu libretista era como pessoa.

— Desculpe-me, mas você não pode ser compositor. Está no jardim de infância — argumentou Lancelot.

— Tenho vinte e seis anos — disse Leo. — Já desfraldei.

Para alguém que corava com tanta frequência, suas palavras carregavam certa aspereza.

— Você não é nada parecido com o que eu esperava.

Leo piscou com força. Seu tom de voz ficou mais sério, zangado.

— Isso, acho eu, é uma coisa maravilhosa. Quem quer o que é esperado?

— Eu, não — disse Lancelot.

— Nem eu.

Ele fez uma pausa para observar Lotto e finalmente relaxou, dando um sorriso torto.

*

Tinha mãos capazes de empalmar uma bola de basquete, Leo Sen, apesar do seu físico franzino e arqueado de um metro e oitenta. Era a primeira conversa inebriante dos dois no sofá, as outras pessoas desvaneceram de volta ao pingue-pongue ou à sinuca ou pelo terreno escuro para trabalhar um pouco mais em

casa, a luz fraca das lanternas dos capacetes iluminando o caminho.

A ópera do verão passado surgiu do esforço dele em lutar com certa tristeza inundante, o sentimento de pânico quando o mundo do lado de fora surgia rugindo.

— Geralmente dou meu jeito para escapar dessa sensação — contou Leo. — Brigo com minha música até ficarmos muito exaustos para sentir qualquer coisa.

— Sei exatamente o que você quer dizer. É como Jacó lutando contra Deus — disse Lancelot. — Ou Jesus contra o diabo.

— Sou ateu. Mas esses me parecem belos mitos — falou Leo, rindo.

Ele contou que sua casa na ilha da comuna na Nova Escócia era feita de fardos de feno e lama, e que seu trabalho lá era ensinar música a qualquer um que quisesse aprender. Ele tinha poucas coisas: dez camisas sociais brancas, três calças jeans, meias, cuecas, um par de botas, um par de mocassins, um casaco, instrumentos musicais, e era mais ou menos só isso. Coisas materiais nunca lhe interessaram, apenas a música que conseguia fazer com eles. Livros eram necessários, mas emprestados. Sua única extravagância era o futebol, e ele torcia pelo Tottenham. Sua mãe, veja bem, era judia; ela adorava como o Tottenham respondia a insultos antissemitas e se intitulava Yid Army, o time dos judeus. Leo disse que também gostava desse nome, tão forte, tão métrico. Tottenham Hotspur, uma pequena canção. Na casa comum da ilha havia uma televisão, com uma antena parabólica que parecia uma orelha inclinada no telhado, usada na maioria das vezes para emergências, mas eles abriam exceção para a paixão de Leo Sen pelo futebol.

— Eu *odiava* meu violino quando era criança — revelou ele —, até meu pai me obrigar a compor enquanto uma partida de futebol passava na televisão. Tottenham e Manchester, meu time perdendo. E, de repente, enquanto eu estava tocando, tudo o que eu tinha sentido tão intensamente sem música se intensificou ainda mais. O medo, a alegria. Isso mexeu comigo, e recriar aquele momento se tornou tudo o que eu queria fazer. Chamei a composição de *Audere Est Facere*. — Ele riu.

— Ousar é fazer? — perguntou Lotto.

— O lema do Tottenham. Não é um jeito ruim de ser artista, na verdade.

— Sua vida parece simples — comentou Lancelot.

— Minha vida é linda.

Lancelot percebeu que sim. Ele era um grande amante das formas para entender o encanto de uma vida rigorosa como aquela, quanta brutalidade interna ela seria capaz de liberar. Leo acordando para o amanhecer sobre o oceano frio cheio de aves marinhas, frutas vermelhas frescas e iogurte de leite de cabra no café da manhã, infusões com suas próprias ervas, os siris-azuis nas poças negras formadas pela maré, deitando-se ao som dos ventos fustigantes e do ritmo das

ondas batendo na rocha dura. Brotos de alface cintilando nas janelas voltadas para o sul. O celibato, a vida comedida e moderada que Leo levava, ao menos externamente, em seu estado de frio constante. E a música febril dentro dele.

— Eu sabia que você seria ascético — disse Lancelot. — Mas achei que também seria um barbudo que mata peixe com um arpão e usa tanga. E um turbante cor de açafraão.

Ele sorriu.

— Por outro lado, você sempre foi dissoluto — retrucou Leo. — Isso fica claro no seu trabalho. O privilégio é o que o leva a correr riscos. Uma vida repleta de ostras, champanhe e casas de praia. Mimado. Como o menino precioso que você é.

Lancelot sentiu a alfinetada, mas disse: — É verdade. Se eu pudesse escolher, teria cento e cinquenta quilos de alegria e diversão. Mas minha mulher me mantém na rédea curta. Me obriga a fazer exercício todos os dias. Não me deixa beber de manhã.

— Ah — disse Leo, olhando para suas mãos enormes. — Então há uma mulher.

O jeito que ele disse isso... Bem. Fez a opinião que Lancelot tinha sobre Leo se embaralhar de novo em sua cabeça.

— Existe uma mulher — confirmou Lancelot. — Mathilde. Ela é uma santa. Uma das pessoas mais puras que já conheci. Moralmente correta, nunca mente, não suporta gente idiota. Eu nunca tinha conhecido alguém que ainda fosse virgem até pouco antes de se casar, mas Mathilde era. Ela acha injusto que os outros limpem nossa sujeira, então ela limpa a própria casa, por mais que a gente possa pagar por uma empregada doméstica. Ela faz tudo. Tudo. E tudo que eu escrevo, escrevo para ela primeiro.

— Uma grande história de amor, então — comentou Leo despreocupadamente. — Mas é exaustivo conviver com uma santa.

Lancelot pensou na esposa alta com seu enorme cabelo louro quase branco.

— É.

Então Leo disse:

— Ih, olhe a hora. Preciso ir trabalhar. Sou um bicho noturno, receio. Vejo você à tarde?

Então Lancelot percebeu que os dois estavam sozinhos ali, a maioria das luzes já tinha sido apagada e já haviam se passado três horas de qualquer horário que ele costumava dormir. Além de tudo, estava bêbado. Não conseguia encontrar palavras que dissessem a Leo o quão profundamente familiar o havia considerado. Queria dizer que também tivera um bom pai que o compreendera, que também desejava uma vida simples, pura, e que também encontrava sua alegria mais plena no trabalho. Mas o chalé de Leo ficava do outro lado do campo, passando pela floresta, e, quando eles saíram da sede, o garoto acenou

adeus de forma rápida, invisível, embora seu hálito emplumasse a escuridão de branco. Lancelot em seu lento arrastar de pés em meio ao breu precisava se dar por satisfeito com as expectativas do dia seguinte. As revelações caindo em camadas, como as peles de uma cebola. Ele encontraria um verdadeiro amigo no percurso até o centro.

Lotto adormeceu observando o lamber das chamas da lareira, uma longa, vagarosa submersão e um contentamento enfumaçado que o levou a cair num sono cuja profundidade ele não se lembrava de ter alcançado em anos.

*

Mundo leite quente, com a nata de névoa matinal na janela. Almoço na varanda, numa cesta trançada, sopa de legumes, foccacia, cheddar de qualidade, aipo, cenoura, maçã e biscoito. Era um glorioso dia azul-acinzentado, então ele não poderia ficar dentro de casa. Queria estar trabalhando. No fim da tarde, calçou as botas, vestiu seu casaco da Barbour e saiu para dar uma caminhada no bosque. O frio em seu rosto virou do avesso, e ele se aqueceu. O calor gerou energia, e a energia o levou até uma pedra coberta de musgo, um frio profundo sob a cobertura quente verde aveludada. Com a calça arriada nos joelhos, ele se ocupou com uma autocarícia. Pensamentos sobre Mathilde haviam se tornado antimagnéticos, ricocheteando nela, se afastando e no fim se misturando totalmente com a imagem de uma ninfeta asiática sussurrando para ele vestida de colegial, como as fantasias costumam ser. Acima, árvores se ramificavam em ripas cinza e em um pontilhado móvel de corvos. Movimentos frenéticos na virilha até o inevitável êxtase e o escorrer na palma da mão.

O lago em seu calcanhar muito parado. Marcado pelo toque da chuva esparsa.

Quando Lotto se levantou, a ansiedade aumentava em seu peito: ele odiava adiar o trabalho quando estava inspirado. Era como se as musas estivessem cantando [ou melhor, cantarolando], e ele tapasse os ouvidos. Seguiu na direção do chalé de Leo, o silêncio da mata era tão misterioso que os poemas antigos de sua primeira infância vieram à sua mente. Ele cantou os versos para si mesmo como se fossem canções. Quando chegou ao chalé de Leo — feito de estuque rosado, estilo pseudo Tudor e ladeado de samambaias que resplandeciam sob a fraca iluminação cinzenta —, ele se deu conta de que estivera torcendo para encontrar seu colaborador vagando na varanda. Mas não havia movimento nenhum lá, e do lado de dentro as cortinas estavam paradas. Lancelot se sentou atrás de uma bétula, se perguntando o que fazer. Quando escureceu totalmente, ele se esgueirou para perto e deu uma olhada na janela. Nenhuma luz foi acesa, mas as cortinas foram abertas e tinha alguém se mexendo na sala.

Era Leo, em pé, o peito magro e branco à mostra, os olhos fechados, o jovem rosto sardento, a ponto de quase parecer um adolescente, e seu cabelo em pequenos tufo ruivos espalhados por toda a cabeça. Ele estava balançando os

braços. De vez em quando, andava até as partituras sobre o piano, fazia anotações e voltava para o local de antes, fechando os olhos de novo. Seus pés descalços eram tão grandes quanto suas mãos e, como as mãos, tinham os nós dos dedos vermelhos por causa do frio.

Como era estranho para Lancelot ver outra pessoa sendo erguida para a cume do processo criativo.

Pensou nas inúmeras horas que *ele mesmo* passara arrebatado, e como teria parecido um idiota completo se alguém houvesse espiado e o visto. Primeiro no closet sem janelas no apartamento da cidade que eles converteram em escritório, e depois na casa de campo, onde ele tinha um sofisticado escritório no sótão, com o compêndio de Shakespeare no genuflexório e jardins na janela, Mathilde caminhando por eles. Durante muitos meses lá, ele olhara para baixo e pensara sobre como a expectativa de vida de um girassol refletia a expectativa de vida do homem: esperançoso, belo, brotando alegremente do chão; largo e forte, com a face direcionada obedientemente para o sol; a cabeça tão pesada devido aos pensamentos maduros que se curvava para o chão, escurecia, perdia o cabelo brilhante, enfraquecia no caule; devastado para o longo inverno. Ele expressara sua opinião, se empertigara, encolhera, protestara, medira as próprias palavras. Escrevera onze peças importantes, mais duas provavelmente não tão importantes, em retrospecto, e havia interpretado todas enquanto as escrevia, para paredes vazias e depois para a plateia de girassóis e as costas esbeltas de Mathilde, que se curvava para as ervas daninhas logo abaixo.

Lotto voltou a si quando viu Leo abotoando a camisa, vestindo o suéter, depois o casaco, deslizando os pés para dentro dos mocassins. Ele deu a volta em direção à rua e seguiu para a porta da frente do chalé, chamando o colega que remexia na fechadura após sair de casa.

— Ah, olá — cumprimentou Leo. — Veio me encontrar? Que ótimo. Estou me sentindo bastante culpado em relação a você. Eu tinha planejado terminar mais cedo e conversar sobre nosso projeto, mas a composição em que eu estava trabalhando insisti grosseiramente que eu ficasse com ela até o amargo fim. Estamos indo jantar, então? Podemos conversar enquanto caminhamos, talvez.

— Vamos — disse Lancelot. — Tenho um milhão de ideias. Estou transbordando delas. Tive que dar uma caminhada para espairar, mas o problema com as ideias é que quanto mais a gente caminha, mais surgem. Elas se reproduzem dentro da nossa cabeça.

— Brilhante — disse Leo. — Fico feliz em ouvir isso. Pode me contar.

Quando eles se sentaram para jantar, Lancelot já tinha revelado suas cinco melhores. Leo franzia o cenho, rosado por causa do frio. Depois de passar a torta de legumes assados, disse: — Não. Nenhuma dessas, acho. Estou esperando o lampejo, veja bem. E essas ideias não têm lampejo, receio.

— Está bem — disse Lancelot, prestes a citar as próximas cinco quando

sentiu uma mão tocar seu ombro e uma voz quente no ouvido: “Lotto!” Ele ergueu os olhos, sem entender nada a princípio, e se deparou com Natalie. Natalie! Logo ela! A Natalie do nariz de batata e buço escuro. Ela se dera bem com o *boom* da internet, e pelo visto vendera suas ações e estava tão rica que pôde voltar a fazer o que mais gostava. Que vinha a ser — que inesperado — *esculturas*, logo isso. Ela estava branca com a poeira de gesso e mais gorda. Bem, todos eles tinham engordado. Havia finas rugas em volta dos seus olhos, os quais, por mais estranho que fosse, ainda carregavam certo ressentimento. Muitos abraços, muitas comemorações, Natalie se sentou ao lado de Lancelot e o atualizou sobre a vida. Mas quando Lotto se virou para apresentá-la a Leo, o compositor já havia recolhido seu prato e seus talheres e desaparecera, deixando um bilhete de desculpas na caixa de correio de Lancelot: estava sendo pressionado para entregar a composição que encomendaram, e poderia se concentrar plenamente na ópera quando terminasse isso. *Sinto muito mesmo*, escreveu com uma letra tão miúda e precisa quanto um texto datilografado.

*

Depois vieram infinitas as desculpas. Por quatro dias seguidos.

— Eu sei, eu sei, é terrível, Lancelot, sinto muito mesmo, mas realmente tenho que terminar essa encomenda. Isso está me matando, de verdade.

O rosto de Leo ficava vermelho assim que ele via Lancelot, um novo nervosismo provocado pela vergonha. Sempre que Lancelot o vigiava, observando-o no bosque pelas janelas, o garoto estava trabalhando, febril e escrevendo; e como não estava enrolando, nem cochilando, nem se coçando feito um bicho preguiça, Lancelot não podia ficar ressentido com ele, o que só dificultava ainda mais a espera.

Lá no quartinho da lavanderia que ficava no subsolo da sede, onde ele ia telefonar para Mathilde — não havia sinal de celular ali, eles realmente estavam muito distantes do mundo —, descarregou sua frustração num sussurro. Ela arrulhou, fez ruídos roucos de apoio, mas eram cinco da manhã, e ela não estava em sua melhor forma.

— Que tal uma sacanagem pelo telefone? — sugeriu ela afinal. — Um papo quente. Para você se acalmar um pouco.

— Não, obrigado — respondeu ele. — Estou muito angustiado.

Houve uma pausa longa, em que foi possível ouvir a respiração dela do outro lado da linha.

— Isso é ruim, não é? — disse Mathilde. — Essa nova crise. Nunca vi você recusar sexo por telefone.

Ela parecia triste.

Lotto sentia falta dela, da sua mulher. Era estranho acordar sem precisar levar café com leite para ela toda manhã. Sentia falta das pequenas atenções que ela dedicava a ele, de como lavava suas roupas e aparava suas sobrancelhas.

Parte dele, ali, estava faltando.

— Quero estar em casa com você — confessou.

— Também quero, meu amor. Então volte para casa — disse ela.

— Vou esperar mais cinco dias — afirmou ele. — Outro dia eu acordo você para transar pelo telefone na calada da noite.

— Ficarei ao lado do telefone — disse ela. — Aguardando ansiosamente. E vou deixar a chave na ignição.

Aquela noite, depois do jantar, ele atravessou o bosque com um grupo de artistas, lanternas penetrando a escuridão, até o chalé dos escultores alemães. Era um prédio de três andares com um lado removível e um elevador hidráulico para carregar as obras de arte mais pesadas. Havia vodka gelada no riacho logo atrás e uma música agitada, com picos elétricos. As luzes tinham sido apagadas. Na sala havia um móvel de dois andares, bilhetes de amor do primeiro casamento da *Frau* alemã mal-amarrados a uma estrutura, de forma que se mexesse com o vento, e um filmezinho caseiro era projetado em cada um. Uma escultura de casamento, um casamento ganhando vida.

Lancelot sentiu lágrimas em seus olhos. Aquilo estava extremamente adequado. Os alemães viram o brilho, e ambos — feito periquitos no poleiro — se aproximaram com timidez e abraçaram Lotto pela cintura.

*

No quinto dia de bloqueio artístico, Lancelot acordou num amanhecer deprimente e chuvoso, pegou a bicicleta e desceu a colina até chegar na piscina do ginásio municipal.

A água melhorou tudo. Ele não nadava bem, mas as braçadas ajudaram, e ele passou a demorar mais a cada volta que dava na piscina, apenas deslizando embaixo d'água. A piscina o comoveu, o acalmou, trouxe-o de volta para onde ele estivera no carro, a caminho da residência. Talvez fosse a privação de oxigênio. Talvez seu corpo alto e magro finalmente tivesse realizado o exercício de que precisava, ainda mais à luz de um celibato forçado. Talvez ele tivesse apenas se exaurido a ponto de suas ansiedades desaparecerem. [Falso. Ele deveria reconhecer um dom ao se deparar com um.] Mas, ao chegar na extremidade da piscina, tocar a parede e voltar para a superfície, já sabia sobre o que seria sua ópera. Brotou na frente, brilhando, mais real do que a água em ele que estava imerso.

Lotto ficou tanto tempo sentado na beirada da piscina, totalmente distraído, que já estava com a pele seca quando ergueu os olhos e encontrou Leo parado ao seu lado, ainda de calça jeans, camisa social branca e mocassins.

— Disseram que você estava aqui espalhando água. Vim buscá-lo num carrinho que peguei emprestado. Desculpe por ter deixado você esperando tanto, tanto tempo, mas sabe que isso significa que nós dois estamos muito entusiasmados em começar. Se for conveniente para você, estou pronto — disse

Leo.

Ele se mexeu e finalmente seu rosto, silhuetaado pelo sol que vinha diretamente da janela, estava visível.

— Antígona — falou Lancelot, e sorriu para o colega.

— O quê? — perguntou Leo.

— Antígona — repetiu ele. — Lampejo.

— Antígona?

— Antígona, enterrada. Nossa ópera. Antígona que não tinha se enforcado, que havia tentado, mas, antes de conseguir, os deuses a amaldiçoaram com a imortalidade. Primeiro, a deram de presente, por ela seguir suas leis e não a dos homens. Depois, quando ela protestou contra os deuses, isso virou um insulto. Ela ainda está na caverna, até hoje. Eu estava pensando na Sibila de Cumas, que viveu mil anos, tanto tempo que encolheu e foi colocada numa urna. Eliot citou isso na epígrafe de “A Terra Desolada”, em *Satiricon*, de Petrónio Árbitro. “Pois uma vez vi com meus próprios olhos a Sibila de Cumas suspensa dentro de um vidro. Quando os meninos lhe perguntavam: ‘Sibila, o que queres?’, ela dizia: ‘Morrer.’”

Seguiu-se um longo silêncio, água da piscina batendo nas calhas. Uma mulher cantarolava para si mesma enquanto nadava de costas, mexendo devagar as pernas como uma rã.

— Ai, meu Deus — disse Leo.

— Pois é. Além do mais, no original a Antígona estava do lado dos deuses e contra os homens, como consta na ordem dos homens e nos decretos de Creonte contra o irmão dela ser honrado com um sepultamento, mas acho que podemos estender isso para um sentimento de...

— Misandria.

— Não, misandria, não, mas talvez misantropia. Ela despreza os deuses porque foi abandonada por eles, e despreza os humanos por causa de seus defeitos. Ela encolheu tanto que está abaixo dos humanos. Literalmente abaixo dos pés deles, e, no entanto, está acima deles. O tempo a purificou. Ela se tornou o espírito da humanidade. Tínhamos que mudar o título. Que tal *Antidesaparecida*? Brincar com o fato de que ela ainda está aqui? Não?

Ele levava Leo até o vestiário e estava se enxugando de um jeito exuberante. Tirou o calção. Quando olhou para cima, reparou que os olhos de Leo estavam arregalados, e ele estava sentado no banco, as mãos cruzadas no colo enquanto observava Lancelot sem roupa. Estava corado.

— *Antigonista* — disse Leo, olhando para baixo.

— Espere. *A Antigônada* — sugeriu Lancelot, primeiro como piada porque, bem, naquele exato instante ele estava vestindo a cueca.

Certo, era verdade, ele ficara tempo demais pelado: sentira um calor de vaidade e gratidão por ser observado. Fazia muito tempo que uma pessoa

desconhecida o via nu. Bem, tivera aquela temporada de *Equus* em meados dos anos noventa, porém a peça ficou apenas doze noites em cartaz e só havia duzentos lugares no teatro. Mas ao fazer a piada, Lotto percebeu que gostou.

— *A Antigônada* — repetiu. — Talvez seja uma história de amor. Uma história de amor e ela está presa numa caverna. Os amantes não podem se tocar.

— Pode ser por enquanto — disse Leo. — Acho que a gente sempre pode mudar se descobrir que é pró-gônada.

Será que aquilo tinha sido um comentário sugestivo? Era difícil afirmar alguma coisa com aquele garoto.

— Leo, Leo. Você é seco como um vermute.

*

Então veio o período prolixo, em que eles não pararam de se falar. Durante quatro dias, depois cinco, sete. Sem de fato escrever nada ainda. Trabalhavam num estranho limbo do crepúsculo. Lancelot, sempre madrugador, e Leo acordado a noite inteira, dormindo até duas da tarde, eles acharam um meio-termo ao se encontrar no chalé de Lancelot quando Leo estava acordado. Trabalhavam até Lotto pegar no sono, ainda de roupa, acordando por um breve instante com o frio que entrava pela porta do chalé quando Leo a abria para ir embora.

Lancelot leu a peça original de Sófocles em voz alta com Leo deitado diante das chamas crepitantes na lareira, escutando e sonhando. E depois, pelo contexto, Lancelot leu em voz alta as duas outras partes da trilogia: Édipo Rei e Édipo em Colono. Leu os trechos de Eurípedes. Leu em voz alta a adaptação de Séamus Heaney. E, com as cabeças próximas, também leram Anne Carson. Ouviram em silêncio a ópera de Orff, a ópera de Honegger com Cocteau, a de Theodorakis e a de Traetta. Durante o jantar, sentavam-se juntos e ficavam conversando, falando sobre a Antígona deles, que apelidaram de Go, como se fosse uma amiga.

Leo ainda não havia escrito nenhuma música, mas fizera desenhos em um papel pardo roubado da cozinha. Eles se enrolavam nas paredes, os desenhos intrincados, extensões do próprio corpo magro e esguio do garoto. O perfil do maxilar de Leo, devastador; o jeito que ele roía as unhas até a meia-lua, e seu cabelo fino e brilhante no meio da nuca. O cheiro dele, de perto, era puro e limpo como água sanitária. [As pessoas feitas para a música são as mais amadas de todas. Seus corpos são um recipiente para o espírito que há no interior. O melhor deles é a música, o resto consiste apenas em um instrumento de carne e osso.]

*

O clima conspirava. Neve caía suavemente nas janelas. Fazia frio demais para ficar fora de casa por muito tempo. O mundo sem cor, cena onírica, página em branco. Fumaça das fogueiras no fundo da sua língua.

Os colaboradores estavam envolvidos tão intensamente que, quando Natalie

tentou se sentar com eles durante o jantar, Lancelot mal sorriu para ela antes de voltar a esboçar num papel de rascunho o que dizia a Leo. Natalie se recostou na cadeira, com os olhos marejados — a amizade deles estava praticamente no passado, mas, ah!, ele ainda conseguia magoá-la com sua falta de consideração —, depois sorriu para afastar as lágrimas. Ela observava Lotto. Escutava. Havia uma energia diferente ali. Os homens estavam corados, com os ombros próximos. Se estivesse prestando atenção em Natalie, Lotto teria entendido que haveria boatos mais tarde, os velhos contatos da amiga avivados pelo que a velha amiga contaria sobre o que tinha visto entre os dois. Por fim, ela assentiu, pegou sua bandeja e saiu. E como essa foi sua última noite ali, ele não a veria de novo. [A morte dela estava próxima e seria súbita. Queda de esqui; embolia.]

Lancelot nem sequer notara que os escultores alemães tinham voltado a Nuremberg, e uma jovem pálda tomara o lugar deles. Ela pintava imensos quadros a óleo das sombras dos objetos, não dos objetos em si. A romancista loura voltou para sua casa cheia de garotos. A quantidade de pessoas ali diminuiu durante o inverno: só havia uma mesa de artistas no jantar. A poeta de cabelo cacheado fazia uma expressão de decepção toda vez que entrava ali à noite e encontrava os dois colaboradores juntos.

— Lancelot, meu querido. Você não vai falar com mais ninguém além desse garoto? — perguntou ela uma vez, aproximando-se dele, quando Leo foi buscar a bandeja de sobremesa para o grupo.

— Desculpe — disse ele. — Já vou lhe dar atenção, Emmylinn. São só os estágios iniciais. A fase apaixonada.

Ela encostou sua bochecha seca no braço e disse: — Entendo. Mas, queridinho, não é saudável ficar tão imerso numa coisa durante tanto tempo. Você precisa parar e respirar.

*

Então encontrou um bilhete de sua mulher no escritório, escrito com uma frieza dolorosa. Lancelot sentiu um vazio e foi correndo para a lavanderia ligar para Mathilde.

— M. — disse ele, assim que ela atendeu —, desculpe. Esqueci tudo e foquei só nesse projeto. Está me consumindo.

— Faz uma semana que não recebo nenhum sinal seu, meu amor — comentou ela. — Nenhuma ligação. Você me esqueceu.

— Não — retrucou ele. — Não. Claro que não. Só estou muito envolvido.

— Muito envolvido — repetiu ela devagar. — Você está muito envolvido com alguma coisa. A pergunta é: com o quê?

— Desculpe — disse ele.

Ela suspirou e falou: — O Dia de Ação de Graças é amanhã.

— Ah.

— Tínhamos combinado que você ia voltar essa noite para o jantar que

vamos oferecer. Nossa primeira celebração no campo. Eu ia buscar você amanhã às oito. Rachel, Elizabeth e as gêmeas vêm. Sallie vai pegar um avião. Chollie e Danica. Samuel, os trigêmeos dele, mas não Fiona... Sabia que ela pediu divórcio? Foi um choque, do nada. Devia ligar para Samuel. Ele sente sua falta. Enfim, já fiz as tortas.

O silêncio passou de interrogativo a acusatório.

Enfim, Lotto falou: — Acho que só dessa vez meus queridos amigos podem comemorar o Dia de Ação de Graças sem mim. Vou manifestar minha gratidão por você trabalhando para que eu possa comprar ainda muitas décadas de comida vegetariana Tofurky que vocês vão todos enfiar goela abaixo.

— Que cruel. E triste — falou ela.

— Não tive a intenção de ser cruel. E não é triste para mim — retrucou ele. — Depois do verão que eu tive, M., estou feliz à beça por estar trabalhando.

— À beça — repetiu Mathilde. — Eu não sabia que falavam assim em New Hampshire.

— É o Leo — disse ele.

— Leo. Leo. Leo. Leo. Leo. Olhe, posso desmarcar com todos eles, ir de carro até aí e ficar numa pousada — sugeriu ela. — Podemos nos empanturrar de tortas. Assistir a filmes ruins. E foder.

Depois de um longo silêncio, ela mesma disse: — Acho que não.

Ele suspirou.

— Você não pode me odiar, Mathilde, quando digo não. É meu trabalho.

Ela não falou nada, eloquentemente.

— Esta deve ser a hora errada de mencionar isso — começou ele.

— Deve ser.

— Mas Leo e eu conseguimos estender nossa residência por mais duas semanas. Volto antes do Natal. É uma promessa.

— Incrível — acrescentou Mathilde, e desligou.

Ele voltou a ligar, ligar e ligar pela terceira vez, mas ela não quis atender.

*

Não é que ele houvesse esquecido o desentendimento que teve com Mathilde, mas, quando saiu para a rua, o sol apareceu e a claridade na neve e no gelo passou a impressão de que o mundo tinha sido esculpido em pedra, mármore e mica, e a pura mineralidade do que antes fora tão macio e fresco fez com que ele voltasse à caverna de Go, pois tudo o que via, escutava e sentia no momento parecia prementemente encaixado no mundo da personagem. Duas noites antes, depois do jantar, quando chegou a hora de compartilhar com os outros o trabalho deles, a animação de um videoartista elaborada a partir de desenhos feitos à mão com a técnica time-lapse, exibindo uma cidadezinha sendo construída, depois arrasada pelo fogo e em seguida sendo reconstruída, pareceu se encaixar totalmente no projeto deles, e se tornou necessária. O titereiro que

estava trabalhando com um pedaço de tecido, que foi capaz de transformar a seda brilhante em algo comoventemente humano, também se impressionou com *A Antigônada*.

Lotto não conseguia esquecer sua esposa, mas ela existia num plano constante e imutável, o ritmo dela nos ossos dele. A qualquer momento, ele podia prever onde ela estava. [Agora, batendo ovos para fazer um omelete; agora, caminhando pelos campos secos para chegar ao lago e fumar um cigarro ilegal como sempre fazia quando estava com raiva.] E Lancelot existia, neste momento, num plano em que tudo o que ele sabia e era acabara virado do avesso, a previsibilidade explodira.

Ele cochilou e acordou com Leo sentado ao seu lado na cama. A última claridade do dia cintilava pela janela, iluminando sua pele diáfana, seus cílios claros. A mão quente e enorme do garoto tocava o ombro de Lancelot, que piscou sonolento, sorrindo, e depois veio o impulso de seu fiel coração de cachorro de encostar seu rosto na mão do colega. E foi o que ele fez.

Leo corou, e sua mão estremeceu um pouco antes que ele a afastasse.

Lancelot se alongou, apoiando os braços na parede e balançando os pés antes de se sentar. Havia uma suave estática azul no quarto.

— Estou pronto — avisou Leo. — Primeiro quero escrever a ária de Go. A ária do amor. Só a música por enquanto. Ela vai ditar o resto da trilha sonora. Para isso vou ter que desaparecer por alguns dias, se você estiver de acordo.

— Não faça isso — disse Lancelot, sentindo um aperto no peito. — Não posso ficar sentado quieto num canto enquanto você trabalha? Posso me dedicar mais um pouco ao esboço do libreto. E fazer uma gramática e um dicionário do idioma de Go. Não vou incomodá-lo nem por um segundo. Você nem vai saber que estou ali.

— Por favor. Até parece que você consegue ficar calado por uma hora sequer — disse Leo. Depois se levantou e foi até a janela, ficando de costas para Lancelot, que já estava totalmente desperto. — Para nós seria bom ficar um tempo separados. Para mim, pelo menos. O sentimento de saber que você está aqui e não poder vê-lo. Tudo isso apareceria na música.

Lancelot olhou um pouco assustado para o colega. Leo parecia muito pequeno na janela, emoldurado pela floresta de aço.

— Mas, Leo, vou me sentir sozinho sem você — argumentou ele.

Leo se virou e deu uma olhada rápida em Lancelot, depois saiu pela porta sem dizer nada, atravessou a floresta e percorreu a trilha. Lotto enrolou o cobertor ao redor dos ombros e foi para a varanda observá-lo desaparecer.

Mais tarde ele seguiu por entre as árvores escuras para ir jantar na sede. Mas havia apenas uma luz acesa na cozinha, e dos oito artistas que continuavam ali, a maioria estava em lugares mais aquecidos, sendo amados, alimentados e tocados nos ombros e nas bochechas por familiares e amigos. Sendo amados.

Lancelot escolhera a separação. Teria agido diferente se soubesse que Leo viraria um eremita. Isso o removeu, o velho desconforto de ser deixado apenas consigo mesmo.

Lancelot esquentou um prato de tofu com molho, purê de batata e vagens. Enquanto isso, ganhou a companhia de um compositor um pouco surdo, malcheiroso, cuja barba parecida com a de Walt Whitman e absorvia suas babas. Tinha olhos injetados com veias rompidas e praticamente só grunhia, fuzilando Lancelot com um olhar de bode feroz. Lotto começou a brincar de manter uma conversa unilateral.

— Aceita molho de blueberry? — ofereceu Lancelot, servindo um pouco no próprio prato e recebendo um grunhido como resposta.

— Não diga? O melhor que já comeu foi no hotel Ritz no Dia de Ação de Graças em 1932?

Um grunhido.

— Com quem?

Grunhido.

— É mesmo? Maravilha. Realeza, você diz?

Grunhido.

— Você fez o *que* com a Princesa Margaret durante a guerra? Eu nem sequer fazia ideia, cara, que isso já tinha sido inventado naquela época.

Grunhido-grunhido-grunhido.

De sobremesa, tinha torta de abóbora. Torta da Puta Que Pariu. Os dois dividiram uma inteira, Lancelot enfiando mais doce adentro para bloquear a tristeza, o compositor acompanhava o ritmo dele garfada por garfada, submisso a um forte senso de justiça. Lotto deu uma garfada enorme de propósito para ver se o compositor ia imitá-lo. O homem parecia uma cobra com um rato na boca. Quando engoliu, Lancelot disse: — Gosto de você, Walt Whitman.

E o compositor, que pelo menos isso tinha escutado, rechaçou: — Ah, você se acha muito engraçado.

Depois se levantou, deixando os pratos e o chão cheio de migalhas para Lancelot limpar.

— Você contém multidões — disse Lancelot para suas costas protuberantes.

O compositor se virou e o olhou furioso.

— Estou agradecendo por você — falou Lotto solenemente.

Ah, solitário, solitário. Mathilde não atendia o telefone na casa, nem no apartamento, nem no celular, mas é claro que não atenderia: estava recebendo convidados. A família dele, os amigos dele. Com certeza todo mundo estava falando de Lotto. [Verdade.] Ele escovou os dentes muito devagar e foi para a cama com um romance grosso. Não seja paranoico, Lotto, você está bem, disse a si mesmo. E se estiverem falando sobre você, com certeza estarão dizendo coisas boas. No entanto, ele imaginava as pessoas rindo dele, seus rostos se

contorcendo no formato grotesco de alguns animais. Rachel um rato, Elizabeth um elefante com sua tromba longa e sensível, Mathilde um falcão albino. Trapaceiro, ignorante, frívolo, era o que diziam sobre ele. Ex-puta. Narcisista!

Estavam se divertindo bastante sem ele, enchendo a cara. Jogando a cabeça para trás e exibindo os caninos e as gengivas manchadas de vinho, rindo e rindo. Ele jogou o livro com tanta força do outro lado do quarto que a lombada se rompeu ao aterrissar.

*

Ele permaneceu com aquela morosidade durante a noite toda até de manhã. Ao meio-dia, estava com muita saudade de casa. De Deus e seu focinho quente, do seu travesseiro, da sua doce Mathilde.

Na tarde do quarto dia do confinamento solitário de Leo, Lancelot não conseguiu se conter: percorreu o longo caminho da mata para ter uma negação plausível, pegou um áspero galho de bétula no percurso e mais uma vez foi parar na frente do chalé de Leo.

Demorou um instante para localizar Leo na penumbra lá dentro. O rapaz havia se concedido uma fogueira, pois estava fazendo muito frio do lado de fora, até mesmo para ele. Pelo brilho fraco deu para ver que ele estava com a testa encostada no piano. Poderia estar dormindo se não fosse pela mão que se erguia de seu colo de vez em quando para tocar uma nota ou um acorde. O barulho após um longo período de silêncio sobressaltava até mesmo Lancelot lá atrás da árvore.

Era calmante, essa lenta produção de barulho. Lancelot entrava num transe discreto toda vez que ficava esperando pela nota seguinte. Quando surgia, era abafada pelas paredes, janelas e pelo ar, chegando inesperadamente ao ouvido de Lancelot. Era como achar que estava sozinho num quarto, começar a pegar no sono, e então ouvir um espirro abafado vindo do canto mais escuro.

Ele foi embora quando seu tremor ficou incontrollável. Havia uma nova escuridão ruim, de tempestade, vindo do oeste pelo céu. Ele trocou o jantar por macarrão instantâneo que comeu direto do pote de isopor. Tomou chocolate quente, terminou com metade de uma garrafa de bourbon, dançou nu diante de um fogo que ardia, estalava e proporcionava à sala um calor de meados de agosto na Flórida. Ele abriu a janela e observou a neve entrar enviezadamente e derreter nas tábuas do assoalho, virando vapor.

Com isso se sentiu muito melhor e dormiu em cima da cama, suado e bêbado. Seu corpo parecia levitar, como se ele tivesse sido amarrado a uma pipa e flutuasse a dez metros do chão, observando os mortais inferiores levarem uma vadinha vagarosa lá embaixo.

Ele acordou em sua hora habitual, tremendo, e quando foi ferver água para fazer café, não havia eletricidade nem calefação. Atrás das cortinas, a floresta parecia feita de vidro, pelo jeito que brilhava sob os últimos raios de luz do luar.

No meio da noite, o gelo baixara, revestindo os campos e as árvores como se fosse epóxi. Ele ficara tão bêbado que não acordara, por mais que galhos grandes tivessem quebrado e caído por todo lado e jazessem no escuro, paralisados como soldados pegos numa emboscada. Lancelot quase não conseguiu abrir a porta de tela do chalé. Deu um passo confiante no gelo e, por um bom tempo, ficou deslizando graciosamente, o pé fraco estendido para trás num *arabesque*, mas seu dedo do pé direito esbarrou numa pedra, impedindo que seu pé continuasse escorregando, mas mesmo assim seu corpo continuou indo para a frente, ele rodopiou e bateu o cóccix com tanta força que precisou rolar para o lado e ranger os dentes. Gemeu de dor por muito tempo. Quando foi se levantar, sua bochecha estava grudada no gelo; ele puxou a pele e a ponta dos seus dedos ficaram sujas de sangue quando ele tocou.

Como um alpinista, voltou para a varanda se segurando, entrou em casa e se deitou exausto no chão, respirando pesadamente.

O bom e velho Robby Frost, pensou ele. Quem disse que o mundo acabaria em gelo tinha razão. [Errado. Seria fogo.]

Ele morreria de fome ali. Na prateleira tinha apenas a maçã que guardou do almoço, uma caixa de barrinhas de granola para pessoas magrelas que Mathilde colocara na sua mala e o último pacote de macarrão instantâneo. Lotto sangraria pela bochecha até a morte. A fratura no cóccix causaria uma infecção interna. Nada de eletricidade, e ele havia queimado toda a lenha naquele frenesi ambicioso da noite passada: iria congelar. Nada de café também, e abstinência de cafeína a verdadeira tragédia daquilo tudo. Ele vestiu todas as peças de roupa que encontrou, fazendo uma capa com a manta. Usou o estojo do laptop como chapéu. Do tamanho de um jogador de rúgbi agora, subiu na cama e comeu a caixa inteira de barrinhas de granola. Quando terminou, se deu conta de que cometera um erro, porque as barrinhas estavam com gosto de bolas de tênis que passaram três estações perdidas no mato. Além disso, cada uma continha oitenta e três por cento da necessidade diária de fibras, portanto ele havia ingerido quatrocentos e noventa e oito por cento de sua necessidade diária e morreria com excesso de fibras no intestino antes que o sangramento ou o frio o derrubassem.

Ele ainda usara toda a bateria do laptop na noite anterior e não se preocupara em carregá-lo, porque sempre haveria energia de manhã. E fazia muito tempo que deixara de anotar qualquer coisa à mão. Por que não escrevia nada à mão? Por que se afastara de sua arte mais essencial?

Estava compondo mentalmente, como Milton, quando ouviu o barulho de um motor, abriu as cortinas e lá estava o abençoado Blaine. Havia correntes em sua picape. Estava parando em frente à porta, Blaine jogava areia pela janela, depois saltou do carro e com sapatos de escalada subiu no gelo para bater à porta.

— Meu salvador — disse Lancelot, abrindo a porta e se esquecendo do traje que usava.

Blaine o olhou da cabeça aos pés, e sua expressão meiga se desfez.

Havia geradores e camas de armar na sede, os fogões eram a gás e tinha muita comida. Diziam que os telefones voltariam a funcionar em um ou dois dias. Estava confortável lá. Os artistas tinham a mesma camaradagem alegre dos sobreviventes de catástrofes, e quando o compositor Walt Whitman serviu doses de slivovitz para todos, Lancelot brindou com ele e assentiu, e os homens sorriram um para o outro, deixando passado no passado. Foram tomados por uma bondade amigável, Lancelot foi pegar na geladeira mais biscoito de gengibre para Walt Whitman, e o compositor emprestou meias grossas de caxemira a Lotto.

Durante toda a tarde, Lotto esperou e esperou, mas Leo não apareceu. Por fim, ele pressionou Blaine, que acabara de trazer uma quantidade de lenha suficiente para um mês e se preparava para sair e tirar o gelo da própria casa.

— Ah, Leo agradeceu e disse que não queria vir — contou Blaine. — Falou que tinha bastante lenha, me mostrou a manteiga de amendoim, o pão de forma e a jarra de água e que preferia simplesmente continuar trabalhando. Achei que não havia mal nisso. Puxa vida, eu estava errado?

Não, não, não, garantiu Lancelot. Mas pensou, Sim, é horrível. Nunca devemos deixar um homem enfrentar o frio sozinho. Você nunca leu sobre Shackleton e o *Endurance*? Geleiras e canibalismo. Ou contos de fadas, nos quais os duendes do gelo saem da floresta para bater à porta das casas. Tarde da noite, trabalhando, Leo ouviria alguém na porta, então iria descalço até lá para investigar e escutaria um canto misterioso baixinho para além das árvores e, intrigado, sairia depressa naquela friagem, e a porta se fecharia às suas costas. Ficaria trancada, pois os duendes do gelo teriam entrado furtivamente, e por mais que Leo tentasse, não conseguiria voltar para o fogo quente como o diabo, os duendes pelados dançando lá dentro, enquanto ele ficaria encostado na porta como a Pequena Vendedora de Fósforos, e se transformaria em visões de uma felicidade distante conforme parava de respirar. Congelado. Morto! Pobre Leo, um rígido cadáver azulado. Lancelot tremeu, embora a sede tivesse virado um ambiente tropical com todo o ardor dos artistas aliviados e o calor das lareiras.

Mesmo depois de os lampiões de querosene terem sido apagados, do romancista ter guardado seu violão, de o slivovitz ter aquecido as barrigas de todo mundo e eles terem adormecido na área comum, sentindo-se aquecidos e seguros, Lancelot ficou preocupado com o pobre rapaz sozinho na floresta, no meio do gelo. Tentou não se revirar na cama de armar, com medo de que o rangido das molas e o farfalhar do cobertor acordasse os outros artistas, mas desistiu de dormir durante a madrugada e desceu até a cabine telefônica gelada para verificar se havia sinal e se ele podia ligar para Mathilde. Porém, os telefones continuavam mudos, e o subsolo estava congelante. Ele subiu para a biblioteca e se sentou na janela que tinha vista para os campos dos fundos, onde

ficou observando a noite passar.

Sentado ali, pensando no rubor que surgia subitamente em Leo, no cabelo bagunçado dele, Lotto caiu em um sono agitado na poltrona, embora sonhasse que estava desperto.

Ao acordar, viu um pequeno vulto vindo devagar pela floresta, dando passos inseguros. No brilho do gelo e do luar, poderia ser o mensageiro de uma história sinistra. Ele observou o rosto pálido debaixo da touca ficar nítido, e sentiu um sol começar a nascer lentamente dentro dele assim que teve certeza de que aquele era Leo.

Foi encontrar o rapaz na porta da cozinha, abrindo-a em silêncio para ele, e embora houvesse uma proibição tácita a um contato entre eles, Lancelot não se conteve: segurou os ombros esguios e fortes de Leo e o abraçou ferozmente, sentindo o cheiro de caqui entre a orelha e o cabelo dele e no pelo fininho de seu rosto.

— Eu estava muito preocupado com você — confessou baixinho para não acordar os outros.

Afastou-se do colega com relutância.

Leo manteve os olhos fechados, e quando os abriu, foi com algum esforço. Parecia morto de cansaço.

— Terminei a ária da Go — disse. — É claro, não durmo há três noites. Estou destruído de cansaço. Vou para casa dormir. Mas, bem, se Blaine puder deixar você lá com o jantar antes de ir para a casa dele à noite, toco para você o que compus.

— Sim — concordou Lancelot. — Claro. Vou preparar um piquenique e a gente pode conversar durante toda a madrugada. Mas fique aqui mais um pouco e tome um café comigo.

Leo negou com a cabeça.

— Se eu não for para casa, vou desabar. Só queria convidar você para ir ao meu chalé. Depois, ah, vou cair na abençoada inconsciência do sono pelo máximo de tempo que der. — Ele sorriu. — Ou até que você apareça e me acorde.

Ele se aproximou da porta, mas Lancelot, tentando encontrar um jeito de segurá-lo ali, perguntou: — Como você sabia que eu estaria acordado?

De onde estava, Lancelot conseguia sentir o calor do rosto corado de Leo.

— Conheço você — disse. Depois acrescentou impulsivamente: — Você nem imagina quantas manhãs passei em pé na rua observando a luz do seu chalé se acender às 5h22 antes de conseguir ir para casa dormir.

Em seguida, a porta se abriu, fechou, e Leo se tornou um rabisco desaparecendo na trilha escura e depois na página em branco da neve.

*

Lancelot passou desodorante duas vezes, se barbeou duas vezes. Todas as

partes do seu corpo haviam sido esfregadas debaixo do chuveiro quente. Ele observou minuciosamente seu reflexo no espelho, sem sorrir. Não era nada de mais, seu colaborador só ia tocar a primeira música do projeto deles. Negócios, rotina. Ele estava enjoado, não tinha comido nada o dia inteiro. Seus braços e pernas estavam esquisitos, como se seus ossos tivessem derretido e sido reconstituídos de forma aleatória. A última vez que se sentira desse jeito, era tão jovem que não passava de um estranho para si mesmo, e fora uma garota de rosto redondo e piercing no nariz feito por ela mesma, uma noite na praia, uma casa pegando fogo. Seu primeiro ato de amor consumado. Estava tão nervoso que até esqueceu o nome dela por um instante. [Gwennie.] Ah, sim, Gwennie. Sua memória com as beiradas puidas, tão diferente de quando tinha um raciocínio rápido. Mas o que o fantasma dela tinha para dizer a ele podia não ser pertinente naquele momento.

Havia algo acontecendo dentro de Lotto. Como se dentro dele houvesse um forno aceso que o queimaria caso fosse aberto. Um segredo tão inconfesso que nem Mathilde sabia.

Não queria contar a Blaine sobre sua visita a Leo, então ele mesmo preparou a sopa e os sanduíches e colocou na cesta. Saiu cambaleando pelo gelo derretido sem dizer a ninguém aonde ia. No crepúsculo, os bancos de neve se retraíram e estava parecendo uma gengiva com as raízes dos dentes expostas. As árvores ao vento lembravam corpos magros totalmente despidos. Era muito mais difícil andar ali do que ele imaginara: precisava se deslocar de lado, com os braços estendidos, a cesta balançando, e estava ofegante quando chegou ao pequeno chalé em estilo Tudor de Leo, com a luz da lareira colorindo as janelas de vermelho.

Ao entrar ali pela primeira vez ficou assustado com o pouquíssimo indício de ocupação. Estava tudo limpo e varrido, e os únicos sinais da presença de Leo eram o par de sapatos pretos, lustrosos como besouros e organizados embaixo da cama, e a partitura no piano.

Então ouviu o barulho da água de uma torneira no banheiro, e Leo surgiu na porta, enxugando as mãos numa toalha.

— Você veio — disse ele.

— Você duvidava?

Leo foi na direção de Lancelot, depois parou no meio da sala. Tocou o próprio pescoço, depois as pernas, e encostou as palmas das mãos uma na outra. Hesitou.

— Eu tinha planejado que a gente comesse primeiro, mas acho que não vou conseguir — disse Leo. — Estou morrendo de vontade de tocar para você, e ao mesmo tempo estou apreensivo demais para tocar. É absurdo.

Lancelot tirou da cesta uma garrafa de malbec com tampa de rosca que ele conseguira pegar na cozinha, e disse: — Então vamos beber. Esse vinho recebeu

nota noventa a três no *Wine Advocate*. É complexo, frutado, com toques de ousadia e vivacidade. Quando você se sentir pronto, vamos tocar.

Ele pretendia dizer *você vai tocar*, e tossiu para disfarçar o equívoco.

Serviu o vinho na mesma caneca azul pontilhada de branco na qual, em seu chalé, ele plantara uma samambaia morta. Leo tomou um gole e engasgou, rindo, depois se limpou com um lenço de papel. Em seguida, devolveu a caneca para Lancelot, roçando na mão dele. Foi até o piano. Lancelot sentia que era uma violação se sentar na cama de Leo, mas, mesmo assim, se acomodou ali cheio de cautela, sentindo o colchão frio, os lençóis brancos e a solidez embaixo dele.

Leo flexionou suas mãos gigantescas e, como se as visse pela primeira vez, Lancelot notou a inacreditável beleza delas. Eram capazes de fazer um intervalo de décima terceira, aquelas mãos, como as mãos de Rachmaninoff. Leo as manteve por um tempo acima do teclado, depois as baixou, e a ária de Go começou.

Após um compasso, Lancelot fechou os olhos. Desse jeito era mais fácil desincorporar a música. Assim, ele ouvia o som se decompor numa canção suave. Crescente e harmoniosa. Tão doce que fazia seus dentes doerem. Um calor surgiu em seu estômago e se irradiou para fora, para cima e para baixo, chegando na garganta, nos fêmures, uma emoção tão estranha que Lancelot teve dificuldade em identificar o que era. Mas em menos de um minuto da execução de Leo, Lotto dera um nome para seu sentimento: medo. Ele estava sentindo medo, óbvio e forte. A música estava errada, completa e absolutamente errada para o projeto deles. Lancelot teve a impressão de estar engasgando. Ele queria algo etéreo, estranho. Algo um pouco feio. Música com humor, para incomodar! Um tipo de música cortante! Uma canção que minasse e aprofundasse, que se enraizasse a partir do mito original de Antígona, que sempre fora uma história intensa e estranha. Se pelo menos Leo tivesse replicado a música da ópera daquele verão. Mas a que estava tocando... não. Era melosa demais, não tinha humor. Era sofrida, inconstante. Isso estava tão errado que mudava tudo.

Tudo havia se alterado.

Ele precisava garantir que o seu rosto, de olhos fechados e direcionado atentamente para Leo, se tornasse uma máscara.

Queria fugir para o banheiro e chorar. Queria dar um soco no nariz de Leo para fazê-lo parar. Não fez uma coisa nem outra. Ficou ali sentado, um sorriso de Mathilde no rosto, enquanto escutava. Em seu cais interno, o grande navio em que queria embarcar e partir deu um apito abafado. As cordas foram soltas. O navio saiu em silêncio pela baía, e Lancelot ficou sozinho em terra, observando-o afundar no horizonte, observando-o sumir.

A música terminou. Lancelot abriu os olhos, sorrindo. Mas Leo notara algo em sua expressão e estava olhando para ele, horrorizado.

Quando Lancelot abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada, Leo se

levantou, abriu a porta e saiu descalço, sem nem ao menos levar um casaco, e desapareceu na floresta escura.

— Leo — chamou Lancelot. Correu até a porta e gritou: — Leo? Leo?

Mas Leo não fez barulho nenhum. Tinha desaparecido.

Não tinham prestado atenção e, de mansinho, a tarde de inverno foi substituída pelo crepúsculo.

Dentro do chalé, Lancelot refletiu. Podia correr atrás de Leo, por mais que o lado esquerdo do seu corpo estivesse fraco... Mas o que diria se o encontrasse? Dizer o que seria se o perdesse? Podia continuar ali e esperar Leo voltar. Mas o rapaz estava com o orgulho muito ferido, e logo mais se machucaria fisicamente com o frio, cortando os pés, desenvolvendo frieira, antes de consentir em voltar para um chalé onde Lancelot estava. A única coisa boa, a única coisa compassiva, era Lancelot ir embora. Deixar o garoto voltar de fininho, lamber suas feridas sozinho. Poderia voltar no dia seguinte e consertar as coisas, depois de dar a Leo um tempo para esfriar a cabeça.

Deixou um bilhete. Não prestou atenção ao que escrevera e estava muito perturbado para entender ou se lembrar de algo para além do momento em que tirou o lápis do papel. Poderia ter escrito um poema. Ou então uma lista de compras. Ele saiu naquele frio solitário e, todo dolorido, percorreu a rua de terra congelada até a sede, sentindo o peso dos seus quarenta anos. Quando chegou lá, estava encharcado de suor. E ao entrar descobriu que os outros haviam começado a jantar sem ele.

*

Bem antes de o sol fraco nascer, chá fraco, sobre a terra congelada, Lancelot andava de um lado para outro na biblioteca da sede. O mundo estava de cabeça para baixo; tudo se tornou um verdadeiro caos. Ele saiu depressa dali. Estava mais fácil de andar do que no dia anterior, pois o gelo derreteria ainda mais, então uma trilha de lama se formara até a casa de Leo. Lancelot bateu com força à porta, mas estava trancada. Ele contornou até chegar às janelas, mas as cortinas estavam tão fechadas que não havia nenhuma fresta por onde ele pudesse espiar. Durante toda a noite, ecoara em sua cabeça uma lembrança terrível da época que passou no internato, quando encontrara aquele garoto enforcado. O rosto azul, o cheiro deplorável. A calça jeans do colega roçando em sua bochecha no escuro, suas mãos se erguendo para tocar a perna fria e sem vida.

Ele encontrou uma janela destrancada e enfiou os ombros pela abertura, impulsionando o resto do corpo em seguida. Caiu com tanta força em cima da sua clavícula ruim que chegou a ver estrelas.

— Leo — chamou ele com a voz embargada, mas antes de se levantar soube que o colega não estava no chalé.

Os sapatos embaixo da cama tinham sumido, o armário estava vazio, mas o

cheiro de Leo permanecia ali. Ele procurou em vão por um bilhete, qualquer coisa, e só encontrou uma cópia da ária de Go no banco do piano com a precisa notação de Leo feita a lápis. Emoldurável, era uma arte mesmo sem a música. Apenas a palavra *acciaccato* em tinta preta.

Lancelot voltou correndo do jeito que pôde para a sede, viu Blaine chegando de carro e fez sinal para ele parar.

— Ah — disse Blaine. — Ah, sim. Leo recebeu uma notícia horrível de casa e teve que pegar um voo no meio da noite. Acabei de voltar de Hartford. Ele parecia abatido. É um bom garoto, não é? Coitado.

Lotto sorriu. Seus olhos se encheram d'água. Ele era um disparatado.

Blaine pareceu incomodado e colocou a mão no ombro de Lotto.

— Você está bem? — perguntou.

Lotto assentiu.

— Acho que também preciso ir para casa hoje — disse. — Por favor, avise ao pessoal do escritório. Vou contratar um motorista. Não se preocupe comigo.

— Está bem, meu filho — murmurou Blaine. — Não vou me preocupar.

*

Lancelot estava parado na porta da cozinha da casa de campo, a limusine silenciando ao longe na lama. Lar.

Deus fazia cliques rápidos ao descer a escada, Mathilde estava à mesa, sendo iluminada pelos raios de luz que entravam na diagonal, com os olhos fechados e uma xícara de chá fumegante à sua frente. Havia um cheiro discreto de lixo no ar frio da casa. O coração de Lancelot deu um salto: era sua responsabilidade levar o lixo para fora. Em sua ausência, Mathilde o deixara acumular.

Não sabia se ela olharia para ele. Nunca a vira tão brava a ponto de não olhar para ele. Estava de cara amarrada. Parecia mais velha. Triste. Magra. Com o cabelo oleoso. Estava escurecida, como se tivesse se avinagrado na própria solidão. Algo dentro de Lotto se quebrou.

Deus começou a pular nos joelhos de Lotto, se mijando de felicidade em vê-lo, e latindo com seu semigrito esganiçado. Mathilde abriu os olhos. Ele notou as grandes pupilas dela se estreitarem nas íris quando o encarou e, pelo seu olhar, Lotto se deu conta de que ela não tinha notado a presença dele até então. E que ela ficou muito feliz em vê-lo. Ali estava ela. Seu único amor.

Mathilde se levantou tão depressa que a cadeira tombou para trás. Ela abriu os braços para ele, sua expressão se iluminando. Lotto enfiou o rosto no cabelo dela para sentir o cheiro. A terra estava presa, rodando, na sua garganta. E então o corpo magro e forte da sua esposa estava encostado no dele, o cheiro dela no seu nariz e o gosto do lóbulo da sua orelha. Ela recuou um pouco, lançou um olhar feroz para ele e fechou a porta da cozinha com o pé. Quando Lancelot tentou falar, ela tapou a boca dele com a mão para impedi-lo e o conduziu para o

andar de cima em silêncio absoluto; transou com ele com tanta violência que Lotto acordou no dia seguinte com hematomas roxos no quadril e marcas de unha na lateral do corpo, as quais ele pressionou no banheiro, ávido pela dor.

*

E então veio o Natal. Havia ramos de visco pendendo do lustre no corredor, pinheiro azul enrolado no corrimão, cheiro de canela, maçãs no forno. Lancelot estava parado na beira da escada, sorrindo para o reflexo do seu rosto com marcas de acne no espelho, ajeitando a gravata. Olhando para ele, a pessoa nunca diria que tinha se ferrado tanto naquele ano. Ele sofrera, saíra fortalecido. Talvez até mesmo mais atraente, pensou. Os homens conseguem fazer isso, ficar mais bonitos enquanto envelhecem. As mulheres apenas ficam velhas. Pobre Mathilde, com sua testa cheia de rugas. Em vinte anos, ela estaria grisalha, com o rosto todo enrugado. Ah, mas ela ainda seria linda, pensou, fiel em sua essência.

OuvIU-se o barulho de um motor. Lotto foi dar uma olhada e encontrou um Jaguar verde-escuro saindo da estrada e entrando no cascalho entre as cerejeiras nuas.

— Eles chegaram — gritou para Mathilde lá em cima.

Estava sorrindo: fazia meses que não via a irmã com Elizabeth e os gêmeos adotados. As crianças amariam a tartaruga e a coruja de balanço que tinham sido feitas por um excêntrico carpinteiro eremita de uma área remota do norte do estado. A coruja tinha o olhar espantado de um erudito, e a tartaruga parecia estar comendo uma raiz amarga. Ah, as crianças alegres em seus braços. A calma da sua irmã ao seu lado. Ficou na ponta dos pés de tanta empolgação.

Então notou que, embaixo da tigela de chocolate com menta na mesinha de madeira no corredor, havia a beirada de um jornal aparecendo. Inusitado. Mathilde costumava deixar tudo tão arrumado. Todas as coisas na casa estavam nos seus devidos lugares. Ele empurrou a tigela para o lado para ver. Suas pernas ficaram bambas.

Havia uma foto granulosa de Leo Sen sorrindo timidamente, acompanhada de um pequeno artigo embaixo.

Promissor compositor inglês se afogou perto de uma ilha na Nova Escócia. Tragédia. Um artista de enorme potencial. Com passagem por Eton e Oxford. Prodígio precoce no violino. Conhecido por suas composições harmônicas e profundamente emotivas. Nenhum parceiro. Sua falta será sentida por seus pais, pela comunidade. Comentários de compositores famosos. Leo era mais conhecido do que Lancelot achava.

O que permaneceu não dito era quase difícil demais de suportar. Outro sumidouro. Alguém ali, que sumiu de repente. Leo nadando numa água muito gelada. Dezembro, correntes de retorno, o borriço acima das ondas fortes virando instantaneamente projéteis de gelo. Ele imaginou o choque de uma água escura e gelada contra o corpo, estremeceu. Toda aquela situação estava errada.

Ele teve que respirar fundo para conseguir permanecer de pé. Agarrou a mesa, abriu os olhos apenas para ver o reflexo lívido do próprio rosto no espelho.

Acima do seu ombro esquerdo, viu Mathilde no alto da escada. Ela o observava. Estava séria, concentrada, esbelta com um vestido vermelho. A fraca claridade de dezembro entrava pela janela logo acima e contornava seus ombros.

A porta da cozinha se abriu e deu para ouvir as vozes das crianças nos fundos da casa, chamando pelo tio Lotto.

— Olá? — gritou Rachel.

A cadela latiu alegremente, e Elizabeth caiu na gargalhada. As duas começaram a discutir baixinho por algum motivo, mas Lancelot e a mulher continuavam se entreolhando pelo espelho. Então Mathilde desceu um degrau, depois outro, e retomou seu velho sorrisinho.

— Feliz Natal! — gritou ela, animada, com sua voz grave e clara.

Lotto se encolheu como se tivesse colocado a mão num fogão quente, e Mathilde o observou pelo espelho enquanto descia bem, bem devagar.

— Posso finalmente ler o que você escreveu com Leo? — perguntou Mathilde certa noite na cama.

— Talvez — disse Lancelot, rolando para cima dela e enfiando as mãos por dentro de sua blusa.

Mais tarde, depois de submergir nos lençóis, ela veio à tona, corada com o calor dele.

— Talvez significa que posso ler?

— M. — disse ele baixinho. — Odeio o meu fracasso.

— Isso é um não? — perguntou ela.

— Isso é um não.

— Tudo bem.

Mas ele teve que ir à cidade no dia seguinte para se encontrar com o agente, e ela foi para o cantinho dele no andar de cima, todo de papéis espalhados e xícaras de café acumulando poeira, e se sentou para ler o que tinha dentro da pasta.

Ela se levantou e foi para a janela. Pensou no rapaz que tinha se afogado na água escura e gelada, em uma sereia e nela mesma.

— Que pena — disse ela para a cadela. — Poderia ter sido genial.

A Antigônada [*Primeiro esboço, com anotações para música*]

Elenco de personagens Go: contratenor, fora de cena; em cena, uma marionete dentro d'água ou um holograma que permanece a ópera inteira dentro de um tanque de vidro Ros: tenor, amante de Go Coro de doze: deuses, escavadores e pessoas que viajam diariamente para ir trabalhar Quatro dançarinos Ato I: solip Nada de cortinas. Palco no escuro. No centro, um tanque de água cilíndrico iluminado ou desenvolvido para parecer uma caverna. Go: dentro. É difícil depois de todos esses séculos saber se é humana. Ela é reduzida ao necessário.

[Leo: A música começa tão suavemente que se confunde com os sons ambientes. Gotas, barulhos distantes. Sussurro, um assovio como o do vento. Arrastar de pés. Batimento cardíaco. Asas coriáceas. Fragmentos musicais tão filtrados que não são mais música. Estática de vozes, como se estivessem do outro lado de uma pedra. Espera-se que a plateia converse e que os murmúrios das pessoas se misture à partitura. Os sons ganham ritmo e harmonia conforme ficam mais altos.]

Com acréscimos imperceptíveis, as luzes se acendem na caverna e se apagam na casa. A plateia então fica em silêncio.

Go acorda, senta. Começa a cantar sua primeira ária, um lamento, enquanto anda ao redor da caverna.

As legendas em inglês são projetadas acima do arco do proscênio. Go

tem uma língua própria. Grego antigo, em sua essência, nada de tempos verbais, nada de casos gramaticais, nada de gêneros. Tudo isso também distorcido por milênios de solidão, modificado pelos fragmentos de palavras filtradas do mundo acima, alemão, francês e inglês. Ela está louca das duas formas: furiosa e insana.

Go narra como vive enquanto anda pelo cenário: jardim de musgos e cogumelos para cuidar, minhocas para ordenhar, acessórios de cabelo e teia de aranha para tecer todos os dias. Banhos lentos com a água que pinga das estalactites. Uma solidão terrível. Morcegos com rostos de bebês que ela mesma criara, incapazes de falar mais de dez palavras, interlocutores insatisfatórios. Go não está conformada com o seu destino. Reclama dos deuses que a amaldiçoaram com a imortalidade; já tentara se enforcar, mas não conseguira. Acordou amortalhada com uma marca de corda no pescoço e Hêmon morto ao seu lado. Ela transformou os ossos dele em colheres e tigelas, que usa para comer. Então pega a tigela, que é o crânio dele, e fica furiosa de novo, gritando imprecações contra os deuses.

As luzes se deslocam da caverna de Go, sobem para o coro com traje de deuses, pequenos focos de luz embutidos nas roupas deles, de modo que são dolorosamente brilhantes. Primeiro parecem ser seis pilares num semicírculo em volta do tanque dela, até que vemos os símbolos que os definem: asas nos calcanhares de Hermes, a lança de Marte, a coruja de Minerva et cetera.

Eles cantam em inglês. Tinham a intenção de dar a imortalidade a Go, um presente, mas a deixaram na caverna até que ela demonstrasse gratidão. Ela ainda precisa demonstrar gratidão. Go furiosa. Go Arrogante.

Flashback a história de Antígona, em dança. Os bailarinos estão atrás do tanque, para que a água amplie seus corpos e os deixe selvagens e estranhos. Numa breve pantomima, representam como Polínice e Etéocles, os irmãos de Antígona, lutam em lados opostos, como os dois morrem e Antígona enterra a irmã duas vezes, contra o decreto de Creonte. Depois Creonte enfrenta os deuses, Antígona é levada embora e se enforca. Hêmon se mata, Eurídice se mata, Creonte morre. Um verdadeiro banho de sangue.

Mas um dos deuses, Minerva, corta a corda de Antígona, a ressuscita. Prende Antígona na caverna.

Os deuses cantam que a deixariam, a última raiz de uma casa podre, filha de um incesto, sobreviver. Tudo que ela precisava fazer era se humilhar diante deles. Mas, milênio após milênio, ela resistia. Curve-se, Go, e você será libertada. Os deuses não são nada além de bondosos.

Go: RÁ!

As luzes retornam para Go, e ela canta outra ária, dessa vez mais rápida, em sua língua: os deuses se esqueceram dela. Go mataria eles com

as próprias mãos. O caos seria melhor que eles. Malditos sejam os deuses; Go os amaldiçoa. Os humanos, Go sabe, estão esquentando como um vulcão; eles vão explodir, afundar no nada. O fim está próximo, e eles estão celebrando a própria existência. Quem é pior: os deuses ou os homens? Go não se importa. Ela não sabe.

[Entreato: vídeo de dez minutos cobrindo o palco. Um escasso campo marrom com uma única oliveira, o tempo passando com uma rapidez radical. A árvore cresce, definha, morre, o campo é coberto por novas árvores que crescem, definham, morrem, uma casa é construída. Um terremoto, a casa desaba e a caverna de Go é desalojada, então ela começa a viajar embaixo da terra. O vídeo gira. Cidades são construídas, exércitos se formam e as reduzem a cinzas. Embaixo do Mediterrâneo por alguns instantes, tubarões passam. A caverna de Go viaja por baixo da Itália enquanto observamos a transformação da terra: de império romano, aquedutos e agricultura, Roma reconstruída, sob os Alpes, lobos, a França na Idade das Trevas — rápido passar do tempo —, Leonor da Aquitânia, Paris, por baixo do Canal, Londres queimando em 1666, onde a trajetória da caverna para. Acompanhamos o crescimento rápido e orgânico da cidade até 1979.]

Ato II: Démo [*O vídeo se estreita até virar uma fina faixa acima da caverna de Go, embaixo das legendas. Passifloras brotam em tempo real. Quarenta e cinco minutos: do broto à flor.*]

Go faz flexões dentro da caverna. Pranchas. Corre numa esteira feita de teia de aranha e estalagmites, ao som de uma música atonal, fantasmagórica, ressonante. Os morcegos com rosto de bebê de cabeça para baixo aplaudem.

Ela tira a roupa devagar e fica parada debaixo de um chuveiro lento formado pela água que cai de uma stalactite.

Ela ouve algo. Fora de cena, as vozes ficam mais altas. Go encosta a orelha na lateral da caverna, e luzes iluminam um coro de escavadores de capacetes que ficou nítido de repente. As vozes deles fornecem ritmo e ruídos de escavação, e uma serra musical é responsável pela melodia. Da massa de trabalhadores, um, Ros, está parado, descansando: é jovem, muito bonito, mais arrumado do que os outros com suas roupas do fim dos anos setenta. É alto demais e tem barba. Os homens cantam sobre a linha de metrô Jubilee e sobre como a glória da humanidade matou os deuses.

Os deuses estão mortos, cantam em inglês. Nós os matamos. Os humanos os venceram.

Go ri, feliz em ouvir vozes tão perto e nítidas.

Mas Ros interrompe cantando em contraponto: Nós toupeiras. Irracionais e cegas. Atrofiadas no escuro. Não é possível ser bom se não dá

para ver o sol. E o que significa ser humano se nossa vida não pode terminar de um jeito melhor do que começou?

Go encosta o corpo todo na parede. Há certo erotismo na maneira que ela se movimenta.

Hora do intervalo: um soprano fora de cena canta o apito do almoço. A canção dos homens termina. Eles se acotovelam, almoçam, com exceção de Ros, que se senta com um livro e um sanduíche, longe dos outros, do lado oposto da pedra de Go.

Ela tenta repetir baixinho a canção que ele cantou. Ros ouve e, ansioso, encosta o ouvido na pedra. Parece perplexo, depois amedrontado. Lentamente, começa a cantar em resposta a ela. Go modifica a música dele até que se torna uma canção dela, enquanto os dois cantam baixinho de um para o outro em estranha dissonância, Go transliterando para a sua linguagem aprimorada, criando significados totalmente novos. [As legendas são divididas ao meio, traduzindo as falas dela para o inglês, as reais palavras dele.] Seus rostos estão encostados no mesmo nível, Go muito encolhida, Ros ajoelhado. Ele se apresenta; baixinho, ela diz que se chama Go.

Os outros homens se levantam e trabalham em silêncio enquanto Go e Ros cantam mais alto, mais forte, o soprano canta o apito que anuncia o fim do dia, interrompendo o dueto. E por mais que Ros tente ficar, o capataz não permite. Quando saem, os homens alteram a canção para debochar de Ros: Ros é um sonhador, cantam. Bobo como as pedras à nossa volta. Um leitor inútil. Não um homem de verdade, Ros.

Go canta uma música de amor, uma ária, quase bela, e a canção da caverna fica menos cacofônica atrás dela e parece acompanhá-la.

Ros volta e tenta freneticamente cavar a parede, sem saber que a pedra é amaldiçoada e não pode ser quebrada. Dias se passam, simbolizados pelos trabalhadores seguindo seu caminho, o soprano cantando o fim de mais um dia, e Ros continua tentando. O erotismo dos movimentos deles já virou fornicação com as paredes. [Leo: a música dói de desejo.] Os dias passam e Ros canta, de forma cada vez mais frenética: Não vou deixar você, Go. Vou tirá-la daí. Ele para de disfarçar o que está fazendo e passa a agir abertamente, então os outros o cercam e o colocam numa camisa de força para arrastá-lo dali. Ele tenta fazê-los compreender, mas os homens se tornam cruéis. Ele canta sua música de amor para Go enquanto é arrastado para o hospício, e ela responde com uma canção. Parece que só mais uma pessoa poderia ouvir Go — há um lampejo de reconhecimento —, mas ele dá de ombros e ajuda a arrastar Ros para longe.

Go canta sozinha sua música de amor. Começa a tecer devagar seu vestido de noiva. Vermelho.

Do lado de fora, a estação de metrô é concluída, as pessoas começam a embarcar, a saltar. São os deuses, usando roupas normais. Dá para saber que são deuses pelo brilho que emitem quando comparados aos outros passageiros. Fomos diminuídos, cantam eles. Atualmente os deuses são apenas histórias. Continuam imortais, mas impotentes.

Eles embarcam e desembarcam do metrô enquanto cantam.

Ros retorna com uma roupa esfarrapada, com uma aparência pressurosa, cabeluda e desabrigada. Ele encosta o rosto na parede de Go e canta sua música de amor. Aliviados, eles cantarolam um pouco do dueto, mas a versão de Go mudou de novo. Ela deixou a canção mais sombria, ficando cada vez mais frenética e fervorosa, lutando com a parede, socando e chutando-a enquanto Ros constrói uma casinha de papelão, enche-a de jornal, desenrola um saco de dormir e se acomoda lá dentro.

Não vou deixá-la, canta Ros. Você nunca mais vai ficar sozinha.

[Entreato: sobreposição de um vídeo de cinco minutos, como antes. Londres cresce e fica mais cheia acima deles, o Gherkin, a Vila Olímpica, avançando para uma superpopulação esmagadora, com manifestações, incêndios, escuridão e desastres.]

Ato III: escat Começa com Ros deitado no mesmo lugar em que estava no fim do ato anterior, mas ele está velho, a estação de metrô, imunda, pichada, cenário de pesadelo. O apocalipse está logo acima deles. Go é exatamente a mesma, embora esteja ainda mais bonita com seu vestido de noiva oscilante, os morcegos ainda mais estranhos, bebês carecas de asas pendurados de cabeça para baixo. Muzak, ou a música mais sem alma do planeta. [Desculpa, Leo.] É interrompido com estática e ruídos distantes e esquisitos se aproximando.

Ros canta para Go sobre as pessoas passando. Ele já aprendeu a língua dela, mas nesse momento começamos a entender que ele está transformando o mundo feio em algo bonito.

Há uma briga na plataforma, e a plateia aos poucos se dá conta de que um deus está metido na briga. A luz dele é reduzida, deixando-o com um aspecto tão imundo e velho quanto Ros. É Hermes. Dá para saber pelas asas iluminadas e sujas nos tênis. Nesse momento Ros fica boquiaberto.

Conte sobre o sol, diz Go. Você é meus olhos, minha pele, minha língua.

Mas Ros fica perturbado com o que presenciou. Os deuses esqueceram de si mesmos, canta Ros, como se para si mesmo. Ele põe as mãos no coração, tomado por uma dor súbita. Tem algo errado, Go. Tem algo errado dentro de mim.

Ela diz não. Diz que ele é seu belo e jovem marido. Por causa dele, ela voltou a amar a humanidade. Ele é bom por dentro.

Estou velho, Go. Estou doente. Sinto muito, canta ele.

Os deuses se reúnem, cantam, se queixando dos próprios males e dos

males do mundo. Onde no começo havia grandiosidade, uma luz brilhante, muita seriedade, agora há uma perda indescritível, quase cômica. Go está oprimida, tapa os ouvidos com as mãos.

Ros desmorona. O mundo não é o que... Ele começa, mas não termina.

Go canta uma música de amor para ele. Um vídeo se projeta no corpo de Ros, sua alma ascendendo, jovem, com moedas nos olhos. Sua alma aparece num dos feixes de luz oblíquos. No corpo de braços do cantor é projetado um vídeo de deflação, reduzindo-o a ossos.

Ros?, canta Go. A repetição dessa única palavra, nada de música. Gritando.

Ao fim, ela berra pedindo socorro aos deuses. Dessa vez em inglês. Me ajudem, deuses. Socorro.

Mas os deuses estão distraídos, os sons estrondosos e altos demais ficam muito próximos, e suas colunas de luz, vazias, e eles estão brigando, todos mendigos, como numa comédia pastelão; no entanto, é mortal. Minerva estrangula Afrodite com um carregador de laptop; Saturno, um velho gigantesco nu e imundo tateia às cegas em busca de seu filho Júpiter, mas engole um rato à la Goya; Hefesto entra com grandes robôs de metal. Prometeu joga um coquetel Molotov nele. É tudo horrível, sangrento, até Júpiter girar um grande botão vermelho.

Hades convoca suas sombras, que fazem outro botão vermelho surgir.

Uma música de impasse, enquanto os dois enganam deliberadamente um ao outro.

[Go rodopiava pela caverna, devagar no início, depois com velocidade crescente.]

No silêncio, deu para ouvir Go gemendo: *Ros, Ros, Ros*.

De repente, os dois deuses apertam os botões. Há um enorme clarão de luz, uma cacofonia. Depois, silêncio e escuridão.

Go começa lentamente a brilhar. [Todas as outras luzes no teatro — luzes de corredores, luzes de saída — apagadas. Uma escuridão de inspirar pânico.]

Por favor, grita ela uma vez em inglês.

Ninguém responde.

Silêncio.

[Leo, mantenha um silêncio profundo até que se torne insuportável; por um minuto, pelo menos.]

Go está sozinha, ela canta. Imortal num mundo morto. Não há destino pior que esse. Go está sozinha. Viva e sozinha. A única. Ela estende a última nota até sua voz falhar, depois ainda vai além.

Ela se curva até ficar na posição em que a encontramos.

Os únicos sons são do vento, da água. O batimento lento e antigo de um

coração aumenta até ficar mais alto que o barulho do vento e da água, e se torna a única coisa que conseguimos ouvir. Não pode haver aplauso na intensidade desse barulho. Não há cortina se fechando. Go permanece curvada na mesma posição até o público sair em fila.

FIM

Havia quatro dramaturgos na conferência sobre o futuro do teatro. A universidade era tão rica que pôde trazer todos eles de uma vez: a garota prodígio de vinte e poucos anos, o animado nativo americano na faixa dos trinta, a antiga voz do teatro cuja melhor obra fora produzida quarenta anos antes do fim do século passado, e Lotto, de quarenta e quatro anos, representante da meia-idade, pelo que ele mesmo supunha. E como fazia uma manhã esplêndida, com vento frio e uma iluminação cor de buganvília rosa néon, e como todos admiravam em diferentes graus os trabalhos uns dos outros, os quatro dramaturgos e o moderador compartilhavam plenamente o bourbon e as fofocas no salão verde enquanto aguardavam o início do evento, e estavam levemente embriagados quando entraram em cena. Havia quinhentos lugares no auditório e todos estavam ocupados, assim como a sala com um telão de LED, e havia gente sentada nos corredores e as luzes eram tão fortes que quem subia ao palco mal enxergava além da primeira fila, em que as esposas estavam sentadas juntas. Mathilde ficara na ponta, sua elegante cabeça grisalha apoiada no punho, sorrindo para o marido.

Lancelot se distraía durante os aplausos e as introduções extensas repletas de breves cenas da obra de cada dramaturgo encenadas pelos alunos de teatro. Ele estava tendo dificuldade em acompanhar. Talvez tenha tomado mais bourbon do que achava. Pelo menos conseguiu entender sua própria peça; a Miriam de *As Nascentes* estava perfeita, sexy com aquele vestido, peituda, rouca, um belo quadril e um cabelo brilhante cor de cobre. Ela emplacaria uma carreira no cinema, ele tinha certeza. [Sim, faria papéis pequenos, conquistaria uma centelha de sucesso.]

Chegou a hora da discussão. O futuro do teatro! Primeiras ideias? O velho excêntrico começou a se queixar com um falso sotaque britânico. Bem, o rádio não matou o teatro, depois o cinema não matou o teatro, depois a televisão não matou o teatro, portanto, era uma bobagem achar que a internet, por mais sedutora que fosse, mataria o teatro, não era? O nativo falou em seguida: vozes marginalizadas, vozes de cor, vozes tradicionalmente reprimidas serão tão ouvidas quanto as de qualquer um, abafando as vozes dos chatos homens velhos e brancos do patriarcado. Bem, reagiu Lancelot de forma gentil, até mesmo os homens brancos e chatos do patriarcado tinham histórias para contar, e o futuro do teatro era igual ao passado do teatro: inovar na arte de contar histórias e inverter as expectativas da narrativa. Ele sorriu. Até o momento, só ele tinha sido aplaudido. Todos olharam para a garota, que deu de ombros e roeu as unhas.

— Não sei. Não sou adivinha — disse ela.

Impacto da era tecnológica? Afinal, estamos no Vale do Silício. A plateia riu. O nativo interveio, chutando cachorro morto: com YouTube e cursos em

plataforma on-line, e todas as outras inovações, o conhecimento tinha sido democratizado. Ele olhou para a garota, buscando formar uma aliança. Com o feminismo igualando o trabalho doméstico, as mulheres são libertadas da maternidade e do trabalho enfadonho. A esposa de um fazendeiro no Kansas, que no passado era apenas uma dona de casa que tinha de fazer conserva de frutas, limpar o bumbum das crianças, bater manteiga et cetera, agora podia ter metade de sua carga de trabalho compartilhada e passar de mera esposa a criadora. Podia ouvir as mais recentes inovações em seu computador; podia assistir a novas peças de teatro do conforto da sua casa; podia aprender a compor músicas sozinha; podia criar um novo espetáculo da Broadway sem jamais ter que viver no deslizado terceiro círculo do inferno que é a cidade de Nova York.

Lancelot foi acometido por uma irritação. Quem era esse exibido de fala monótona, e o que lhe dava o direito de criticar a maneira que as outras pessoas escolhiam levar a vida? Lancelot amava seu círculo do inferno!

— Não vamos tratar com condescendência as esposas que existem no mundo, pode ser? — disse. Risadas. — Algumas pessoas que criam são tão narcisistas que presumimos que nosso jeito de viver é a joia da coroa da humanidade. Mas a maioria dos dramaturgos que conheço é uma besta... — o velho fez um murmúrio de assentimento — e as esposas são seres humanos muito melhores. São mais gentis, mais generosas, mais dignas em todo lugar. Existe uma nobreza em fazer a vida suave, limpa e confortável. É uma opção pelo menos igual a de quem ganha a vida contemplando o próprio umbigo. A esposa é o dramaturgo do casamento, aquela cujo trabalho é essencial para o que é produzido, mesmo que suas contribuições nunca sejam diretamente reconhecidas. Há grandeza em desempenhar esse papel. Minha mulher, Mathilde, por exemplo, anos atrás abriu mão do trabalho dela para permitir que o meu caminhasse com mais tranquilidade. Ela adora cozinhar, fazer faxina e editar o meu trabalho, ela fica feliz de fazer essas coisas. E que idiota se rebaixaria a dizer que ela era inferior por não ser responsável pelo trabalho criativo da família?

Ele estava contente com a facilidade com que as palavras pareciam sair da sua boca. Agradeceu aos poderes que ganhava com sua lábia. [Não tinha nada a ver com isso.]

De forma rude, a dramaturga comentou: — Tenho esposa e sou uma esposa. Não estou confortável com o essencialismo de gênero que estou ouvindo aqui.

— Eu quero dizer, claro, esposa no sentido neutro de dono de casa — disse Lancelot. — Há esposas do sexo masculino. Quando eu era ator, estava tão subempregado que basicamente fazia todas as tarefas domésticas enquanto Mathilde ganhava nosso pão de cada dia. — [Ele lavava a louça. Essa parte era verdade.] — Enfim, *existe* uma diferença essencial nos gêneros que não é politicamente correto mencionar hoje em dia. As mulheres *são* as que têm os

filhos, afinal de contas, são as pessoas que carregam as crianças e, que, tradicionalmente, tomam conta delas. E isso consome um tempo enorme.

Ele sorriu, esperando os aplausos, mas algo dera errado. Um silêncio frio vinha da plateia. Alguém estava falando alto no fundo do auditório. O que ele fizera? Olhou em pânico para Mathilde, que encarava os próprios pés.

A dramaturga olhou de cara feia para Lancelot e disse, enunciando as palavras com muita clareza: — Você acabou de dizer que as mulheres não são gênios criativos porque dão à luz?

— Não — defendeu-se ele. — Nossa, não. Não *porque*. Eu não falaria isso. Adoro as mulheres. E nem todas dão à luz. Como minha esposa, por exemplo. Pelo menos ainda não. Mas, olhe, a todos nós é concedida uma criatividade finita, assim como temos uma vida finita, e se a mulher escolhe passar a dela criando uma vida de verdade, e não uma imaginária, é uma escolha admirável. Ao dar à luz, a mulher está criando muito mais do que só um mundo inventado no papel! Está criando uma vida propriamente, não só um simulacro. Não importa o que Shakespeare fez, é muito menos do que uma mulher analfabeta comum daquela época que teve filhos. Esses filhos foram nossos ancestrais, necessários para que cada um aqui hoje exista. E ninguém poderia realmente argumentar que alguma peça vale uma vida humana. Quer dizer, a história do palco me apoia aqui. Se historicamente as mulheres demonstram menos gênio criativo que os homens, é porque estão fazendo criações internas, gastando suas energias com a *vida* em si. Isso é um tipo de gênio físico. Não podem dizer que isso não é pelo menos tão digno quanto a genialidade da imaginação. Acho que todos nós podemos concordar que as mulheres são tão boas quanto os homens... melhores, em muitos aspectos. Mas a disparidade no ato criativo existe porque elas concentraram suas energias criativas para dentro, não para fora.

Os murmúrios da plateia ficaram mais raivosos. Ele escutou com atenção, assustado, e só ouviu poucos aplausos.

— O que foi?

O velho interveio para concordar, contando uma história tão comprida, enrolada e autorreferente, citando nomes famosos, como Liam Neeson, Paul Newman e da Ilha de Wight, que o suor frio de Lancelot secou e seu coração acelerado se acalmou. Ele voltou a olhar para Mathilde, esperando atrair sua atenção e conseguir algum consolo, mas no lugar em que ela estivera sentada havia uma cadeira vazia.

Havia uma rachadura enorme no mundo. Lancelot estava vacilando. Mathilde tinha ido embora. Ela se levantara e saíra publicamente do auditório. Estava tão zangada que ficara farta. Farta de quê? Farta para sempre? Talvez, quando saísse na luz adstringente de Palo Alto, ela sentisse o sol bater no rosto e percebesse a verdade: que estava muito melhor sem ele, que ela, uma santa, só estava sendo puxada para baixo pela *crotte* de cachorro de marido que ele era.

As mãos de Lotto coçavam de vontade de ligar para ela. Pelo restante do debate, os dois participantes mais jovens e o moderador se recusaram a olhar para Lancelot, o que, no fim das contas, foi melhor, porque permanecer na cadeira exigiu toda a sua concentração. Ele ficou sentado com todo aquele desconforto até o final, e durante a recepção que houve depois, disse ao moderador: — Acho que vou pular os queijos com biscoitos. Não quero ver minha cabeça rolando.

O moderador deu uma piscadela, e concordou: — Talvez seja uma boa ideia.

Lancelot correu até o salão verde para procurar Mathilde, mas ela não estava lá. Havia tanta gente saindo para o corredor que ele foi direto para um banheiro para deficientes, de onde poderia ligar para Mathilde, mas por mais que o telefone tocasse e tocasse, ela não atendia. Ele ouviu o barulho da multidão do lado de fora aumentar e depois diminuir aos poucos.

Passou bastante tempo se olhando no espelho: a testa imensa, como se fosse seu próprio outdoor, o nariz estranho que parecia aumentar conforme ele envelhecia, os pelos finos nos lóbulos das orelhas que ficavam com dois centímetros e meio quando esticados. Durante todo esse tempo ele exibiu sua feiura por aí com tanta segurança como se fosse beleza. Que estranho. Jogou uma partida de paciência no celular. Depois mais quinze partidas, ligando para Mathilde no intervalo entre cada uma. Até que o telefone fez um barulho deplorável e morreu. Sua barriga roncou, ele lembrou que não comia nada desde o café da manhã no hotel em São Francisco e que supostamente haveria um almoço, e então ele pensou no chá gelado amargo e na torta de chocolate que costumava pedir de sobremesa, mas seu coração se encolheu, e como já eram quase três horas da tarde, o almoço terminara havia muito tempo. Lotto espichou o pescoço para dar uma olhada no corredor, que estava cheio de gente quando ele entrou no banheiro, mas já tinha esvaziado. Arrastou-se pela parede e se esticou para espiar pelo canto, mas o caminho até a porta da frente também estava desimpedido.

Ele saiu e ficou observando a galeria, onde estudantes com mochilas gigantes corriam a caminho de conquistar o mundo. Era agradável sentir o vento no rosto.

— Que vergonha — disse uma voz à sua direita. Ele se virou e se deparou com uma mulher de cabeça ressecada coberta esparsamente pelo cabelo preto tingido. — E de pensar que eu sempre adorei seu trabalho. Mas não teria pagado por um único ingresso se soubesse que você era tão misógino.

— Não sou misógino! Amo as mulheres — retrucou Lotto.

A mulher bufou e falou: — Isso é o que todos os misóginos dizem. Vocês só gostam de comer as mulheres.

Foi inútil. Ele realmente gostava de comer mulheres, embora desde o casamento só comesse uma. Afastou-se depressa ao longo da parede de estuque,

disparando como uma flecha pelas sombras e por meio dos bosques de eucalipto, esmigalhando frutos com os pés, até ir parar, confuso, numa rua chamada El Camino Real. Estava se sentindo o oposto de real. Seguiu pela estrada que levava numa vaga direção a São Francisco. Encharcou a camisa de suor, o sol muito mais quente do que ele achava que estava. A rua não tinha fim, e ele se sentia atordoadado. Perambulou por um bairro com sobradinhos estranhos atrás de portões palacianos, arbustos com flores cor-de-rosa e jardins de cactos. Foi parar em outra grande avenida e a atravessou para ir a um restaurante mexicano estilo cafeteria onde, é claro, poderia comprar alguma coisa para comer e retomar seu caminho. Comeu metade de um burrito de chili enquanto esperava na fila para pagar. Ainda estava mastigando quando foi procurar a carteira no bolso. Levando um susto, lembrou que a deixara no quarto do hotel. Lotto nunca precisava pagar nada durante essas conferências, mas, se fosse preciso, Mathilde sempre estava ali do lado com a bolsa dela e, francamente, ele odiava o aspecto que suas nádegas ganhavam com a carteira, como se exibissem um cancro enorme. Preferia o perfil liso da bunda sem carteira.

Ele deu de ombros para o caixa, que semicerrou os olhos e disse algo ameaçador em espanhol. Lancelot pousou o prato, e falou: — Sinto muito, *lo siento*.

E foi recuando para a porta.

Por fim, foi parar num pequeno shopping em forma de ferradura, onde, de rabo do olho, viu algo que fez seu coração se acelerar de espanto: uma cabine telefônica. A primeira que ele via em, o quê, décadas? Então discou a cobrar o único número que ainda sabia de cor nessa era dominada pelos celulares. Que alívio sentir o peso do fone na mão, o ranço do bafo e da gordura dos outros usuários. A voz da sua mãe surgiu do outro lado da linha. A cobrar? Ai, meu deus, ai, meu deus, sim, ela aceitaria. Então ela disse: — Lancelot? Querido? O que houve? É aquela sua mulher? Caramba, ela largou você?

Ele engoliu em seco. Sentiu um estranho eco por já ter vivido este momento anteriormente. Quando? Na faculdade, logo antes da cerimônia de casamento no sábado, quando ele subiu correndo para o seu quarto, que de repente lhe parecera pequeno demais e emassado de forma imatura. Enfiou as roupas numa bolsa antes de seguir para a lua de mel furtiva na costa do Maine e, com uma alegria reprimida, pegou o telefone e ligou para a mãe com o intuito de contar que estava casado.

— Não está, não — dissera ela.

— Estou. Está feito.

— Desfaça. Peça divórcio — ordenara ela.

— Não.

— Que tipo de garota se casaria com você, Lancelot? Pare para pensar. Uma imigrante? Uma oportunista?

— Nem uma coisa nem outra — respondera ele. — Uma Mathilde Yoder. A melhor pessoa do planeta. Você vai adorar ela.

— Não vou. E nunca vou conhecê-la. Anule o casamento ou vai ser deserdado. Não vou mais lhe dar mesada. E como você vai sobreviver na cidade grande e maldosa sem dinheiro? Como vai sobreviver sendo *ator*? — questionara ela, magoando-o com o desprezo.

Ele imaginara uma vida sem Mathilde e concluíra: — Eu preferiria morrer.

— Meu querido, você vai se arrepender de ter dito isso.

Ele suspirou e, antes de desligar, disse: — Espero que você e seu pequeno coração levem uma ótima vida juntos, mãezinha.

O racha se expandira até o ponto mais profundo.

Ele se sentiu mal sob o sol da Califórnia. Enjoado.

— O que você disse?

— Sinto muito de verdade — dizia sua mãe. — Sinto mesmo. Tenho mordido a língua durante esses anos, querido. Todo o sofrimento entre nós, toda a distância, foi tudo desnecessário. Aquela criatura horrível... Eu sabia que ela acabaria machucando você. Venha para casa. Rachel, Elizabeth e as crianças estão aqui me visitando. Sallie faria qualquer coisa para mimar você de novo. Venha para casa e suas mulheres vão cuidar de você.

— Ah — disse ele. — Obrigado. Mas não vou.

— Como assim?

— Só liguei porque perdi meu celular. E queria avisar Sallie caso Mathilde estivesse ligando freneticamente atrás de mim. Diga a ela que vou chegar em casa daqui a pouco com champanhe e queijos para a festa — disse ele.

— Escute, querido... — começou Antoinette.

Mas Lancelot interrompeu: — Tchau.

Ela acrescentou “Eu te amo” para o telefone mudo.

Antoinette pousou o fone. Não, pensou, ele não pode ter escolhido de novo aquela esposa em detrimento da mãe. Ainda mais considerando que Antoinette lhe dera tudo. Sem ela, ele nunca teria se tornado quem era. Nunca a teria imortalizado em suas obras do jeito que ela o preparara para fazer. Os meninos pertencem às mães. Por mais que o umbigo tenha sido cortado décadas atrás, sempre compartilhariam aquele local escuro e aconchegante.

O oceano do outro lado da janela exibia suas perfeitas ondas do mar lambendo a areia branca, se recolhendo em seguida, sem arrastar nada junto. Antoinette sabia que a casinha cor-de-rosa nas dunas estava escutando, enquanto sua cunhada enrolava biscoitos de manteiga de amendoim na cozinha, sua filha e seus netos voltavam da praia e o chuveiro externo pingava onde ela estava sentada. Senhor, dê forças, mas Antoinette estava farta daquelas pessoas morenas, pequenas e medrosas. Claro que era natural amá-las menos do que amava seu filho, que era grande e precioso como ela. Ratos são simpáticos, mas

os leões rugem.

Na cozinha, Sallie enrolava a massa nas suas mãos engorduradas, parecendo nervosa. O telefone havia tocado, e a voz de Antoinette se elevava bruscamente no quarto. “É aquela sua mulher?”, perguntara. Sallie observou a cunhada. Embora parecesse feita de açúcar e ar, havia uma noz escura e amarga em seu cerne. Sallie ficou preocupada com Lancelot, coitadinho, que era doce até o âmago. Pensou em ligar para Mathilde e descobrir o que estava acontecendo, mas se conteve. Nada se conquista instantaneamente; o trabalho dela era lento e a distância.

Depois de algum tempo, Antoinette se levantou e, com o movimento, avistou o próprio rosto no espelho da penteadeira. Com rugas nos cantos, exausta, inchada. Bem, não era de se espantar. Custava tanta energia o esforço de manter seu filho. O mundo mais perigoso a cada instante, podendo se desintegrar, se ela não estivesse sempre atenta. As coisas que ela fizera por Lancelot, todos os sacrifícios! Pensou na grande revelação que rebentaria com a própria morte, nas peças que ele nunca soube que ela movimentara, nos horrores que ela suportara por amor ao filho. Tinha sido uma escolha dela ficar presa naquela casa cor-de-rosa decadente? Não. Com o dinheiro que Gawain deixara, ela poderia estar nadando em luxo. Último andar do Mandarin Oriental em Miami, serviço de quarto e bandas contratadas por capricho. Banheiros de mármore do tamanho do barraco em que morava. A luz do sol refletindo como diamantes na água. Mas ela só tocaria no dinheiro de Gawain o necessário para sobreviver. Era tudo para seus filhos, que ficariam chocados quando soubessem a extensão do que ela havia feito. Ela relembrou aquela velha imagem reconfortante, tão real que parecia uma cena que ela vira na televisão durante uma reprise: seu filho de terno preto — fazia décadas que ela não o via, mas em sua mente ele ainda era a criança desajeitada e cheia de acne que ela permitiu que fosse engolida pelo Norte —, com uma camisa surrada, a esposa sem graça com um modelito preto barato, cabelo desfiado e uma maquiagem de vadia. Sombra azul, lápis labial marrom e corte de cabelo antiquado, imaginava ela. Sallie entregaria a ele o envelope com a carta em que Antoinette explicava tudo o que tinha feito pelo filho. Ele se afastaria, engasgando, abriria a carta e leria. “Não!”, gritaria. E quando sua esposa tocasse, hesitante, seu ombro, ele a repeliaria, taparia o rosto com as mãos, lamentando todos os anos que deixara de ser grato à mãe.

Rachel veio pelo corredor e viu Antoinette em pé no quarto. Quando se olhou no espelho, ela notou a presença da filha e substituiu a expressão séria por uma sorridente, como uma máscara. Seus dentes ainda eram bonitos.

— Acho que Sallie fez biscoitos para os pequenos, Rachel — avisou Antoinette. Ela arrastou, com uma lentidão penosa, seu grande corpo pela porta e pelo corredor, depois afundou em sua cadeira. — Talvez não me faça mal provar um ou dois — acrescentou, sorrindo de um jeito sedutor.

Então Rachel se curvou com um prato de biscoitos naquela antiga posição subserviente. Só o irmão podia irritar a mãe deles daquele jeito. Nossa, Lotto! Agora Rachel teria que passar o resto da sua folga acalmado a velha fera. E o antigo ressentimento que sentia do irmão emergiu depressa lá do fundo. [Os nobres têm os mesmos sentimentos fortes que o resto de nós, a diferença está em como escolhem agir.] O desejo de dizer algumas palavras destrutivas que teriam causado um pandemônio no mundo de Lotto foi sufocado, contido. Ela ouviu os filhos subirem ruidosamente a escada, então respirou fundo e se curvou ainda mais.

— Pegue mais, mãezinha — disse ela.

— Bem, obrigada — retrucou a mãe. — Vou aceitar, querida.

Lancelot passou vinte minutos em pé na sombra, embaixo de um ponto de ônibus, escutando jovens agitados tagarelarem à sua volta, até se acalmar depois de ter ligado para a mãe. Só quando o ônibus suspirou e despejou os passageiros como um elefante de circo, ele se lembrou de que, sem dinheiro nem sequer poderia pegar condução. Imaginou Mathilde, sentindo-se mal. Suas próprias palavras voltaram a ele, soando venenosas agora. Quando dissera que o gênio criativo da mulher ia para os filhos, o que será que isso havia significado para Mathilde, uma mulher que não tinha nenhum? Que ela era inferior? Inferior às outras que eram mães? Inferior a ele, que criava? Mas não achava isso, de jeito nenhum! Sabia que ela era melhor que todo mundo. Lotto não a merecia. Ela voltara para o hotel Nob Hill, estava fazendo as malas, entrando em um táxi amarelo, embarcando num avião para fugir dele. Esse dia chegara, por fim. Mathilde estava largando ele, que seria deixado sem nada, desprovido.

Como viveria sem ela? Lotto já cozinhou, mas nunca limpou uma privada, nunca pagara uma conta. Como escreveria sem Mathilde? [A consciência enterrada de como as mãos dela estavam na obra dele. Não olhe, Lotto. Seria como encarar o sol.]

O suor secou em sua camisa. Ele precisava fazer *alguma coisa*. Tinha que gastar aquela energia de alguma forma. Não podia estar a mais de cinquenta quilômetros da cidade. Só havia uma direção a seguir: direto para o norte. Fazia um dia lindo. Ele tinha pernas compridas e grande resistência: conseguia andar depressa, a oito quilômetros por hora. Chegaria ao hotel por volta de meia-noite. Talvez ela não tivesse ido embora ainda. Talvez não estivesse mais tão zangada. Quem sabe só tivesse ido ao spa fazer uma massagem e um tratamento facial, depois pediria comida no quarto, assistiria a um filme de sacanagem e se vingaria assim. De forma passivo-agressiva. Bem no estilo dela.

Ele começou a andar, mantendo o sol à esquerda, e bebeu água em vários bebedouros para cães. Não foi o suficiente. Estava com sede. No crepúsculo, passou pelo aeroporto e sentiu o cheiro da marisma no vento. O trânsito estava horrível, e ele quase foi atingido por um pelotão de ciclistas, três carretas e um

homem dirigindo um Segway no escuro.

Enquanto andava, refletiu sobre o que tinha acontecido no debate. Repensou diversas vezes aquela cena. Após algumas horas, aquilo virou uma história, como se ele estivesse num bar contando para um grupo de amigos. Depois de algumas vezes, os amigos imaginários no bar já tinham ficado bêbados e rido da história. Com a repetição, o acontecimento perdera o poder de magoá-lo. Tornara-se cômico, não mais vergonhoso. Ele não era nenhum misógino. Podia convocar centenas de mulheres da época anterior a Mathilde que atestariam sua falta de misoginia. Ele simplesmente tinha sido mal interpretado! Seu medo de que Mathilde o deixasse se atenuou sob o atrito da história. Não passara de uma reação exagerada, e ela se envergonharia do que fizera. Seria ela que pediria desculpas. Ela demonstrara que tinha razão; ele concederia isso a esposa. Não a culpava. Mathilde o amava. No fundo, ele era otimista. Ficaria tudo bem.

Ele entrou na cidade e quase chorou de gratidão ao encontrar aqueles quarteirões espremidos, as calçadas, as luzes dos postes de rua conduzindo-o delicadamente para a próxima esquina.

Seus pés estavam sangrando, ele podia sentir. Estava com queimaduras de sol, a boca seca, um nó no estômago de fome. Fedia como se tivesse mergulhado num poço de suor. Subiu com muita dificuldade a rua do hotel e entrou. O recepcionista, que felizmente havia feito o registro deles no dia anterior, disse: — Epa! Sr. Satterwhite, o que aconteceu?

Lotto respondeu com uma voz estridente: — Fui assaltado.

Porque, de algum jeito, tinha sido, afinal aquela plateia roubara sua dignidade. O homem chamou o carregador de malas, que trouxe a cadeira de rodas do hotel, e Lotto foi acompanhado até seu quarto no elevador, a chave apareceu, ele foi empurrado para dentro, Mathilde se sentou na cama, nua por baixo do lençol, e sorriu para ele.

— Ah, aí está você, amor — disse ela.

O autocontrole dela era magnífico. Ela era mesmo uma das maravilhas do mundo.

O funcionário saiu fazendo medidas, murmurando algo num instante sobre serviço de quarto.

— Água — grasnou Lotto. — Por favor.

Mathilde se levantou, vestiu o robe, foi para o banheiro, serviu um copo e levou até ele com extrema lentidão. Ele bebeu de um gole só.

— Obrigado. Mais, por favor.

— Fico feliz em servir — disse ela, abrindo um grande sorriso.

Ela não se mexeu.

— M. — começou ele.

— Sim, meu gênio criativo?

— Chega de punição. Sou um imbecil inadequado para uma sociedade

humana. Uso meu privilégio como se fosse uma capa invisível e fico achando que me dá superpoderes. Mereço passar pelo menos um dia com o pescoço e os braços imobilizados e talvez que me joguem alguns ovos podres na cabeça. Desculpe.

Ela se sentou na beirada da cama e, muito calma, olhou para ele.

— Teria sido melhor se fosse sincero. Mas você é arrogante.

— Eu sei — disse ele.

— Suas palavras têm mais peso do que as da maioria das pessoas. Se você usar de forma descontrolada, pode machucar muita gente — afirmou ela.

— Só me importo se magoar você — disse ele.

— Você presume muita coisa sobre mim. Mas não fale por mim. Não pertença a você.

— Vou parar de fazer qualquer coisa que desagrade você. Mas será que poderia, por favor, por favor, me trazer mais água?

Ela suspirou e pegou mais água. Então houve uma batida na porta, e Mathilde abriu e era o carregador com uma mesa de rodinha, em cima da qual havia um balde de champanhe, um prato com salmão e aspargos, uma cesta de pãezinhos quentes e macios e um bolo de chocolate para sobremesa, com os cumprimentos do hotel e um pedido de desculpas pelo assalto. São Francisco geralmente era uma cidade cordial, e era raro que coisas assim acontecessem. Caso ele precisasse de tratamento, tinham um médico no quadro de funcionários et cetera. Por favor, informe se houver mais alguma coisa que possamos fazer.

Lotto começou a comer, e ela observou. Ele só conseguiu dar algumas mordidas antes de o enjoo se instalar, então se levantou, embora seus pés parecessem ter sido podados com um machado, e ele foi cambaleando até o banheiro, jogou as roupas e os sapatos direto no lixo e tomou um demorado banho quente de banheira, observando o sangue brotar dos seus ferimentos. Perdeu ou estava prestes a perder as dez unhas do pé. Passou água fria no rosto e nos braços, que estavam empolados por causa do sol. Levantou-se, sentindo-se novo em folha, e usou a pinça da esposa para arrancar os finos pelos compridos dos lóbulos das orelhas, depois pegou o hidratante caro de Mathilde para massagear a testa, desejando com todas as forças que as rugas desaparecessem.

Quando ele saiu do banheiro, Mathilde ainda estava acordada, olhando fixo para o livro em suas mãos. Ela o deixou de lado, colocou os óculos no alto da cabeça e franziu o cenho para o marido.

— Se isso ajuda, amanhã não vou conseguir andar — disse ele.

— Então vai ter que passar o dia na cama comigo — afirmou ela. — Portanto, você ganha. Não importa o que aconteça, você ganha. Dá tudo certo para você no final. Sempre. Tem alguém ou alguma coisa cuidando de você. É enlouquecedor.

— Você estava torcendo para que não desse certo para mim? Para que eu

fosse atropelado por um caminhão? — perguntou ele, arrastando-se para debaixo das cobertas e apoiando a cabeça na barriga dela.

A barriga gorgolejava delicadamente. O resto do bolo havia sumido da bandeja.

Ela suspirou.

— Não, seu idiota. Só quis dar um susto em você por algumas horas. O moderador passou a noite inteira no escritório porque tínhamos certeza de que alguém levaria você até ele. É isso que uma pessoa sensata teria feito, Lotto. E não voltar andando até São Francisco, seu maniaco. Acabei de ligar para dizer a ele que você apareceu. O cara ainda estava lá. Estava completamente cagado de medo. Achou que você tinha sido sequestrado por algumas feministas loucas para gravarem um vídeo, fazendo você de bode expiatório. Ele já estava até imaginando cenas de castração.

Lancelot imaginou ser decepado por um facão e estremeceu.

— Ah — acrescentou ela. — Na hora do almoço, tudo isso já tinha passado. Parece que descobriram hoje que metade do discurso do ganhador do prêmio Nobel do ano passado tinha sido plagiado, e houve um bafafá enorme nas redes sociais. Vi mesas inteiras olhando boquiabertas para seus celulares. Você, meu amor, foi café-pequeno.

Ele se sentiu traído. Ele devia ter sido ainda mais polêmico. [Guloso!]

Estufou-se de comida até dormir, e Mathilde ficou observando-o por um tempo, repassando várias coisas na cabeça, e quando acabou pegando no sono, o fez sem apagar a luz.

Gelo nos ossos, 2013

Sala do deão de um internato só para meninos. Na parede, um pôster de uma cachoeira ao pôr do sol e RESISTÊNCIA sem serifa escrito embaixo.

Deão: homem com sobrancelhas que ocupam metade do rosto Ollie: garoto magro, recém-órfão de pai, expulso de casa por delinquência juvenil. Tem um sotaque sulista que tenta disfarçar; o rosto cheio de espinha. Mesmo assim, é perspicaz, repara em tudo Do ato I

Deão: Foi relatado que você, Oliver, parece não estar se integrando. Você não tem amigos. Seu apelido [*confere no papel, pisca*] é Torta da Puta que Pariu?

Ollie: Aparentemente, sim, senhor.

Deão: Oliver, sua adaptação tem sido difícil.

Ollie: Sim, senhor.

Deão: Suas notas não podiam ser melhores, mas você não fala na sala de aula. E não me chame de senhor. Nossos meninos aqui têm curiosidade intelectual, são cidadãos essenciais do mundo. Você tem curiosidade intelectual, é um cidadão essencial do mundo?

Ollie: Não.

Deão: Por que não?

Ollie: Sou infeliz.

Deão: Quem poderia ser infeliz aqui? Isso é loucura.

Ollie: Tenho frio.

Deão: Fisicamente? Ou espiritualmente?

Ollie: Os dois, senhor.

Deão: Por que está chorando?

Ollie: [*Luta. Não diz nada.*]

Deão: [*Abre a gaveta. Embaixo de alguns papéis há algo que Ollie vê, e ele se empertiga na cadeira como se tivesse levado um beliscão. O deão fecha a gaveta, pegando um elástico, puxando-o para trás com o polegar. Mira no nariz de Ollie e solta. O menino pisca. O diretor se recosta na cadeira.*]

Deão: Uma pessoa não deprimida teria evitado isso.

Ollie: Provavelmente.

Deão: Você, meu amigo, é um chorão.

Ollie: [...]

Deão: Rá! Parece Rudolf, a Rena do Nariz Vermelho. La-ra-ra.

Ollie: [...]

Deão: Ha ha!

Ollie: Deão. Posso fazer uma pergunta? Por que o senhor tem uma pistola na gaveta?

Deão: Uma pistola? Não tem pistola. Que maluquice. Você não sabe do que está falando. [*Recosta-se na cadeira e coloca os braços atrás da cabeça.*] Enfim, me escute, Oliver. Faço isso há um bilhão de anos. Já fui um garoto como você nessa escola. Até o meu saco enchem, acredite ou não. E não entendo por que estão cagando em você, que é alguém que parece ter tudo: rico, alto, e ainda seria bonito se lavasse o rosto algumas vezes. Nossa. Um pouco de pomada para espinhas e você ficaria ótimo. Parece simpático. Inteligente. Não fede, não como um daqueles garotos fracassados sem jeito. Conhece o Rocambole? Esse aí não tem salvação. Cheira mal e chora o tempo todo. É horrível de ver. Até os amiguinhos dele, os garotos Dungeons & Dragons, até eles mal toleram o Rocambole durante o jogo de cartas deles, ou seja lá o que for. E você? Poderia ser o rei dessa escola. Mas não é porque, primeiro, é novo, o que com o tempo vai deixar de ser. *Numero dos*, você está assustado, e precisa mudar isso. Depressa! Porque garotos que vêm para escolas como essa são tubarões, meu amigo. São tubarões bebês que vêm de uma longa linhagem de tubarões, cada um deles. E os tubarões sentem cheiro de sangue na água a quilômetros de distância. E o que é sangue na água para esses tubarões específicos? Medo. Eles sentem o cheiro desse sangue na água, vão caçar o que está sangrando. Não é culpa deles. É mais forte que eles! Que tipo de tubarão é um tubarão que não ataca? Um golfinho. Quem precisa de golfinhos? Golfinhos são deliciosos. Dão ótimos petiscos. Então, preste atenção no que vou dizer. Você precisa aprender a ser um tubarão. Dê um soco na fuça de alguém, só não quebre, porque você não quer ser processado pelos pais desses garotos. Pregue uma peça. Cubra a privada com papel celofane para que, quando eles forem mijar, o xixi respingue na calça jeans deles. Rá! Se uma pessoa joga um ovo cozido na sua cara, jogue um bife na dela. Porque aqui é igual a prisão. Só os fortes sobrevivem. Você precisa conquistar respeito. Tem que fazer o que é necessário fazer. Está me ouvindo? *Capiche?*

Ollie: *Capiche.*

Deão: Está bem, Oliver. Que tipo de nome é Oliver, aliás? Parece nome de golfinho, se quer saber. Nome de mulherzinha. Você é mulherzinha?

Ollie: Não, mas eu gosto delas.

Deão: Rá! Está sacando. Como chamavam você em casa?

Ollie: Ollie.

Deão: Ollie. Ai, sim. Ollie é um nome de tubarão. De um tubarão rei. Da próxima vez que chamarem você de Torta da Puta que Pariu, grite na *faccia* deles, mande te chamarem de Ollie. Está me ouvindo?

Ollie: Em alto e bom som.

Deão: Está sentindo seus dentes ficarem afiados? Está sentindo cheiro de sangue na água? Está se sentindo como um tubarão?

Ollie: Talvez. Ou como um golfinho com uma navalha na barbatana.

Deão: Já é um começo. Vá pegá-los, matador.

Ollie: Matar. Ok.

Deão: Não literalmente, é claro. Caramba, dá para imaginar? *O deão me disse para matar todos eles!* É só no sentido figurado. Não mate ninguém. Você não ouviu isso de mim.

Ollie: Claro. Até logo, senhor. [Sai.]

Deão: [Sozinho, se apressa para pegar a pistola na gaveta e a enfia embaixo do sofá.]

Telegonia, 2013

— Máscaras. Mágica. Circe, Penélope, Odisseu, patricídio e incesto. Música, cinema e dança. Seu maluco — comentou Mathilde.

— *Gesamtkunstwerk* — disse ele. — Juntar todas as formas de arte no teatro. Agora só precisamos encontrar alguém doido o suficiente para montar essa peça.

— Não se preocupe — falou Mathilde. — Todo mundo que a gente conhece é doido.

Navio dos insensatos, 2014

Ato I, Cena I *Terra devastada pós-nuclear; baleia de barriga para cima na maré vermelha, duas mulheres entre os escombros.*

Pete: musculosa, pequena, magra, furiosa, uma mulher chimpanzé
Miranda: muitíssimo gorda, um metro vertical de cabelo vermelho com um ninho de azulão em cima à la Madame du Barry. Balançando numa rede entre duas palmeiras escurecidas e finas Pete: [Arrastando um jacaré morto até o acampamento.] Rabo de jacaré para o jantar de hoje, Miranda.

Miranda: [Vagamente.] Que bom. E é só isso. Bem. Eu estava torcendo... bem, por bifes de baleia? Se ao menos fosse possível arranjar bifes de baleia. Quer dizer, não se preocupe muito, mas é a única coisa no mundo que eu conseguiria digerir essa noite. Também posso traçar um jacarezinho. Se precisar.

Pete: [Pega um arco de serra, sai, volta molhada, um pedaço de carne nos braços.] Rabo de jacaré e bifes de baleia para o jantar, Miranda.

Miranda: Que surpresa! Pete! Você consegue fazer qualquer coisa! Falando nisso, enquanto está de pé, se importa de me servir outro coquetel? São cinco horas em algum lugar!

Pete: Acho que não. Não existe mais algo como o tempo. [Serve querosene de um tambor, mexe a bebida com um galho de hortelã guardado para essa finalidade e a entrega a ela.]

Miranda: Maravilha! Ora. Acho que deve estar na hora da minha novela, *As Estrelas em Seus Olhos*.

Pete: O tempo morreu, querida Miranda. A televisão morreu. A eletricidade morreu. Atores também, garanto, com aquela explosão da

bomba H em L.A. Ou com a praga da língua negra depois. Ou com o terremoto. O experimento humano falhou.

Miranda: Então me mate, Petey. Me mate bem morta. Inútil viver. Pegue essa serra e corte minha cabeça. *[Chora nas suas grandes mãos pálidas.]*

Pete: *[Suspira. Pega algas e as coloca na cabeça. Suga as bochechas como Silvia Estrrela, heroína da novela epônima As Estrrelas em Seus Olhos e fala com uma voz rouca.]* Ah, não importa o que vamos fazer com aquele covardemente covarde, Burton Bailey...

Miranda: *[Recosta-se, boquiaberta. As duas estão tão extasiadas que não ouvem o zumbido mecânico que aumenta até, à direita do palco, surgir o casco de um barco desgastado, e sobreviventes olham de cima para as mulheres.]*

Rachel andava agitadamente de um lado para outro no teatro caixa-preta, que estava vazio, exceto por seu irmão, enquanto a recepção da noite de estreia retumbava atrás da porta.

— Caramba, Lotto. Eu nem sabia como assistir a isso — disse ela, esfregando os olhos com as palmas das mãos.

Ele ficou parado.

— Desculpe — falou.

— Não me entenda mal, parte de mim meio que gostou demais de assistir a mãezinha e Sallie caírem na porrada no fim do mundo. Sallie brigando e se curvando até finalmente quebrar, sabe? — Rachel riu e depois fez uma pirueta em direção a ele. — Você é muito bom em enganar a gente, não é? É tão charmoso que nos faz esquecer que, no fundo, é preciso ser um serial killer por dentro para fazer essas coisas com a gente. Você nos coloca nas suas peças, com todos os nossos defeitos, nos mostrando como se fôssemos atrações esquisitas de um circo. E o público lá fora curte isso.

Ele ficou chocado. Rachel, logo ela, se voltando contra ele. Mas não, ela não estava fazendo isso. Não faria. Ficou na pontinha dos pés para tocar a bochecha dele. Sob aquela luz, os olhos da sua irmã mais nova estavam emoldurados de ruguinhas. Ah, pelo deus do amor, para onde foi o tempo? [Um giro no sentido horário indo a lugar nenhum.]

— Pelo menos você escreveu uma versão melhor de Antoinette. Pelo menos, no fim, ela se coloca na frente da fera pelos filhos. Louvado seja o senhor — disse ela imitando a voz de Sallie, movendo os dedinhos no ar. Eles riram.

[Mas numa gaveta na Flórida, escrito pela metade, um bilhete. *Querido, nunca vi pessoalmente uma peça sua, como você sabe. É uma grande tristeza na minha vida. Mas li todas, assisti em DVD e on-line. Não é preciso dizer como sinto orgulho de você. Claro que não fico surpresa. Eu me esforcei muito desde o dia em que você nasceu para transformá-lo no artista que você é! Mas como, Lancelot, como você se atreve]*

— É ótima — disse Mathilde.

Mas Lotto notou alguma coisa na voz dela para a qual não estava preparado, e confessou: — Fiquei magoado durante aquela conferência em que todo mundo insinuou que eu era misógino. Você sabe que adoro as mulheres.

— Eu sei — disse ela. — Você adora quase demais as mulheres.

Ainda a frieza em sua voz, o jeito que ela evitava olhar para ele. Havia algo errado.

— Acho que Livvie ficou muito bem. Espero que não se importe de eu ter usado você como modelo para a personagem dela.

— Bem. Livvie é uma assassina — afirmou Mathilde categoricamente.

— M., quero dizer que só usei sua personalidade.

— Uma personalidade de assassina. Meu marido por mais de vinte anos e diz que tenho uma personalidade de assassina. Tudo bem!

— Meu amor — disse ele. — Não fique histérica.

— Histérica. Lotto, por favor. Você conhece a raiz dessa palavra? *Hysteria*. Útero. Você basicamente me chamou de fresca, de alguém que chora por causa das partes cor-de-rosa.

— O que houve com você? Está surtando.

Ela se voltou para a cadela: — Ele deu minha personalidade a uma assassina e está perguntando por que estou surtando.

— Ei. Olhe para mim. Você está sendo ridícula, e não porque tem partes femininas. Livvie foi encurralada por dois caras maus e matou um. Se um cachorro grande e mal mordesse Deus, dilacerando a bichinha ao meio, você estouraria os miolos dele com um chute. Quem conhece você melhor do que eu? Você é uma santa, mas até os santos têm pontos fracos. Se eu acho que você algum dia mataria alguém? Não. Mas se, hipoteticamente falando, a gente tivesse um filho e um homem aproximasse o bilau dele do nosso filho hipotético com má intenção, você, sem hesitar, rasgaria o pescoço dele com as unhas. Eu também faria isso. O que não quer dizer que você não seja uma boa pessoa.

— Ai, minha nossa. Estamos discutindo o fato de que você se inspirou em mim para a personagem de uma assassina, e, do nada, você surge de novo com o disparate do filho.

— Disparate?

— ...

— Mathilde? Por que você está respirando desse jeito?

— ...

— Mathilde? Aonde você está indo? Tudo bem, ótimo, se tranque no banheiro. Desculpe por ter magoado você. Pode falar comigo, por favor? Vou ficar aqui sentado. Vou cansar você com a minha devoção. Desculpe por termos desviado do assunto. Podemos falar sobre a peça? Além do fato de eu ter dado

sua personalidade a uma assassina, o que você achou? Parece um pouco capenga no quarto ato. Como uma mesa com uma perna bamba. Precisa ser repensada. Será que você pode tentar? Ah. Um banho de banheira? No meio do dia? Tudo bem. Faça o que precisar. Está gostoso, aposto. Quentinho. Lavanda. Uau, vai nessa. Podemos conversar através da porta? No geral, a peça é consistente, eu acho. Sim? Mathilde, não aja assim. Isso é muito importante para mim. Ah, ótimo. Que seja. Vou lá embaixo ver um filme, e você é bem-vinda para se juntar a mim, se quiser.

Escatologia, 2014

Só quando eles pararam na entrada da garagem, os convidados bêbados de bourbon escapulindo, e Lotto viu a tábua de skate quebrada, as diversas roupas de banho infantis molhadas na grama, Deus tão exausta que nem sequer conseguia erguer a cabeça, que ele percebeu que aquela talvez não tivesse sido uma boa ideia. Puxa vida, Mathilde ficou tomando conta sozinha dos três filhos de Rachel desde antes do café da manhã, quando Lotto saiu para comprar leite no mercado, mas recebeu uma ligação no corredor dizendo que queriam que ele fosse imediatamente para a cidade dar uma entrevista de uma hora de duração num programa de rádio — o fim da sua turnê da vitória de *Escatologia*, que até Phoebe Delmar adorou, embora tenha dito a Mathilde: “Ah, elogio de escritor comercial é pior que crítica.” Era importante, então ele foi rapidinho de carro à cidade, sentou-se vestindo sua calça de pijama, o que era apresentável para um programa de rádio, e depois pretendia voltar para casa com a manhã ainda reluzindo em seus olhos, mas encontrou Samuel e Arnie rindo juntos na calçada, e, nossa, fazia tanto tempo! Claro que almoçaram juntos. Claro que o almoço se estendeu para drinques e Samuel ainda encontrou um homem do seu clube no bar, que se juntou a eles, um radiologista, oncologista ou coisa assim, e quando ficaram com fome na hora do jantar, Lotto sugeriu que fossem à sua casa porque, como todo mundo sabia, Mathilde cozinhava como uma deusa e ele estava bêbado, mas não tão bêbado a ponto de não poder dirigir.

Ele sentiu o cheiro do leite que estava rolando no chão do carro desde a manhã. Talvez ainda servisse. Entrou e encontrou Samuel beijando os braços de Mathilde à la Pepe Le Gambá, Arnie revistando o armário de bebidas atrás do grande e antigo Armanhaque que o amigo dera para eles de Natal, o médico fazendo aviãozinho com a colher para enfiar ervilhas na boca da sobrinha caçula de Lotto, que desconfiava de aviõezinhos com a colher. Ele deu um beijo em Mathilde, resgatando-a dali. Ela deu um sorriso forçado.

— Cadê os gêmeos? — perguntou Lotto.

— Desmaiaram no único lugar da casa em que aceitaram dormir. Seu escritório — respondeu ela.

Talvez tivesse certo rancor no sorriso dela. Ele exclamou: — Mathilde! Ninguém tem permissão para entrar lá, a não ser eu. É o meu espaço de

trabalho!

E ela lhe disparou um olhar tão cortante que o atravessou, e ele assentiu, arrependido, pegou a garotinha no colo, ajudou-a a prepará-la para dormir, levando o dobro do tempo, depois desceu de volta.

Os convidados estavam sentados no terraço, enchendo a cara. A lua nascera nítida em contraste com o tom azul-aveludado do céu. Mathilde estava triturando ervas, a massa, fervendo.

— Desculpe — disse ele em seu ouvido, depois mordeu o lóbulo da orelha dela.

Ah, que delícia, talvez eles tivessem tempo, se ela quisesse. Mas Mathilde o empurrou, então ele foi lá para fora, e em pouco tempo os quatro homens estavam de cueca, dentro da piscina, boiando de costas, rindo, e Mathilde estava vindo até a mesa ali fora, uma enorme tigela branca nas mãos, deixando um rastro de vapor.

— Esta é — começou Samuel de boca cheia de massa, derramando no chão de pedra — a maior diversão que tenho desde que me divorciei.

Ele parecia brilhoso, um pouco gordo na cintura, como uma lontra. Arnie também, aliás, mas é claro que isso aconteceria agora que era um grande *restaurateur*: Suas costas castigadas pelo sol exibiam várias manchas escuras. Lotto quis alertá-lo sobre câncer de pele, mas Arnie teve muitas namoradas, então com certeza alguma delas já fizera isso.

— Pobre Alicia. Esse é o quê? Seu terceiro divórcio? — perguntou Mathilde. — Sam Três Tentativas. Você está fora.

Os outros homens riram, e Lotto comentou: — Apelido melhor que o que ele tinha com vinte e poucos anos. Lembram? Sam Monobola.

Samuel deu de ombros, imperturbável. Ele ainda tinha a mesma velha autoconfiança. O médico olhou para ele com interesse.

— Sam Monobola? — questionou.

— Câncer de testículo — disse Samuel. — Não teve importância, no fim das contas. Uma única bola fez quatro filhos.

— Eu tenho duas bolas lindas — disse Lotto —, que não fizeram nenhum.

Mathilde estava sentada quieta enquanto os outros tagarelavam, depois pegou seu prato e entrou. Lotto contou a história da overdose de uma atriz muito famosa enquanto sentia o cheiro de uma torta de frutas vermelhas assando; esperou e esperou, mas Mathilde não apareceu mais. Por fim, ele entrou para dar uma olhada na sua esposa.

Ela estava na cozinha, de costas para a varanda, mas não lavando a louça, ouvindo. Ah, aquela orelhinha em pé, o cabelo louro platinado roçando em seu ombro. O rádio estava ligado, confortavelmente baixo. Ele prestou atenção e, sentindo um frio na barriga, ouviu uma voz familiar, com as vogais arrastadas de um contador de histórias, e o frio na barriga evoluiu para o desânimo quando se

deu conta de que era a voz dele. O programa de rádio dessa manhã. Qual parte? Ele mal conseguia se lembrar. Ah, sim, uma história de sua infância solitária na Flórida. Sua voz no rádio parecia íntima, mas de um jeito desconfortável. Ele costumava ir a um pântano que ficava no meio de um sumidouro. Um dia, uma sanguessuga grudou em sua perna. E ele tinha sido um garoto tão ávido por companhia que a deixou ali, para que sugasse seu sangue, foi para casa, jantou, e o companheiro na sua perna lhe serviu de consolo durante todo o tempo. Quando se virou na cama durante a noite e estourou a criatura, saiu tanto sangue que ele se sentiu culpado como se tivesse matado uma pessoa.

A locutora riu, mas pareceu um pouco chocada. A mão de Mathilde esticou a mão e desligou o rádio com força.

— M.? — chamou ele.

Ela respirou fundo, e ele observou sua caixa torácica encolher enquanto ela soltava o ar.

— Não é sua história — disse ela, dando meia-volta. Ela não estava sorrindo.

— Claro que é — retrucou ele. — Eu me lembro claramente.

E ele se lembrava. Era capaz de sentir a lama quente nas pernas, o horror se transformando em ternura quando notou a pequena sanguessuga preta na sua pele.

— Não — insistiu ela, e tirou o sorvete do freezer, a torta do forno, depois levou as tigelas e as colheres para fora.

Enquanto ele comia, um sentimento ruim se espalhou por seu corpo. Lotto pediu um carro para levar os outros homens de volta. Quando o veículo se afastou, soube que Mathilde tinha razão.

Ele entrou no banheiro enquanto a esposa fazia sua higiene e se sentou na beirada da banheira.

— Desculpe — disse.

Ela deu de ombros e cuspiu uma espuma na pia.

— Para ser justo, era uma sanguessuga — acrescentou ele. — A história sobre uma sanguessuga.

Ela passou hidratante nas mãos, em uma, na outra, observando-o pelo espelho, e disse: — A solidão era minha. Não sua. Você sempre teve amigos. O problema não é você ter roubado minha história, é você ter roubado meu *amigo*.

Ela riu para si mesma, mas, quando ele foi para a cama, a luz da cabeceira de Mathilde já estava apagada, e ela tinha virado de lado. Ele colocou a mão em seu quadril, depois entre suas pernas, beijou seu pescoço, e sussurrou: — O que é seu é meu e o que é meu é seu.

Mas ela já estava dormindo ou, pior, fingindo dormir.

As sereias (*inacabada*) Dor demais. Iria matá-la.

Mathilde guardou o manuscrito na caixa sem ler, e o pessoal da mudança o levou embora.

Cena: Uma galeria. Cavernosa, sombria, com bétulas douradas cobrindo as paredes. *Tristan und Isolde* no aparelho de som. Uma multidão pirática bebia nos bares nos quatro cantos da sala, todos com sede de sangue e com fome. Esculturas em pedestais iluminadas de azul de baixo para cima: grandes, amorfas, de aço moldado, que formavam rostos aterrorizados, intitulados de *Fim*. A galeria, a arte, lembram as xilogravuras de Dürer do apocalipse. A artista era Natalie. Estava sendo celebrada postumamente; uma foto ampliada dela, pálida, de cabeça raspada, triunfante acima do cenário.

Dois atendentes de bar durante um período de marasmo. Um jovem, outro de meia-idade, ambos bem-apegoados.

Meia-idade: ...eu estava dizendo que, hoje em dia, eu confio no suco. Couve, cenoura e gengibre...

Jovem: Quem é aquele? O cara alto, que acabou de entrar, com um lenço. Ah, minha nossa.

Meia-idade: [*Sorrindo*.] Aquele? É Lancelot Satterwhite. Você sabe quem ele é.

Jovem: O *dramaturgo*? Ai, meu deus. *Preciso* conhecer esse cara. Talvez ele me dê um papel. Nunca se sabe. Caramba, ele meio que atrai todas as luzes do lugar, não acha?

Meia-idade: Você deveria ter visto quando ele era jovem. Era um semideus. Pelo menos, se considerava um.

Jovem: Você conhece ele? Me deixe tocar no seu braço.

Meia-idade: Ele foi meu substituto num verão. Anos atrás. No evento Shakespeare in the Park Nós éramos Ferdinando. *Minha língua! Céus! Eu seria o primeiro dentre os homens que falam essa língua et cetera*. Embora eu sempre imaginasse ele mais como um Falstaff do que outra coisa. Muito falastrão. Arrogante para caramba. Mas ele nunca fez sucesso como ator. Havia algo, sei lá, não convincente. E era muito alto, depois engordou, mas voltou a emagrecer, pelo visto. Foi meio que lamentável. Quer dizer, apesar de no fim ele ter se dado bem. Às vezes me pergunto se eu devia ter seguido um caminho diferente, sabe? Se eu ficasse empacado, meu sucesso moderado me impulsionaria moderadamente, essas coisas. Melhor fracassar antes para tentar algo novo. Sei lá. Você não está prestando atenção.

Jovem: Desculpe. É que estou... Olhe a mulher dele. Ela é maravilhosa.

Meia-idade: Ela? É pálida, puro osso. Acho horrível. Mas se quiser conhecer Lotto, precisa passar por ela.

Jovem: Hum. Eu a achei incrivelmente linda. Ele é... fiel?

Meia-idade: Depende do ponto de vista. É difícil dizer. Ele flerta até deixar você de quatro e apaixonado, depois fica todo confuso quando você dá em cima dele. Aconteceu com todos nós.

Jovem: Com você?

Meia-idade: Claro.

[Eles olham para o homem com cara de sapo que tinha se aproximado timidamente e estava escutando a conversa, o gelo em seu copo tilintando.]

Chollie: Você, garoto. Preciso que faça um trabalho para mim. Cem paus fáceis. O que acha?

Jovem: Depende do que é, senhor.

Chollie: Você precisa derramar acidentalmente uma taça de vinho tinto na mulher do Satterwhite. Em cima daquele vestido branco, molhando mesmo. A vantagem é que, enquanto fizer isso, vai chegar perto o bastante do Satterwhite para enfiar um bilhete no bolso dele. Imagine aonde isso vai levar você. Talvez ele até chame você para um teste ou algo assim. Topa?

Jovem: Quinhentos.

Chollie: Duzentos. Tem mais sete barmen aqui.

Jovem: Fechado. Me empreste sua caneta. *[Pega a caneta-tinteiro de Chollie, escreve num guardanapo, que enfia no bolso. Olha para a caneta, e também a guarda no bolso.]* Isso é tão horrível. *[Ele ri, põe uma taça de vinho bandeja e sai apressado.]*

Meia-idade: Estou me perguntando qual é a chance que esse garoto tem de transar com Lancelot.

Chollie: Abaixo de zero. Lotto é hétero até debaixo d'água e doentivamente monogâmico também. Mas é divertido observar. *[Risos.]*

Meia-idade: O que você está armando, Chollie?

Chollie: Por que está falando comigo? Você não me conhece.

Meia-idade: Na verdade, conheço, sim. Eu frequentava as festas dos Satterwhite nos anos noventa. Conversamos várias vezes naquela época.

Chollie: Ah. Bem, todo mundo ia a essas festas.

[Ouve-se um vidro quebrando, e as outras pessoas logo ficam em silêncio.]

Meia-idade: Mathilde levou na boa. Claro. Rainha da frieza. Está indo para o banheiro com sal e água com gás. E você tem razão, todo mundo ia àquelas festas. E todo mundo se perguntava por que você era o melhor amigo de Lancelot. Você realmente não acrescentava nada. Tão desagradável...

Chollie: Bem, conheço Lotto há mais tempo, sabe, desde que ele era um magrelo nativo da Flórida com um sério problema de acne. Quem poderia imaginar? Hoje ele é famoso, e eu tenho um helicóptero. Mas estou vendo que você foi longe com seu curso de drinques. Então, sabe, parabéns.

Meia-idade: Eu...

Chollie: *Enfim*, que bom que já botamos o papo em dia e blá-blá-blá, mas tenho uma coisa para fazer. [*Sai, vai até o centro do salão, onde o Jovem está limpando a calça de Lancelot com um guardanapo de papel.*]

Lancelot: Não, cara, estou falando sério, acho que você não deixou cair vinho na minha calça. Mas obrigado. Não. Pode parar, por favor. Por favor. Pare. Pare.

Jovem: Diga à sua mulher que sinto muito, Sr. Satterwhite. Por favor, me mande a conta.

Ariel: Besteira, besteira. Vou restituir o vestido. Volte para o seu posto. [*Jovem sai.*]

Lancelot: Obrigado, Ariel. Não se preocupe com Mathilde. Acho que é um vestido velho. Aliás, está espetacular, tudo isso aqui. Como se você tivesse feito uma réplica exata do que tem dentro da minha cabeça. Na verdade, vi que era Natalie e arrastei Mathilde para cá, por mais que ela não estivesse se sentindo bem. Natalie era uma amiga de faculdade, a gente tinha que vir. Foi tão trágico o acidente. Fico feliz que a esteja homenageando. Para dizer a verdade, acho que talvez Mathilde ainda se sinta um pouco estranha por ter saído da galeria de forma tão repentina quando arranjou o trabalho no site de relacionamentos naquela época.

Ariel: Eu sabia que ela ia me deixar um dia. É o que todas as minhas melhores garotas fazem.

Lancelot: Mas acho que ela sente falta de arte. Em qualquer lugar do mundo em que a gente esteja, ela me faz ir a museus. Vai ser bom vocês dois retomarem o contato.

Ariel: Velhos amigos nunca são demais. De qualquer maneira, me contaram uma coisa sobre você. Alguém me disse que recebeu uma herança incrível. É verdade?

Lancelot: [*Respirando com força.*] Faz quatro meses que minha mãe morreu. Não, cinco. É verdade.

Ariel: Sinto muito. Não quis ser inconveniente, Lotto. Eu sabia que vocês estavam afastados e não pensei no que estava dizendo. Por favor, me desculpe.

Lancelot: Estávamos afastados, sim. Eu não a via há décadas. Desculpe. Realmente não sei por que estou ficando todo emotivo. Faz cinco meses. Tempo suficiente para ter superado o luto por uma mãe que nunca me amou.

Chollie: [*Aproximando-se.*] Se sua mãe nunca amou você, é porque ela era uma puta sem sentimentos.

Lancelot: Chollie, olá! Ele é deformado, torto, velho e corcunda; de feições horrorosas e um corpo pior, todo disforme; cruel, cafajeste, tolo,

estúpido, bruto; de corpo horrendo e mente pior ainda. Meu melhor amigo.

Chollie: Pode enfiar seu Shakespeare no rabo, Lotto. Nossa, estou de saco cheio disso.

Lancelot: Charles, agradeço-te o afeto que me mostras.

Ariel: Não teria muita utilidade lá dentro. Shakespeare no escuro.

Chollie: Ah, Ariel. Valeu, cara. Você sempre foi quase engraçado.

Ariel: Coisa engraçada de dizer, Charles, porque mal nos conhecemos. Você comprou alguns quadros comigo ano passado, mas isso não é o suficiente para lhe dar o direito de definir como eu sempre fui.

Chollie: Você e eu? Ah, não, somos velhos amigos. Conheço você há muito tempo. Pode não se lembrar, mas conheci você na cidade muito tempo atrás. Quando Mathilde e você tinham um lance.

Lancelot: [*Longa pausa.*] Um lance? Mathilde e Ariel? Como assim?

Chollie: Eu não devia ter dito isso? Desculpe. Ah, bem, história antiga. Vocês estão casados há milhões de anos, não importa. Aqueles canapês estão me chamando. Com licença. [*Corre atrás de um garçom com uma bandeja.*]

Lancelot: Um lance?

Ariel: Bem. Sim. Achei que você soubesse que Mathilde e eu... estivemos envolvidos.

Lancelot: Um envolvimento?

Ariel: Se isso ajuda, era apenas trabalho. Pelo menos para ela.

Lancelot: Trabalho? Você era, me deixe adivinhar, um mecenas? Ah, entendi! Você está falando sobre a galeria. Enquanto eu tentava a carreira de ator. E fracassava, no geral. Sim, é verdade. Você nos deu apoio financeiro durante anos, ainda bem. Já agradeço? [*Ri de alívio.*]

Ariel: Não, bem. Eu fui, hum, bem, amante dela. Namorado. A gente tinha um acordo. Desculpe. Isso é constrangedor. Achei que você e Mathilde não tivessem segredos. Caso contrário eu não teria falado nada.

Lancelot: Nós não. Temos segredos.

Ariel: Claro. Caramba. Se isso ajuda, não aconteceu nada desde então. E ela partiu meu coração. Mas isso já faz milhões de anos. Não importa.

Lancelot: Espere, espere, espere, espere, espere, espere.

Ariel: [*Fazendo uma pausa muito longa e ficando cada vez mais agitado.*] Eu devia voltar para...

Lancelot: [*Gritando.*] Fique onde está. Você viu Mathilde nua? Fez amor com a minha esposa? Sexo? Houve sexo?

Ariel: Faz tanto tempo... Não importa.

Lancelot: Responda.

Ariel: Sim. Estivemos envolvidos durante quatro anos. Escute, Lotto, sinto muito que isso tenha sido uma surpresa tão grande. Mas é entre você e

Mathilde agora. Você ganhou, ficou com ela, eu perdi. Tenho que dar atenção aos meus convidados. Nem sei dizer como isso importa tão pouco a longo prazo. Você sabe onde me encontrar, se precisar conversar. [Sai.]

[Lancelot fica sozinhoilhado em sua fama, a multidão o rodeando respeitosamente, mas ninguém ousa se aproximar. Seu rosto está azul na luz.]

Mathilde: *[Ofegante, com um círculo transparente na parte do vestido que tinha manchado de vinho.]:* Aí está você. Está pronto para ir embora? Não consigo acreditar que, de algum jeito, você me manipulou para me fazer pisar de novo nessa galeria. Nossa, esse foi um sinal de que nunca devíamos ter vindo. Ainda bem que é seda e só caíram algumas gotas de vinho... Lotto? Lotto Satterwhite. Lotto! Você está bem? Ei? Meu amor? *[Toca em seu rosto.]*

[Ele olha para ela de cima, como se de uma altura muito grande.]

Mathilde: *[A voz sumindo.]* Amor?

Pôr do sol. A casa nas dunas como uma concha arrastada pelo mar. Pelicanos pregados ao vento. Tartaruga-do-deserto embaixo da pequena palmeira.

Lotto parado na janela.

Ele estava na Flórida. Flórida? Na casa da mãe. Não fazia ideia de como tinha ido parar ali.

— Mãezinha? — gritou.

Mas fazia seis meses que a mãe morrera.

A casa recendia a ela, talco e rosas. Havia uma fina camada de pó cobrindo a chita e as porcelanas de Lladró. Além do mofo, o cê-cê do mar.

Pense, Lotto. A última coisa que lembrava. Sua casa, o luar alisando a superfície da mesa, os dedos de osso das árvores invernais tocando as estrelas. Papéis espalhados. Um cachorro ofegante em cima dos seus pés. No andar de baixo, sua mulher dormia, o cabelo platinado espalhado pelo travesseiro. Ele tocara em seu ombro e subira para o escritório, o resíduo do calor do corpo dela ainda na palma da sua mão.

Uma bolha lenta e escura subindo e tudo voltou: a situação difícil entre os dois, o grande amor que azedou. Como ele ficara furioso. Como sua raiva envolvia tudo que ele via.

Ele passara o último mês numa corda bamba entre ficar com ela ou deixá-la. Tinha sido exaustivo se equilibrar, se perguntando onde cairia.

Ele trabalhava com narrativa; sabia que uma palavra solta podia levar à ruína do prédio inteiro. [Uma mulher boa! Uma mulher justa! Uma mulher doce!] Durante vinte e três anos, achara que havia conhecido uma garota que era pura como a neve, uma garota triste, solitária. Ele a salvara. Duas semanas depois, se casaram. Mas, como uma lula das profundezas, a história virou do avesso. Sua mulher não tinha sido pura. Ela fora amante. Mantida por dinheiro. Por Ariel. Não fazia sentido. Ou ela havia sido puta ou Lancelot era corno. Logo ele, fiel desde o início.

[Tragédia, comédia. É tudo uma questão de ponto de vista.]

*

Ele sentia o vento frio de dezembro através da janela. Quanto tempo será que o sol demoraria para se pôr? O clima não vinha se comportando do jeito que ele esperava. Não havia vivalma na praia. Onde estavam os velhos caminhando, os passeadores de cães, os bêbados perambulando, onde tinham ido parar os amantes de pôr do sol, os lotófagos? Mortos. A areia estava inexplicavelmente lisa como pele. Sentiu seu medo se edificar. Esticou o braço para dentro da casa e apertou o interruptor.

As luzes estavam tão mortas quanto, bem... Tão mortas quanto sua mãe.

Sem eletricidade; sem telefone. Ele olhou para baixo. Usava a blusa do pijama. Ele não estava, contudo, usando calça. Foi o estopim. Ele até ouviu o chiado. Seu pânico irrompeu.

Ele viu a si mesmo correndo pela casinha, como se olhasse de cima. Espiou dentro dos armários. Entrou no quarto de Sallie, desocupado depois da morte de Antoinette.

Durante todo esse tempo, do lado de fora, o sol continuava a se pôr, sombras se insinuavam do mar nos pés ligeiros dos anfíbios e seguiam na direção do Golfo, da Intercostal Waterway, do Rio St. Johns, dos riachos gelados e dos pântanos cheios de jacarés, das fontes pintadas de turquesa nos terrenos tristes e baratos, metade com as hipotecas executadas. Passando pelos manguezais, pelos peixes-bois, pelos moluscos nos leitos, um por um fechando os lábios duros e pequenos como um cora ao fim de uma canção. Depois as sombras mergulharam mais fundo no Golfo, rolaram na escuridão subaquática, seguindo na direção do Texas.

— O que está acontecendo, porra? — perguntou ele para a casa que escurecia.

Foi a primeira vez que falou um palavrão. Achou que merecia. A casa não lhe respondeu.

*

Ele parou à porta do quarto da mãe, brandindo uma lanterna. Impossível saber o que ia encontrar ali. Sallie e Rachel haviam comentado sobre acumulação. Excessos da madrugada, Antoinette comprando tudo o que aparecia no canal de compras da televisão. O antigo quarto de Lotto estava abarrotado de massageadores de pé ainda nas caixas e relógios com pulseiras intercambiáveis.

“Abra a porta do seu antigo quarto e você vai morrer com uma avalanche consumista americana”, dissera Rachel. O pouco dinheiro que Antoinette se permitia gastar tinha servido para comprar porcarias.

“Você quer que a gente limpe a casa?”, perguntara ele ao telefone na manhã em que sua mãe morrera.

Eles tinham aguentado firme, depois de passado o choro e a história: Sallie se levantando no meio da noite para beber água e encontrando Antoinette caída no meio do chão.

“Nhe. Pode deixar. A casa vai acabar sendo destruída pelo fogo”, comentara tia Sallie, sombriamente. Ela contara que tinha a intenção de viajar pelo mundo. Seu irmão deixara dinheiro para ela. Não havia razão para ficar parada.

“Pelo menos mãezinha tinha alergia a animais”, acrescentara Lotto. “Ou poderia ter acumulado gatos. E haveria muito fedor de gato ao longo da praia.”

“Gatos esmagados por caixas caindo”, dissera Sallie.

“Rá! Herbário de gatos esmagados. Um buquê. Coloque-os numa moldura e pendure na parede. Memento miau”, continuara ele.

Então respirou fundo e abriu a porta do quarto da mãe.

Estava arrumado. Colcha floral, algum vazamento do colchão d'água formava uma poça marrom no chão. Acima da cabeceira havia um Jesus crucificado já esverdeado. Ah, a vida triste dela. Ah, sua pobre mãe. Como algo tirado de uma das obras de Beckett. Uma mulher crescendo como um peixinho dourado até ficar do tamanho do aquário, a única escapatória foi o salto final.

Uma mão gelada roçou o peito de Lotto. Surgindo por trás da mesa de cabeceira, metade da cabeça da mãe: um olho enorme atrás dos óculos, uma das bochechas, metade da boca.

Ele gritou e largou a lanterna, a luz rodopiou duas vezes, ouviu-se o barulho de vidro quebrando e o feixe de luz parou transversalmente na cama, reluzindo nos olhos de Lotto. Ele encontrou um diário de capa branca. Moedas espalhadas. Os óculos da mãe. Um copo de vidro. Tudo isso deve ter sido arrumado de forma que criasse uma ilusão de ótica. Mas havia sido tão nítido, tão Antoinette, inconfundível, mesmo que com um olho só. Ele estremeceu, revistou as gavetas dela em busca de dinheiro para voltar para casa [só achou vidros de comprimido vazios, centenas], então fugiu para a cozinha de novo.

*

Ficou parado na janela. Incapaz de se mexer.

Algo farfalhou na sala atrás dele. Aproximou-se, depressa e confiante. Lotto continuou imóvel. Sentiu um rosto encostar em sua nuca. O rosto respirou com frieza. Na espiral do tempo, ficou décadas ali. Por fim, o rosto se afastou.

— Quem está aí? — gritou ele para o nada.

Teve dificuldade para abrir a porta de vidro, e a casa se encheu com um vento frio fustigante. Barulho ressuscitado. Ele saiu para a varanda, se encostou no parapeito e posicionou a cabeça na direção da corrente de ar. Ao erguer os olhos, entendeu por que o mundo parecera tão distante.

O céu era um fervilhar estranho, preto-arroxeadado. Figurinistas seriam capazes de esfaquear seus rivais para conseguir um tom como aquele. Com uma roupa dessa cor, a pessoa já entraria no palco cheia de autoridade, o próprio Lear ou Otelo antes que uma sílaba sequer fosse dita.

Era o mar, porém, que parecia mais incorreto.

Estava congelado. As ondas demoravam tanto a formar crista que era difícil ver quando quebravam.

Esta Flórida não era a Flórida. Era mais estranha que real.

Ficou pensando e, a essa altura, tinha certeza de que era um pesadelo do qual não conseguia acordar.

Era muito rápido deslizar do controle para o descontrole. Então se deu conta de que estava no meio do calçadão, descalço, o terror passando por seus ombros. Abaixo na escuridão, entre os minúsculos sapos pairando a centímetros do chão, sobre as dunas irregulares pelas trepadeiras, pequenas palmeiras e buracos de

cobra. O deslizar da areia em seus pés o acalmou. Ele diminuiu os passos, até parar. Respirou fundo. Como se a tivesse feito aparecer com um passe de mágica, lá estava a lua, brilhando. Volúvel, essa inconstante, com um contorno circular que se altera todos os meses.

Os diversos condomínios e mansões, que deveriam estar acesos, não estavam. Ele olhou mais de perto. Tinham desaparecido, como se varridos da costa por uma mão gigantesca.

“Socorro!”, gritou ele para o vento forte.

“Mathilde!”, gritou ele.

A Mathilde que ele chamava era a dos primeiros dias de amor, do fim da faculdade, da primeira semana sem sexo na cama dela na Hooker Avenue em cima do antiquário. Pernas não depiladas, pés frios, pele com sabor de cobre. Em plena luz do dia, andava de lingerie e deixava os homens olhando feito bobos. A solidão dela, uma ilha onde ele naufragara. Na segunda noite em que dormiu na cama dela, Lotto notou ao acordar que o quarto era comprido em alguns pontos, e apertado em outros, que uma luz cinza estranha tremulava nas paredes, um desconhecido ao seu lado. Ficou apavorado. Algumas vezes nos anos seguintes, ele acordaria num quarto que era dele, mas, no fundo, não era, com uma mulher dormindo ao seu lado sobre quem nada sabia. Na primeira noite de pavor, ele se levantou e saiu para correr, como se o medo o estivesse perseguindo, ao amanhecer trotando de volta para o apartamento de Mathilde em cima do antiquário, levando um café quente e acordando-a com o vapor da bebida. Só depois que ela sorriu, ele finalmente conseguiu relaxar. Mathilde estava lá de manhã cedo, essa perfeição de garota, que parecia feita seguindo as especificações dele. [Uma vida diferente se Lotto tivesse dado ouvido ao pavor: sem glória, sem peças; paz, sossego e dinheiro. Sem glamour; filhos. Qual vida era melhor? Não cabe a nós dizer.]

*

Ele estava há séculos sentado numa duna. Tão frio o vento. Tão estranho o mar. Ao longe, havia icebergs de lixo do tamanho do Texas. Redemoinhos de garrafas, chinelos, braçadeiras, bolinhas de isopor, boás, cabeças de boneca, cílios postiços, animais infláveis, pneus de bicicleta, chaves, para-lamas, livros de promoção, seringas de insulina, quentinhas, mochilas, vidros de antibiótico, perucas, linha de pesca, fita de isolamento da polícia, peixes mortos, tartarugas mortas, golfinhos mortos, aves marinhas mortas, baleias mortas, ursos-polares mortos e uma infinidade de mortos.

Pés com corte de conchas. E perdeu a blusa do pijama. Vestia apenas a cueca para protegê-lo da intempérie.

Doaria sua fortuna para apaziguar o deus furioso que o levava até ali. [Brincadeira! Dinheiro é para os tolos.] Depois, doaria o trabalho, pensou. A fama. As peças, bem, não *As Sereias*. Sim, mesmo a última, a mais nova e

favorita, uma história de personagens femininos sepultados, a melhor que escrevera até o momento, ele sentia. *As Sereias*, inclusive. Pode pegar as peças, permitindo que ele leve uma vida humilde, ordinária. Pegue tudo, mas deixe-o voltar para casa e Mathilde.

Uma luz cintilou na extremidade do seu campo de visão, o que normalmente era o prenúncio de uma enxaqueca. As faíscas se aproximaram, se decompondo na luz do sol, no pé de laranja kinkan no quintal da casa de Hamlin. Os raios oblíquos do sol iluminavam a barba-de-velho; na beira do gramado, uma moita de hera-americana, e logo abaixo ficava a casa de seus ancestrais voltando para a imundície da Flórida, ameaçada por milhões de cupins famintos ou por um grande furacão. Nas sombras das heras, as últimas janelas brilhavam.

Atrás de Lotto estava a sede da fazenda que seu pai construíra e que sua mãe vendera exatamente um ano e um dia após a morte de Gawain, se mudando com todos eles para aquela triste casinha na praia. Nesse confuso mundo da infância, seu pai estava de pé do outro lado da piscina. Olhava com ternura para Lotto.

— Papai — sussurrou.

— Filho — disse Gawain.

Ah, o amor do pai. O mais delicado que Lotto conhecera.

— Me ajude — pediu Lotto.

— Não posso — respondeu Gawain. — Desculpe, filho. Talvez sua mãe possa. Ela que era inteligente.

— Minha mãe era muitas coisas, mas não inteligente.

— Cuidado com o que fala — retrucou o pai. — Você nem imagina as coisas que ela fez por você.

— Ela não fez nada. Não amou ninguém, além de si mesma. Não a vejo desde os anos oitenta.

— Filho, você está vendo as coisas distorcidas. Ela o amou muito.

Alguma coisa se remexeu na piscina. Lotto olhou. A água estava turva e marrom-esverdeada, com folhas de carvalho cobrindo a superfície. Algo tão branco quanto um ovo veio à tona: a testa da sua mãe. Ela sorriu. Era jovem e bela. Seu cabelo ruivo lambia a superfície, com folhas douradas entrelaçadas. Ela cuspiu água escura pela boca.

— Mãezinha — disse ele.

Quando ergueu os olhos, o pai tinha sumido. A velha dor em seu âmago retornou.

— Querido, o que está fazendo aqui?

— Você é que deve me dizer — retrucou ele. — Eu só quero ir para casa.

— Para aquela sua mulher — observou ela. — Mathilde. Nunca gostei dela. Eu estava errada. Mas a gente só entende essas coisas depois que morre.

— Não. Você tinha razão. Ela é uma mentirosa.

— E daí? Ela amava você. Uma boa esposa. Proporcionou uma vida boa e calma para você. Pagava as contas. Você nunca se preocupou com nada.

— Ficamos casados por vinte e três anos, e ela nunca me contou que tinha sido puta. Ou adúltera. Ou as duas coisas. Difícil dizer. Uma mentira de omissão gigantesca.

— Gigantesco é o seu ego. Que pena você não ter sido o único homem para ela. A garota limpa sua privada durante vinte e três anos, mas você fica ressentido com a vida que ela teve quando você não estava por perto.

— Mas ela mentiu — insistiu ele.

— Fala sério. Casamento é feito de mentiras. Bondosas, em geral. Omissões. Se disséssemos em voz alta as coisas que pensamos todo dia sobre nosso cônjuge, acabaríamos esmagando a pessoa até virar pasta. Ela nunca mentiu. Simplesmente nunca contou.

Um rugido. Uma trovada sobre Hamlin. O sol sumiu, o céu cinza-feltro. Sua mãe afundou, então seu queixo foi coberto pela água turva.

— Não vá embora.

— Está na hora — afirmou ela.

— Como vou para casa?

Ela tocou o rosto do filho.

— Coitadinho do meu querido — disse ela, e afundou.

*

Tentou voltar para a esposa imaginando-a profundamente. Mas naquele momento Mathilde estaria sozinha em casa com Deus. O cabelo estaria escuro de tão oleoso, e o rosto, tenso. Já estaria começando a feder. Bourbon para o jantar. Teria pegado no sono em sua cadeira preferida ao lado da lareira com as cinzas frias, as portas da varanda abertas para a noite, para que Lotto pudesse voltar. Enquanto dormia, as pálpebras dela eram tão translúcidas que ele sempre achou que, se olhasse com atenção, conseguiria ver seus sonhos pulsando como águas-vivas em sua mente.

Ele teria gostado de se aprofundar nela, se sentar no osso lacrimal e cavalgar ali, um pequeno homúnculo como caubói de rodeio, entender o que se passava na cabeça dela. Ah, mas seria redundante. A tranquila intimidade do cotidiano lhe ensinara isso. Paradoxo do casamento: não é possível conhecer alguém inteiramente; conhece-se, sim, alguém inteiramente. Ele conseguia pressentir o estilo das piadas que ela estava prestes a contar, sentir os arrepios nos braços da esposa quando ela estava com frio.

Ela acordaria em breve com um sobressalto. Sua mulher, que nunca chorava, choraria. Mascarada com os próprios dedos, ela ficaria no escuro esperando Lotto voltar.

*

A lua, um umbigo; a luz na água, uma trilha de pelos finos conduzindo direto

a Lotto.

Andando em sua direção vinham todas as garotas que ele tivera antes de Mathilde. Tantas. Nuas. Brilhando. A irmã de Chollie, Gwennie, sua primeira aos quinze anos, cabelo despenteado. Garotas vistosas da escola particular, a filha do deão, caipiras, universitárias: seios de pão de *boule*, punhos, bolas de squash feitas de meias, centro do alvo, castanheiras, xícaras de chá, focinhos de ratos, mordidas de carrapatos, barrigas e bundas maravilhosas, tudo lindo para Lotto. Alguns garotos esbeltos, seu professor de teatro. [Desvia os olhos.] Tantos corpos! Centenas! Lotto se enterraria neles. Vinte e três anos de fidelidade a Mathilde. Sem remorso, ele podia rolar naquele mar de corpos, como um cão rola na grama fresca.

Seria bem-feito para a mulher dele. Com isso, eles ficariam quites. E Lancelot poderia voltar para ela depois, vingado.

Mas não podia. Fechou os olhos e tapou os ouvidos com os dedos. A areia pressionava seu cóccix. Ele sentiu toda aquela gente passando, dedos deslizando como plumas em sua pele. Lotto contou devagar até mil depois da última pessoa e viu o reflexo da lua sumir da água parada do mar, a areia marcada por uma única trilha comprida.

*

A água era o único caminho, ele concluiu, para voltar para Mathilde. Retornaria a nado para o tempo.

Tirou a cueca e foi até o mar. Seus pés, ao tocar a água, lançavam raios de eletricidade como relâmpagos. Ele observou, empolgado, a luz se ramificar no fundo e desaparecer lentamente. Condução saltatória. Cada vez que sumia, ele fazia disparar de novo. Respirou fundo, mergulhou e começou a nadar, adorando a fosforescência que surgia quando seus braços golpeavam a superfície. A lua o atraía. Não era difícil nadar numa água calma, embora ele tivesse que escalar as cristas das ondas como se fossem elevações na terra. Lóbulos de calor, de frio, sempre o deslumbramento. Ele movia braços e pernas, sentindo um cansaço agradável. Nadou até seus braços queimarem de dor e seus pulmões ficarem salgados, e nadou um pouco mais.

Imaginou passar por cardumes de peixes imóveis. Pensou em grandes navios lá embaixo, atolados na lama enfeitada com barras de ouro. Trincheiras de pedra tão profundas quanto o Grand Canyon, que ele sobrevooou como se fosse uma água num céu de água. No fundo desses desfiladeiros havia rios de lama, criaturas pegajosas e súbito reluzir de dentes. Imaginou uma vasta criatura marinha ali embaixo, abrindo os braços para agarrá-lo, mas ele era escorregadio e forte, então escapou.

Ele passara horas, se não dias, nadando. Se não semanas.

Até que não conseguiu mais. Parou. Virou-se de costas e afundou. Viu o algodão macio da manhã limpar o rosto da noite. Abriu a boca como se fosse

comer o dia. Estava se afogando, e durante o afogamento sobreveio uma visão maravilhosa, vívida.

Ele era pequenino, pólipode de sua mãe, ainda apegado ao leite e ao calor. Férias na praia. Uma janela estava aberta, ondas chiando ao longe. [Antoinette, eternamente conectada com o mar, recolhia o que estava ao alcance, cuspia conchas e ossos.] Ela cantarolava. As venezianas lançavam faixas de luz em cima dela. Seu cabelo maravilhoso no quadril. Tinha sido uma sereia recentemente, portanto ainda exibia a pele macia, clara e molhada de sereia. Ela baixou lentamente uma alça da blusa. Passou-a pelo ombro, pelo braço. Depois a outra. Agora pelos seios, e, pop, eles pularam, rosadinhos como filés de peito de frango, por cima da sua barriga branca cheia de areia. Por cima do púbis com aqueles pelos luxuriantes, descendo por suas pernas brancas. Ela fora tão magra. Linda. Emaranhado em toalhas, Lotto, pequenino, observou a mãe de marcas douradas de tomar sol e teve um pressentimento. Ela estava lá; ele estava aqui. Na verdade, não estavam ligados. Eram dois, o que significava que não eram um. Antes deste instante, houve um sono quente e longo, primeiro no escuro, depois na luz gradual. Agora tinha acordado. Saiu dele numa reclamação, essa horrível separação. De repente, ela acordou do devaneio. *Quietinho, meu pequeno*, disse, vindo até ele e o aconchegando à sua pele gelada.

Ela, em algum momento, deixara de amá-lo. [Ele não podia saber.] Era uma tristeza na vida de Lotto. Mas, vai ver que, naquela época, ela o amava, sim.

Ele afundou até naufragar no fundo do oceano. Sopros de areia. Abriu os olhos. Seu nariz estava bem abaixo da superfície, onde a ponta da lua cavalgava o ápice de uma onda calma. Ele baixou os pés, deu impulso e seu corpo saiu da água até a altura das coxas.

Como um cachorro que o seguia, a praia estava logo atrás dele, a três metros de distância.

*

O dia raiou primeiro nas nuvens. Um rebanho dourado de sol. Pelo menos ele teria esse consolo. A praia se estendia com perfeição, as dunas escurecidas pela folhagem. Intocadas pelo homem. A história, durante a noite, tinha sido descascada até o começo.

Certa vez, ele leu que o sono faz com o cerebelo o mesmo que as ondas fazem com o mar. O sono ativa diversos impulsos nas redes de neurônios, e os impulsos são como ondas; apagam o que é desnecessário e deixam só o que importa.

[Então ficou claro o que era isso. A herança de sua família. O último subterfúgio cegante no cérebro.]

Ele queria muito ir para casa. Para Mathilde. Queria dizer a ela que perdoaria qualquer coisa. Quem ainda se importava com o que ela tinha feito ou com quem? Mas tudo isso havia morrido. Ele também morreria em breve.

Desejou ter a chance de conhecê-la velha. Pensou em como ela seria magnífica.

Nada de sol, apenas uma fraca iluminação dourada. Maré cheia. A casa cor-de-rosa de sua mãe. Três pássaros pretos amontoados no telhado. Ele sempre amara o cheiro de sexo fresco que o mar exalava. Saiu da água e seguiu nu até a praia, o calçadão, depois foi para a casa da mãe e subiu na varanda.

Por anos, pareceu, ele esteve parado no amanhecer.

[O fio da canção foi medido até seu carretel vazio, Lotto. Cantaremos a parte final para você.]

Olhe agora. Ao longe, uma pessoa.

Mais de perto, são duas pessoas, de mãos dadas, a espuma do mar até os tornozelos. O sol nascendo nos cabelos. Loura, biquíni verde; alto, radiante. Eles se beijam, bolinação embaixo da sunga dele, da blusa dela. Quem não invejaria toda aquela juventude, quem não lamentaria o que foi perdido enquanto observa o casal? Eles sobem a duna, e ela o empurra, de ré para cima. Analisa-os da varanda, prendendo a respiração, enquanto os dois param em uma bacia macia de areia, protegidos pelas dunas ao redor. Ela puxa a sunga dele; ele tira o biquíni dela, a parte de cima e a de baixo. Ah, sim, você voltaria de quatro para a sua mulher, rastejando por toda a extensão da Costa Leste para sentir os dedos dela agarrando mais uma vez o seu cabelo. Você não é digno dela. [Sim. [Não.]] Mesmo considerando uma fuga, os amantes deixam você paralisado, sem ousar se mexer, com medo de assustá-los e fazê-los bater asas como pássaros e subirem para o céu exuberante. Um está dentro do outro, e fica difícil dizer onde um começa e o outro termina: mãos nos cabelos e calor contra calor, afundando mais na areia, os joelhos vermelhos dela erguidos, o corpo dele se mexendo. Chega a hora. Algo estranho acontece por mais que não esteja preparado; há uma sobreposição; você já viu isso, sentiu o hálito dela na sua nuca, o calor do corpo dela embaixo de você e a fria umidade do dia nas costas, o êxtase incontrolável, uma sensação de travessia, o sexo chegando ao clímax [goza!]. Lábio mordido até sair sangue, um rugido ao terminar, pássaros saem voando e grãos de areia dentro das pregas cor-de-rosa de uma orelha. Um círculo falhado de sol reflete na água. O rosto virado para o céu pergunta-se: está chovendo? [Está.] Barulho de pequenas tesouras se fechando. Só há tempo para registrar a beleza impressionante, e lá está: a separação.

Certo dia, enquanto caminhava pelo vilarejo onde eles haviam sido tão felizes, Mathilde ouviu um carro cheio de garotos se aproximar por trás dela. Gritavam obscenidades. Partes do corpo que sugeriam que ela chupasse. O que gostariam de fazer com a sua bunda.

O choque virou uma descarga de calor, como se ela tivesse bebido uma dose de uísque.

É verdade, pensou ela. Ainda tenho uma bunda perfeita.

Mas quando o carro ficou ao lado dela, os garotos se calaram. Ela os observou, pálidos, passando. Pisaram no acelerador e sumiram.

Relembrou esse momento um mês depois enquanto atravessava uma rua em Boston e ouviu chamarem seu nome. Uma mulher baixinha veio correndo. Mathilde não conseguiu reconhecê-la. Tinha olhos úmidos e cabelo ruivo e solto, preso atrás das orelhas. E a barriga flácida de uma reprodutora. A julgar pela aparência, havia quatro garotinhas usando modelitos combinados da estilista Lilly Pulitzer a esperando em casa com a babá.

A mulher parou a um metro e meio dela com um gritinho. Mathilde levou as mãos às bochechas.

— Eu sei — disse. — Pareço muito envelhecida desde que meu marido... — Não conseguiu terminar a frase.

— Não — retrucou a mulher. — Você continua elegante. É só que... Está com uma cara muito *brava*, Mathilde.

Depois, Mathilde se lembraria da mulher. Bridget, da faculdade. Com a lembrança veio uma pontada de culpa. Mas tempo ocultara por quê.

Por um instante, ela observou a valsa dos passarinhos na calçada e os raios de sol passarem pelas folhas sopradas pelo vento. Quando ergueu novamente os olhos, a mulher deu um passo para trás. Depois outro.

Devagar, Mathilde disse: — Brava. Claro. Bem, de que adianta continuar escondendo isso?

Em seguida, baixou a cabeça e seguiu em frente.

*

Décadas mais tarde, já velha, dentro de uma banheira de porcelana sustentada por garras de leão, onde seu próprio corpo estava misericordiosamente submerso, lhe ocorreria que sua vida poderia ser desenhada na forma de um X. Seus pés virados para fora refletidos na água.

De uma vastidão aterrorizante na infância, a vida convergira na meia-idade para um único ponto candente. Depois, explodiu de novo.

Ela afastou os calcanhares para que não se tocassem mais. O reflexo se moveu com eles.

E agora sua vida mostrou ter sido em um formato diferente, igual e o oposto

da primeira. [Complexa, a nossa Mathilde. Ela aguenta contradições.]

E agora o formato de sua vida parecia: maior que, espaço em branco, menor que.

*

Quando os dois tinham quarenta e seis anos, o marido de Mathilde, o famoso dramaturgo Lancelot Satterwhite, a deixou.

Foi embora numa ambulância sem sirenes. Bem, não ele. A carne fria dele.

Ela ligou para a irmã de Lancelot, Rachel, que gritou e gritou. Quando fez uma pausa, disse ferozmente: — Mathilde, estamos indo. Aguarde firme, estamos indo.

Sallie, a tia dele, estava viajando e não havia deixado um número de telefone, portanto Mathilde ligou para o advogado da tia. Menos de um minuto depois de ter desligado, Sallie telefonou da Birmânia.

— Mathilde — disse ela. — Espere aí, querida, estou indo.

Ligou para o melhor amigo do marido.

— Estou pegando o helicóptero — disse Chollie. — Estou indo.

Eles não demorariam a aparecer ali. Por enquanto, ela estava sozinha. De pé numa pedra arredondada no campo, usando uma das camisas do marido, observava a luz do amanhecer atingir a geada, prismática. Seus pés doíam por causa da pedra fria. Durante cerca de um mês, algo esteve consumindo seu marido. Ele andava abatido pela casa e mal olhava para ela. Era como se a maré dele vazasse a partir dela, mas Mathilde sabia, como uma maré de verdade, que o tempo o traria de volta. Um barulho se aproximou, o vento ficou mais forte, e ela não se virou para ver o helicóptero pousar, mas se apoiou na força congelante do vento. Quando a hélice desacelerou, ouviu a voz de Chollie na altura do cotovelo dela.

Olhou para ele. Chollie grotesco, estragado pelo dinheiro, podre de rico. Usava um suéter e uma calça de moletom. Mathilde percebeu que o acordara com a ligação. Ele usou a mão para fazer sombra nos olhos e poder olhar para ela.

— Que loucura — comentou Chollie. — Ele malhava todo dia. Devia ter sido esse gorducho aqui a ir primeiro.

— É — disse ela. Ele se mexeu como se fosse abraçá-la. Mathilde se lembrou da última vez que sentiu o calor do marido na sua pele e acrescentou: — Não.

— Não vou — disse ele.

O campo ficou mais nítido.

— Quando pousamos, vi você parada aí — explicou ele. — Parecia ter a mesma idade de quando a conheci. Você era muito frágil. Tão cheia de luz naquela época.

— Eu me sinto velha agora — disse ela, apesar de ter apenas quarenta e seis

anos.

— Eu sei.

— Você não pode — disse ela. — Você também amava Lotto. Mas não era a esposa dele.

— Não era. Mas tive uma irmã gêmea que morreu. Gwennie. — Desviou os olhos e contou com frio na voz: — Ela se matou quando tinha dezessete anos.

Chollie retorcia a boca para dentro e para fora. Mathilde tocou em seu ombro.

— Você não — disse ele depressa.

Com isso ela entendeu que ele queria dizer que a tristeza fresca dela ardia mais que a dele, que ela é que devia ser consolada naquele momento. Ela podia sentir a dor se aproximando rapidamente, sacudindo o chão como um trem sem freio, mas que ainda não a atingira. Ela ainda tinha um tempinho. Podia se acalmar; era o que ela fazia de melhor, afinal. Ser esposa.

— Sinto muito — disse ela. — Lotto nunca me contou que Gwennie tinha se matado.

— Ele nunca ficou sabendo. Achava que havia sido um acidente — revelou Chollie, e isso não soou estranho para ela naquele campo cheio da luz do inverno.

Não pareceria estranho por alguns meses, porque lá estava o horror, abrindo caminho por dentro dela, e ela não conseguiu sentir nada por muito tempo, a não ser a força violenta e sibilante desse horror.

Pouco a pouco descobrimos que não ouviremos mais o riso do nosso amigo, que o acesso a esse jardim está interditado para sempre a nós. Então começa nosso verdadeiro luto.

Antoine de Saint-Exupéry disse isso. Ele também caiu de avião no deserto quando, apenas momentos antes, o céu estava azul e sem nuvens.

Onde estão os homens?, perguntou o Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry. *É um pouco solitário no deserto...*

Entre os homens também, disse a serpente.

*

Como carpas, os entes queridos emergiram, movendo a boca ao lado do rosto dela antes de afundar de volta.

Eles a sentaram numa cadeira e colocaram um cobertor em cima dela. Deus, a cadela, se acomodou trêmula ali embaixo.

Esses entes queridos passaram o dia inteiro inclinando a cabeça para ela e se afastando. As sobrinhas e o sobrinho de Lotto apoiavam furtivamente as bochechas nos joelhos dela. A comida que deixaram em seu colo foi levada embora. As crianças ficaram sentadas ali durante a longa tarde. Elas tinham uma compreensão animal, sendo novas demais no mundo para saberem se portar. Anoiteceu repentinamente na janela. Ela apenas continuou ali sentada. Imaginou o que o marido deve ter pensado na hora da morte. Num clarão de luz, talvez No

mar. Ele sempre adorara o mar. Esperava que ele tivesse visto o rosto dela mais jovem se aproximando do dele. Samuel pôs o ombro embaixo de um dos braços de Mathilde, a irmã de Lotto posicionou o dela embaixo do outro, e os dois a colocaram na cama que ainda tinha o cheiro dele. Ela apoiou a cabeça no travesseiro do marido. E ficou ali deitada.

Não podia fazer nada. Seu corpo inteiro estava voltado para dentro. Mathilde se tornara um punho cerrado.

A dor não era algo estranho a Mathilde. Aquele velho lobo já farejara sua casa antes.

Ela tinha apenas uma foto sua de quando era pequena.

Seu nome havia sido Aurélie. Era bochechuda, de cabelo dourado. A única criança numa família bretã numerosa. A franja era afastada do rosto por uma presilha, usava lenços no pescoço, meia soquete de renda nos tornozelos. Os avós a alimentavam com *galettes*, cidra, caramelos com sal marinho. Havia rodela de camembert amadurecendo no armário da cozinha. Se um desavisado abrisse a porta, poderia desmaiar.

Sua mãe era peixeira no mercado de Nantes. Ela acordava de madrugada, ia de carro até o centro da cidade e voltava para casa no meio da manhã com as mãos rachadas e brilhando de escamas, geladas até os ossos por causa do contato com gelo. Tinha um rosto delicado, mas não tivera educação formal. O marido a cortejara com a jaqueta de couro, o topete e a moto. Coisas pequenas para trocar por uma vida, mas na época haviam parecido poderosas. O pai de Aurélie era pedreiro, e fazia doze gerações que sua família morava na mesma casa em Notre-Dame-des-Landes. Aurélie foi concebida durante a revolução de maio de 1968. Embora seus pais estivessem longe de ser radicais, havia tanta excitação no ar que eles não sabiam como se expressar senão de forma animalesca. Quando se tornou impossível para a mãe da menina esconder a gravidez, os dois se casaram com flores de laranjeira no cabelo da noiva e uma fatia de bolo de coco no congelador.

O pai de Aurélie era calado, gostava de poucas coisas, como colocar pedra sobre pedra, do vinho que fazia na garagem, seu cão de caça que ele chamava de Bibiche, sua mãe que sobrevivera à Segunda Guerra Mundial vendendo morcela no mercado negro, e sua filha. Ela era uma menina mimada, feliz e cantante.

Mas, quando Aurélie tinha três anos, o novo bebê chegou. Ele era uma criatura inquieta e que vivia gritando. Mesmo assim, as pessoas murmuravam palavras carinhosas para ele, para aquele nabo enrugado embaixo das cobertas. Aurélie observava de baixo de uma cadeira, morrendo de raiva.

Bastava o bebê sentir cólica para a casa ficar suja de vômito. A mãe de Aurélie andava como se estivesse despedaçada. Quatro tias, com cheiro de manteiga, vieram ajudar. Elas fofocavam maldosamente, e o irmão delas mostrava as uvas que tinha. As tias ainda enxotavam Bibiche da casa com uma vassoura.

Quando finalmente começou a engatinhar, o bebê entrava em tudo quanto era parte, e o pai teve que construir um portão no alto da escada. A mãe de Aurélie chorava em sua cama durante o dia quando as crianças deveriam estar

dormindo. Estava muito cansada. Cheirava a peixe.

O bebê adorava engatinhar até a cama de Aurélie, chupar o polegar e enrolar o cabelo dela, o catarro entupindo seu nariz, de modo que parecia que ele estava ronronando. Durante a noite, aproximava-se devagarinho da beirada da cama e, quando ele finalmente pegava no sono e virava de barriga para cima, caía e acordava gritando no chão. Ela abria os olhos a tempo de ver a mãe entrar depressa e segurar o bebê em suas mãos vermelhas e inchadas e, censurando, o levava de volta para o berço dele.

*

Certa tarde, quando a menina tinha quatro anos e o irmãozinho, um, a família foi jantar na casa da avó. A casa pertencia aos ancestrais da avó havia séculos, e ela a incluiu no seu casamento com o vizinho. Os terrenos, ainda conjugados, eram todos dela. A casa era muito melhor do que a da família da menina, tinha quartos maiores e uma leiteria de pedra do século XVIII ainda anexada ao prédio principal. O esterco havia sido espalhado aquela manhã, e dava para sentir seu gosto no leite. A avó era como o filho, quadrada, de traços fortes, mais alta que a maioria dos homens. Sua boca era talhada na forma de um *n* pontudo. Tinha um colo duro e interrompia as piadas dos outros suspirando alto na hora do final engraçado.

O bebê subiu para tirar uma soneca na cama da avó, e as outras pessoas estavam do lado de fora embaixo do carvalho, comendo. Aurélie tinha ido ao banheiro do andar de baixo, onde tentava fazer xixi. Escutou o irmão lá em cima dando passos pesados no quarto da avó, balbuciando algo para si mesmo. Ela levantou a calcinha e subiu a escada devagar, coletando com os dedos uma crosta cinzenta de poeira entre as estacas dos corrimãos. Ficou parada no corredor de iluminação cor de mel, ouvindo o menino através da porta: ele estava cantando sozinho, batendo os pés na cabeceira. Ela o imaginou ali dentro do quarto e sorriu. Abriu a porta, e ele desceu da cama e andou até o corredor, agarrando-se a ela, mas a irmã recuou, afastando-se das mãos pegajosas dele.

Ela chupou um dedo e ficou olhando o irmão passar, seguindo na direção da escada. Ele encarou Aurélie, sorridente, cambaleando, estendeu uma mãozinha aberta. Mas ela apenas observou o irmão cair.

*

Quando voltaram do hospital, os pais de Aurélie estavam calados, os rostos pálidos. O pescoço do bebê quebrara. Não havia nada que pudessem ter feito.

A mãe quis levar Aurélie para casa. Era tarde, e o rosto da menina estava inchado de tanto chorar, mas seu pai discordou. Ele não conseguia olhar para ela, embora a menina agarrasse seus joelhos, cheirando a calça jeans dele cheia de suor e poeira. Depois que o bebê caiu, alguém havia arrastado Aurélie escada abaixo, deixando um hematoma preto em seu braço. Ela mostrou isso a eles, mas nem olharam.

Os pais estavam segurando algo invisível, mas muito pesado entre eles. Não conseguiriam levantar mais nada, com certeza não a filha.

— Vamos deixá-la aqui essa noite — disse a mãe.

O rosto triste com maçãs do rosto proeminentes e sobrancelhas maravilhosas se aproximou, beijou a garota e foi embora. O pai bateu três vezes a porta de trás do carro. Eles foram embora. Bibiche ficou olhando pela janela. Os faróis traseiros piscaram no escuro, e depois sumiram.

De manhã, Aurélie acordou na casa dos avós. Sua avó estava lá embaixo fazendo crepes, e a menina foi se lavar. Durante toda a manhã, seus pais não apareceram. Eles não apareceram.

O beijo na testa foi o último cheiro que ela sentiu da mãe [perfume Arpège de Lanvin misturado com fedor de bacalhau]. O roçar da calça jeans do pai em sua mão, quando ela a estendeu para tocá-lo assim que passou, foi a última coisa que sentiria dele.

Após a quinta vez que ela implorou aos avós pelo pai e pela mãe, a avó parou de responder.

Aquela noite, esperando ao lado da porta pelos pais que ainda não tinham vindo, uma raiva terrível cresceu em Aurélie. Querendo botar para fora esse sentimento, ela chutou e gritou, quebrou o espelho do banheiro, os copos da cozinha, um por um, deu um soco no pescoço do gato, correu para o escuro e arrancou a plantação de tomate da avó. De início, ela tentou abraçar a neta durante horas para acalmá-la, mas perdeu a paciência e teve que amarrá-la na cama com as cordas da cortina, que, por serem antigas, acabaram arrebentando.

Três arranhões escorrendo sangue na bochecha da avó. *Quelle conne. Diabliesse*, sibilou ela.

Difícil dizer quanto tempo isso durou. E tempo, para uma criança de quatro anos, é inundação ou redemoinho. Meses, talvez. Não é impossível que tenham sido anos. A escuridão a rondava, a invadia. Em sua mente, os rostos dos pais se transformaram em borrões idênticos. Seu pai usava bigode? Sua mãe tinha cabelo louro-claro ou escuro? Ela esqueceu o cheiro da fazenda onde nascera, o rangido do cascalho sob os sapatos, o eterno crepúsculo na cozinha, mesmo quando as luzes estavam acesas. O lobo girou, se instalou em seu peito e uivou ali.

Havia milhares de pessoas no funeral de Lotto. Ela sabia que ele tinha sido amado, e por desconhecidos também. Mas não esperava esse excesso. Todas aquelas pessoas que ela não conhecia estavam enfileiradas na calçada, lamentando. Ah! Grande homem. Ah! Dramaturgo da burguesia. Ela estava na frente de uma fila reluzente de limusines pretas, como o corvo-chefe numa convocação de pássaros pretos. Seu marido havia comovido as pessoas e, ao fazer isso, se tornara o Lancelot Satterwhite delas, também. Algo dele vivia dentro dessa gente. Não pertencia à esposa. Agora era dessas pessoas.

Parecia anti-higiênico, esse exagero de catarro e lágrimas. Ela sentia muito bafo de café. Muito perfume forte. Ela odiava perfume. Era um disfarce para a falta de higiene ou para a vergonha corporal. Pessoas limpas nunca exalavam a floral.

Após o enterro, ela foi sozinha de carro para o campo. Talvez tivessem planejado uma recepção, ela não sabia. Ou, se sabia, bloqueou a informação. Ela nunca teria ido. Estava cansada das pessoas.

A casa estava aquecida. A piscina reluzia os raios do sol. Largou suas roupas pretas no chão da cozinha. A cadela se encolheu na almofada. Os olhos dela com lágrimas nos cantos, selvagens.

[Deus lambendo os pés azulados de Lotto embaixo da mesa, lambendo sem parar como se pudesse lamber de volta a vida nele. Que bobinha.]

Então, ocorreu uma estranha separação do próprio corpo, de forma que ela observou a própria nudez de muito longe.

A luz percorreu o quarto e se apagou. A noite entrou furtivamente. O eu impassível dela observou os amigos aparecerem na janela dos fundos, recuarem ao ver seu corpo nu à mesa da cozinha, desviarem os olhos e gritarem através do vidro: — Deixe a gente entrar, Mathilde. Deixe a gente entrar.

O corpo nu continuou sentado ali até as pessoas irem para as próprias casas.

Nua, na cama, ela escreveu *Obrigada, Obrigada* a todos os e-mails até se lembrar do control-c, control-v, e então passou a copiar e colar *Obrigada*. Estava com chá quente na mão, agradeceu a Mathilde nua por sua consideração. Depois foi parar na piscina sob a luz da lua e se preocupou com o estado mental da Mathilde nua. Mathilde nua deixou de atender à porta, acordou do lado errado da cama procurando um calor que não estava mais ali, deixou a comida apodrecer na varanda, deixou as flores apodrecerem na varanda, observou a cadela fazer xixi na cozinha, preparou ovos mexidos para o animal quando a ração acabou, deu-lhe o resto do chili de legumes que Lotto fizera e ficou olhando a cadela lamber o próprio cu, dolorido por causa das especiarias, até ficar vermelho. A Mathilde nua trancou as portas e ignorou os entes queridos espiando e gritando: — Mathilde, qual é! Mathilde, deixe a gente entrar. Mathilde, não vou a lugar

nenhum, estou acampando no quintal.

A última pessoa foi a tia do seu marido, Sallie, que realmente acampou no quintal até a Mathilde nua abrir a porta para que ela pudesse entrar. Tia Sallie perdera os dois amores da sua vida em poucos meses, mas escolheu exibir seu sofrimento usando vestidos de seda tailandesa em cores de pedras preciosas e pintando o cabelo de um tom preto-azulado. A Mathilde nua tapava a cabeça com as cobertas quando aparecia uma bandeja no colchão e tremia até voltar a dormir. Bandeja, sono, banheiro, bandeja, sono, pensamentos ruins, memórias terríveis, Deus choramingando, bandeja, sono... E assim continuou, para sempre.

*

Permaneço aqui, *fria, uma viúva em seus aposentos*. Andrômaca, a esposa perfeita, protestava enquanto segurava a cabeça de Heitor morto em seus braços pálidos. *Só me deixastes amargura e angústia. Não morrestes na cama, estendendo os braços para mim. Não me dissesstes uma última palavra amável da qual eu poderia me lembrar durante todo o meu sofrimento.*

Andromaque, je pense à vous!

*

E assim continuou, para sempre, só que durante a sua primeira semana de viuvez, em algum lugar dentro da tenda formada com as cobertas, na cama que acomodava seu corpo nu, surgiu um desejo carnal tão forte que ela se sentiu asfixiada. O que ela precisava era de uma trepada. De várias. Ela assistiu a diversos homens no ato da penetração, todos em branco e preto e mudos, como os primeiros filmes sonoros. Acima de tudo isso havia uma música de órgão. Música de órgão. Rá!

Ela já tinha sentido um desejo carnal tão forte assim. Durante o primeiro ano que passou com Lotto. E em seu primeiro ano de sexo, muito antes de Lotto. Ele sempre acreditara que a havia deflorado, mas ela simplesmente estava menstruada, só isso. E alimentou a convicção dele. Não era virgem, mas só tivera um homem antes dele. Este era um segredo que Lotto jamais saberia. Ele nunca teria entendido. Seu egocentrismo não admitia um precursor. Ela estremeceu ao se lembrar de si mesma aos dezessete anos, no ensino médio, em como, após um fim de semana revelador, tudo a fazia pensar em sexo. A forma que a luz batia nas folhas nas valas, o jeito que as roupas roçavam em sua pele quando ela andava. As palavras saindo da boca de uma pessoa, a maneira que passavam rolando pela língua, encostando nos lábios antes de saírem. Era como se o homem tivesse arrancado de repente um terremoto de dentro dela e o soltado em sua pele. Ela passou as últimas semanas do colégio com vontade de dar para cada um daqueles garotos gostosos. Se pudesse, teria engolido eles inteiros. Sorria muito para eles, mas os caras fugiam. Ela rira, mas achara uma pena.

Nada disso importava mais. Desde que eles se casaram, passara a ser só

Lotto. Ela havia sido fiel. Tinha quase certeza de que ele também.

Em sua casinha no jardim das cerejeiras, a habitação da viuvez mais triste, Mathilde ficou se lembrando e se levantou da cama suja para tomar banho. Ela se vestiu no banheiro escuro e passou de fininho diante do quarto onde tia Sallie roncava assoviando. Passou pelo quarto seguinte, que estava com a porta aberta, onde Rachel, a irmã do seu marido, a observou do travesseiro. No escuro, vislumbrou o rosto que mais parecia o de um furão: triangular, em alerta, tiritando. Mathilde entrou no Mercedes.

O cabelo estava preso num coque molhado, não passara maquiagem, mas isso não importava. Três cidades ao norte, havia um bar frequentado por yuppies, e no bar yuppie havia um homem de aparência triste com um boné dos Red Sox, e um quilômetro e meio adiante, num pequeno arvoredo onde a estrada bifurcava, onde eles teriam sido pregados como mariposas num quadro por faróis de algum carro que tivesse passado, ela estava em pé, se equilibrando na perna direita, pois a esquerda estava em volta do quadril agitado do triste Red Sox. E ela gritava: — Mais forte!

E o homem, que de início parecia concentrado, começou a assumir uma expressão de choque. Ele continuou valentemente por algum tempo enquanto ela gritava: — Mais forte! Mais rápido, seu puto!

Até ficar óbvio que ele estava assustado, então fingiu um orgasmo e saiu de dentro dela. Depois murmurou alguma coisa sobre ter que mijar, e ela ouviu o barulho dos pés dele nas folhas crocantes enquanto se afastava depressa.

No escuro, Rachel também olhou fixo para Mathilde quando ela subiu de volta a escada. A suíte conjugal, a cama obscena devido ao seu enorme vazio. Em sua ausência, os lençóis haviam sido trocados. Quando ela tornou a se deitar, sentiu que estavam frescos, com cheiro de lavanda, e roçaram sua pele como acusações.

*

Um tempo atrás, ela se sentou ao lado de Lotto na escuridão da noite de estreia de uma de suas primeiras peças inovadoras, e estava tão apavorada com o que ele havia feito, com a grandeza da visão do marido passando bem diante dos seus olhos, que ela se debruçou no espaço entre eles e lambeu o rosto de Lotto, da orelha ao lábio. Não conseguiu se conter.

Do mesmo modo, quando segurou a filha recém-nascida de Rachel e Elizabeth, sentiu tanta vontade de ter a mesma inocência do bebê que enfiou o punhozinho cerrado na própria boca e o manteve ali até a criança gritar.

Seu desejo carnal de viúva era o oposto disso.

*

Viúva. *A palavra se consome*, disse Sylvia Plath, que se consumiu.

Ela se apavorara ao se deparar com uma torta de maçã no refeitório. Fugira para o banheiro e ficara paralisada, sentada no papel protetor sobre o assento sanitário por muito tempo. Isso foi durante um dos últimos dias da faculdade. Nos meses anteriores, andara assustada com o abismo que o futuro abria à sua frente. Ela, que se escondera numa gaiola ou outra desde que nascera, em breve estaria livre para voar, mas a ideia de todo aquele ar a deixava petrificada.

A porta abriu e duas garotas entraram, falando sobre como Lancelot Satterwhite era rico.

— É o príncipezinho da garrafa d'água, sabe — comentou uma delas. — A mãe dele é, tipo, bilionária.

— Lotto? É mesmo? — disse a outra. — Merda! Transei com ele no primeiro ano. Se eu soubesse...

As garotas riram, e a primeira falou: — É, bem, ele é muito galinha. Acho que sou a única menina no Vale do Hudson que não viu o pau dele. Dizem que ele nunca dorme duas vezes com a mesma garota.

— Com a exceção de Bridget. O que eu não entendo. Ela é tão sem graça. Ouvi ela dizer que eles estão namorando, mas eu fiquei, tipo, *sério*? Quer dizer, ela tem cara de funcionária de biblioteca infantil. De alguém que fica embaixo de uma tempestade eterna ou coisa do tipo.

— Pois é, Bridget está tão perto de namorar Lotto como uma rêmora está de namorar um tubarão.

As garotas riram e saíram.

Mathilde pensou: hum. Deu descarga, saiu e lavou as mãos. Olhou-se criticamente no espelho, depois sorriu.

— Aleluia — disse em voz alta para a Mathilde do reflexo, e a Mathilde do reflexo falou o mesmo com seus lábios encantadores, seu rosto pálido e ossudo.

Ela alegou ter provas finais para evitar a viagem de fim de semana à cidade. Vestiu-se com esmero. Viu sua vítima no palco aquela noite e ficou impressionada: ele era muito bom, um Hamlet histérico, com uma energia infantil, por mais que fosse alto. De longe, não dava para notar as marcas que tinha nas bochechas, e ele emitia uma luz dourada que iluminava até a plateia. Ele deixou aquele monólogo batido mais sensual e o exibiu de uma forma nova.

— *É uma consumação devotamente desejável* — disse ele, com um sorriso pirático.

E ela imaginou que toda a plateia sentiu um calor subir pelo corpo. Promissor. Sob as luzes do corredor, ela leu o nome completo dele no programa, Lancelot “Lotto” Satterwhite, e franziu a testa. Lancelot. Bem. Ela poderia fazer aquilo dar certo.

O elenco daria uma festa num dormitório brutalista, onde ela nunca estivera.

Durante quatro anos, ela não se permitira ir a festas ou fazer amigos. Não podia correr esse risco. Decidiu ir cedo e ficou parada debaixo de um pórtico para fugir da chuva, fumando um cigarro. Estava à espreita de Bridget. Quando a garota e suas três amigas obstinadas chegaram trotando embaixo de guarda-chuvas, Mathilde foi atrás delas.

Foi fácil separar Bridget das outras meninas. Mathilde só precisou fazer uma pergunta sobre inibidores de receptação da serotonina para a prova final de neurobiologia dali a alguns dias que as amigas desapareceram enquanto Bridget explicava seriamente a questão. E então Mathilde encheu a taça de Bridget com bastante vodca e um pouco de suco.

Bridget estava se sentindo lisonjeada por estar falando com Mathilde.

— Quer dizer, caramba! — exclamou Bridget. — Você nunca, nunca sai! Todo mundo já ouviu falar de você, mas ninguém nunca fala com você. Você é tipo a baleia-branca de Vassar. — Então ela corou, e acrescentou: — Tipo a baleia-branca mais magra e bonita de todos os tempos. — E completou: — Ora! Você entendeu o que eu quis dizer.

Ela bebeu, nervosa. Mathilde reabastecia e Bridget bebia, Mathilde reabastecia, Bridget bebia, e então Bridget vomitou na escada, e as pessoas que tentavam passar gritavam: “Vômito!”, “Ai, nossa, Bridget!” e “Nojento, sem-vergonha, vá lá para fora”. As amigas haviam sido chamadas. Mathilde ficou em um patamar mais alto observando do corrimão elas levarem a menina para casa.

Bridget estava descendo a escada quando Lotto cruzou com ela subindo.

— Eca! — exclamou ele, dando um tapinha no ombro dela, depois pulou os poucos degraus que restavam e entrou na festa.

De onde estava, Mathilde ficou observando tudo.

Primeiro problema despachado. Moleza.

Ela ficou parada do lado de fora na chuva fria, fumando mais dois cigarros, escutando o barulho da festa. Esperou dez músicas. Quando Salt-N-Pepa estava tocando, ela voltou lá para dentro e subiu a escada. Olhou para o outro lado da sala.

Lá estava ele no parapeito, bêbado, berrando, e ela foi pega de surpresa por seu corpo tão musculoso. Ele estava usando a máscara de gel para olheiras de alguma garota como uma tanga. Tinha uma jarra de água vazia presa por uma atadura na cabeça. Nenhuma dignidade, mas, nossa, muita beleza. Lotto tinha um rosto estranho, como se já tivesse sido bonito, mas ela estava vendo de longe. Até então só tinha visto ele de roupa e não teria adivinhado quão perfeito era o seu corpo. Fizera muitos cálculos, mas nenhum envolveu sentir um tesão instantâneo que a deixou de pernas bambas.

Ela desejou que ele olhasse para cima, para que a visse ali.

Ele ergueu os olhos. E a viu. Seu rosto ficou imóvel. Ele parou de dançar. Ela sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Lotto pulou na multidão, esmagou uma

pobre garotinha ao cair e foi nadando até Mathilde. Era mais alto que ela. Ela media um metro e oitenta e três, um metro e noventa com o salto alto. Homens mais altos que ela eram raros. Gostou da sensação inesperada de ser mais baixa, mais delicada. Ele tocou na mão dela. Apoiou-se em um joelho e gritou: — Case-se comigo!

Ela não soube o que fazer, então riu, olhou para ele e respondeu: — Não!

Na história que ele contava sobre esse episódio — repetida em tantas festas, tantos jantares, ela escutando sorridente, com a cabeça inclinada, dando risadinhas —, ela respondia “Com certeza”. Mathilde nunca o corrigiu, nem uma única vez. Por que não deixá-lo viver com essa ilusão? Isso o deixava feliz. Ela adorava deixá-lo feliz. Claro! Não era verdade, não até duas semanas depois, quando ela se casaria com ele, mas aquilo não fazia mal.

Lotto transformara a história do encontro deles em um *coup de foudre*, mas ele era um contador de histórias nato. Remodelava a realidade, criando um tipo diferente de verdade. Mas foi, como ela sabia, um *coup de foudre*. O casamento deles sempre fora centrado no sexo. Fora centrado em outras coisas no início e seria centrado em outras depois também, é claro, mas em alguns dias se centrara em sexo. Ela resistira até ter resolvido seus compromissos anteriores, e a espera deixara os dois ainda mais excitados. Por um bom tempo depois, a genitália ganhara primazia sobre os outros interesses.

Mesmo naquela época ela sabia que *certeza* é uma coisa que não existe. Nada é absoluto. Os deuses adoram foder com a gente.

*

Sim, é verdade que houve, por um breve período, uma felicidade absoluta, era *certeza*, e a dominava por completo. Dia escuro, praia pedregosa. Ela se sentia alegre, mesmo quando surgiam pequenas irritações, as moscas de areia que mordiam, o frio que entranhava em seus ossos e as pedras afiadas na praia de Maine que abriram seu dedo do pé como uma uva fatiada e a fizeram voltar mancando para a casa que lhes emprestaram para o dia do casamento. Eles tinham vinte e dois anos. O mundo transbordava de potencial. Estavam tão bem como jamais estariam. Ela mantinha as mãos aquecidas nas costas do novo marido e sentia os músculos remexendo sob a pele dele. Uma concha espetou a coluna dela. Ela sentia que estava devorando ele. Primeira consumação como marido e mulher. Ela imaginou uma jiboia engolindo um veado.

Se ele tinha defeitos, ela não conseguia identificá-los. E talvez isso fosse verdade, talvez ela tivesse encontrado a única pessoa sem defeitos no mundo. Mesmo se tivesse sonhado com ele, ela não conseguiria inventar alguém assim. Inocente, encantador, engraçado, fiel. Rico. Lancelot Satterwhite. Lotto. Eles tinham se casado naquela manhã. Ela estava agradecida à areia que entrava nas partes impróprias e a deixava assada. Não conseguia confiar na forma pura do prazer.

Mas a primeira consumação conjugal dos dois terminou rápido demais. Ele riu no ouvido dela; ela, no pescoço dele. Não importava. Suas identidades distintas haviam desaparecido. Ela não estava mais sozinha. Tinha sido esmagada pela gratidão. Lotto a ajudou a se levantar, e eles se curvaram para pegar as roupas, e o oceano do outro lado da duna os aplaudiu. Ela passou o fim de semana todo cantando de alegria.

Um fim de semana deveria ter sido suficiente. Ela recebia muito mais do que merecia. Mas ela era gananciosa.

Sol de maio brilhante na viagem de volta da lua de mel furtiva. Lotto, que tinha sido um pré-adolescente instável, dirigia, e, ao ouvir uma música meiga, caiu no choro. Ela fez a única coisa em que conseguiu pensar e apoiou a cabeça em seu colo, desenterrando o Pequeno Lotto para que o Grande Lotto parasse. Uma carreta, ao passar, buzinou demonstrando sua aprovação.

De volta em Poughkeepsie, em frente ao próprio apartamento, ela disse: — Quero saber tudo sobre você. Quero conhecer sua mãe, sua tia e sua irmã imediatamente. Vamos para a Flórida depois da formatura. Quero *comer* sua vida. — Ela riu um pouco da própria sinceridade.

Ah, ter uma mãe, uma família! Ela passara tanto tempo sozinha. Tinha se permitido sonhar acordada com uma sogra que a levava para passar dias no spa, com quem tinha piadas internas, que mandava presentinhos com bilhetes dizendo: “Vi isso e pensei em você.”

Mas havia algo errado. Depois de um instante, Lotto levou a mão dela à sua boca e disse: — M. Meu amor. Teremos o resto da vida para isso.

Uma onda de frio a percorreu. O que era isso? Hesitação? Talvez ele já estivesse com vergonha da esposa. Diante dela, ergueu-se o díptico de Cranach, Adão e Eva com longas coxas, cabeças pequenas, pés enormes com os nós dos dedos frios. É verdade que até no Éden havia serpentes.

— Tenho que escrever meu trabalho final de sociologia — disse ele como se pedisse desculpas. — Faltam seis horas para terminar o prazo de entrega, mas vou trazer o jantar para a gente depois. Eu te amo para além do amor.

— Eu também — disse ela, fechando a porta do carro e tentando sufocar o pânico.

Entrou no apartamento, que encolhera, cheio da sua vidinha anterior cinzenta. Tomou um banho quente de banheira e se enfiou embaixo do edredom de plumas para tirar um cochilo. Estava sonhando quando o telefone tocou. Só podia ser algo ruim. Nada, senão ruindade, ligaria com tanta insistência.

Ela se preparou.

— Alô — disse.

— Bem. Alô — falou uma voz macia e doce. — Descubro que você é minha filha, e eu nunca a vi mais gorda.

Depois de um instante, Mathilde disse: — Sra. Satterwhite. É tão bom

finalmente falar com a senhora.

Mas a voz não parou: — Devo confessar que fiz o que qualquer mãe descomedida faria e investiguei quem você é e de onde vem. Minhas investigações foram parar em alguns lugares estranhos. Você é linda, como me disseram. Vi suas fotos, particularmente aquelas do catálogo de sutiã, embora seus peitos pareçam bem pequenos e eu fique me perguntando quem foi que a contratou para exibi-los. Se me permite ser sincera, não gostei da página dupla na revista para adolescentes onde você parecia um rat terrier meio afogado, coitadinha. O engraçado é as pessoas quererem pagar para que você saia assim em público. Mas algumas fotos são muito boas. Você é uma garota bonita. Um bom par para meu Lancelot, pelo menos no visual.

— Obrigada — disse Mathilde com cautela.

— Mas você não é uma garota que frequente a igreja e, francamente, isso me faz parar para pensar. Uma pagã na família — comentou ela. — Não sei se gosto disso. Muito pior é o que descobri sobre o seu tio, sobre as pessoas com quem ele se mistura. É mais do que suspeito. Só dá para conhecer alguém de verdade depois de saber sobre seus parentes. Devo dizer que não gostei do que descobri. Acrescente isso ao medo que tenho da pessoa boazinha que seduz um garoto de tão bom coração quanto o meu e se casa com ele depois de um namoro tão rápido. Só alguém muito perigoso ou muito calculista poderia fazer uma coisa dessas. Tudo isso somado me faz achar que você e eu teríamos dificuldade em entrar num consenso sobre as coisas. Nessa vida, pelo menos.

— Bem — começou Mathilde —, parece que vamos ter a relação nora e sogra padrão, Antoinette. — As duas riram.

— Pode me chamar de Sra. Satterwhite — disse a mãe de Lotto.

— Posso, mas provavelmente não vou. O que acha de *mãe*?

— Você é osso duro de roer, não é? — observou Antoinette. — Bem, meu Lancelot tem um coração tão mole que ele precisa se casar com uma mulher um pouco durona. Mas acho que esse alguém não vai ser você.

— Já é — disse Mathilde. — Como posso ajudá-la? O que você quer?

— A questão, garota, é o que *você* quer. Suponho que saiba que Lancelot foi criado com dinheiro. Ah, é claro que sabe! Por isso se casou com ele. Estão saindo há duas semanas, não tem como você realmente amar meu querido garoto, por mais que ele seja adorável. Conhecendo meu filho como conheço, ele ainda não contou que vocês não vão ver um tostão do meu dinheiro enquanto eu puder respirar e ele estiver casado com você. Discutimos isso tudo ontem de manhã depois que vocês assinaram os papéis e ele me ligou para se gabar. Impetuosos, vocês dois. Estão agindo como as crianças que ainda são. E agora estão sem dinheiro algum. Fico me perguntando como você está se sentindo nesse momento. Lamento que todos os seus planos estejam dando em nada.

Sem querer, Mathilde prendeu a respiração. Antoinette continuou: — Claro

que uma anulação seria algo vantajoso demais para você. Pegue cem mil dólares e acabe com isso.

— Rá! — disse Mathilde.

— Querida, diga o seu preço, não me importo. Imagino que não seja hora de ser mesquinha. Diga e será feito. Peça logo o que você exige para começar sua vida depois da formatura e será transferido essa tarde, então poderá assinar os papéis e ir embora. Deixe meu pobre filho em paz, deixe ele aproveitar a juventude, encontrar uma moça boa, doce, e voltar para mim, na Flórida.

— Interessante — comentou Mathilde. — Você é possessiva para uma mulher que não se deu o trabalho de visitar o filho durante um ano inteiro.

— Bem, querida, um bebê cresce na sua barriga por quase um ano, você vê a semelhança do seu marido e de si mesma nele, então claro que será possessiva. Ele é meu sangue. Fui eu quem o fez. Um dia você vai ver.

— Não vou — respondeu Mathilde.

— Quinhentos? Não? Um milhão daria? — perguntou Antoinette. — Tudo o que você precisa fazer é abandonar o navio. Pegar seu dinheiro e se mandar. Poderia fazer o que quisesse com um milhão de dólares. Viajar, conhecer outras culturas. Abrir o próprio negócio. Dar seu golpe em homens mais ricos. O mundo é sua ostra, Mathilde Yoder. Considere isso o primeiro grão de areia para fazer sua pérola.

— Você tem mesmo o dom da metáfora. Admiro isso, de algum jeito.

— Pelo seu comentário, entendo que chegamos a um acordo. Excelente escolha. Você não é burra. Vou ligar para o meu advogado, e um portador vai levar os papéis aí daqui a algumas horas.

— Ah, uau — exclamou Mathilde baixinho. — Vai ser tão maravilhoso.

— Sim, querida. Sensato da sua parte aceitar o acordo. É mesmo uma boa grana.

— Não — retrucou Mathilde. — Quis dizer que vai ser maravilhoso pensar em todas as maneiras de manter seu filho longe de você. Vai ser nosso joguinho. Você vai ver. Todos os feriados, todos os aniversários, todas as vezes em que você ficar doente, vai acontecer alguma coisa e seu filho terá que ficar comigo. Ele vai ficar comigo, não com você. Ele vai escolher a *mim*, não a *você*. Mãezinha, Lotto chama você de mãezinha, então também vou chamar. Até pedir desculpas, até se forçar a ser agradável, você não vai voltar a pôr os olhos nele.

Com delicadeza, ela devolveu o fone ao gancho, tirou o telefone da tomada e foi tomar outro banho, pois sua camiseta já estava transparente com o suor. Em alguns dias, ela receberia o primeiro dos inúmeros bilhetes que Antoinette mandaria ao longo dos anos, marcado por pontos de exclamação. Em troca, ela enviaria fotos de Lotto e Mathilde, sorrindo juntos, Lotto e Mathilde à beira da piscina, Lotto e Mathilde em São Francisco, Mathilde nos braços de Lotto, entrando pela primeira vez em cada nova casa que eles morassem. Aquela noite,

quando Lotto voltou, ela não falou nada. Os dois assistiram a uma série de comédia. Tomaram banho juntos. Mais tarde, nus, comeram calzone.

O tempo, depois que Lotto morreu, engoliu a si mesmo.

Sallie percebeu que era inútil tentar enfrentar isso. Mathilde continuava entorpecida. Havia um campo de força de fúria tão espesso que ninguém conseguiria ultrapassar. Sallie voltou para a Ásia, foi para o Japão, dessa vez. Voltaria em um ano, quando Mathilde não estivesse tão furiosa, anunciou.

— Vou estar furiosa para sempre — disse ela.

Sallie pôs sua mão seca e morena no rosto de Mathilde e deu um meio sorriso.

Só a irmã de Lotto voltava sempre. A doce e querida Rachel, de coração puro.

— Aqui tem uma torta de maçã — dizia ela. — Aqui tem pão. Aqui tem um punhado de crisântemos. Aqui está minha filha, dê um abraço nela e alivie sua tristeza.

Todas as outras pessoas lhe davam *espaço*. Davam *tempo*.

— Nossa, você fazia ideia de que Mathilde podia ser tão babaca? — diziam os amigos, magoados, ao voltarem para casa. — Conseguiriam imaginar isso quando Lotto estava vivo? Dá para acreditar no que ela nos *disse*?

— Ela está possuída por algum demônio — comentavam.

— Tristeza — afirmavam todos com conhecimento, se sentindo profundos.

Foi tacitamente acordado que eles retornariam quando ela voltasse a ser aquela pessoa conveniente, elegante e sorridente. Em vez de visitá-la, mandavam presentes. Samuel mandou vasos de bromélias. Chollie mandou torres de chocolate belga. Danica mandou seu massagista pessoal, que Mathilde expulsou ao ignorá-lo. Arnie enviou uma caixa de vinho. Ariel mandou um vestido longo de caxemira, no qual Mathilde passou dias enroscada. Estranho que o presente macio de um antigo chefe fosse a única coisa ideal.

*

Tarde da noite, Mathilde percebeu que tinha ido parar numa longa faixa reta de estrada. O carro era o Mercedes topo de linha que Lotto comprara logo antes de bater as botas. A mãe morrera apenas seis meses antes do filho, e eles receberam uma herança tão gigantesca que era burrice continuarem andando no Honda Civic de quinze anos com airbags duvidosos. Ele só se importava com dinheiro quando se tratava do próprio conforto. Caso contrário, deixava os outros se preocuparem com isso.

Ela pisou fundo no acelerador. O carro respondia na hora. Chegou a cento e vinte, cento e quarenta, cento e oitenta.

Ela apagou os faróis, e a escuridão ascendeu em sua direção como um sonho acordado.

Noite sem lua. O carro seguia frouxo como um peixe roçando nas paredes

de uma caverna. Depois de uma eternidade, ela ficou imóvel, suspensa na escuridão. Calma.

O carro atingiu o bueiro, subiu no acostamento, passou por cima de uma cerca de arame farpado e capotou. Aterrissou num rebanho de gado adormecido.

A boca de Mathilde sangrava. Ela mordera até quase decepar a língua. Não importava. Ela não falava com ninguém atualmente. Fora isso, estava ilesa.

Saiu do carro, engolindo as golfadas quentes com gosto de cobre. As novilhas tinham se afastado e observavam do abrigo formado pelas tilias quebravento. Mas uma continuava ajoelhada ao lado do veículo. Quando Mathilde se aproximou do animal, havia uma parede de sangue no lugar do pescoço.

Ela passou bastante tempo observando o animal sangrar na grama. Não havia nada a fazer.

Não havia nada a fazer, e agora? Mathilde estava com quarenta e seis anos. Era muito jovem para não querer mais saber do amor. Continuava no auge. Bonita. Desejável. E agora desimpedida, para sempre.

A história que nos contam sobre as mulheres não é essa.

A história das mulheres é a história do amor, de se fundir no outro. Uma pequena divergência: querer afundar e não conseguir. Ser deixada sozinha no naufrágio, e resolver as coisas sem ajuda: veneno de rato, as rodas de um trem russo. Até mesmo a história mais suave e delicada continua sendo uma versão modificada da que foi citada anteriormente. No popular, na chave da burguesia, reside a promessa do amor na velhice para todas as boas moças do mundo. Corpos velhos hilários na hora do banho, as mãos trêmulas do marido ensaboando os peitos murchos da mulher, a ereção brotando da espuma como um periscópio cor-de-rosa. Estou vendo você! Haveria longas caminhadas mancas embaixo das árvores, histórias contadas por um único olhar de soslaio, bastando uma palavra. *Formigueiro*, diria ele. *Martini!*, diria ela, e sentiriam novamente a vertigem da velha piada. A alegria, as belas reverberações, depois passos hesitantes e sonolentos ao ir jantar cedo, cochilar de mãos dadas durante o filme. Seus corpos parecendo gravetos nodosos embrulhados em pergaminho. Um deitando o outro no leito de morte, incentivando a overdose, morrendo no dia seguinte, todo o ânimo extinto do mundo com o suspiro do amado. Ah, companheirismo. Ah, romance. Ah, completude. Perdoe-a se ela acreditou que seria assim. Foi conduzida a essa conclusão por forças maiores que ela.

Conquiste tudo! Tudo o que você precisa é de! É uma coisa muito esplêndida! Renda-se ao!

Como o milho que é enfiado goela abaixo nos gansos, as mulheres engoliam essa merda desde que mal tinham idade para usar tule.

Como conta a velha história, a mulher precisa do outro para completar seus circuitos, para acender seu ardor ao máximo.

[A refutação viria. Durante os anos sombrios de sua octogésima década, bem distante no horizonte, ela se sentaria sozinha diante do chá em sua sala londrina de café da manhã, ergueria os olhos e notaria que a própria mão parecia um mapa antigo e depois olharia pela janela de onde um periquito azul espiava, um cidadão naturalizado deste mundo subtropical antinatural. Subitamente evidente, naquela pequena forma azul, ela perceberia que sua vida, no âmago, não se centrara no amor. Ela sentira um tremendo amor. Calor e magia. Lotto, seu marido. Nossa, ele tinha existido. No entanto — sim! —, a soma da sua vida, ela se deu conta, era muito maior do que a sua soma de amor.]

No momento, porém, no luar raquítico sobre aço amassado, carne de vaca, vidro, só havia sua língua mordida e todo aquele sangue. Um líquido quente com gosto de ferrugem. E o grande “E Agora?” se alongando sem fim.

Um dia, a menininha que ela fora, a pequena Aurélie, viu-se com uma mala azul na mão e o cabelo todo puxado para trás. Devia ter cinco ou seis anos.

— Você está indo para a casa da sua avó de Paris — disse a avó bretã alta.

Sempre houvera algo estranho na avó de Paris, algo embaraçoso. Sua própria mãe nunca falava dela. As duas raramente se telefonavam. Aurélie nunca a conhecera. Essa avó nunca mandara belos embrulhos.

Elas estavam em pé no corredor de um trem. A testa franzida da avó estendia-se até seu queixo duplo.

— A mãe da sua mãe foi o único parente que aceitou receber você — disse ela.

— Não me importo — comentou Aurélie.

— Claro que não — disse a avó. Ela lhe deu um saco com sanduíches e ovos cozidos, uma jarra de leite quente, dois *chaussons aux pommes*, e prendeu um bilhete no seu casaco. — Não se atreva a sair do seu lugar.

Ela deu um beijo áspero na bochecha da neta, enxugou com um lenço engomado os cantos vermelhos dos olhos da menina e foi embora.

O trem apitou. Tudo o que Aurélie conhecia do mundo saiu deslizando sob seus pés. O vilarejo: vacas malhadas de branco e preto, galinhas, a enorme igreja gótica, a padaria. Quando o trem ganhou velocidade, ela viu o que estava procurando. Ali. Um lampejo. Um carro hatch branco estacionado embaixo de um teixo. Ah, sua mãe em pé de braços cruzados, pálida, com um vestido azul-marinho, o cabelo [sim, platinado] com um lenço, observando o trem passar. Sua boca era um talho vermelho em contraste com o rosto branco. De vestido, o cabelo começando a se agitar com o vento do trem. Era difícil definir o que estava acontecendo com seu rosto. Então sua mãe sumiu.

Diante de Aurélie havia um homem a encarando. Ele tinha uma pele pálida e brilhosa e bolsas inchadas embaixo dos olhos. Ela fechou os dela com força para evitá-lo, mas, toda vez que ela olhava, ele a estava encarando. Ela foi tomada por uma certeza terrível. Ela tentou evitá-la, tentou comprimir as pernas, mas foi inútil. Ela pressionou as mãos no corpo para segurar o xixi.

O homem se inclinou para a frente.

— Menininha — disse —, eu acompanho você até o banheiro.

— Não — respondeu ela.

Ele esticou o braço para tocá-la, então ela gritou, o que fez a mulher gorda com um cachorro no colo no outro canto abrir os olhos e encarar.

— Silêncio — rosnou ela.

— Venha ao banheiro — disse o homem. Seus dentes eram muitos e bem pequenos.

— Não — disse Aurélie e relaxou.

O xixi era deliciosamente quente em suas coxas.

— Eca! — exclamou o homem.

Ele saiu do vagão, e o xixi foi esfriando aos poucos. Durante horas, no balanço do trem seguindo para o leste, a mulher gorda gelatinava em seu sono e seu cãozinho no colo farejava o ar voluptuosamente, como se o saboreasse.

De repente, estavam na estação.

A avó estava em pé à sua frente. Era uma mulher tão bonita quanto a mãe de Aurélie, com maçãs do rosto salientes e sobrancelhas grossas, embora essa versão tivesse rugas em volta dos olhos. Ela era deslumbrante. Suas roupas eram chiques e ao mesmo tempo maltrapilhas. O perfume que ela usava, suas mãos elegantes como lápis num estojo macio de camurça. A avó se inclinou, tirou o saco de comida das mãos da menina e olhou o que tinha dentro.

— Ah! Comida camponesa boa — disse. Ela não tinha o incisivo inferior, portanto seu sorriso causava certo choque. — Vamos jantar bem hoje à noite.

Ao se levantar, Aurélie revelou o colo molhado. Sobre o rosto da avó, como uma cortina de rolo sendo erguida, a recusa em enxergar.

— Venha — disse ela tranquilamente, então Aurélie pegou a mala e foi.

O xixi secou enquanto ela andava e deixou suas coxas assadas.

No caminho para casa, elas compraram apenas uma linguiça de um açougueiro que, apesar de calado, parecia estar fervendo de raiva. A avó pegou a mala e fez a menina segurar o embrulho de papel branco. Quando alcançaram a pesada porta azul do prédio, as mãos de Aurélie estavam manchadas de gordura vermelha grudenta.

O apartamento da avó era vazio, mas bem-arrumado. O chão era composto de tábuas de madeira expostas, esfregado como pele. Já houvera quadros na parede, que deixaram sombras escuras no papel que, não fosse por isso, seria claro com estampa de passiflora. Não era mais quente ali dentro, apenas ventava menos. A avó viu a menina tremendo e disse: — Calefação custa dinheiro. — Obrigou a menina a dar cinquenta pulos para se aquecer. — Pular é de graça!

Um cabo de vassoura no andar de baixo fez *ratatâtá* no chão.

Elas comeram. Aurélie foi levada para o quarto: um armário com uma colcha dobrada no chão servia de cama cujo dossel eram as roupas da avó penduradas, exalando um cheiro forte dela.

— Até eu transferi-la para passar a noite no armário, você vai dormir na minha cama — disse a avó.

Aurélie fez suas orações enquanto a avó observava. Ela fingiu dormir enquanto a avó se lavava com cuidado, escovava os dentes com bicarbonato de sódio, passava mais maquiagem e perfume. Ela saiu. Aurélie observou as curvas da lâmpada no teto. Quando acordou, estava sendo carregada para o armário. Fecharam a porta. Do quarto vinha uma voz de homem, a voz da avó, a cama rangendo. No dia seguinte ficou decidido que ela devia ficar no armário o tempo

todo, por isso recebeu os antigos livros de Tintim da mãe e uma lanterna. Com o tempo, ela reconheceria as vozes de três homens: uma untuosa, como se fosse revestida de gordura feito um patê, uma que parecia gargalhar com gás hélio e outra que parecia embalada.

A avó guardava perecíveis no peitoril da janela, que às vezes eram pegos pelos pombos e ratos. Os homens chegavam e saíam. Aurélie sonhava com aventuras em terras estranhas como as dos quadrinhos, ignorava os barulhos, mas acabava dormindo ao som deles. Ela ia para a escola e ficava encantada com a organização, as canetas nos cartuchos, o papel quadriculado, a limpeza da ortografia. Ela adorava os *goûters* que a escola dava, as madeleines recheadas de chocolate, e leite em saquinho. Adorava a algazarra das outras crianças, observava-as com prazer. Foi assim durante uns seis anos.

Na primavera de seu décimo primeiro aniversário, Aurélie chegou em casa e encontrou a avó de *négligé* na cama. Ela estava imóvel, a pele gelada. Língua de fora. Talvez houvesse marcas em seu pescoço, ou quem sabe fossem beijos. [Não.] Duas de suas unhas tinham sido arrancadas e as pontas dos dedos estavam cheias de sangue.

Aurélie desceu devagar. A zeladora não estava no apartamento. A menina percorreu a rua e ficou tremendo na banca do verdureiro da esquina até ele terminar de pesar os aspargos para uma senhora de chapéu de pele. Ele era bom para Aurélie, lhe dava laranjas no inverno. Quando os dois ficaram sozinhos, ele se inclinou para a frente, sorrindo, e ela sussurrou o que tinha visto, e a expressão do homem era de desolação. Ele saiu correndo.

Mais tarde, ela foi parar num avião sobre o Atlântico. Lá embaixo, as nuvens esfiapavam. A água pregueou-se e alisou-se. O desconhecido na poltrona ao lado tinha um bíceps parecido com um travesseiro e uma mão delicada, que ficou passando no cabelo de Aurélie até a menina dormir, por fim. Quando acordou, ela estava em seu novo país.

*

Seus professores franceses em Vassar ficaram maravilhados: — Você não tem sotaque nenhum — comentavam.

— Ah, bem — dizia ela sem se importar. — Vai ver fui uma menina francesa em outra vida.

Nesta, ela era americana, soava como uma americana. Sua língua materna permaneceu sob a superfície. Mas do mesmo jeito que as raízes empurram as pedras da calçada de baixo para cima, seu francês encrespava o inglês. A maneira que ela dizia “forte”, como em “Fazer sua vida correr nos trilhos, Lotto. Esse é meu forte”, e em sua boca, isso era algo forte, feminino. Lotto olhava com curiosidade para ela e falava do jeito americano: — *For-tay*, você quer dizer?

For-tay: uma palavra sem sentido.

— Claro — concordava ela.

Ou os *faux amis*. Confundir *actually* com *atualmente*. *Assist* com *assistir*.

— Não consigo respirar — disse ela, no saguão na noite de estreia, com a grande quantidade de pessoas em cima de Lotto — nessa afluência.

Ela quisera dizer *multidão*, mas, bem, pensando melhor, a outra palavra funcionava tão bem quanto.

Apesar de toda a sua fluência, ela ouvia de forma equivocada, interpretava de forma equivocada. Durante toda sua vida adulta, ela acreditaria que a pessoa guardava todas as coisas importantes — testamentos, certidões de nascimento, passaportes, a única foto de uma menina — num lugar no banco chamado cofre de insegurança máxima. Uma segurança hipotética, ainda a ser comprovada.

Sua língua ainda estava sarando de quando ela capotou com o carro. Mathilde falava muito pouco. A língua doía, é verdade, mas o silêncio lhe caía bem. Quando falava, demonstrava o desprezo que sentia.

Ela saía à noite e ficava com homens. O médico ainda de roupa cirúrgica, cheirando a iodo e cigarros de cravo. O garoto que vendia gasolina na Stewart's, com seu bigode macio e sua capacidade de passar horas se mexendo para baixo e para cima, como um grande guindaste nas planícies secas do Texas. O prefeito do vilarejo onde Mathilde e Lotto foram tão felizes, o proprietário do boliche, um divorciado com um gosto chocantemente floral para roupa de cama. Um caubói com botas de quatrocentos dólares, informara ele com orgulho. Um saxofonista de jazz negro que estava na cidade para um casamento.

A essa altura, ela já ficara famosa sem dizer absolutamente nada. Supervisor de escola; proprietário de um acampamento de caça; treinador de CrossFit com deltoides que mais pareciam granadas; um poeta semifamoso que ela e o marido conheceram na cidade, que fora visitá-la numa impulsiva peregrinação devido ao luto de Lotto. Ele tinha enfiado três dedos dentro dela, e ela sentiu a aliança de casamento gelada dele.

Ela ficou com um careca gordo que dirigia ônibus escolares. Ele só queria abraçá-la e chorar.

— Repugnante — disse ela.

Estava no centro do quarto do motel, ainda de sutiã. Ela tosara o cabelo rente, como veludo, naquele dia na piscina. Os cachos boiaram na superfície feito cobras afogadas.

— Pare de chorar — pediu ela.

— Não consigo — respondeu ele. — Lamento.

— Você é lamentável.

— Você é tão bonita — disse ele. — E eu estou tão sozinho.

Ela se sentou pesadamente na beira da cama. Havia uma estampa de floresta na colcha.

— Posso apoiar a cabeça no seu colo? — perguntou ele.

— Se você precisa — disse ela.

Ele encostou a bochecha nas pernas dela. Mathilde se preparou para aguentar o peso da cabeça do homem. O cabelo dele era macio e tinha cheiro de sabonete sem perfume. Naquela posição, a pele dele era muito agradável, rosada e macia como a de um porquinho.

— Minha mulher faleceu — contou ele, e a boca fazia cócegas na perna dela. — Há seis meses. Câncer de mama.

— Meu marido morreu há quatro meses — disse ela. — Aneurisma. — Pausa. — Ganhei.

Os cílios dele roçavam a pele dela enquanto ele refletia sobre o assunto.

— Então você sabe? — perguntou o homem.

— Sei.

As luzes do tráfego em frente ao motel enchiam o quarto de vermelho e escuridão e vermelho e escuridão.

— Como você vive? — quis saber ela.

— Senhoras que trazem comida. Meus filhos me ligam todo dia. Comecei a montar pipas. É tudo muito idiota.

— Eu não tenho filhos — disse ela.

— Sinto muito.

— Eu, não. A melhor decisão que já tomei — confessou ela.

— Como *você* vive?

— Fodendo a cabeça de homens repugnantes.

— Ei — disse ele, depois riu. — Como isso está funcionando para você?

— Muito mal.

— Então por que você faz?

— Meu marido foi o segundo homem com quem transei — disse lentamente. — Fui fiel durante vinte e quatro anos. Quero saber o que eu estava perdendo.

— O que você estava perdendo? — perguntou o homem.

— Nada. Todos os homens são péssimos em sexo. Exceto meu marido.

Bem, tivera uma ou duas surpresas, mas, no geral, era verdade, pensou ela.

Ele afastou o rosto redondo como uma lua do colo dela. Havia marcas cor-de-rosa na coxa dela, umidade. Então olhou esperançoso para Mathilde.

— Dizem que sou um amante excelente — afirmou ele.

Ela enfiou o vestido pela cabeça e puxou o zíper das botas até os joelhos.

— Perdeu sua oportunidade, amigo — disse ela.

— Ah, qual é. Vou ser rápido.

— Santo deus — disse ela, e pôs a mão na maçaneta.

— Divirta-se sendo puta — falou ele, com uma voz amarga.

— Coitadinho de você — disse ela, e saiu sem se virar.

*

Não havia nada que Mathilde pudesse fazer. Imagens trêmulas provocavam dor na sua cabeça, livros a deixavam oca. Ela estava cansada demais do modo antigo de contar histórias, daqueles caminhos narrativos muito batidos, das complicações de enredo familiares, dos grossos romances sociais. Ela precisava de algo mais confuso, mais incisivo, como uma bomba explodindo.

Ela bebeu uma grande quantidade de vinho e dormiu. Quando acordou, era o meio da noite, e ela estava em uma cama fria sem o marido. Nesse instante ela se deu conta, com uma amargura existencial, que seu marido não entendera nada dela.

De alguma maneira, apesar de sua política e sua inteligência, ela virara uma esposa, e as esposas, como todos sabemos, são invisíveis. Os duendes da meia-noite do casamento. A casa no campo, o apartamento na cidade, os impostos, a cadela, tudo era preocupação dela: o marido não tinha ideia do que ela fazia com seu tempo. A situação teria piorado com filhos; graças pela ausência de filhos, então. E também havia isso: para muitas peças dele, pelo menos metade, durante a noite ela aprimorava escondida o que ele tinha escrito. [Reescrever, não, e sim editar, lustrar, dar brilho.] E ela administrava a parte comercial do trabalho dele. Tinha pesadelos com todo o dinheiro que o marido teria deixado evaporar com sua boa vontade e indolência.

Certa vez, durante as pré-estreias de *A Casa no Pomar*, quando, ao que parecia, eles estavam à beira de um fracasso, ela comparecera ao escritório do teatro. Fim de tarde, chuva e café. Ela andara dando bronca no supervisor de roteiro com uma habilidade cruel tão suave que os joelhos do pobre garoto ficaram bambos e ele teve que se sentar num divã carmim para se controlar. Quando terminou, ela disse: — Você está dispensado.

O garoto se levantou e fugiu.

Ela não vira Lotto na penumbra do corredor, todo triste ali.

— Então — começou ele. — Quando os diretores pedem que os membros do elenco venham falar com você, chego à conclusão de que não é para uma conversa motivacional. Sempre achei que fosse para isso. Cookies e café *au lait*, uma choradinha no seu colo.

— Algumas pessoas simplesmente precisam de um tipo diferente de motivação — disse ela, se levantando e alongando o pescoço para um lado, depois para o outro.

— Se eu não tivesse visto, não teria acreditado.

— Quer que eu pare? — perguntou Mathilde.

Ela não pararia. Ou eles iriam para o abrigo. Mas ela podia agir com mais discrição, sem deixar que ele soubesse.

Ele entrou e trancou a porta.

— Na verdade, isso me deixou excitado — disse ele, se aproximando. — Eu a imagino como uma donzela valquíria, conduzindo seu corcel para dentro da roda, em meio a raios e trovões, e saindo de novo, carregando na sela o corpo de um herói morto.

Ele a ergueu e colocou as pernas dela em volta da sua cintura, então se virou, pressionando as costas dela na porta.

Será que Lotto estava fazendo alguma citação? Ela não se importava. A voz dele estava cheia de admiração. Ela fechou os olhos.

— Vamos lá, corcel — exclamou.

Ele relinchou no ouvido dela.

Ela tinha uma personalidade que não dedicava a ele. Primeiro, ela escrevia,

e não só de forma invisível nos manuscritos do marido, e ele devia achar que se ajeitavam magicamente durante a noite. Ela escrevia sozinha algumas coisas que guardava para si: um material contundente e clandestino, parte história, parte poesia. Publicados sob pseudônimo. Ela começara no desespero quando estava com quase quarenta anos, mas então ele caíra e se quebrara, e, com a fratura, ela o sentiu se afastar.

Havia outra coisa, que era muito pior. Na mesma época em que começou a escrever, ela o deixou. Ele estava muito envolvido com o trabalho. Ela voltou, e ele nunca soube que ela tinha partido.

*

Ela dera uma olhada na colônia de artistas quando deixara Lotto lá: levavam o almoço para ele em cestas de vime e cada um tinha seu próprio chalé de pedra, com longas conversas alegres à noite sob a luz de velas. Parecera uma versão do paraíso. Ela segurou o rosto dele ao se aproximar naquela pequena cama rangente, mas ele a virou, e, quando tremeu, ficou ofegante e apoiou a cabeça nas costas dela para recuperar o fôlego, ela sentiu um calafrio. Mathilde não levou a premonição a sério, e foi embora. Por algumas semanas, ficaria sozinha com Deus na casinha de campo.

No início, estava otimista. Seu pobre marido passara um péssimo verão. Tinha levado aquele tombo da escada do avião e quebrado metade do corpo. Bebera muito, trabalhara pouco na sua nova peça, andara bastante triste por estar havia tantos meses sem aquele pique de grande atividade com todas as oficinas, as produções e os negócios. E, embora ela tivesse gostado de tê-lo em casa para cuidar dele, papará-lo com seus cupcakes, chá gelado, banhos e inúmeras pequenas gentilezas, ficou feliz quando, no aniversário dele, o levou para assistir à pequena ópera de Podunk no meio dos pastos de vaca e observou seu rosto enquanto ele se inclinava à frente sentado na cadeira e bebia tudo aquilo. As lágrimas cintilando em seus olhos. Ela estava observando os rastros dos aviões durante o intervalo quando uma mulher apareceu de fininho para cumprimentá-lo, corando sob o calor de sua fama. Lotto, corpo quebrado, uma expressão tão tranquila, extasiada. Fazia muito tempo desde que todas as suas aptidões se engajaram.

Então ela ficara satisfeita ao deixá-lo na colônia naquele novembro cinzento, para poder descansar algumas semanas do cuidado constante com ele. O marido ficaria trabalhando numa ópera com um jovem compositor. Leo Sen.

Mas já na primeira semana sem Lotto, sua vida, sua casa ficaram muito vazias. Ela esquecia de comer, jantava atum direto da lata, perdia muito tempo assistindo a filmes na cama. O tempo passava. Os dias ficavam mais frios, mais escuros. Em alguns deles, ela nem acendia a luz, acordando às oito, quando o sol nascia fraco, e indo dormir às quatro e meia, quando se esvaía. Ela se sentia ursina. Norueguesa. Os telefonemas do marido passaram de uma vez ao dia para

de poucos em poucos dias. Em seu semissono, tinha pesadelos febris em que Lotto lhe dizia que não precisava mais dela, que estava indo embora e amava outra mulher. Em sua febre, ela imaginava uma poetisa frágil e jovem, com quadris de vaca moldados para parir, uma garota que era respeitada pelos próprios méritos como artista, o que Mathilde nunca seria. Ele se divorciaria, iria morar com a nova amante de fala macia no apartamento da cidade, vivendo um excesso de sexo, festas e bebês, bebês sem fim, todos com a cara dele em miniatura. Ela imaginava a poetisa quase como se a moça existisse. Estava tão sozinha que era capaz de se afogar na solidão. Ligava sem parar, e Lotto nunca atendia. Os telefonemas dele ficaram ainda mais raros. Ele tinha ligado uma única vez na semana anterior. Não tentou falar sacanagem com ela, o que foi algo tão estranho vindo de Lotto que ele poderia ter sido castrado.

Ele faltou o Dia de Ação de Graças, embora tivessem planos com amigos e parentes na casa de campo. Ela precisara cancelar, então comeu o creme da torta de abóbora que preparara no dia anterior e jogou a crosta pela janela para os guaxinins. No telefone, a voz de Mathilde saiu trêmula. A voz de Lotto pareceu distante. Ele disse que estava estendendo a estada até meados de dezembro. Ela falou algo cortante e desligou. Ele ligou três vezes, mas ela não atendeu. Na quarta vez, atenderia, decidiu. Porém, por mais que tivesse esperado ao lado do telefone, ele não ligou de novo.

Quando ele falava de Leo, havia uma palpitação em sua voz, uma empolgação. E, de repente, ela conseguiu sentir o gosto do afeto dele. Deixou um amargor no fundo da língua.

Mathilde sonhou com Leo Sen. Sabia que era um homem jovem pelas poucas biografias que havia na internet. E, embora Lotto fosse totalmente hétero — a diária necessidade ávida de suas mãos lhe garantiam isso —, o desejo do seu marido sempre fora mais de perseguir e capturar o brilho da pessoa dentro do corpo do que o corpo propriamente. E havia uma parte de Lotto que sempre ansiara por beleza. Estava fora de questão que o corpo de Leo Sen pudesse roubar seu marido. Mas não estava fora de questão que, com seu gênio, o rapaz pudesse ocupar o lugar dela nas afeições de Lotto. Isso era pior. No sonho, eles estavam sentados a uma mesa, Mathilde e Leo, havia um bolo cor-de-rosa gigante, e por mais que ela estivesse com fome, Leo comia o bolo, um bocadinho de cada vez, e ela tinha que observá-lo comer, sorrindo timidamente até o bolo acabar.

*

Ela ficou muito, muito tempo sentada à mesa da cozinha, e a cada instante, sua raiva ganhava massa, depois escuridão, depois escamas.

— Vou mostrar a ele — afirmou em voz alta para Deus.

A cadela abanou o rabo com tristeza. Também sentia falta de Lotto.

Demorou vinte minutos para cuidar dos preparativos, mais vinte para fazer

suas malas e a da cachorra. Ela saiu com o carro pelas cerejeiras, deliberadamente sem olhar pelo retrovisor para a casinha branca. Deus tremera quando a entregara ao canil. Mathilde tremera durante toda a viagem até o aeroporto, no avião, tomara dois Zolpidens e parara de tremer para dormir até a Tailândia, acordando com a cabeça anuviada e uma infecção urinária depois de tanto segurar a bexiga enquanto dormia.

Quando saiu do aeroporto para a umidade, a agitação humana, o fedor e o vento tropicais, suas pernas fraquejaram.

Bangkok passou rapidamente, rosa e dourada, enxames de corpos sob as luzes da rua. Fios de luzes de Natal serpenteavam pelas árvores, uma amabilidade para com os turistas. A pele de Mathilde tinha sede do vento úmido, soprando podre com juncos e lama do pântano, depois soprando eucalipto. Ela estava muito agitada para dormir, o hotel era muito higiênico, então saiu de novo para vagar no escuro. Uma mulher curvada usava alguns gravetos para varrer a calçada, um rato se empoleirava no muro. Ela queria o amargor de um gim-tônica na língua e seguiu cegamente a música embaixo de um pórtico para dentro de uma boate, que estava vazia por ainda ser cedo. O interior era disposto em fileiras, com uma balaustrada, um palco montado para uma banda. A bartender deu tapinhas na mão de Mathilde ao lhe entregar a bebida, sentindo um lampejo de calor na pele, depois o frio do copo, e Mathilde ficou com vontade de tocar a exuberância dos cílios pretos da mulher. Alguém se sentou ao seu lado: um americano com uma camiseta muito justa e a cabeça felpuda feito um pêssego maduro. Ao lado dele havia uma mulher tai rechonchuda e sorridente. A voz do homem transpirava intimidade. Ele já havia dominado o território. Mathilde queria agarrar aquelas palavras, enrolá-las no punho e enfiá-las goela abaixo dele. Em vez disso, foi embora, voltou para o hotel e ficou acordada na cama até amanhecer.

De manhã, foi parar num barco para as Ilhas Phi Phi, com sal nos lábios por causa do vento. Tinha o próprio bangalô. Pagara por um mês, imaginando Lotto voltando e encontrando a casa vazia, nada de cadela, revistando todos os cômodos à sua procura, sem achar nada, o terror enchendo seu coração. Será que alguém sequestrara sua esposa? Ela fugira com o circo? Era tão agradavelmente flexível quando se tratava de Lotto que poderia ter sido contorcionista. Seu quarto de hotel era branco e repleto de madeira entalhada. Tinham deixado frutas estranhas polidas numa tigela vermelha em cima da mesa e uma toalha dobrada em forma de elefante na cama.

Ela abriu a porta de vidro que dava para o mar calmo, a algazarra das crianças na praia, e tirou a colcha da cama porque não queria os germes dos outros perto da sua pele, se deitou, fechou os olhos e sentiu a velha desolação se desgastar lentamente.

Quando acordou, estava na hora do jantar, e a desolação voltara com dentes

afiados, abrindo um buraco dentro dela.

Ela chorou diante do espelho, colocando o vestido, passando batom, tanto choro que não conseguia maquiar os olhos. Sentou-se sozinha à mesa, entre as flores e os talheres reluzentes, e pessoas simpáticas a serviram com simpatia e a posicionaram de frente para o mar de forma que ela pudesse chorar em paz. Ela beliscou a comida, bebeu uma garrafa inteira de vinho e voltou descalça pela areia até o bangalô.

No único dia que fez sol, ela usou o biquíni branco, que ficou largo nela porque tinha perdido muito peso. Os garçons viram as lágrimas escorrendo por trás de seus óculos escuros e lhe traziam copos com sucos gelados sem que lhes fossem pedidos. Ela se queimou e permaneceu debaixo do sol até a pele de seus ombros ficar empolada.

Na manhã seguinte, acordou com um elefante na janela, carregando lentamente uma menininha para a praia, sendo conduzido pelo cabresto por uma jovem magra de sarongue. À noite, a raiva atingira a tristeza e a expulsara. O corpo de Mathilde doía por causa do sol do dia anterior. Ela se sentou e viu seu rosto no espelho em frente à cama, vermelho e desperto como um raio, já decidido.

Lá estava a Mathilde com quem tanto se acostumara, a que nunca *não* lutava. Travava um conflito silencioso, sutil, mas ela sempre fora uma guerreira. Aquela poetisa era imaginária, ela teve que dizer a si mesma. Aquele músico magrelo chamado Leo não se comparava a ela porque era homem e ineficaz. Claro que ela prevaleceria. Como tinha se atrevido a ir embora?

Dois dias depois de ter chegado, seu avião decolou, e ela estava mais uma vez no ar. Tinha passado seis dias fundida por dentro. No canil, lhe entregaram Deus, e a cadela ficou tão feliz ao vê-la que tentava enfiar o focinho no torso de Mathilde. Ela voltou para sua casa gelada, fedendo ao lixo que não se dera o trabalho de levar para fora antes de sair. Deixou a mala no armário do andar de cima para desfazê-la mais tarde e se sentou com uma xícara de chá à mesa da cozinha com o intuito de traçar uma estratégia. O problema não era o que ela faria para trazer Lotto de volta. Era o que ela não faria. Havia muitas escolhas, havia muitas possibilidades.

Pouco depois, ela ouviu um carro na entrada de veículos. No cascalho ressoavam passos mancos.

Seu marido apareceu na porta. Ela o deixou esperando.

Então olhou de longe para Lotto. Ele estava mais magro, mais fino do que quando se fora. Como se aparado. Havia algo em seu rosto que a fez fechar os olhos para não ver.

Lotto farejou o ar, e para impedir que ele comentasse sobre o cheiro de lixo e sobre a friagem da casa, o que teria rompido algo e tornado impossível voltar para ele, ela atravessou a cozinha e colou a boca dele na sua. O gosto, depois de

tanto tempo, era estranho, com uma textura borrachuda. Um choque de estranhamento. Houve uma ligeira mudança nele, uma sensação de afrouxamento. Lotto estava prestes a falar, mas ela tapou com força a boca dele com a mão. Teria enfiado a mão dentro dele se pudesse impedir que as palavras saíssem. Ele entendeu. Sorriu, largou a mala, a fez recuar até encostar na parede. O grande corpo dele pressionando o dela. A cadela ganindo aos pés dele. Ela agarrou ferozmente o marido pelo quadril e o arrastou na sua frente pelo corredor e escada acima.

Ela o empurrou com tudo, e ele caiu com muita força na cama, fazendo uma careta para a dor remanescente em seu lado esquerdo debilitado. Ele olhou para ela, uma perplexidade se refletindo em sua expressão, e, mais uma vez, tentou falar, mas ela tapou sua boca e negou com a cabeça, tirou os sapatos e a calça, desabotoou a camisa e a calça dele. Ah, aquela cueca boxer com abertura de elástico era de partir o coração de Mathilde. As costelas dele estavam visíveis sob seu peito pálido. Seu corpo passara por uma tensão terrível. Ela pegou quatro gravatas dele no armário, resquícios de sua juventude no internato, raramente usadas no atual período da vida. Ele riu quando ela amarrou os punhos dele na cama, embora ela se sentisse fraca por dentro. Mortalmente. Ela o vendou com a outra gravata. Ele fez um barulho estranho, mas ela o amordaçou com a quarta, apertando-a de forma desnecessária, o azul da seda penetrando as bochechas dele.

Durante um longo tempo, ela ficou agachada sobre ele, sentindo-se poderosa. Ficou de camisa para esconder o bronzado e a pele descascando. Ela explicara a aparência do seu rosto com um demorado passeio de bicicleta. Ela roçou a ponta dele com a pélvis, de forma delicada e aleatória. Ele se sobressaltava com cada toque. Ficara reduzido a esse corpo comprido, tão expectante, removidos os olhos, removida a língua. Enquanto ele ofegava por trás da mordaca, ela se soltou em cima dele com força, sem se importar se isso o machucava. Ela pensou em... o quê? Tesouras no tecido. Fazia tanto tempo. Era tão estranho. A barriga tensa embaixo dela parecia a superfície crocante de um *crème brûlée*. O rosto dele estava vermelho embaixo da restrição do pano. Lotto mexia sua boca de peixe como se quisesse liberá-la, e ela enterrou as unhas na cintura dele, brotando meias-luas de sangue. Ele arqueou as costas no colchão. As veias em seu pescoço saltaram, azuis.

Ele gozou antes de Mathilde, portanto ela não gozaria. Não tinha importância. Ela tateara no escuro em direção a alguma coisa que, de certa forma, tornara a se apoderar dela. Pensou nas palavras que o impedira de dizer, se desenvolvendo, subindo nele até haver uma pressão insuportável. E, embora houvesse tirado a venda, ela deixou a mordaca, beijando os pulsos roxos do marido. A maneira como ele a olhou, com a seda escurecida pelo cuspe num formato ovalado, era cômica. Ela se inclinou e o beijou entre as sobrancelhas.

Ele a segurava frouxamente pela cintura, e ela esperou até ter certeza de que ele não ia dizer nada sobre o que se passara e só então ela desamarrou a última gravata em sua boca. Ele se sentou e beijou a palpitação embaixo do queixo dela. Ela sentira muita falta do calor do corpo dele. Da diversidade de maus cheiros do corpo dele. Ele respeitou o silêncio. Levantou-se e foi para o banheiro tomar uma ducha, então ela desceu para cozinhar macarrão. Alla puttanesca. Ela não conseguiu resistir à alfinetada.

Quando ele desceu, mostrou a ela os cortes que sofrera nos flancos.

— Mulher-gato — disse Lotto, e havia um pouco de tristeza no jeito que ele a observava.

Esse deveria ter sido o fim; esse não foi o fim. Ela ficou pesquisando sobre Leo Sen no Google. Quando, uma semana antes do Natal, a notícia terrível do afogamento do rapaz no mar gelado surgiu na tela, ela se assustou. E depois, a vitória, quente e terrível, subiu pelo seu peito. Ela desviou os olhos do próprio rosto refletido na tela do computador.

Quando Lotto estava no andar de cima, concentrado em sua nova peça, ela foi à Stewart's e comprou um jornal. Guardou o exemplar até a manhã da véspera de Natal e o colocou no espelho perto da porta de entrada onde, ela sabia, Lotto ficaria esperando por Rachel, a mulher dela e as crianças. Ele adorava a época das festas, pois combinavam com sua essência calorosa e alegre. Lotto olharia com impaciência pela janela para a estrada e não deixaria de reparar no jornal. Ele saberia, então, o que ela já sabia. Mathilde o ouviu assobiando e saiu do quarto, indo para o alto da escada observar. Ele sorriu para o próprio reflexo no espelho, conferiu o perfil, e sua mão esbarrou no jornal. Ele olhou com mais atenção e começou a ler. Ficou pálido e agarrou a mesa como se fosse desmaiar. Rachel e Elizabeth estavam brigando quando a porta se abriu e elas entraram na cozinha. As crianças gritavam de animação, e a cadela gritava de felicidade com a perspectiva da presença deles. Ela guardara o jornal exatamente para aquela hora, porque, com companhia, ele não discutiria, não pioraria as coisas dizendo-as em voz alta e, se não falasse imediatamente, não tocaria mais no assunto. Lotto ergueu os olhos para o espelho e se deparou com Mathilde na escada atrás dele.

Ela olhou para ele olhando para ela. Uma nova compreensão surgiu no rosto dele e depois desapareceu; ficou assustado com o vislumbre do que havia nela e não quis ver o desenrolar daquilo.

Ela desceu um degrau.

— Feliz Natal! — gritou.

Ela estava limpa. Com cheiro de pinho. Desceu. Era uma criança. Leve como o ar.

WELCH DUNKEL HIER!, canta Florestan em *Fidelio* de Beethoven, uma ópera sobre um casamento.

A maioria das óperas, é verdade, é sobre casamento. Mas poucos poderiam ser chamados de operísticos.

Que escuridão aqui!, é o que canta Florestan.

*

O ano-novo foi o único dia na vida em que ela acreditou em um deus. [Rá.] Rachel, Elizabeth e as crianças ainda estavam dormindo no quarto de hóspedes. Mathilde preparou *scones*, uma *frittata*. Sua vida era uma longa e interminável sucessão de festas em casa.

Ela ligou a televisão. Uma confusão em preto e dourado, um incêndio à noite. Uma imagem de corpos embaixo de lençóis, arrumados como tendas numa planície. Um prédio com janelas arqueadas, carbonizado e destelhado. O vídeo feito com o celular de alguém com imagens de antes da conflagração, uma banda num palco gritando a contagem regressiva para o ano-novo, lampejos, rostos risonhos aos gritos. No momento, do lado de fora, pessoas recebendo ajuda para entrar em ambulâncias, deitadas no chão. Pele devastada, carbonizada e cor-de-rosa. A ideia de carne inescapável. Mathilde sentiu um enjoo lento tomar conta dela. Ela reconheceu o lugar: tinha estado lá apenas algumas noites antes. A pressão de corpos nas portas trancadas, a fumaça sufocante, os gritos. A bartender com cílios exuberantes, o choque da mão fria dela na pele de Mathilde. Quando ela ouviu o passo de Rachel na escada, desligou a televisão e saiu apressada com Deus para o quintal a fim de se recompor no frio.

Naquela noite durante o jantar, o casal anunciou que Elizabeth estava grávida de novo.

Na cama, enquanto Mathilde chorava sem parar, agradecida, culpada e horrorizada por tudo de que escapara, Lotto achou que fosse porque sua irmã estava tão rica com filhos, e eles, tão terrível e injustamente pobres. Mais tarde, ele também chorou, no cabelo dela. E a distância entre eles foi reduzida, e de novo estavam unidos.

O aeroporto ensurdecia. Aurélie, onze anos, sozinha, não entendia nada. Por fim, ela viu o homem segurando o cartaz com seu nome escrito e, com alívio, soube que devia ser seu tio, o irmão muito mais velho de sua mãe. O filho, como sempre dizia sua avó, de sua juventude travessa; embora sua velhice também fosse travessa. O homem era alegre, redondo, vermelho, cheio de compaixão. Ela já gostava dele.

— Não, *mamzelle* — disse o tio. — *Non oncle*. O motorista.

Ela não entendeu, então ele fez a mímica de dirigir um carro. Ela engoliu o desapontamento.

— Não *parlez français* — falou o motorista. — A não ser *voulez-vous coucher avec moi*.

Ela piscou com força, e disse: — Não, não, não, não, não. *Vous* não. *Excusez-moi*. Não *voulez-vous coucher avec vous*.

Ele ficou mais vermelho e riu até alcançarem o carro.

Parou na estrada para comprar um milk-shake de morango para ela. A bebida lhe deixava enjoada e com dor de estômago, mas ela bebeu tudo porque foi gentil da parte dele. Ficou com medo de derramar nos bancos de couro e segurou o copo com cuidado até chegar na casa do tio.

Eles pararam numa entrada de veículos de cascalho. A casa era modesta para um homem que tinha um motorista. Uma casa velha e austera de fazenda da Pensilvânia em estilo holandês, de pedra impenetrável e janelas antigas tão cheias de bolhas que pregavam peças na paisagem além. O motorista levou a mala dela até o quarto, que tinha o dobro do tamanho do apartamento de Paris de sua avó. Em uma parede ficava a entrada de seu próprio banheiro de mármore, com um tapete verde e grosso que parecia grama nova no parque. No mesmo instante, ela ficou com vontade de se deitar ali e passar dias dormindo.

Na cozinha, o motorista tirou da geladeira um prato com um pálido frango empanado, salada de batata, vagens, e um bilhete que seu tio escrevera em francês para dizer que a conheceria quando chegasse em casa. A televisão, aconselhava ele, era a melhor maneira de aprender inglês. Não saia de casa. Faça uma lista das coisas de que precisa e o motorista providenciará para que as receba no dia seguinte.

Ela não conseguiu ignorar a quantidade de erros de ortografia que ele cometera.

O motorista mostrou para ela como trancar a porta e ligar o alarme. Ele exibiu uma expressão preocupada em seu rosto flácido, mas precisava ir embora.

Ela comeu muito perto da televisão, se aquecendo na tela cheia de estática. Assistiu a um programa incompreensível sobre leopardos. Lavou tudo e guardou onde achou que era o devido lugar e subiu na ponta dos pés. Testou as portas, mas

todas, com exceção da do quarto dela, estavam trancadas. Lavou as mãos, o rosto e os pés, escovou os dentes, e subiu na cama, mas ela era muito larga, e o quarto, muito cheio de sombras. Levou o edredom e um travesseiro para o closet vazio e dormiu no carpete com cheiro de poeira.

No meio da noite, acordou de repente e se deparou com um homem magro olhando para ela da porta. Algo em seus olhos grandes e suas maçãs do rosto salientes trouxe de volta sua avó. As orelhas eram asas de morcego pequeninas e brancas. O rosto lembrava o da sua mãe, através da fumaça dos anos.

— Então — disse ele em francês. — A diabinha.

Ela parecia achar graça, mas não estava sorrindo.

Ela sentiu falta de ar. Logo de início percebeu que ele era muito perigoso, apesar da aparência meiga. Ela precisaria ser muito cuidadosa. Teria que ficar na dela.

— Não costumo ficar muito em casa — disse o tio. — O motorista vai levar você para comprar o que você precisa e os alimentos que achar necessários. Ele vai levá-la e buscá-la de carro no ponto de ônibus, que vai transportá-la para a escola. Você quase não vai me ver.

Ela sussurrou um agradecimento, porque o silêncio teria sido pior.

Ele passou bastante tempo encarando a sobrinha até que disse: — Minha mãe também me obrigava a dormir dentro do armário dela. Você devia tentar dormir na sua cama.

— Pode deixar — murmurou ela.

Ele fechou a porta, e ela o ouviu andando, destrancando, abrindo, fechando, retrancando diversas portas. Ficou escutando a casa silenciosa até o silêncio tomar conta e ela voltar a dormir.

*

Na primeira hora de escola americana, o menino sentado em frente a Aurélie se virou e sussurrou: — Por que a mata é virgem? Porque o vento é fresco!

Ela não entendeu.

— Você é burra — disse ele.

O almoço foi um incompreensível pedaço de pão e queijo. Leite com cheiro de podre. Ela ficou sentada no parquinho tentando ser o menor possível, embora fosse muito grande para sua idade. O menino da piada apareceu com mais três garotos.

— Oralie, oralie! — gritaram, pressionaram a parte de dentro das bochechas com a língua e imitaram com as mãos um pênis entrando e saindo.

Isso ela entendeu. Foi até a professora, uma minhoca com cara de bebê e cabelo branco ralo que ficou orgulhosa de conversar com Aurélie a manhã inteira com seu dialeto francês de ensino médio.

Aurélie disse o mais devagar que conseguiu que, embora Aurélie fosse seu

nome de batismo, ninguém a chamava assim em Paris.

A citação da cidade fez a expressão da professora se iluminar.

— *Non?* — perguntou ela. — *Et qu'est-ce que c'est le nom que vous préférez?*

Aurélie pensou. Havia uma menina na série acima da dela na escola em Paris, uma baixinha, forte e obstinada de cabelo preto solto. Era misteriosa, tranquila, aquela que todas as outras garotas cortejavam com *berlingots* e *bandes dessinées*. Quando ela estava brava, as palavras surgiam em seus lábios como chicotes. Ela usava seu poder com parcimônia. Seu nome era Mathilde.

— Mathilde — respondeu Aurélie.

— Mathilde — repetiu a professora. — *Bon.*

Dessa maneira, de uma só vez, Mathilde cresceu na pele de Aurélie. Ela sentiu a calma da outra menina passar para ela, seu olhar tranquilo, sua rapidez. Quando o menino na sua frente se virou para imitar um boquete, ela mexeu velozmente a mão e beliscou a língua dele com força através da bochecha. Ele gritou, ficando com os olhos cheios de lágrimas, e a professora se virou e se deparou com Mathilde sentada, calma. O menino foi punido por fazer barulho. Ela observou enquanto, em uma hora, uvas roxas idênticas surgiam na bochecha dele. Ela ficou com vontade de chupá-las.

*

Certa vez, numa festa, nos felizes anos debaixo da terra em Greenwich Village, quando Lotto e ela eram tão desesperadamente pobres [furos nas meias dela, almoços de sol e água], as luzes de Natal deles formando uma corrente de limões nas paredes, vodka barata misturada com suco, ela estava dando uma olhada nos CDs quando de repente ouviu alguém gritar *Aurélie!*, e imediatamente ela voltou a ser a menina de onze anos, desesperada, solitária, confusa. Ela se virou. Mas era seu marido, a toda: *Não sabia que era um supositório, então ele tomou oral ali!* Os amigos vaiaram. As garotas dançavam com copos nas mãos. Mathilde foi para o quarto, sentindo-se robotizada, passou pelos três corpos na cama sem olhar. Esperava que, quando terminassem, eles trocassem a capa do edredom. Ela entrou no armário que fedia a blocos de cedro e a pó de sua própria pele que soltou. Aninhou-se entre os sapatos. Dormiu. Acordou horas depois com Lotto abrindo a porta, rindo, a pegando no colo e a colocando na cama. Ela gostou do colchão sem lençol, ela e seu marido, enfim, sós, a mão quente e ávida dele em seu pescoço, no alto da coxa.

— Sim — disse ela.

Na verdade, ela não queria, mas isso não importava. O peso do corpo dele a pressionava para o presente. Mathilde voltava lentamente. [E Aurélie, aquela menina triste, perdida, sumiu de novo.]

*

Aurélie era mansa e suave. Mathilde fervia sob uma pele plácida.

Certa vez, jogando espirobol, um menino da sua turma estava ganhando, então ela jogou a bola de propósito com tanta força na cara dele que ele foi derrubado, bateu com a cabeça no asfalto e teve uma concussão. Certa vez, ela ouviu seu nome ser cochichado por um grupinho de meninas que depois riram. Ela esperou. No almoço, uma semana mais tarde, se sentou ao lado da mais popular dessas garotas, aguardou até que ela desse uma mordida no sanduíche, então, por baixo da mesa, espetou o garfo na coxa dela. A menina cuspiu antes de gritar, e Mathilde tivera tempo de esconder o garfo embaixo de uma escora da mesa. Ela piscou seus grandes olhos para a professora, e acreditaram nela.

As outras crianças passaram a olhá-la com medo. Mathilde flutuava tranquilamente por seus dias, como se estivesse nas nuvens, olhando desapaixonadamente para baixo. A casa do tio na Pensilvânia era só um lugar para ficar, frio e escuro, não um lar. Ela imaginava para si uma vida separada, um caos com seis irmãs, música pop tocando alta no rádio, cheiro de esmalte e grampos de cabelo na penteadeira. Noites de jogos com pipoca e brigas aos gritos. Vozes vindo da outra cama à noite. A única acolhida na casa do tio era o zumbido tépido da televisão. Ela zombava de uma novela, *As Estrrelas em Seus Olhos*, imitando a voz das personagens, até perder o sotaque. Seu tio nunca estava em casa. Se ela morria de vontade de ver o que tinha por trás daquelas portas trancadas? Sim. Mas não forçou as fechaduras. [Já era um milagre do autocontrole.] Aos domingos, o motorista a conduzia ao mercado e, se ela fosse rápida e ainda tivessem tempo, ele a levava a um parquinho perto do rio para alimentar os patos com pedaços de pão branco.

Sua solidão era tão grande que assumiu a forma do corredor do andar de cima, escura e com uma fileira de portas trancadas.

Certa vez, até, enquanto nadava no rio, uma sanguessuga grudou na parte interna de sua coxa, tão perto do que importava que a empolgou, e ela deixou a sanguessuga ali, pensava no bicho todos os dias, sua amiga invisível. Quando, debaixo do chuveiro, a sanguessuga caiu e, sem querer, pisou no bicho, ela chorou.

Para manter distância de casa, ela entrou para os clubes de carga horária puxada na escola que não exigiam que ela falasse. Ela nadava, passou a integrar a equipe de xadrez e aprendeu a tocar flauta para a banda, um instrumento completamente degradante, ela achava, mas fácil de dominar.

Muitos anos depois, no auge da sua felicidade, ela pensaria naquela menininha solitária, de cabeça baixa como a porra de uma campânula recatada, enquanto dentro de si havia um turbilhão. Queria dar um belo tabefe naquela garota. Ou pegá-la nos braços, tapar seus olhos e correr para algum lugar seguro com ela.

Em vez disso, seu tio a adotou quando ela tinha doze anos. Ela não sabia que ele ia fazer isso até a véspera da audiência no tribunal. Foi o motorista quem lhe

contou.

Ele engordara tanto ao longo do ano que surgira uma pequena barriga em sua barriga. Enquanto ele guardava as compras dela no porta-malas, ela ficou com vontade de enterrar o rosto nos diversos travesseiros que havia no corpo dele.

— Adotada! Isso não é bom? — disse o motorista. — Você não precisa mais se preocupar, *mamzelle*, em ter que ir para outro lugar. Agora seu lugar é aqui.

Ao notar a expressão de Mathilde, ele tocou nela — era a primeira vez que a tocava? —, no cocoruto da sua cabeça, e disse: — Ah, menina boba. Não fique tão chateada com isso.

Na volta para casa, o silêncio dela se parecia com os campos por onde passavam. Arrasados pelo gelo, cheios de pássaros pretos.

Dentro do carro, o motorista comentou: — Agora devo chamá-la de Srta. Yoder.

— Yoder? — repetiu ela. — Mas esse não era o nome da minha avó.

O olhar do motorista no retrovisor ficou alegre.

— Dizem que seu tio mudou o nome para a primeira coisa que ele viu quando chegou na Filadélfia. Foi no Reading Terminal Market. Tortas Yoder. — Então, com uma expressão alarmada, acrescentou: — Você não vai contar que eu disse isso.

— Para quem eu contaria? Não falo com ninguém, a não ser você.

— Docinho — disse ele. — Assim você parte meu coração. Parte, sim.

No dia em que fez treze anos, Mathilde encontrou uma porta destrancada, com uma fresta aberta. Seu tio devia ter deixado assim para ela. Por um instante, a ansiedade tombou dentro dela, e não conseguiu conter sua curiosidade. Entrou. Era uma biblioteca, com sofás de couro e lâmpadas Tiffany, e, com exceção de um armário de vidro que continha o que Mathilde mais tarde descobriu serem antigas obras eróticas japonesas, ela conseguia alcançar todos os livros ali sem se esticar. Eram coisas estranhas, velhas edições de capa dura que pareciam, apesar de todas terem bordas rústicas e encadernações em tecidos, ter sido reunidas ao acaso. Em seus anos sofisticados, ela entenderia que aqueles livros eram vendidos a metro para fins decorativos. Mas, naqueles anos difíceis, no início da adolescência, eram torrentes de palavras vindo de um mundo vitoriano mais bondoso. Ela leu todos. Era tão versada em Ian Maclaren e Anthony Hope, Booth Tarkington e Winston Churchill [o americano], Mary Augusta Ward e Frances Hodgson Burnett que as frases em seus trabalhos de inglês ficaram cada vez mais floreadas e elaboradas. A educação americana sendo o que é, seus professores consideraram suas frases rococós prova de uma prodigiosa facilidade para línguas que ela, na verdade, não tinha. Ganhou todos os prêmios de inglês no último ano do ensino fundamental. E ainda conquistou todos no ensino médio. No dia do seu décimo terceiro aniversário, ela pensou, fechando a porta da biblioteca

atrás de si, que nesse ritmo saberia o que havia em cada cômodo da casa quando tivesse trinta anos.

Só que, um mês depois, o tio deixou sem querer uma porta destrancada.

Não era para ela estar em casa. Voltara a pé da escola porque os alunos foram mandados para casa no meio do dia — uma violenta tempestade de neve despontava no horizonte —, o motorista não foi encontrado no telefone do escritório, e ela acabou perdendo o ônibus. Caminhou no frio congelante, e seus joelhos expostos ficaram dormentes após cinco minutos. Nos últimos três quilômetros, enfrentou um vento de través, usando os dedos como viseiras para manter a neve afastada.

Quando voltou para a casa de pedra, teve que se agachar na soleira da porta com as mãos embaixo do sutiã para aquecê-las o suficiente a ponto de conseguir usar a chave. Ouviu vozes lá dentro, no fim do corredor onde ficava a biblioteca. Tirou os sapatos, seus pés eram blocos de gelo, e se esgueirou para a cozinha onde havia sanduíches comidos pela metade no balcão. Um saco de batata frita exibia suas entranhas de barbecue. O cigarro de alguém queimava numa xícara de chá, tendo formado já seis milímetros de cinzas. Nas janelas, a tempestade estava quase preta.

Ela tentou seguir sem fazer barulho em direção à escada, mas de repente parou: ali embaixo havia um quartinho, e até então ela nunca tinha visto a porta aberta. Ouviu passos e entrou, fechando silenciosamente a porta. A luz estava acesa. Ela a apagou. Agachou-se atrás de uma estranha estátua de cabeça de cavalo e abafou a respiração com a mão. Os passos passaram. Depois deu para ouvir vozes masculinas falando alto e mais passos. No escuro, sua pele, que estava se aquecendo, formigava.

A grande porta de entrada bateu, e ela ficou esperando, esperando, mas conseguia sentir que a casa estava vazia e ela tinha sido deixada sozinha.

Acendeu a luz e viu o que antes só vira vagamente. Ao longo da parede, havia telas viradas ao contrário e pequenas peças de estatuário. Ela pegou uma pintura. Era pesada, sólida. Virou-a e quase deixou cair. Nunca na vida tinha visto algo mais perfeito. Embaixo, em primeiro plano, havia um cavalo branco escultural com um homem em traje azul montado, um tecido tão suntuoso que ela o tocou para ter certeza de que não era real. Atrás dele havia outros homens, outros cavalos, a face irregular de uma rocha. Em contraste com o céu azul, havia uma cidade suave e clara, tão perfeita que parecia feita de ossos.

Ela memorizou a composição. Por fim, colocou de volta no chão e tirou o suéter para secar o piso molhado da neve que derreteria do seu cabelo e de suas roupas. Fechou a porta ao sair e teve uma forte sensação de perda quando ouviu o trinco encaixar.

Subiu a escada e se deitou no escuro de olhos fechados para rever o painel. Quando o motorista entrou, todo preocupado chamando por ela, a garota esticou

o braço para fora da janela, pegou dois punhados de neve, colocou no cabelo e correu para a cozinha.

— Ah, menina — disse ele, sentando-se pesadamente. — Achei que tivéssemos perdido você nessa tempestade.

Ela não se importava que a preocupação dele envolvesse os dois, e que se de fato a tivesse perdido, ele próprio estaria correndo perigo.

— Entrei agorinha mesmo — disse ela, ainda tremendo.

Ele pegou a mão dela e sentiu quão fria estava. Depois a fez se sentar e do nada preparou chocolate quente, depois biscoitos com gotas de chocolate também.

*

No seu décimo quarto aniversário, o tio de Mathilde a levou para jantar fora. Em três anos, eles nunca haviam compartilhado uma refeição. Ela abriu a porta do seu quarto e encontrou o vestido vermelho que ele estendera na cama como uma garota magrinha deitada de costas. Ao lado do vestido, estava seu primeiro par de sapato de salto alto, de sete centímetros e meio de altura e preto. Ela se vestiu devagar.

O restaurante estava aquecido, uma casa de fazenda reformada, não muito diferente da que seu tio morava, mas o fogo na lareira estava aceso. Seu tio parecia doente sob a luz dourada, como se sua pele fosse cera de vela meio derretida. Ela se preparou para olhar para o tio enquanto ele fazia o pedido para os dois. Salada Caesar. Steak tartare com ovo de codorna em cima seguido de filé mignon. Acompanhamento de batatas assadas e aspargos. Côtes du Rhône. Mathilde era vegetariana desde que vira uma denúncia na televisão sobre produção pecuária industrial, com vacas penduradas em ganchos e esfoladas vivas, galinhas que quebravam as pernas espremidas em gaiolas e viviam seus dias empastadas na própria merda.

Quando as saladas chegaram, o tio enrolou uma anchova marrom no garfo e deu parabéns para a sobrinha, em francês, por ela ser tão equilibrada e independente. Ele engolia sem mastigar, como um tubarão, de acordo com o que ela sabia pela televisão.

— Não tenho escolha. Fui deixada totalmente sozinha — disse Mathilde.

Ela se odiou por ter permitido que sua boca tremesse e a traísse. Ele pôs o garfo e olhou para ela.

— Ah, por favor, Aurélie. Você não apanhou. Não passou fome. Vai à escola, ao dentista e ao médico. Não tive nada disso. Está sendo melodramática. Isso não é *Oliver Twist*, você não é uma criança numa mina de carvão. Tenho sido bom para você.

— Fábrica de graxa de sapato. Dickens trabalhou numa fábrica de graxa de sapato. — Em seguida passou a falar em inglês: — Não, eu não diria que você nunca foi ruim.

Ele sentiu o insulto melhor do que entendeu.

— Não importa. Sou tudo que você jamais poderia ter. *Diablesse*, era como chamavam você. Devo dizer que não vi nenhuma prova do seu diabo, para minha decepção. Ou ele não está aí, ou você aprendeu a dissimular como todos os bons diabos.

— Talvez viver com medo expulse todos os diabos da pessoa — disse ela. — Exorcismo por terror.

Ela tomou água, depois encheu a taça de vinho até a borda e bebeu tudo.

— Você não presenciou nada que devesse temer — afirmou ele, se inclinando à frente e sorrindo. — Eu poderia mudar isso, se você preferir.

Por um instante, ela parou de respirar. Talvez fosse o vinho que fazia sua vista nadar.

— Não, obrigada — disse ela.

— De nada. — Ele terminou a salada, limpou a boca e acrescentou: — Ninguém contou para você que seus pais têm novos bebês. Novos, bem, isso é relativo. Um tem três anos, o outro, cinco. Menininhos. Seus irmãos, imagino. Eu lhe mostraria a foto que minha irmã mandou, mas aparentemente perdi.

[Estranho como as coisas ficam associadas às dores específicas: salada Caesar para sempre será uma tristeza sufocante.]

Mathilde sorriu para um ponto acima da cabeça do tio, onde o fogo refletia num barômetro antigo. Também brilhava através das orelhas pontudas dele. Ela não disse nada.

Quando o filé chegou, ele comentou: — Você é muito alta. Magra. Tem uma aparência estranha, o que parece estar na moda. Poderia ser modelo, talvez. Até mesmo pagar sua faculdade.

Ela dava goles lentos e regulares na água.

— Ah — exclamou ele. — Você achou que eu fosse bancar sua faculdade. Mas minha obrigação termina aos dezoito anos.

— Você poderia arcar com essa despesa — retrucou ela.

— Poderia — confirmou o tio. — Mas estou interessado em ver o que você vai fazer. A luta forma o caráter. Sem luta, não há caráter. Ninguém me deu nada na vida. Absolutamente nada. Eu fiz por merecer.

— E olhe para você agora.

Ele sorriu para a sobrinha e a semelhança com a avó, sua mãe de tanto tempo atrás, nada calorosa, fez sua pele pinicar.

— Cuidado — disse ele.

A carne intocada no prato dela ficou ondulada e lentamente foi clareando.

— Por que você me odeia? — perguntou Mathilde.

— Ah, menina. Não sinto nada por você — disse ele.

Esta foi a coisa mais gentil que ele lhe diria.

Ele comeu ruidosamente uma *panna cotta*. Havia creme nos cantos da sua

boca.

A conta chegou, e um homem se aproximou do seu tio, apertou a mão dele e cochichou em seu ouvido. Mathilde se virou para o outro lado agradecida, porque, de rabo de olho, captou um ligeiro movimento na porta. Um gato branco enfiara a cabeça para dentro do salão e estava espichando seu corpo tenso nas patas dianteiras, olhando fixo para a lenha empilhada. Tigre pequenino, caçando. Por algum tempo, ela foi tranquilizada pela imobilidade do gato, o leve estremecimento na ponta do rabo era o único sinal de vida. Então, de repente, o animal pulou. Quando se virou, algo cinza, mole e sem ossos pendia da sua boca. Um rato do campo, pensou Mathilde. O gato foi embora trotando, o rabo serelepe de orgulho. Quando ela se voltou para o tio e o amigo dele, os dois a encaravam, achando graça.

— Dmitri acabou de falar que você é a gata. A gata é você — disse o tio.

Não. Ela sempre detestara gatos. Pareciam muito raivosos. Ela deixou o guardanapo na mesa e exibiu todos os dentes ao sorrir.

A única que voltava e voltava e voltava era Rachel.

Rachel fazia sopa e foccacia, que Mathilde dava para a cadela.

Ela voltava sozinha, com Elizabeth, com as crianças, que corriam nos campos com Deus até a cachorra desabar. Depois a penteavam, tirando todos os tufo e carrapichos do pelo dela, e a deixavam sem forças e arfando durante horas.

— Não quero ver você — gritou Mathilde para Rachel quando ela apareceu sozinha certa manhã com pãozinhos de queijo e suco fresco. — Vá embora.

— Pode me insultar o quanto quiser — disse Rachel.

Ela colocou os pãozinhos no capacho e tornou a se levantar, feroz sob a luz fraca da manhã. Aquela tatuagem medonha subindo pelo seu braço, teia de aranha, sereia e um pequeno nabo, alguma fantasia de *bondage* ou, no mínimo, uma metáfora mista. A família tinha talento para figurativismo.

— Não vou embora. Vou continuar voltando e voltando e voltando até você ficar bem.

— Estou avisando — disse Mathilde, através da porta de vidro. — Sou a pior pessoa que você conhece.

— Isso não é verdade — retrucou a cunhada. — Você é uma das pessoas mais bondosas e generosas que já conheci. É minha irmã e eu te amo.

— Rá. Você não me conhece.

— Conheço, sim — insistiu Rachel.

Ela riu, e embora durante toda a vida Mathilde tivesse sentido um pouco de pena por Rachel não ser nada parecida com o irmão, tão espetacular e brilhante, agora ela via Lotto no rosto da irmã caçula, a mesma semicovinha na bochecha, dentes fortes. Mathilde fechou os olhos e trancou a porta. Mesmo assim, apesar de seu nervosismo sem fim, Rachel voltava e voltava e voltava.

*

Ela adormecera na casa da piscina. Seis meses depois da morte de Lotto, o calor desanimador de agosto. O velho amigo deles, Samuel, aparecera naquela manhã, com as narinas infladas, para reclamar. Ela ficara aguardando na casa da piscina enquanto ele rodeava a casa, berrando seu nome.

Ah, Samuelzinho!, pensou ela, escutando. O filho bondoso de um pai senador corrupto. Tinham virado piada, inacreditáveis, as dificuldades de Samuel, as prisões por dirigir sob o efeito de substâncias, os divórcios, o câncer, a casa que ele incendiara aos trinta e poucos anos. O racista que um ano atrás encontrara Sam voltando a pé para casa do cinema e lhe deu uma surra que causou uma concussão. Não o mais inteligente nem o mais corajoso, mas ele nascera com uma confiança sobrenatural. Já era um chorão comparado a ele.

Quando ela acordou, Samuel havia ido embora. Sua pele estava coberta de

suor. Sua boca parecia lixa e alcatrão, e ela pensou nas frutas vermelhas que lhe esperavam na bancada, na torta cujo gosto ela já conseguia sentir. Manteiga, raspas de limão, essência de verão, sal. Ela ouviu outro carro passar pelo cascalho. Deus latia na cozinha. Ela atravessou o gramado claro demais, entrou em casa e subiu a escada para ver do quarto quem havia chegado. Até os lírios-tigrinos que Mathilde cortara para colocar no quarto pareciam estar suando.

Uma pessoa jovem saltou de um carrinho barato: um Hyundai ou Kia. Alugado. Garoto urbano. Garoto, bem, tinha trinta anos ou por aí. Sozinha havia tanto tempo, Mathilde se acostumara a pensar em si mesma como enrugada, velha. Olhar-se no espelho era se deparar com uma juventude inesperada.

Algo no andar ágil da pessoa na entrada da garagem chamou sua atenção. Ele tinha estatura mediana, cabelo escuro, era bem-apegoado, com cílios compridos e maxilar definido. Ela sentiu um zumbido desconfortável no peito, que nos últimos meses passara a reconhecer como uma estranha quimera de raiva e desejo. Bem! Só existia uma maneira de exorcizar isso! Ela cheirou as axilas. Estavam boas.

Levou um susto quando reparou que o garoto a observava lá em cima na janela enquanto andava até a porta: ela criara o hábito de usar as camisetas brancas de Lotto e suara tanto que aquela estava transparente, seus mamilos fazendo um cumprimento duplo. Ela enfiou uma túnica, desceu e abriu a porta para o garoto. Deus cheirou os sapatos dele, que se ajoelhou e fez carinho na cadela. Quando se levantou para apertar a mão de Mathilde, sua palma estava coberta com uma fina camada de pelo de cachorro e pegajosa por baixo. Quando tocou em Mathilde, ele caiu no choro.

— Bem — disse ela. — Pelo que vejo, é mais um dos enlutados pelo meu marido.

Seu marido, o santo padroeiro dos atores fracassados. Porque ficou óbvio que o garoto era ator. Tinha aquela postura convencida, a esperteza observadora. Tantos deles haviam aparecido para encostar na bainha do grande homem, mas não sobrara bainha nenhuma, pois Mathilde dera ou queimara quase tudo, exceto os livros e manuscritos. Só a esposa sobrara, em sua casca mais sem graça. A velha patroinha.

— Nunca o conheci. Mas pode dizer que sou um enlutado, acho — disse o garoto, afastando-se para enxugar o rosto. Quando se voltou, estava vermelho, constrangido. — Desculpe.

— Acabei de fazer chá gelado. — Mathilde se ouviu dizer. — Espere aqui na cadeira de balanço que vou trazer.

Quando ela voltou, o garoto já tinha se acalmado. O suor encaracolava o cabelo em suas têmporas. Ela ligou o ventilador de teto da varanda e deixou a bandeja na mesinha, pegando para si mesma uma barrinha de limão. Ela sobrevivia a vinho e açúcar havia meses porque, porra, nunca realmente tivera

uma infância, e o que era o luto senão uma pirraça estendida a ser aliviada com sexo e doces?

O garoto-homem pegou seu chá e tocou na bandeja, que ela comprara num brechó em Londres. Ele encostou no emblema e leu em voz alta: — *Non sanz droict*. — Empertigou-se na cadeira, derramando chá gelado no colo, e comentou: — Ai, meu deus, isso é a família de Shakespeare...

— Calma — disse ela. — É vitoriana, uma falsificação. Ele reagiu exatamente como você. Achou que tínhamos algo que havia passado pelas mãos do velho Willie e quase se mijou.

— Passei muitos anos sonhando em vir aqui — confessou o rapaz. — Só para dizer oi. Eu sonhava que ele ia me convidar a entrar, que teríamos um jantar agradável e ficaríamos conversando. Sempre soube que nos dariamos muito bem, ele e eu. Lancelot. E eu.

— Os amigos dele o chamavam de Lotto — disse ela. — Eu sou Mathilde.

— Eu sei. A Esposa Dragão — comentou ele. — Eu sou Land.

Com extrema lentidão, ela perguntou: — Você acabou de me chamar de Esposa Dragão?

— Ah. Desculpe. Era assim que todos os atores na companhia a chamavam quando eu estava em *Os Morcegos* e *Rei Caolho*. A montagem nova, não a primeira. Claro, você saberia disso. Porque o protegia. Você garantia que ele fosse pago em dia, não deixava ninguém se aproximar dele e fazia isso tudo enquanto parecia muito boazinha. Achei que fosse um título honorífico. Tipo, uma piada da qual você estivesse por dentro.

— Não — respondeu ela. — Eu não estava por dentro dessa piada específica.

— Ops.

— É verdade — disse Mathilde após algum tempo. — Eu era capaz de cuspir fogo.

Ela lembrou que Lotto, nos últimos anos, havia sido chamado de Leão. Irritado, ele era capaz de rugir. Também tinha uma aparência leonina: a coroa de ouro com laivos brancos, as maçãs do rosto finas e acentuadas. Ele pulava no palco, ofendido quando algum ator errava suas preciosas falas, depois ficava andando de um lado para outro, elegante e ágil com aquele corpo comprido e lindo, grunhindo. Ele podia ser mortífero. Feroz. O nome não era inadequado. Mas, convenhamos, Mathilde sabia como eram os leões. O macho ficava lindamente refestelado, preguiçoso ao sol. A fêmea, muito menos bonita, era a que trazia a presa.

O garoto estava suando. Sua camisa oxford azul exibía rodela úmida embaixo dos braços. Ele exalava um cheiro que não era exatamente desagradável. Era um fedor limpo. Engraçado, pensou ela, olhando para o rio além dos tapetes de bocas-de-dragão. Sua mãe recendia a frio e escamas, seu

pai, a pó de pedra e cachorro. Ela imaginava que a mãe do seu marido, que ela nunca conhecera, tinha cheiro de maçãs apodrecendo, embora seus papéis de carta fedessem a talco de bebê e perfume de rosas. Sallie era amido, cedro. Sua falecida avó, sândalo. Seu tio, queijo suíço. As pessoas lhe diziam que ela tinha cheiro de alho, de giz, de absolutamente nada. Lotto parecia limpo como cânfora no pescoço e na barriga, e cheirava a moedas eletrificadas na axila e a cloro na virilha.

Ela engoliu em seco. Essas coisas, detalhes notados apenas nas margens do pensamento, não voltariam.

— Land. Nome esquisito para um cara como você.

— É a abreviação de Roland — informou o rapaz.

Onde o sol de agosto iluminava o rio, uma nuvem verde começava a se formar. Ainda estava terrivelmente quente, mas os pássaros haviam parado de cantar. Um gato selvagem disparou estrada acima com suas patas ágeis. Em breve iria chover.

— Está bem, Roland — disse Mathilde, contendo um suspiro. — Cante sua música.

Land contou o que ela já sabia: era ator. Tinha um papel recorrente numa novela, era pequeno, mas pagava as contas.

— *As Estrelas em Seus Olhos?* — disse ele. — Já ouviu falar? — Olhou para ela esperançoso, depois fez uma careta. — Entendi. Novela não é sua praia. Nem a minha. É um trabalho mercenário. Mas consegui assim que cheguei na cidade. Há quinze anos, realmente o primeiro teste que fiz. Entrei. E é um bom dinheiro. E posso participar de peças no verão quando não estou filmando. — Ele deu de ombros. — Não sou um superastro, mas trabalho o tempo todo. Isso é um tipo de sucesso, acho.

— Não precisa defender as vantagens de um trabalho contínuo — afirmou ela, se sentindo incosequente, desleal. — Lotto nunca conseguiu um quando era ator. Teria sido um imenso alívio ter algum salário entrando durante todos aqueles anos. Eu me matava de trabalhar e ele ganhava, no máximo, sete mil dólares por ano até começar a escrever.

— Ainda bem que ele começou a escrever.

Land contou que, todo aniversário, tirava o dia de folga para ir à praia de carro e ler *As Nascentes*. Lancelot nunca recebeu o tratamento adequado para o gênio que era.

— Ele teria concordado — disse Mathilde secamente.

— Mas adoro isso nele. Essa arrogância — revelou Land.

— Eu também adorava.

As nuvens parecendo geleia de amora, uma trovoadas fraca vindo do norte. Todas as coisas que ela podia fazer, além de ficar ali sentada, se reuniam nas sombras frias da casa atrás dela, olhando pela janela. Mathilde estava pregada na

cadeira.

Ela gostou do garoto, gostou enormemente dele, mais do que qualquer pessoa que conhecera desde a morte de Lotto. Podia abrir a boca e comê-lo de tão doce que ele era. Havia algo leve nele, uma gentileza que ela sempre amara em homens másculos.

— Para dizer a verdade, eu queria conhecer você tanto quanto queria conhecer Lancelot — confessou Land.

— Por quê? — perguntou ela.

Estava corando. Flertando? Não era impossível.

— Você é a história não contada. O mistério.

— Que mistério? — questionou ela.

— A mulher com quem ele escolheu viver — disse Land. — Ele é fácil de conhecer. Há bilhões de entrevistas, e as peças vêm dele e abrem uma pequena janela para dentro. Mas você está atrás, nas sombras, escondida ali. Você é a interessante.

Os dois permaneceram ali sentados na varanda suando em silêncio por um bom tempo até Mathilde dizer: — Não sou a interessante.

Mas ela sabia que era a interessante.

— Você mente muito mal — afirmou o rapaz.

Ela olhou para ele e o imaginou na cama, seus lindos dedos com aquelas unhas polidas, o pescoço que deixava os tendões aparentes, a mandíbula forte, aquele corpo gostoso visível por baixo das roupas, o rosto sensível, e ela soube que ele mandaria muito bem no sexo.

— Vamos entrar — disse ela, se levantando.

Ele piscou, sobressaltado. Então ficou de pé e abriu a porta para ela, entrando logo atrás.

O rapaz era atencioso, macio onde deveria ser, forte sob os braços dela. Mas havia algo esquisito. Não era o fato de ser muito mais velha que ele. Ela calculou dez anos. Quinze, no máximo. E realmente não era por não conhecê-lo. Ela não conhecia ninguém com quem fora para a cama nos últimos seis meses. A ausência de história era o que ela gostava neles. Agora estavam no banheiro e Mathilde observou seu rosto ossudo atrás dela, sua mão segurando seu cabelo curto, a outra em seu ombro, e embora a sensação fosse maravilhosa, ela não conseguia se concentrar.

— Não dá mais para segurar — disse ele, brilhando de suor.

— Não segure — respondeu ela.

Land foi um cavalheiro, colocou para fora e grunhiu, e ela sentiu um calor nas costas bem acima do cóccix.

— Bom — disse ela. — Muito sexy esse seu rebolado pornô.

Ele riu e a limpou com uma toalha de rosto quente. Na janela, os arbustos ao lado do rio haviam sido achatados pelo vento e pela chuva forte e esparsa, que

começara a cair.

— Desculpe — disse ele. — Eu não sabia mais o que fazer. Não queria, sabe... engravidar você.

Ela ficou em pé e alongou os braços acima da cabeça.

— Não se preocupe. Sou velha.

— Não é, não — retrucou ele.

— Bem. Sou estéril — disse ela. Ela não falou *por opção*.

Ele assentiu e ficou um pouco introspectivo, depois perguntou, de repente: — Foi você que não quis filhos? — Então corou e cruzou os braços, e disse: — Desculpe. Isso foi indelicado. Eu só estava me perguntando por que você e ele não tiveram. Filhos, quer dizer.

— Por isso — respondeu ela.

— Algum problema clínico? — perguntou. — Estou me intrometendo. Não responda se for desagradável.

— Fui esterilizada quando era mais nova. — O silêncio de Land foi significativo, e ela continuou: — Ele não sabia. Achava que eu era só estéril. Ele se sentia nobre sofrendo em silêncio.

Por que ela estava contando todas essas coisas para aquele garoto? Porque não havia interesses em jogo. Lotto tinha morrido. O segredo não faria mal a ninguém. E, além do mais, ela gostou do garoto, queria lhe dar algo. Os peregrinos anteriores haviam levado quase todo o resto. Ela desconfiava de que ele tinha motivos encobertos. Um artigo, um livro, uma denúncia em algum ponto. Se ele escrevesse sobre o sexo, a tempestade, ela passaria a impressão de estar desesperada, triste ou desesperadamente triste. Todas essas opções estavam corretas. Então tanto faz.

— Mas por que você não quis contar a ele? — perguntou Land. Ah, que malandrinho, ele parecia magoado pelo marido.

— Porque ninguém precisa dos meus genes no mundo — justificou ela.

— Mas os genes dele... Quer dizer, a criança poderia ter sido um gênio também.

Mathilde vestiu o roupão de banho e passou a mão no cabelo curto. Olhou-se no espelho e admirou seu rubor rosado. A chuva batia com mais força no telhado. Ela gostava do barulho, da sensação de aconchego do dia cinzento se esvaindo lá fora.

— Lotto teria sido um pai incrível — afirmou ela. — Mas os filhos dos gênios nunca são gênios.

— Verdade — disse Land.

Ela tocou o rosto dele, e ele se encolheu, depois se inclinou para a frente para apoiar a bochecha na mão dela. Bichinho de estimação, pensou ela.

— Quero preparar um jantar para você — disse ela.

— Eu adoraria um jantar.

— Depois quero que você me coma de novo — acrescentou ela.

— Eu adoraria comer você de novo — falou ele, rindo.

No começo da manhã, quando ela acordou, a casa tinha ficado em silêncio, e ela soube que Land havia ido embora.

Uma pena. Eu poderia ter mantido ele por perto por um tempinho, pensou ela. Para usá-lo como limpador de piscina. Como aparelho humano de exercício aeróbico. Deus resmungava à porta, pois tinha sido banida. Quando Mathilde saiu, a cadela entrou e se jogou na cama.

Na cozinha, havia uma salada de frutas macerando em seus sucos. Ele fizera um bule de café, que já ficara morno. Na tigela azul onde estavam os tomates verdes colhidos no jardim, que amadureciam lentamente, o gentil rapaz havia deixado um bilhete num envelope. Mathilde deixaria ali largado por semanas antes de abri-lo. Ao ver aquilo, o branco no vermelho no azul, teve a sensação, pela primeira vez desde que o marido a deixara, de ter uma companhia amável e afetuosa em casa com ela. Dentro de si, algo quente começou a esfriar e, esfriando, ficou temperado.

[*FAÇA-ME FELIZ*, implorou o monstro Frankenstein ao seu criador, e *voltarei a ser virtuoso.*]

Mathilde estava com dezesseis anos. Acordou e encontrou o tio inclinado sobre ela. A menina tinha aprendido a dormir na cama. Ele estava dizendo: — Aurélie, isso é importante. Não desça a escada.

E no vazio que ficou após as palavras dele, ela ouviu vozes masculinas no andar de baixo, gritaria, música. O rosto dele estava inexpressivo, mas a cor em suas bochechas, intensa. Sem ninguém precisar dizer nada, ela começou a entender que seu tio era uma espécie de gerente de uma organização má. Ele ia com frequência para a Filadélfia. Sibilava ordens numa versão antiga, enorme e desajeitada de celular, sumia inexplicavelmente durante semanas e voltava, se não bronzeado, mais bronzeado. [O garotinho, chorando de frio e de fome, continuava aparente nele. É menos deliciosa essa maldade gerada pela sobrevivência.] Ele saiu, e ela ficou deitada paralisada por um tempo. A gritaria não parecia mais tão alegre. Ela ouviu raiva, medo. Quando conseguiu se mexer, desencostou o sofá da parede e colocou a colcha e o travesseiro atrás e, naquele lugar, na forma exata do seu corpo, logo pegou no sono, como se estivesse sendo abraçada ali. Ninguém, pelo que ela sabia, viera ao quarto dela à noite. Mesmo assim, o ambiente parecia perturbado, como se ela houvesse evitado algo por um triz.

Ela rastejou como um camundongo pelos seus anos de adolescência. Flauta, natação e livros, todas as artes sem vocalização. Diminuíra tanto a si mesma que seu tio iria esquecê-la.

*

No último ano do ensino médio, ela abriu a carta que lhe informava ter sido aceita na única faculdade para a qual se candidatara, antecipadamente, pelo único motivo de ter adorado as perguntas dissertativas esquisitas no formulário de inscrição. Como coisas pequenas assim podem decidir o destino de uma pessoa. Mas o incêndio sibilante de alegria se tornara uma simples brasa alguns dias mais tarde, quando ela se deu conta de que não podia pagar. E se não podia pagar, não podia ir. Simples assim.

Ela pegou um trem para a cidade. Sua vida, depois ela entenderia, ficaria marcada por eles.

Um expresso de sábado. Seu coração cantava de desespero dentro da sua caixa torácica. Um jornal rodopiava lentamente com o vento na plataforma.

Ela estava usando o vestido vermelho que seu tio comprara pelo seu décimo quarto aniversário e os sapatos de salto alto que a machucavam selvagememente. Ela fizera uma coroa com suas tranças loiras. No espelho, não vira beleza alguma em seus ângulos nem em seus cílios estranhos, ou em seus lábios grosseiramente carnudos, mas torcia para que outros conseguissem ver. Ela se irritaria, mais tarde, com o que não sabia. Que deveria ter colocado sutiã,

aparado os pelos pubianos para deixá-los como eram na pré-puberdade, trazido fotos. Que coisas como closes existiam no mundo.

De sua poltrona no fundo, um homem a observara entrar no vagão. Ele riu do jeito que ela se mexia, como se seu corpo fosse novo, recém-saído da caixa, da projeção perigosa de seu queixo. Após algum tempo, ele apareceu no corredor e se sentou na frente dela, embora o vagão estivesse vazio. Ela sentiu que o homem a observava, mas o ignorou o máximo que pôde, e, quando ergueu os olhos, ele estava ali.

Ele riu. Tinha uma cara feia de mastim, olhos saltados e bochechudo. Tinha as sobrancelhas de um humorista, muito erguidas, o que lhe conferia um ar de íntima travessura, como se ele estivesse prestes a contar baixinho em seu ouvido o final de uma piada. Automaticamente, ela se inclinou para a frente. Este era o efeito que ele causava, um espelhamento agradável, um acordo estabelecido com rapidez. Ele era o sucesso discreto de toda festa. Nunca dizia uma palavra, mas todo mundo o considerava simpático.

Ele olhou para ela, que fingiu ler seu livro, a cabeça pegando fogo. Ele se inclinou para a frente. Colocou as mãos nos joelhos dela, os polegares delicados na parte interna de suas coxas. Tinha um cheiro delicioso, de verbena e cordovão.

Ela ergueu os olhos e disse: — Só tenho dezoito anos.

— Melhor ainda — respondeu ele.

Ela se levantou e foi tremendo para o banheiro e ficou ali sentada sacudindo com o trem durante toda a viagem, se segurando com os próprios braços, até o condutor dizer Penn Station. Quando saltou, sentiu-se libertada — estava na cidade! —, queria correr e rir. Mas, enquanto se apressava em direção ao que sabia ser seu futuro, deu uma olhada no vidro espelhado perto de uma loja de donuts e se deparou com o homem do trem um metro atrás dela. Ele estava sem pressa. Ela sentiu o calcanhar arder, depois criar uma bolha, e, na rua, foi tomada por um alívio instantâneo quando a bolha estourou, depois sentiu uma fisgada. Mas era muito orgulhosa para parar.

Não parou até chegar ao prédio onde ficava a agência. Os seguranças, acostumados com meninas bonitas, hesitantes, menores de idade, se afastaram para deixá-la entrar.

Foram horas lá dentro. Por horas o homem ficou sentado no café em frente, com um livro de capa dura e uma limonada, esperando.

Quando ela saiu, se sentia desossada, com as pálpebras inferiores vermelhas. Suas tranças haviam frisado por causa do calor fora de época. Ele a seguiu pela rua, com um saco plástico e o livro na mão, até ela começar a mancar e ele se colocar na frente dela e oferecer um café. Ela não tinha comido nada desde o jantar na noite anterior. Apoiou as mãos no quadril, encarando, depois entrou numa lanchonete e pediu um cappuccino e um *panini* de muçarela.

— *Porca madonna* — disse ele. — *Panino*. É singular.

Ela se virou para a moça no balcão e falou: — Eu gostaria de dois. *Panini*. Dois *cappuccini*.

Ele riu e pagou. Ela comeu os sanduíches devagar, mastigando trinta vezes a cada mordida. Olhava para todo canto, menos para ele. Nunca tinha tomado caféina, e a substância deixou seus dedos exaltados. Ela decidiu afugentar o homem com sua exigência, então pediu um éclair e outro cappuccino, mas ele pagou sem comentar nada e a observou comer.

— Você não come? — perguntou ela.

— Não muito. Fui um garoto gordo.

Ela conseguiu enxergar a criança triste e gorda nas bochechas que não combinavam com os ombros magros, e sentiu algo pesado dentro de si passando para ele.

— Disseram que eu precisava perder cinco quilos — disse Mathilde.

— Você está perfeita. Essas pessoas podem pular de uma ponte. Elas disseram não?

— Disseram que eu precisava perder cinco quilos, mandar fotos e eles me fariam começar com trabalho de catálogo. Alavancariam minha carreira.

Com um canudo no canto da boca, ele a observou.

— Mas você não ficou feliz com isso. Porque não é garota de começar por baixo — disse ele. — Você é uma jovem rainha.

— Não.

Ela conteve a emoção que subia até seu rosto e a dominou. Começara a chover, forte, pingos grossos caindo na calçada quente. Um miasma baixo subia do chão, e o ar começou a esfriar.

Mathilde estava escutando o barulho da chuva quando ele se inclinou para a frente, pegou o pé dela e o descalçou. Observou a bolha estourada sangrando. Limpou-a com um guardanapo de papel molhado na água gelada e tirou do saco plástico da farmácia, na qual ele entrara enquanto ela estava na agência, uma caixa grande de ataduras e uma pomada. Quando terminou de cuidar dos pés dela, pegou um par de sandálias de plástico com nós massageadores.

— Está vendo — disse ele, baixando os pés dela para o chão. Mathilde estava quase chorando de alívio. — Eu cuido das coisas.

Pegou um lenço umedecido do bolso e limpou fastidiosamente as mãos.

— Estou vendo.

— Podemos ser amigos, você e eu. Não sou casado — revelou ele. — E sou gentil com as garotas. Não magoo ninguém. Vou garantir que você seja cuidada. E estou limpo.

Claro que ele estava limpo. Suas unhas eram peroladas; sua pele tinha o brilho de uma bolha de sabão. Mais tarde, ela ouviria falar em aids e entenderia.

Ela fechou os olhos e puxou mais para perto do seu corpo a Mathilde de

muito tempo atrás, a do pátio da escola parisiense. Abriu-os de volta e passou batom sem ver. Secou os lábios num guardanapo, cruzou as pernas e disse: — Então.

Em voz baixa, ele sugeriu: — Então. Venha para o meu apartamento. Vou preparar um jantar para você. Podemos — e as sobancelhas dele dispararam em direção ao céu — conversar.

— Jantar, não — retrucou ela.

O homem a encarou, considerando.

— Podemos fazer um acordo. Negociar. Fique essa noite. Se você conseguir convencer seus pais. Fale que encontrou uma amiga da escola na cidade. Posso fazer uma imitação plausível do pai de uma colegial.

— Pais não são um obstáculo — afirmou ela. — Só tenho um tio. Ele não se importa.

— Então qual é o obstáculo? — perguntou.

— Não sou barata.

— Está bem.

Ele se recostou. Ela queria esmagar a piada latente que ele não chegou a fazer, achatá-la embaixo dos nós dos seus dedos.

— Então me diga. O que você mais quer no mundo, jovem rainha? — questionou ele.

Mathilde respirou fundo e uniu os joelhos com força para que parassem de tremer.

— As mensalidades da faculdade — respondeu. — Pelos quatro anos inteiros.

Ele pôs as mãos espalmadas na mesa e deu uma risada seca.

— Eu imaginava que quisesse uma bolsa. Mas você estava pensando em servidão contratual? — disse ele.

Ela pensou: Ah. [Tão jovem! Tão inesperado.] Depois: Ah, não, ele estava rindo dela. Mathilde sentia o rosto em chamas, e saiu com passos largos. Ele estava atrás dela à porta. Colocou seu paletó em cima da cabeça dela e, sob o toldo, acenou para um táxi. Talvez ele fosse feito de açúcar e derreteria na chuva.

Ela entrou no carro, e ele ficou em pé, curvando-se na porta, mas ela não chegou para o lado para deixá-lo entrar.

— Podemos conversar sobre isso — disse ele. — Desculpe. Você me assustou. Só isso.

— Deixe para lá.

— Como? — perguntou ele.

O homem tocou com delicadeza embaixo do queixo dela e Mathilde precisou reprimir o desejo de fechar os olhos e apoiar a cabeça na palma da mão dele.

— Pode me ligar na quarta — disse ele, colocando um cartão na mão dela.

E embora ela quisesse dizer não de novo, não fez isso, nem amassou o cartão. Ele jogou uma nota no banco para o motorista e fechou gentilmente a porta atrás dela. Mais tarde, na janela do trem, seu rosto estava pálido e flutuava sobre o turbilhão verde da Pensilvânia. Estava com os pensamentos a mil, portanto não reparou nem no próprio rosto nem na paisagem.

*

Ela foi outra vez à cidade no sábado seguinte. Recebera um telefonema, um teste delicadamente proposto. O mesmo vestido vermelho, salto alto, cabelo. Um teste? Ela pensou em sua avó em Paris, com aquela elegância amarrotada, o queijo roído pelo rato no peitoril da janela, o esplendor de sua dignidade insana. Mathilde ouviu do closet e pensara: Nunca. Para mim, nunca. Eu morreria primeiro.

O nunca é um mentiroso. Ela não tinha nada melhor, e o tempo estava se esgotando. O homem esperava em frente à estação de trem, mas não encostou nela quando a menina se sentou no banco de couro do seu sedã. Ele comeu uma pastilha para a garganta e o cheiro tomou o ar. Os olhos dela estavam secos, no entanto, o mundo ficara úmido. Havia um nó em sua garganta maior do que seu pescoço conseguia conter.

Ela registrou o porteiro como peludo, atarracado, mediterrâneo, embora não tivesse olhado diretamente para ele. Tudo ali dentro era de mármore liso.

— Como é seu nome? — perguntou o homem grisalho no elevador.

— Mathilde. E o seu?

— Ariel.

Ela olhou para seu reflexo nas portas de metal, uma mancha vermelha, branca e dourada, e disse baixinho: — Sou virgem.

Ele tirou um lenço do bolso da camisa e limpou a testa.

— Eu nunca teria esperado menos de você — disse, se curvando de forma afetada, como se fosse contar uma piada, e segurou a porta para ela entrar.

Ele lhe entregou um copo de água com gás gelada. O apartamento era enorme, ou pelo menos parecia ser, com duas paredes de vidro. As outras paredes eram brancas, com quadros enormes que passavam a impressão de oscilações de cor. Ele tirou o paletó, pendurou-o e se sentou.

— Fique à vontade.

Ela assentiu e foi para a janela, de onde observou a cidade.

Após algum tempo, ele disse: — Com fique à vontade, o que realmente quis dizer era para você fazer o favor de tirar a roupa.

Ela se virou de costas para ele. Tirou os sapatos, abriu o zíper do vestido e deixou-o cair a seus pés. Sua calcinha era de algodão preto, um modelo de menininha, que na semana anterior tinha feito as pessoas na agência rirem. Ela não usava sutiã. Não precisava. Voltou-se para ele com os braços para trás, e o

encarou com seriedade.

— Tudo — disse ele, e ela tirou lentamente a calcinha.

Ele a deixou esperando enquanto a observava.

— Por favor, dê meia-volta.

E ela deu.

Lá fora, a névoa e a penumbra ocultavam os prédios, de forma que quando as luzes nos edifícios em frente se acenderam, ficaram parecendo quadrados fluando no espaço.

Mathilde estava tremendo quando ele se levantou e andou até ela. Tocou-a entre as pernas e sorriu ao sentir umidade na ponta dos dedos.

O corpo dele parecia muito esquelético para seu rosto gordo e quase não tinha pelos, exceto por cachos castanhos em volta dos mamilos e uma faixa mais escura que ia do umbigo à virilha. Ele se deitou no sofá branco e a fez se agachar em cima dele, até ela ficar com as coxas ardendo e tremendo. Então agarrou seu quadril e a puxou subitamente para baixo, sorrindo para a expressão de dor de Mathilde.

— É mais fácil mergulhar do que entrar devagar — disse ele. — Lição número um.

Ela não sabia o que a impedia de se levantar, se vestir e fugir. A dor parecia ódio. Aguentou a pressão contando e olhando fixo para o quadrado dourado da janela no escuro. Ariel pegou o rosto dela e puxou-o para o dele.

— Não — disse. — Por favor, olhe para mim.

Ela olhou. Um brilho tecnológico vinha do canto da sala, de algum relógio digital, que pulsava na lateral da cabeça dele uma leve luz verde. O homem parecia esperar que ela desse para trás, mas ela não ia fazer isso. Ela desejou que as próprias feições virassem pedra, e houve uma pressão que aumentou e explodiu, dando lugar ao alívio e a retirada; ela se levantou, sentindo câimbras nas pernas e uma ardência interna.

Ele fatiou uma banana e as colocou em cima do corpo de Mathilde. Comeu devagarinho, o que foi seu jantar.

— Mais do que isso — disse ele —, eu incho.

Para ela, ele pediu queijo quente e batatas fritas do botequim do outro lado da rua e observou sua boca de perto enquanto ela comia cada mordida.

— Mais ketchup — ordenou. — Lamba esse queijo do dedo.

De manhã, ele a lavou com bastante cuidado e lhe instruiu sobre como se raspar. E, enquanto ela tomava um banho quente, ele ficou observando-a colocar a perna numa cadeira de teca e se depilar.

Então ele a colocou deitada de costas na enorme cama branca e direcionou seus joelhos para cima. Na televisão embutida na parede, pôs uma fita com duas mulheres, uma ruiva e outra de cabelo escuro, lambendo uma à outra.

— De início, ninguém gosta do que estou prestes a fazer com você — disse

ele. — Você precisa fantasiar para que funcione. Concentre-se. Depois de algumas vezes, vai entender.

Era apavorante ter o rosto desagradável dele ali. O calor de sua boca e o arranhar da barba. O jeito que ele olhava para ela naquela vergonha. Era o mais perto dela que alguém já havia chegado. Nunca fora beijada nos lábios. Colocou um travesseiro no rosto, respirou fundo e pensou num jovem sem rosto, só um corpo musculoso, brilhante. Sentiu uma longa e lenta onda crescendo dentro dela até ficar enorme, escura e estourar dentro dela, que gritou no travesseiro.

Ele se afastou, súbita inundação de luz branca.

— Sua coisinha surpreendente — disse ele, rindo.

Ela não sabia que odiava comida chinesa até ele pedir e mandá-la comer tudo no tapete, de tofu mu shu a camarão cozido no vapor e brócolis ao último grão de arroz. Ele não comeu nada. Ficou só observando.

— Se precisar ir para casa, levo você à estação depois que tomar outro banho.

Havia certa bondade nele, apesar da sua carranca.

Ela assentiu. Já tinha tomado três banhos no chuveiro de mármore dele, sempre depois de comer. Começara a entendê-lo.

— Só preciso voltar a tempo de ir para a escola amanhã — disse ela.

— Você usa uniforme?

— Sim — mentiu ela.

— Ai, meu deus — grunhiu ele. — Use na semana que vem.

Ela largou os hashis.

— Você já decidiu.

— Depende de onde você vai cursar faculdade.

Ela contou.

— Você é inteligente — disse ele. — Fico feliz em saber disso.

— Talvez não — retrucou Mathilde, indicando o apartamento em volta, seu corpo nu com um grão de arroz no seio.

Ela sorriu, depois tirou o sorriso do rosto. Ele não ficou sabendo que ela tinha senso de humor.

Ariel se levantou e andou até a porta.

— Muito bem. Estamos combinados — disse. — Fique comigo de sexta à tarde a domingo à noite. Vou chamá-la de minha afilhada para evitar perguntas desnecessárias. Quatro anos. Começando agora. Seja minha estagiária na galeria durante os verões. Estou ansioso para ver se vou ensinar bem o que você precisa saber. Trabalhe como modelo tirando fotos de catálogo se precisar explicar seu dinheiro. Vamos ver métodos contraceptivos. Enquanto estivermos juntos, para evitar doenças, entre outros horrores, por favor, não toque nem olhe para outro rapaz ou outra moça. Se eu souber que você sequer beijou outra pessoa, nosso trato está desfeito.

— Não terei sequer um pensamento obsceno — disse ela, pensando deliberadamente: pau preto. — Aonde você está indo?

— Comprar calcinha e sutiã para você. É uma desgraça você andando com essa lingerie. Tome um banho e tire um cochilo. Volto daqui a pouco.

Ele se encaminhou para a porta, depois parou. Virou-se.

— Mathilde — disse com gentileza. — Independentemente de qualquer coisa, você precisa entender que isso é só trabalho. Não posso aceitar que você pense que é mais que isso.

Pela primeira vez, ela deu um sorriso largo.

— Trabalho — disse ela. — Não haverá nenhuma emoção. Seremos como robôs.

— Excelente — falou ele, e fechou a porta.

Sozinha, ela se sentiu mal, tonta. Olhou para seu reflexo na janela, a cidade se movendo com lentidão mais além. Tocou na barriga, no peito, no pescoço. Olhou para as mãos e notou que tremiam. Ela não estava mais podre do que fora quando era uma garota no trem, mas mesmo assim esquivou o rosto da Mathilde no vidro.

*

Dois meses. O ensino médio chegou ao fim, e ela se mudou para o apartamento de Ariel. Tinha muito pouco para levar da casa do tio. Alguns livros, o vestido vermelho, óculos, uma foto sua com os cantos virados: bochechuda, bonita, francesa, antes de ficar má. Tudo coube na mochila da escola. Deixou um bilhete embaixo do banco do motorista quando ele estava no banheiro. Não poderia ver seus queixos e barrigas duplos pela última vez sem cair no choro. Bateu pela primeira vez à porta do escritório do tio e, sem esperar que ele falasse algo, entrou. Ele olhou por cima dos óculos. Um feixe de luz entrando pela janela iluminava os papéis em sua mesa.

— Obrigada pelo abrigo que me deu nesses últimos anos — disse ela.

— Você está indo embora? — perguntou em francês. Tirou os óculos e se recostou na cadeira, olhando para ela. — Para onde?

— Para a casa de um amigo.

— Mentirosa — disse ele.

— Correto — confirmou ela. — Não tenho amigos. Pode chamar de um protetor.

Ele sorriu.

— Uma solução eficaz para todos os seus problemas — disse ele. — Se bem que é mais carnal do que eu estava esperando. Mas eu não devia ficar surpreso. Você cresceu com minha mãe, afinal.

— Adeus — disse ela, virando-se para a porta.

— Francamente — começou ele, e ela parou, com a mão na maçaneta. — Eu tinha uma opinião melhor sobre você, Aurélie. Cheguei a acreditar que você

ia trabalhar alguns anos e depois iria para Oxford ou coisa assim. Achei que fosse lutar mais, que fosse mais parecida comigo. Devo confessar que estou decepcionado.

Ela não disse nada.

— Saiba que se não tiver mais nada, pode encontrar comida e cama aqui. E venha me visitar, de vez em quando. Estou curioso para ver como você vai mudar. Prevejo algo feroz ou completamente burguês. Você será uma devoradora do mundo ou mãe de oito filhos.

— Não vou ser mãe de oito filhos — afirmou ela.

Também não iria visitá-lo. Não havia nada do tio que ela quisesse. Deu uma última olhada nele, as encantadoras orelhas parecendo asas e as bochechas redondas que davam um ar mentiroso ao seu rosto, e um lado de sua boca se contraiu, e ela se despediu em silêncio da casa enquanto passava, para a obra-prima secreta embaixo da escada que ela tinha vontade de ver de novo, para os longos corredores escuros com portas trancadas e para a enorme porta de carvalho da frente. Então ela estava no ar. Começou a correr pelo caminho de terra batida na claridade do sol branco, suas pernas dando adeus, adeus, aos ruminantes nos campos menonitas, à brisa de junho, aos floxes silvestres azuis no canteiro. De sua pele brotou um suor glorioso.

*

O longo verão de seu décimo nono ano. As coisas que se podem fazer com a língua, com um suspiro. Gosto de látex, cheiro de couro lubrificado. Camarotes em concertos. O sangue dela palpitava. Sentiu a voz dele cálida em seu ouvido diante de um borribo de Jackson Pollock e, de repente, ela viu a genialidade. Calor sensual, pisco sours no terraço, o lento e doloroso derretimento de um cubo de gelo em seus mamilos enquanto ele observava da porta. Ele a ensinava. É assim que corta a comida, pede o vinho. É assim que você faz uma pessoa acreditar que você concorda com as opiniões dela sem dizer absolutamente nada.

Algo se suavizou em volta dos olhos dele, mas ela fingiu não reparar.

— Trabalho — disse ela a si mesma, os joelhos ardendo no ladrilho do chuveiro.

Ele passava as mãos no cabelo dela. Dava presentes: pulseiras, vídeos que deixavam seu rosto quente, calcinhas que não passavam de três fios e um pedaço de renda.

E então a faculdade. Passou muito mais rápido do que ela imaginara. Aulas como relâmpagos, fins de semana sombrios como piscar de olhos, luz de novo. Ela bebia as aulas. Não fazia amigos. Ariel tomava muito tempo, e o resto era ocupado com estudo, e ela sabia que se fizesse uma única amizade, não conseguiria parar. Em dias amenos de primavera, flores amarelas como sol nos cantos de seus olhos, seu coração era rebelde. Teria facilmente trepado com o primeiro garoto que passasse, mas tinha muito mais a perder do que a emoção

que ganharia. Ela observava, cheia de desejo, roendo as unhas até sair sangue, enquanto os outros se abraçavam, riam, contavam piadas internas. Nas tardes de sexta-feira, nos trens que passavam pelo Hudson que cintilava sob o crepúsculo, ela se esvaziava. Quando posava como modelo, fingia ser o tipo de garota que ficava tranquila de biquíni, que estava feliz de exibir seu novo sutiã de renda ao vasto mundo. Suas melhores fotos eram aquelas em que ela imaginava agredir fisicamente os fotógrafos. No apartamento: assadura de tapete, lábios mordidos. Ele passava a mão nas costas dela, separando as nádegas: trabalho, pensava Mathilde. O trem de volta para a faculdade, cada quilômetro uma expansão. Um ano, dois. Verões no apartamento e na galeria, como um peixe no aquário. Ela aprendeu. Três anos, quatro.

Primavera do último ano. A vida inteira pela frente. Quase muita claridade para olhar diretamente. Algo em Ariel se tornara frenético. Ele a levava a jantares de quatro horas, lhe dizia para encontrá-lo no banheiro. Acordava nas manhãs de domingo e se deparava com ele a observando.

— Venha trabalhar para mim — disse Ariel, com a voz embargada, quando ela, sob o efeito da cocaína dele, apresentou um ensaio completo sobre o gênio de Rothko. — Trabalhe para mim na galeria, vou treinar você e poderemos dominar Nova York

— Talvez — respondeu ela amavelmente, pensando: Nunca. Pensando: Trabalho.

Logo, prometeu a si mesma. Logo ela estaria livre, afinal.

Ela estava sozinha por uma tarde. Ao descer, viu que Deus tinha mordiscado o tapete da cozinha, deixado uma poça de xixi no chão e olhava para ela com um brilho belicoso nos olhos. Mathilde tomou banho, colocou um vestido branco e deixou o cabelo pingando molhar o tecido. Enfiou a cadela na caixa de transporte, seus brinquedos e sua comida numa sacola plástica, e colocou tudo no carro. Deus gritou no banco de trás, depois sossegou.

Ela ficou parada em frente ao mercado da cidade até ver uma família que conhecia vagamente. O pai era o homem que eles haviam contratado para limpar a entrada da garagem no inverno, com cara de ladrão de gado, talvez meio lerdo. A mãe era a recepcionista do consultório odontológico, uma mulher grande com dentinhos de marfim. As crianças tinham lindos olhos castanho-claros. Mathilde se ajoelhou para ficar na altura delas, e disse: — Quero dar minha cachorra para vocês.

O menino chupou três dedos, olhou para Deus e assentiu. A menina sussurrou: — Estou vendo seus peitos.

— Sra. Satterwhite? — chamou a mãe.

Seus olhos moveram-se depressa sobre Mathilde. E, com isso, ela se deu conta de que estava vestida inadequadamente. Vestido marfim, de grife. Ela não andara pensando. Mathilde colocou a cadela nos braços do marido.

— O nome dela é Deus — disse.

A mulher abriu a boca, depois repetiu: — Sra. Satterwhite!

Mas Mathilde estava seguindo para o carro.

— Fique quieta, Donna. — Ela ouviu o homem dizer. — Deixe a pobre senhora em paz.

Mathilde voltou para casa. A casa ecoava, vazia. Mathilde tinha sido liberada. Não precisava se preocupar mais com nada.

*

Fazia tanto tempo. Aquele dia, a luz caíra do céu como se atravessasse um vidro verde soprado.

Seu cabelo era comprido naquela época, louro queimado de sol. Com as pernas finas cruzadas, lendo *A Pedra da Lua*. Ela roeu a cutícula até sair sangue e pensou no namorado, seu amor de uma semana, e o mundo ficava iluminado com ele. Lotto, dizia o trem vindo: *Lotto-Lotto-Lotto*.

O garoto baixo e oleoso que a observava do banco era invisível para ela porque ela estava com seu livro. Tinha sua alegria. Para ser justa, ainda não conhecera Chollie. Desde que Mathilde e Lotto se descobriram, ele passara todo o tempo livre com ela. Cederia seu quarto no dormitório ao amigo de infância, que ia ilegalmente às aulas como ouvinte, sem ser um aluno de fato. Lotto não tinha tempo para nada senão Mathilde, o remo e as aulas.

Mas Chollie sabia quem ela era. Estava na festa quando Lotto ergueu os olhos e viu Mathilde e ela o viu, quando Lotto esmagou um bando de gente para chegar até ela. Tinha se passado só uma semana. Ainda não podia ser sério, era o que Chollie acreditara. Ela era bonita, se a pessoa gostasse de gente palito, mas ele imaginou que Lotto nunca se prenderia a uma única xoxota aos vinte e dois anos, tendo uma gloriosa vida inteira de sacanagem pela frente. Chollie tinha certeza de que, se Lotto tivesse uma beleza perfeita, nunca conquistaria todo o sucesso que conseguiu. A pele ruim, a testa grande e o nariz um pouco bulboso transformavam o que era um rosto bonitinho quase feminino em algo sexy.

E depois, justo no dia anterior, ele flagrara Lotto e Mathilde juntos embaixo do confete formado pelas folhas que caíram de uma cerejeira e ficou sem ar. Olhe para os dois juntos. A altura deles, o brilho neles. O rosto pálido e sofrido dela, um rosto que observara e nunca sorrira, mas que agora nunca parava de sorrir. Era como se ela tivesse passado a vida toda nas sombras geladas e alguém a tivesse levado para o sol. E olhe para ele. Toda a sua energia inquieta focada estritamente nela. Mathilde aguçava algo que ameaçava se difundir nele. Lotto observava seus lábios enquanto ela falava e, com delicadeza, pegava seu queixo entre os dedos e a beijava com os olhos de cílios longos fechados, mesmo enquanto ela falava, então ela mexia a boca e ria durante o beijo dele. Chollie soube no mesmo instante que aquilo era certo, que estavam profundamente envolvidos. O que quer que houvesse entre os dois era explosivo, deixava até os professores boquiabertos quando passavam. A ameaça de Mathilde, Chollie percebera, então, que era real. Ele, esforçado, sabia reconhecer outro esforçado. Chollie, que não tinha lar, encontrara um lar em Lotto. E ela usurpara até isso.

[O sábado depois desse na estação de trem, Chollie estaria cochilando na cama de Lotto, escondido embaixo de um monte de roupas, e Lotto entraria, tão sorridente que Chollie ficaria quieto quando deveria ter falado e se manifestado. Lotto, em êxtase, pegaria o telefone e ligaria para a porca gorda da sua mãe na Flórida, que uma vez, anos antes, ameaçara castrar Chollie. Haveria provocação. Relação estranha, aquela. E então Lotto contaria à mãe que estava casado. Casado! Mas eles eram bebês. Chollie ficou gelado de choque, sem prestar atenção na maior parte da conversa, até Lotto sair de novo. Não podia ser verdade. Ele sabia que era verdade. Passado algum tempo, ele tinha chorado amargamente, pobre Chollie, embaixo da pilha de roupas.]

Mas, nesse dia, antes de eles se casarem, ainda dava tempo de salvar Lotto dessa moça. Então ali estava ele. Embarcou no trem atrás de Mathilde e se sentou atrás dela. Um cacho de cabelo dela escapou da fenda entre os encostos dos bancos, e ele o cheirou. Alecrim.

Ela saltou na Penn Station, e ele foi atrás. Saindo do fedor subterrâneo para o calor e a luz. Ela seguiu em direção a um sedã preto, o motorista abriu a porta, e ela foi engolida. Ao meio-dia na Midtown lotada, Chollie acompanhou a pé,

embora tenha logo começado a suar e arfar com o esforço. Quando o carro parou diante de um prédio art déco, ela desceu e entrou.

O porteiro era um gorila de costas prateadas numa fantasia, e tinha sotaque da Staten Island: franqueza seria a chave.

— Quem era aquela loura? — perguntou Chollie.

O porteiro deu de ombros. Chollie sacou uma nota de dez e lhe entregou.

— Namorada do 4-B — respondeu o porteiro.

Chollie olhou para ele, mas o cara estendeu a mão e Chollie lhe deu tudo o que tinha, que era um baseado. O homem sorriu e disse: — Ela já vem há muitos anos para uma garota tão jovem, sacou? Ele é um tipo de comerciante de arte. E se chama Ariel English. — Chollie esperou, mas o homem acrescentou com suavidade: — Isso é tudo o que você consegue por um bagulhinho, seu bagulhinho.

Mais tarde, Chollie se sentou à janela do botequim do outro lado da rua para esperar. Observou. Sua camisa suada secou, e a garçonete se cansou de perguntar se ele queria fazer o pedido e se limitou a servir mais café na sua caneca e se afastar.

Quando a escuridão cobriu o prédio do outro lado da rua, ele quase desistiu e voltou para seu dormitório na faculdade. Havia opções. Ele procuraria por galerias de arte na lista telefônica. Pesquisaria. Mas aí o porteiro se empertigou e abriu secamente a porta, e de lá saiu uma quimera: um homem bochechudo com um corpo que mais parecia um filete de fumaça despejado num terno. Exalava riqueza em seu jeito de andar, em sua aparência elegante. Atrás dele, havia uma modelo animada. Chollie demorou um pouco para reconhecer Mathilde. De salto alto, uma saia de colegial quase na altura da virilha, o cabelo puxado para cima, maquiagem pesada demais. [Ela se recusara a estender os termos do acordo além de quatro anos. Ressentido, Ariel, que a conhecia bem, a vestira, sabendo como ofender.] O rosto dela estava sem aquele sorrisinho constante que ela exibia e que servia, ao mesmo tempo, de escudo e imã. Inexpressivo, parecia um prédio abandonado. Ela andava como se ignorasse o mundo à sua volta e a transparência da camisa que a deixava com mamilos à mostra.

Atravessaram a rua, e Chollie ficou apavorado quando percebeu que estavam entrando no botequim e indo na direção dele.

Os dois se sentaram a uma mesa de canto. O homem pediu omelete grego de claras para ele, e milk-shake de chocolate para ela. Chollie observou seus corpos de cabeça para baixo pelo porta-guardanapos cromado. Ela não comeu nada, ficou olhando para o ar. Chollie viu o homem sussurrando no ouvido de Mathilde, a mão dele desaparecer na escuridão entre as pernas dela. Ela deixou, passiva. [Na superfície. Por baixo, a queimação controlada.]

Chollie estava arrasado. Sentiu um turbilhão por dentro. Fúria por Lotto. Medo de perder o que ele, Chollie, se esforçara tanto para conservar. Levantou-

se agitado e voltou no trem arrastado pelo crepúsculo. Encostou o rosto quente no vidro frio e, quando finalmente chegou em Vassar, desabou na cama de Lotto para tirar um breve cochilo e planejar como lhe contar sobre sua nova namorada, quem ela era em segredo. Uma puta. Mas adormeceu. Acordou com o som de risadas na sala comum e o barulho da televisão. Passava da meia-noite no relógio luminoso.

Ele saiu e quase caiu duro de susto. A única explicação: Mathilde devia ter uma irmã gêmea. Tinha seguido a garota errada até a cidade. Havia uma menina no colo de Lotto, de calça de moletom e rabo de cavalo bagunçado, rindo de algo que ele sussurrava em seu ouvido. Ela era tão diferente do que Chollie tinha visto que soube que só podia ter visto errado. Um sonho? Em cima da mesa havia um bolinho com manteiga de maçã meio comido, e Chollie quase avançou, pois estava com muita fome.

— Ei — berrou Lotto. — Chollie! Você não conheceu a minha — ele riu —, minha Mathilde. Minha namorada por quem estou loucamente apaixonado. Mathilde, esse é Chollie, meu amigo mais antigo.

— Ah! — exclamou ela, levantando-se em um pulo e indo até Chollie, elevando-se sobre ele. — Estou tão feliz de conhecer você. Já ouvi todas as histórias.

Parou e depois o abraçou. Cheirava a sabonete Ivory simples e, ahá, xampu de alecrim.

Muitos anos depois, quando o jardineiro tentasse cultivar alecrim no terraço da cobertura, Chollie jogaria as plantas do trigésimo andar na calçada e as observaria explodir em nuvens de terra em forma de cogumelo.

— Você — disse ele. — Já vi você.

— Difícil não ver. Um metro e oitenta de perfeição, pernas até a lua — comentou Lotto.

— Não — disse Chollie. — Hoje. Num trem para a cidade. Tenho certeza de que era você.

Houve a mais ínfima das hesitações, até que Lotto falou: — Deve ter sido outra gata. Ela passou o dia todo redigindo o trabalho final do curso de francês na sala de informática. Não é, M.?

Os olhos de Mathilde ficaram muito estreitos quando ela riu. Chollie sentiu a frieza deles.

— A manhã toda, sim — confirmou ela. — Mas terminei rápido. Eram só dez páginas. Enquanto você estava no almoço do remo, fui à cidade para ir ao Met. Temos que fazer um poema com a técnica da écfrase para a aula de redação, e eu não queria fazer a mesma ninfeia boba de Monet do museu do campus como todo mundo. Acabei de voltar, na verdade. Obrigada por me lembrar! — falou para Chollie. — Comprei uma coisa para Lotto na loja de presentes.

Ela foi até sua bolsa exageradamente grande e tirou um livro. Tinha uma pintura de Chagall na capa, como Chollie repararia mais tarde, ao roubá-lo. Mathilde também o roubara quando saíra do apartamento de Ariel pela última vez. Ela recebera seu último cheque. Agora estava livre para dormir com Lotto.

— *Alado cupido é pintado cego* — leu Lotto. — *Arte Inspirada em Shakespeare*. Ah. — disse ele, beijando o queixo dela. — É perfeito.

Ela olhou para Chollie. Outro brilho tênue no escuro. Dessa vez, talvez não tão benigno.

Ótimo, pensou Chollie. Você vai ver como sou capaz de esperar. Quando você menos imaginar, vou detonar sua vida. [Muito justo. Ela detonara a dele.] Um plano começou a ser bolado em sua mente. Ele sorriu para ela e viu o próprio reflexo na janela escura. Gostava do quão diferente ficava no reflexo: muito mais magro, mais pálido, muito mais difuso do que era ao vivo.

Seu marido não a acordara com uma caneca de café. Todos os dias que passaram morando debaixo do mesmo teto, ele a acordara com uma xícara de café com leite. Havia algo errado. Ela abriu os olhos para a manhã clara. Dentro dela, um abismo. Não conseguia enxergar o caminho até o fundo negro.

Embromou. Lavou o rosto. Conversou com a cadela, que corria freneticamente de Mathilde para a porta. Abriu as cortinas para o mundo mergulhado na tristeza de pleno inverno. Passou bastante tempo olhando para a escada.

Cano de uma pistola, pensou.

Ele me deixou, pensou. Assim que o vi eu soube que esse dia chegaria.

Ela desceu os degraus escuros, mas Lotto não estava na cozinha. Ela sussurrou para se acalmar enquanto subia para o escritório dele no sótão. Um farelo de alívio quando chegou à porta e o encontrou sentado à escrivaninha. Com a cabeça baixa. Devia ter trabalhado a noite inteira e pegado no sono. Ela olhou para o marido, o cabelo grisalho indomável nas têmporas, a testa magnífica, os lábios cheios, macios.

Mas quando o tocou, sua pele estava morna. Seus olhos estavam abertos, vazios como espelhos. Lotto não estava descansando ali, de jeito nenhum.

Ela deslizou atrás dele na cadeira e encostou nele, do cóccix à nuca. Enfiou as mãos por dentro da sua camisa, sentindo a borracha fina da banha na barriga. Inseriu o dedo no umbigo dele, enfiando até a segunda articulação. Colocou as mãos embaixo da calça do pijama e da cueca dele, onde ainda estava quente. A lá dos pelos pubianos. A cabeça sedosa dele, parecendo humilde na palma da sua mão.

Por um longo tempo, ela o segurou. Sentiu o calor do corpo dele se esvaír. Só se levantou quando não conseguiu mais reconhecer o corpo do marido, como acontecesse com uma palavra repetida até ter perdido todo o significado.

Mathilde foi emboscada na piscina por Chollie. Fazia seis meses e uma semana que estava sem o marido.

Chollie deixou o carro um quilômetro e meio rua acima e seguiu a pé para ela não ter como ouvi-lo e sair correndo para se esconder na casa da piscina.

Deixara o biquíni de lado naquela manhã para bronzear o corpo todo. Quem ela iria escandalizar? As gralhas? Seu corpo murcho e não amado de viúva. Mas lá estava Chollie à beira da piscina, grunhindo. Ela olhou para ele através dos óculos escuros e enxugou as bochechas com a palma das mãos.

O homenzinho duende. Certa vez, numa festa, ele tentara empurrá-la para dentro de um banheiro, e Mathilde tivera que lhe dar uma joelhada no saco para afastá-lo.

— Porra, Chollie — disse. Nadou cachorrinho para a lateral da piscina e saiu. — Não posso ter um pouco de solidão? Me dê aquela toalha.

Ele obedeceu, se bem que com uma lentidão terrível.

— Tem a solidão e depois tem o suicídio — falou ele. — Você parece uma paciente de quimioterapia com esse cabelo. Ou com a falta dele.

— Por que está aqui? — perguntou ela.

— Todo mundo está preocupado. Recebi dez ligações só na semana passada. Danica acha que você vai se matar.

— Bem, agora você pode ir para casa e contar que estou viva — disse ela.

— Estou vendo — falou ele, rindo. — Vividamente. Em carne e osso. Estou com muita fome para dirigir. Me alimente.

Ela suspirou.

— A única coisa que tenho é sorvete — avisou. — E é de pistache.

Ele a seguiu até a cozinha, e enquanto ela servia sorvete para Chollie, ele pegou a carta na tigela azul dos tomates que amadureciam lentamente. Sempre foi enxerido, vasculhando as coisas que não lhe diziam respeito. Certa vez, ela o encontrou em seu escritório, lendo os estranhos e espinhosos textos de ficção que ela escrevia em fragmentos.

— Tire a mão — ordenou ela. — Não é para você.

Eles saíram para se sentar nas pedras quentes da varanda enquanto Chollie comia.

— Parece que tenho uma longa história de me aproximar sorrateiramente de você — disse Chollie.

Ele arrotou e deixou a colher cair no chão.

Ela pensou nas mãos dele em seus antebraços em alguma festa muito tempo atrás, na carência no rosto dele. A língua que uma vez ele enfiara na orelha dela.

— Sim. Todos nós sabemos que você é tarado — disse ela.

— Não. Quer dizer, sim, mas não, estou pensando em outra coisa. Sabia que

seguí você uma vez? Lá em Vassar. Ainda não te conhecia. Você e Lotto estavam começando a sair juntos, e eu sabia que tinha alguma coisa não confiável em relação a você. Então te segui até a cidade.

Mathilde ficou quieta.

— Foi estranho ver a nova namorada do meu melhor amigo entrando numa limusine. Não sei se você lembra, mas eu estava em forma naquela época, e fui atrás. Você saltou e entrou num prédio. Então fiquei sentado no botequim do outro lado da rua. Você se lembra daquele botequim.

— Não poderia esquecer. E você era gordo naquela época. Nunca esteve em forma, Choll.

— Rá. Enfim, você saiu com uma roupa medonha. Blusa transparente e uma minissaia parecendo Band-Aid. E você estava com aquele homem esquisito de rosto flácido que enfiava as mãos por baixo da sua saia. E eu penso: hã. Meu amigo Lotto é a melhor pessoa do planeta. Leal para cacete, gentil, me deixa dormir no quarto dele e é mais minha família do que minha própria família, é brilhante, um gênio do caralho, embora eu não ache que alguém soubesse disso naquela época, mas havia alguma coisa nele. Carisma. Gentileza, certa aceitação das pessoas por quem elas são. Isso é raro, sabe? Alguém que nunca, nunca julga. A maioria das pessoas tem um monólogo asqueroso interior rolando o tempo todo, mas Lotto, não. Ele preferia falar bem de você. Mais fácil assim. E ele foi muito bom para mim. Minha família não passava de um bando de babacas sádicos, e larguei o ensino médio no meio do último ano para poder fugir, e a única pessoa do planeta que sempre me tratou consistentemente com gentileza foi Lotto. Desde que eu tinha dezessete anos, Lotto foi meu lar. Então, enfim, ali está essa pessoa incrível, a melhor que eu já conheci, e a namorada dele está indo escondida para Nova York para trepar com um velho? Então volto para casa, pronto para contar ao meu melhor amigo que a namorada dele está dando por aí... Afinal, que tipo de pessoa iludiria Lotto assim? Quer dizer, o tipo da garota que enforcaria um cachorrinho por diversão. O tipo de garota que se casaria com ele por dinheiro. Mas, de algum jeito, você conseguiu chegar antes de mim no dormitório. Ou eu acabei dormindo. Não lembro. Mas eu saí e vi o jeito que você e ele estavam juntos, então soube que não podia contar a ele. Ainda não. Porque me dei conta de que ele estava ferrado. Estava tão apaixonado por você que, se eu dissesse alguma coisa, quem levaria um pé na bunda seria eu, não você.

Ela estava observando uma tropa de formigas na pedra cinza e quente. Chollie ficou esperando, mas ela não dizia nada, então ele falou: — Então pensei em ficar quieto, esperar minha hora e depois cravar a faca quando ninguém estivesse esperando.

— Vinte e quatro anos. E ele morreu antes de você conseguir — disse ela baixinho. — Uma pena. Tragédia.

— Errado.

Ela olhou para ele, suando, rosado. Ela se lembrou do último mês antes de Lotto morrer. Seu mau humor, seus monossilabos. O jeito que ele olhava esquivamente para ela. Mathilde tentou se lembrar da última vez que tinham visto Chollie juntos antes da morte de Lotto. E, de repente, ela viu a noite na galeria de Ariel, para onde ele a arrastara para o *vernissage* póstumo de Natalie, esculturas metálicas enormes com rostos gritando, o lugar transformado numa floresta de contos de fada, todo sombrio e escuro. Talvez, dissesse ela a si mesma, já tivesse passado tempo demais e não houvesse mais perigo em Ariel. Mas um garçom bonitinho derramara vinho tinto no vestido de seda dela, o que a obrigou a correr para tirar a mancha e, quando voltou, seu marido tinha sido substituído por um robô parecido com ele, um homem que não sorria quando olhava para ela, que olhava para o lado ao falar com ela, que, mais tarde, fervia. Em algum momento entre o beijo delicado em sua testa justo antes de a taça virar da bandeja e, com uma terrível lentidão, derramar em sua saia, e o momento em que ela voltou, Chollie contara a ele sobre o arranjo que ela tinha com Ariel. O mundo tremeluziu diante dela.

Ele percebeu que ela entendeu e riu.

— Estou arriscando tudo, querida — disse ele. — O meu jogo é de longo prazo.

— Por quê? — perguntou.

— Você tomou ele. — Sua voz saiu muito áspera, muito apressada. Ele ajeitou os óculos no nariz e entrelaçou as mãos. — Ele era a única pessoa que eu tinha, e você o tomou. Mas você também é uma pessoa ruim que nunca o mereceu.

— Eu quis dizer, por que agora? Por que não dez anos atrás? Por que não daqui a vinte anos?

— Nós dois sabemos como nosso velho amigo gostava de vagina. Qualquer uma e todas. E, francamente, querida, eu sempre soube que algum dia a sua ia ficar bem velhinha. Toda flácida e frouxa. A menopausa se aproximando. E o pobre Lotto sempre quis ter um filho. Com você fora do caminho, ele poderia ter o filho que queria. E todos nós queríamos dar o que ele queria. Não?

Ela não confiava em si mesma a ponto de garantir que não fosse matá-lo com a colher. Levantou-se, entrou e trancou a porta.

Por horas após ter visto Chollie descer a entrada de veículos de cascalho, Mathilde ficou sentada na cozinha. Anoiteceu, e ela não acendeu as luzes. Para o jantar, abriu uma garrafa de vinho que ganhou de presente do produtor de alguma peça de Lotto de anos antes, selvagemmente cara, com sabor defumado que durava na sua língua. Quando a garrafa terminou, ela ficou de pé e subiu até o escritório do marido no alto da casa. O pé de planta-jade dele, negligenciado havia tanto tempo, secara. Seus livros estavam esparramados, abertos pelo local,

seus papéis continuavam espalhados em cima da mesa.

Ela se sentou na cadeira de couro e afundou na marca criada por longos anos sob o peso do marido. Apoiou a cabeça na parede atrás, onde a cabeça do marido deixara um brilho. Olhou para a janela onde ele passara tantas horas sonhando, perdido na própria imaginação, e foi tomada por um formigamento sinistro. Sentia-se enorme, do tamanho da casa, coroada com a lua, o vento nos ouvidos.

[Luto é dor internalizada, abscesso da alma. Raiva é dor como energia, explosão súbita.]

Esta seria por Lotto.

— Esta vai ser engraçada — disse ela em voz alta para a casa vazia.

Dia da formatura. Morros roxos, sol adstringente. O hino tocou depressa demais, e todo mundo estava esbaforido e rindo. Um vislumbre rápido do rosto gordo de Chollie espremido entre os espectadores, sério. Mathilde não se dera o trabalho de contar ao tio que estava se formando. Ela teria gostado de ver o motorista, mas não sabia o nome verdadeiro dele. Não falava com Ariel desde a última ida à cidade, logo depois que seu último cheque do aluguel foi compensado, cumprido o contrato. Não havia ninguém lá para vê-la. Bem. Ela não esperara ninguém.

Eles entraram numa confusão no pátio e suportaram os longos discursos e algum comediante em quem ela não prestou atenção porque Lotto estava na fila na sua frente e ela observava a dobra rosada da orelha dele, querendo colocá-la na boca e chupar. Ela recebeu aplausos educados ao atravessar o palco. Ele recebeu uma ovação ao atravessar o palco.

— Chato ser tão popular — comentou ela, mais tarde, depois dos confetes de capelos e de eles se encontrarem e se beijarem.

A rapidinha no quarto de Lotto, antes de ele fazer as malas. O cóccix dela na mesa de carvalho dura, a risada abafada quando alguém bateu à porta.

— Estou entrando no chuveiro! — gritou ele. — Saio em um sexozinho.

— O quê? — Era sua irmãzinha Rachel, sua voz na altura da maçaneta, vindo do corredor.

— Ah, droga. Em um segundinho — gritou ele, corando, e Mathilde mordeu o ombro dele para não rir.

Quando Rachel entrou, Lotto gritava embaixo da água fria do chuveiro, e Mathilde estava ajoelhada, guardando os sapatos dele numa caixa de papelão.

— Olá — disse ela à menininha, que, coitada, nem de longe era tão deslumbrante quanto o irmão.

Nariz comprido fino, maxilar miúdo, cabelo castanho-escuro, tensa como uma corda de violão. Quantos anos? Uns nove, mais ou menos. Ela ficou parada de olhos arregalados, em seu vestido de babados bonitinho, e disse, arfando: — Ah! Você é muito bonita.

— Já gosto de você — disse Mathilde.

Ela se levantou, foi até a porta e se curvou para dar um beijo na bochecha da menina. Nesse instante, Rachel viu o irmão saindo do banheiro de toalha, com vapor ao redor dos ombros, e correu para abraçá-lo pela cintura. Ele riu e disse: — Rachel! Raqueúrra!

Atrás de Rachel apareceu tia Sallie, com cara de furão, do mesmo grupo genético que a menininha.

— Minha nossa — exclamou a tia, parando ao ver Mathilde. Um rubor subiu de sua gola alta de renda. — Você deve ser a namorada do meu sobrinho.

Estávamos nos perguntando quem seria especial o suficiente para prendê-lo, e agora entendi. Prazer em conhecê-la. Pode me chamar de Sallie.

Lotto olhava para a porta, o rosto se anuviando.

— Mãezinha está no banheiro? — perguntou ele. — Ela ainda está subindo a escada?

Claro como água: coloque sua mãe e sua mulher na mesma sala e elas se apaixonariam uma pela outra, pensava ele. Ah, que garoto meigo.

Mathilde endireitou os ombros, empinou o queixo, esperando Antoinette entrar, a troca de olhares, o posicionamento. Ela tinha recebido um bilhete aquela manhã em sua caixa de correio do campus. *Não pense*, dizia, *que não vejo você*. Sem assinatura, mas recendendo às rosas de Antoinette. Mathilde o guardara numa caixa de sapato que, um dia, ficaria cheia desses bilhetes.

Mas Sallie disse: — Não. Sinto muito, filhinho. Ela mandou lembranças e me deu isso para te entregar.

Passou um envelope para ele, o cheque visível contra a luz que vinha da janela: era a letra de Sallie, não da mãe dele.

— Ah — disse Lotto.

— Ela te ama — afirmou Sallie.

— Claro — concordou ele, se afastando.

O que não conseguiu enfiar na caminhonete, Lotto deixou na rua para os catadores pegarem. Ele tinha muito pouco. Mathilde sempre adorou sua indiferença aos bens materiais. Depois que ele carregou tudo até o apartamento dela para passar lá a última semana do contrato de aluguel, os dois foram jantar cedo com Sallie e Rachel.

Mathilde bebia goles do vinho para esconder a emoção. Não conseguia se lembrar da última vez que havia se sentado como parte de uma família, ainda mais num lugar tão sossegado e decente como aquela sala silenciosa, cheia de samambaias, com aqueles tecidos brancos e lustres de metal, os formandos felizes e seus pais beberões. Do lado deles da mesa, onde estavam Lotto e Sallie, cada um contava mais histórias que o outro, gargalhando.

— Achava que eu não sabia o que você estava aprontando com aquele moleque do zelador no antigo galinheiro, quando era pequeno? — dizia ela, e o rosto dele estava cor-de-rosa e iluminado de prazer. — Todas aquelas estocadas, e as caras de bobos suadas e culpadas quando vocês saíam? Ah, querido, você esquece que eu enxergo através das paredes.

Então ela fez uma expressão que dava a entender que estava se lembrando de Rachel, mas a menina não prestava atenção nela. Estava encarando a namorada do irmão, piscando tão depressa que Mathilde ficou preocupada com os cílios da garota.

— Gosto do seu colar — sussurrou a menina.

Mathilde levou a mão ao pescoço e tocou o colar. Era de ouro, com uma

esmeralda grande, que Ariel lhe dera no último Natal. O verde devia combinar com seus olhos, mas o tom de seus olhos era inconstante. Ela o tirou do pescoço e o colocou no de Rachel.

— É seu — disse.

Mais tarde, ela pensaria nesse presente, tão impulsivo, um colar de dez mil dólares para uma menininha, e se sentiria reconfortada por isso, mesmo durante a década que passaram morando no apartamento do subsolo em Greenwich Village, mesmo quando Mathilde ficava sem almoçar para que eles conseguissem pagar a conta de telefone. Era barato comprar uma amizade para a vida toda.

Os olhos da garota se arregalaram, ela tomou o colar nas mãos e aninhou a cabeça na lateral do corpo de Mathilde.

Quando Mathilde ergueu os olhos, ficou imóvel. Na mesa ao lado, estava Ariel. Olhava para ela por cima da salada intocada, com um sorriso na boca, mas um olhar frio como escamas de peixe.

Ela não desviaria os olhos. Relaxou a expressão e retribuiu o olhar até Ariel fazer sinal para o garçom. Ele murmurou algo e o garçom saiu depressa.

— Você está arrepiada — disse Rachel, tocando o braço de Mathilde.

Então o garçom parou muito perto de Mathilde e abriu uma garrafa de um champanhe ótimo, ao que Sallie disse secamente: — Eu não pedi isso.

E o garçom respondeu de um jeito apaziguador: — Eu sei, eu sei. É um presente de um admirador. Posso?

— Que gentileza! Por favor. Lotto tem muitos admiradores — disse Mathilde. — Ter interpretado Hamlet lhe transformou numa celebridade por aqui. Ele é brilhante.

— Ah, eu sei — disse Sallie.

E Lotto deu um sorriso radiante, demonstrando sua satisfação, os olhos percorrendo o local numa tentativa de descobrir que boa alma ali poderia ter mandado o champanhe, a força de seu prazer tamanha que, onde quer que seus olhos pousassem, o receptor da olhadela erguia os olhos da comida e da conversa, e uma expressão de espanto surgia em seu rosto, um rubor, e praticamente todos começavam a retribuir o sorriso, de modo que, naquele início de noite faiscante com o sol entrando pelas janelas em raios dourados, a copa das árvores farfalhando ao vento e as ruas cheias de pessoas reunidas aliviadas, Lotto provocou afloramentos de uma alegria inexplicável em dezenas de peitos, iluminando o já festivo estado de espírito do local apenas com um aceno rápido. O magnetismo animal é real. Espalha-se por convecção corporal. Até Ariel retribuiu o sorriso. Os sorrisos espantados permaneceram nos rostos de algumas pessoas, o olhar de especulação aumentando, esperando que ele olhasse para elas de novo ou se perguntando quem era aquele cara porque, obviamente, nesse dia e nesse mundo, ele era Alguém.

— Enquanto temos champanhe — começou Mathilde, observando as bolhinhas pularem como pulgas para fora do copo —, Lotto e eu temos um anúncio a fazer.

Lotto olhou para Mathilde do outro lado da mesa, piscou, depois sorriu e se virou para a tia e a irmã.

— Tenho pena por mãezinha não estar aqui para presenciar isso. Mas acho que não podemos mais segurar a notícia. Estamos casados — contou.

Depois, beijou a mão de Mathilde. Ela olhou para ele. Ondas de calor aumentavam dentro dela, uma por cima da outra. Faria qualquer coisa no mundo por esse homem.

Durante o alvoroço e as exclamações que vieram em seguida, as mesas mais próximas começando a aplaudir, todas bisbilhotando, Rachel chorando de felicidade, Sallie agitando as mãos perto do rosto, embora obviamente já soubesse da novidade, Mathilde ficou bastante tempo olhando para Ariel. Mas ele se levantara e saíra dali, com suas costas magras azul-marinho cintilando porta afora. Ela se livrara dele. Para sempre, pensou. Um alívio, como um vento frio, a percorreu. Ela terminou seu copo em um gole só e fez uma expressão de desdém.

*

Uma semana após a formatura, Mathilde estava olhando pelas janelas de batente para o jardim do pátio, onde o bordo japonês balançava as folhas ao vento feito mãos minúsculas.

Ela já sabia. Aquele apartamento seria seu primeiro porto de verdade depois de tantos anos à deriva. Estava com vinte e dois anos. Sentia-se terrivelmente cansada. Ali, afinal, poderia descansar.

Conseguia sentir Lotto à sua direita, atrás do seu ombro, emanando Lottice. Num instante, ela sabia, ele se viraria e faria uma piada, e a corretora de imóveis riria, permitindo que uma cordialidade marcasse sua voz pela primeira vez. Automaticamente, apesar de ter experiência suficiente para saber que não deveria investir em gente tão jovem e sem tostão, ela se interessaria pelo casal. Entregaria uma quiche no dia em que se mudassem. Passaria lá sempre que estivesse na redondeza e levaria balas de presente. Ah, Lotto, pensou Mathilde com um desespero amoroso. Assim como a maioria das pessoas extremamente atraentes, ele tinha um buraco no meio. O que as pessoas mais gostavam em seu marido era quão melífluas soavam suas vozes quando ecoavam.

Mathilde sentiu cheiro de cera de abelha no chão. Ouviu a gata da vizinha miando no corredor. O arranhão suave de folha no céu. Isso a completava, a gentileza daquele lugar.

Teve que conter a coisinha ruidosa dentro dela que desejava com todas as forças que ela dissesse não, que fosse embora. Ela não merecia nada daquilo. Ainda podia detonar tudo ao balançar a cabeça negativamente com tristeza,

dizendo que eles poderiam continuar procurando. Mas aí ainda haveria o problema de Lotto. Ele se tornara, afinal, seu lar.

No mesmo instante: a piada, a risada. Mathilde se virou. Seu marido — nossa, meu deus, dela, para toda a vida — estava sorrindo. Ele ergueu as mãos e segurou a mandíbula dela, traçando suas sobrancelhas com os polegares.

— Acho que ela está gostando — disse Lotto.

Mathilde concordou com a cabeça, incapaz de falar.

Poderiam ter vivido só de felicidade, na pobreza glamourosa deles, no apartamento deles. Eram magros como faunos carentes. O apartamento ficava espaçoso com isso. O presente de Rachel — a mesada que a menina de nove anos economizara — acabou depois de três festas e dessa mesma quantidade de meses de aluguel e compras no mercado. A felicidade alimenta, mas não nutre. Ela tentou ser bartender, angariar adeptos para o Sierra Club, falhando nas duas coisas. As luzes apagaram. Eles acendiam velas que ela roubara das mesas ao ar livre de um restaurante e iam se deitar às oito da noite. Davam festas nas quais os convidados traziam a comida, para que pudessem comer o quanto quisessem, e ninguém se importava se eles ficassem com as sobras. Em outubro, eles tinham trinta e quatro centavos na conta, então Mathilde entrou na galeria de Ariel.

Ele estava observando um enorme quadro verde na parede no fundo da sala. Sem se mexer, olhou para Mathilde quando ela disse: — Ariel.

A recepcionista era nova, magra, morena, entediada. Harvard, com certeza. Aquele fulgor de quem tem títulos, o comprimento e o brilho do cabelo. Essa acabaria sendo Luanne.

— Tem hora marcada? — perguntou ela.

— Não — respondeu Mathilde.

Ariel cruzou os braços, aguardando.

— Preciso de um emprego — gritou ela de longe.

— Não há vagas — disse a recepcionista. — Sinto muito!

Mathilde ficou olhando para Ariel por um bom tempo até a recepcionista dizer muito secamente: — Desculpe-me. Esta é uma empresa privada. Você precisa ir embora. *Desculpe-me*.

— Está desculpada — disse Mathilde.

— Luanne, vá buscar três *cappuccini*, por favor — ordenou Ariel.

Mathilde sorriu: *cappuccini*. A moça bateu a porta ao sair.

— Venha aqui — disse ele. A briga de Mathilde consigo mesma não ficou visível quando ela se aproximou. — Mathilde — murmurou —, em que mundo eu poderia lhe dever um emprego?

— Você não me deve absolutamente nada — disse ela. — Concordo.

— Como pode me pedir alguma coisa depois do seu comportamento?

— Comportamento?

— Ingratidão, então — disse ele.

— Ariel, nunca fui ingrata. Eu tinha cumprido o contrato. Como você sempre disse, era trabalho.

— Trabalho — repetiu ele. Seu rosto tinha ficado vermelho. Suas sobrancelhas estavam erguidas. — Você se casou com esse tal de Lancelot duas semanas antes de se formar. Só posso presumir uma relação conjugal. Isso não é cumprir o contrato.

— Conheci você em abril do meu último ano no ensino médio — disse ela. — Se for contar, estendi o contrato em duas semanas.

Eles sorriram um para o outro. Ariel fechou os olhos e suspirou. Quando os abriu, estavam úmidos.

— Eu sei que era trabalho. Mas você me magoou muito — disse ele. — Não fui cruel com você. Ir embora sem manter contato, isso me surpreendeu, Mathilde.

— Trabalho — repetiu ela.

Ele a observou de cima a baixo. Tinha comprado os lindos sapatos que ela estava usando, já gastos no dedão. Comprara o terninho preto. Ela não cortava o cabelo desde o verão. Ele semicerrou os olhos e inclinou a cabeça.

— Você está magra. Precisa de dinheiro. Eu entendo. Tudo o que precisa fazer é implorar — disse ele baixinho.

— Eu não imploro — afirmou ela.

Ele riu, e a recepcionista mal-humorada voltou ruidosamente com uma bandeja de cappuccinos na mão, e Ariel disse, *sotto voce*: — Tem sorte de eu ter me afeiçoado a você, Mathilde. — Mais alto, falou: — Luanne, essa é Mathilde. Ela vai se juntar a nós aqui amanhã de manhã.

— Ah. Oba — disse Luanne, e deixou-se cair de novo na cadeira.

Observou-os com atenção, percebendo alguma coisa.

— Funcionária da galeria — disse Mathilde, enquanto andavam devagarinho para a entrada. — Não sua. Sou zona proibida.

Ariel olhou para Mathilde, e ela, que passara tanto tempo com ele, sabia que ele estava pensando: Veremos.

— Toque em mim — disse ela. — E vou embora. É uma promessa.

*

Mais tarde, quando tinha sessenta anos e Ariel, setenta e três, ela ficaria sabendo que ele estava doente. De onde veio a notícia, ela não fazia ideia. O céu cochicharia em seu ouvido, talvez. O próprio ar. Ela só descobriria que ele tinha câncer de pâncreas. Rápido e violento. Durante duas semanas, ela persistiu e, por fim, foi visitá-lo.

Ele estava numa cama hospitalar no deque do lado de fora do apartamento. Todo cobre, topiaria e paisagem. Ela arregalou os olhos e respirou fundo. Ele não passava de um saco murcho de carne com ossos dentro.

— Gosto — disse ele com voz rouca — de ver os pássaros.

Ela ergueu os olhos. Nada de pássaros.

— Segure minha mão — disse ele.

Ela observou a mão, mas não fez isso. Ele moveu a cabeça na direção dela. A pele pendeu na mandíbula.

Mathilde ficou esperando. Sorriu para ele. Pelo canto dos seus olhos, prédios eram iluminados pelo sol.

— Ah — disse ele. Um calor se moveu para o seu rosto. A quase piada tinha reaparecido. — Ela não vai ser forçada.

— Correto — disse ela.

Mas pensou: ah, sua garota assassina, olá. Não vejo você há muito tempo.

— Por favor — pediu ele. — Mathilde. Pegue a mão fria de um moribundo.

Então ela pegou a mão dele, usou as suas para pressioná-la no peito, e a segurou ali. O que não precisava ser dito continuou não dito. Ele dormiu, e a enfermeira veio na ponta dos pés, com passos zangados. Mathilde entrou no apartamento, estéril e de bom gosto, e não se demorou nas imagens que já conhecera bem demais para a ferocidade com que as fitava, contando os minutos até poder ir embora. Mais tarde, andou pelas sombras frias e pelo esplendor de luz vespertina concentrada entre os prédios, e não conseguiu parar. Mal podia respirar. Era muito bom estar mais uma vez em cima daquelas pernas finas enérgicas e apavoradas e não saber, mais uma vez, aonde estava indo.

O detetive particular que seu advogado contratara não era o que Mathilde esperara. Não o tipo durão, cansado e beberrão. Não o tipo avô britânica de cabelo macio. Ler contaminara Mathilde, ela reconheceu, achando graça. Miss Marple e Philip Marlowe demais. Era uma garota jovem, de nariz comprido e fino, cabelo oxigenado e desgrehado. Uma ampla exibição de peitos, com um golfinho sobre a curva superior de um seio, como se estivesse saltando para dentro do decote. Brincos enormes. Era toda animada por fora, mas vigilante por baixo.

— Ui — disse Mathilde em voz alta, quando se cumprimentaram.

Não tivera a intenção de dizer isso.

Fora deixada muito tempo sozinha, então negligenciara a manutenção das formalidades. Isso foi dois dias depois que Chollie a emboscara nua na piscina. Elas estavam se encontrando no pátio de uma torrefadora de café no Brooklyn e ventava nas copas das árvores.

Mas a garota não se ofendeu. Ela riu. No momento, estava abrindo a pasta com a foto, o endereço, o telefone de Chollie, todos os detalhes que Mathilde teve a ideia de passar pelo telefone.

— Não sei quão longe você foi na sua pesquisa — disse Mathilde. — Foi ele quem criou o Fundo Charles Watson. A firma de corretagem de investimentos, sabe. Não sei se você já sabe disso. Uns vinte anos atrás; ele abriu essa empresa quando era só um garoto. Esquema Ponzi total, tenho certeza absoluta.

A garota ergueu os olhos. Havia uma centelha de interesse em seu rosto.

— Você investe? — perguntou ela. — É disso que se trata?

— Não sou retardada, porra — falou Mathilde.

A garota piscou e se recostou na cadeira. Mathilde continuou: — Enfim. Esquema Ponzi é o caminho a seguir, e preciso de provas disso, mas também preciso de mais. Coisas pessoais. O pior que você conseguir. Você conhece o cara por três segundos e já percebe que ele tem um armário cheio de esqueletos. Possivelmente literais. Ele é um cheirador gordo imbecil escroto e quero esfolá-lo vivo.

Ela sorriu radiante. A moça observou Mathilde.

— Sou boa o suficiente para escolher os casos que pego, sabe — falou ela.

— Fico feliz em saber disso. Não contrato bobos.

— Minha única hesitação em relação ao seu é que parece uma vendeta pessoal — disse a moça. — E esses casos são complicados.

— Ah, bem. Assassinato é fácil demais — disse Mathilde.

A mulher sorriu e disse: — Gosto de um pouco de coragem numa dama.

— Mas não sou nenhuma dama — disse Mathilde, já cansada desse estranho flerte, tomando todo seu café para poder ir embora.

Ela se levantou, e a moça disse: — Espere.

Puxou os braços pelas mangas da camisa e a virou, deixando o decote para trás, agora com uma aparência fina, profissional. Tirou a peruca desgrenhada para exibir um cabelo castanho com corte joãozinho. Tirou os brincos e os cílios postiços. Era uma pessoa diferente, severa e perspicaz. Parecia a única aluna mulher numa festa do departamento de matemática.

— Essa demonstração de habilidade com disfarces foi nível James Bond — comentou Mathilde. — Hilário. Aposto que isso costuma fechar negócios para você.

— Costuma, sim — disse a detetive, parecendo envergonhada.

— E o golfinho do peito? — perguntou Mathilde.

— Tive uma juventude burra.

— Todos nós tivemos juventudes burras — disse Mathilde. — Eu as considero deliciosas.

Sorriram uma para a outra na mesa salpicada de pólen.

— Está bem. Você vai dar para o caso — concluiu Mathilde.

— Amor, eu vou mais que *dar* — disse a moça Depois se inclinou para a frente e se demorou tocando a mão de Mathilde, apenas o suficiente para deixar claro o que quis dizer.

*

*A cólera é minha sustança; ceio às minhas custas,
E assim morrerei de fome com a alimentação.*

Volumnia diz isso no *Coriolano* de Shakespeare. Ela — determinada, controladora — é muito mais interessante que Coriolano.

Infelizmente, ninguém iria ver uma peça chamada *Volumnia*.

As nuvens baixaram, embora o dia pela janela brilhasse com a luz do sol.

Ela era nova para sua empresa de internet. Era um site de encontros que mais tarde seria vendido por um bilhão. Ela estava havia três anos na galeria. Todas as manhãs, respirava fundo na calçada, fechava os olhos e se preparava para entrar. O dia inteiro, sentia Ariel olhando para ela. Fazia seu trabalho. Cuidava dos artistas, acalmando-os, mandando presentes de aniversário.

— Meu prodígio — dizia Ariel, ao apresentá-la. — Um dia, Mathilde vai comandar o espetáculo.

Luanne fazia cara feia toda vez que ele falava isso. E chegou o dia em que um artista histórico veio de Santa Fé, e Ariel e ele tiveram um jantar demorado, e quando voltaram, Mathilde ainda estava no escuro no fundo do escritório, escrevendo o texto de um catálogo para uma exibição. Ela ergueu os olhos e ficou paralisada. Ariel estava à porta, observando-a. Ele se aproximou, se aproximou mais. Pôs as mãos em seus ombros e começou a massagear. Encostou o corpo em suas costas. Após tanto tempo esperando aquilo terminar, ela ficou vagamente desapontada com a falta de bom gosto dele: um gesto inesperadamente grosseiro, uma esfregação. Ela se levantou e disse: — Acabou.

Depois passou por Luanne, que estava observando da fachada, tirou toda a sua licença médica de uma vez e encontrou um emprego novo dias depois sem nunca ter dito a Ariel que estava saindo de vez da galeria.

Mas, essa manhã, Mathilde não conseguia se concentrar no trabalho. Foi na sala do chefe e pediu para ser liberada. Ele, com os olhos semicerrados atrás dos óculos, a boca numa contração azeda, a observou ir.

No parque, as folhas dos bordos tinham um brilho, como se douradas na ramificação. Ela andou até tão longe, estava tão perdida, que, quando voltou para casa, seus joelhos pareciam gelatinosos. Havia um amargor no fundo de sua língua. Ela pegou um palito da embalagem com vinte que guardava, com pavor, embaixo das toalhas. Mijou em cima. Esperou. Bebeu uma garrafa Nalgene inteira de água. Fez isso repetidas vezes, e toda vez o palito paciente lhe informava *sim*. Sinal de mais. Você está frita! Ela colocou os bastões num saco e enfiou o mais fundo que pôde na lixeira.

Ouviu Lotto entrar, então ela abriu os olhos embaixo da água fria.

— Oi, amor — gritou Mathilde. — Como foi seu dia?

Ele ficou andando pela casa, falando sobre um teste de elenco, uma ponta cruel num comercial, ele nem queria, era humilhante, mas viu o garoto daquele programa de televisão no final dos anos setenta, o de rodaminho no cabelo e orelhas esquisitas, lembra? Ela enxugou o rosto, penteou o cabelo com os dedos, praticou o sorriso até que não parecesse tão feroz. Apareceu, ainda de casaco, e disse: — Estou saindo para buscar uma pizza.

E ele perguntou: — Mediterrânea?

Ela respondeu: — É.

Ele disse: — Eu te adoro com toda a medula dos meus ossos.

— Eu também — disse ela, de costas.

Fechou a porta da frente e afundou nos degraus que levavam à casa da senhora no andar de cima, se deitou, com os braços cruzados acima dos olhos porque o que ela ia fazer, o que ela ia fazer?

Mathilde percebeu um cheiro forte de pés. Ao lado dela, nos degraus, viu um par de chinelos surrados bordados e remendados com barbante.

Bette, a vizinha do andar de cima, olhou com desânimo para Mathilde.

— Venha — disse ela, do seu jeito britânico formal.

Entorpecida, Mathilde seguiu a velha pela escada. Um gato pulou nela como um palhacinho de mola. Apartamento meticulosamente limpo, moderno, de meados do século, reparou Mathilde, com surpresa. Paredes de um tom branco muito brilhante. Ramo de folhas de magnólia numa mesa, verde-escuro com um marrom enjoativo embaixo. No console da lareira, três crisântemos bordô queimados. Nada disso era esperado.

— Sente-se — disse Bette.

Mathilde obedeceu. A mulher se afastou, arrastando os pés.

Pouco depois, a velha voltou. Uma xicara de camomila quente, um LU Petit Écolier Chocolat Noir. Mathilde provou, voltando a um pátio de escola, luz passando através das folhas na terra, o estalo de um cartucho novo em sua caneta.

— Não posso censurar você. Também nunca quis um filho — disse a velha, olhando para Mathilde por cima do nariz comprido.

Havia farelos em seus lábios.

Mathilde piscou.

— No meu tempo, a gente não sabia nada. Não vivi numa época em que havia escolha. Eu usava ducha de Lysol, imagine. Que ignorância. Quando foi minha vez, tinha uma senhora no andar de cima da papelaria com uma faca de lâmina fina. Terrível. Eu queria morrer. Podia ter morrido, fácil. Em vez disso, recebi o presente da esterilidade.

— Cruzes — disse Mathilde. — Andei falando alto sozinha?

— Não — disse Bette.

— Mas como ficou sabendo? Eu mesma mal sei.

— É meu superpoder — disse Bette. — Percebo pelo porte da mulher. Muitas vezes, já me meti em confusão ao mencionar isso quando era uma surpresa desagradável. O seu caso estava claro para mim há cerca de duas semanas.

Elas ficaram ali sentadas naquela longa tarde. Mathilde observava os crisântemos e só se lembrou de beber o chá quando já estava morno.

— Me perdoe — disse Bette. — Deve ser dito que, do meu ponto de vista, pelo menos, um filho não seria a pior coisa. Você tem um marido que te adora, um emprego, uma casa para morar. Parece ter quase trinta anos, idade suficiente. Uma criança nessa casa não seria a pior coisa. Eu gostaria de cuidar de um bebê de vez em quando, ensinar as canções de ninar da minha avó escocesa. *Eenity feenity, fickety feg*. Ah, não, *As eh gaed up a field o neeps*, hã? Mimá-lo com biscoitos. Quando pudesse comer biscoitos, é claro. Não é a pior coisa.

— *Seria a pior coisa* — retrucou Mathilde. — Não seria justo com o mundo. Nem com a criança. E só tenho vinte e seis anos.

— Vinte e seis! — exclamou Bette. — Seu útero é praticamente uma antiguidade. Todos os seus óvulos estão ficando ruins aí dentro. E você acha o quê? Que iria parir um monstro? Um Hitler? Por favor. Olhe para você. Tirou a sorte grande na genética.

— Você ri. Mas meus filhos sairiam com presas e garras.

Bette olhou para ela.

— Escondo bem as minhas — disse Mathilde.

— Não sou ninguém para julgar — disse Bette.

— Não é.

— Vou ajudar — disse a velha. — Não se desespere. Vou ajudar. Você não vai ficar sozinha nessa.

*

— Nossa, isso demorou um bilhão de anos — disse Lotto, quando ela entrou com a pizza.

Ele estava com muita fome para reparar nela antes de comer quatro fatias. A essa altura, Mathilde havia se recomposto.

À noite, sonhou com coisas que viviam na escuridão. Minhocas cegas se retorcendo com um brilho perolado, redemoinhos de pergaminho com veios azuis. Escorregadios e nojentos.

Ela sempre odiara senhoras grávidas. Os cavalos de Tróia originais, elas.

Horível pensar que dentro de um ser humano poderia haver um ser humano. Um cérebro separado com pensamentos separados. Muito depois, no mercado, Mathilde observaria uma mulher inchada quase explodindo, tentando alcançar os picolés na prateleira alta, e imaginaria como era ter uma pessoa dentro da outra que não fora inteiramente engolida. Alguém que não estava condenado desde o início. A mulher olhou irritada para Mathilde, que era gigantesca, alta o suficiente para alcançar, então sua expressão mudou para o que Mathilde mais detestava nas senhoras grávidas: a santidade reflexiva.

— Posso ajudar? — perguntou a mulher, toda melosa.

Mathilde virou as costas bruscamente.

No momento, se levantou da cama onde Lotto respirava docemente em seu

sono e levou uma garrafa de rum para o apartamento de Bette. Ficou parada em frente à porta, sem bater, mas mesmo assim a velha a abriu, vestindo uma camisola de mulher desmazelada, o cabelo parecendo um rodaminho grisalho.

— Pode entrar — disse ela.

Acomodou Mathilde no sofá, cobriu-a com um cobertor de lã e jogou a gata no seu colo. Ao lado da mão direita de Mathilde, chocolate quente com uma glória de rum. Na televisão, Marilyn Monroe em preto e branco. Bette se deitou no divã e roncou. Mathilde voltou na ponta dos pés para casa antes que Lotto acordasse e se vestiu como se fosse trabalhar, mas depois ligou para o trabalho e avisou que estava doente. Bette, com o rosto erguido ao volante, sentada em almofadas do seu sofá, a levou de carro até a clínica.

*

[A oração de Mathilde: Deixe-me ser a onda. E se eu não puder ser a onda, deixe-me ser a ruptura no fundo. Deixe-me ser aquela terrível primeira brecha na escuridão.]

*

Por bastante tempo, Mathilde ficou pegajosa por dentro. Um barro acinzentado se esfarelando na própria superfície. Não era que ela se arrependesse de algo. Era que a situação tinha sido muito arriscada. Lotto estava distante dela, no pico de alguma colina que ela estava muito cansada para escalar. Mathilde ia levando a vida, deixando os dias a arrastarem.

Mas havia pequenos milagres para a estimularem. Um macaron de água de rosas na caixa do correio, num envelope de papel encerado. Uma hortênsia roxa como um repolho na soleira da porta. Mãos frias e enrugadas pressionando suas bochechas, passando pela escada. Presentinhos de Bette. Luzes brilhantes na escuridão.

— Uma coisa difícil — dissera Bette na sala de espera. — Mas certa. O que você está sentindo vai diminuir aos poucos.

E diminuiria.

Quando ela tinha vinte e oito anos, seu marido foi passar uma semana em Los Angeles para um pequeno papel num drama policial, e ela marcou a esterilização.

— Tem certeza? — perguntou o médico. — Você é jovem o suficiente para mudar de ideia. Nunca se sabe quando o relógio vai começar a tiquetaquear.

— Meu relógio está quebrado — respondeu.

E ele olhou para ela, das botas de cano alto até ao topo da cabeça loura, o delineador que ela usava naquela época estava puxado no canto de fora, formando olhos de gatinho. Ele achou que a entendia e a considerou fútil. Assentiu, depois se virou secamente. Plantou as pequenas espirais em suas trompas. Ela comeu gelatina, assistiu a desenhos animados e deixou as enfermeiras trocarem seu cateter. Foi uma tarde muito agradável, na verdade.

Ela faria isso de novo, se precisasse. Para poupar o horror. Para se salvar.
Ela faria de novo e de novo e de novo e de novo e de novo e de novo e de novo,
se precisasse.

Mathilde não reconheceu a detetive particular nos degraus do Met. Ela estava procurando a moça da torrefadora de café no Brooklyn de duas semanas atrás, qualquer uma das encarnações: desgrehada e com o golfinho tatuado ou elegante e perspicaz. Havia uma família de turistas corpulentos, um jovem de pele macia, que Mathilde observou atentamente, e uma colegial loura carrancuda de saia kilt, blazer e uma mochila cheia demais. Ela escolheu se sentar ao lado da colegial, e a garota se virou para ela e deu uma piscadela.

— Santo deus — disse Mathilde. — Linguagem corporal e tudo. Pernas desengonçadas e atitude. Achei que eu estivesse olhando para o meu doppelgänger de trinta anos atrás.

— Tive uma vigilância mais cedo — contou a investigadora. — Adoro meu trabalho.

— Você era aquela garotinha com uma caixa de fantasia, hã — disse Mathilde.

A detetive sorriu, mas exprimiu tristeza. Ela logo aparentou a idade que tinha.

— Bem, eu era atriz. Uma Meryl Streep mais jovem era o que eu queria ser.

Mathilde não falou nada, e a detetive continuou: — E sim. Claro que eu conhecia seu marido. Conhecia mesmo. Trabalhei numa das peças dele durante minha juventude. A oficina para *Grimoire* no ACT em São Francisco. Todo mundo era apaixonado por ele. Sempre pensei nele como um pato, sabe? Lancelot Satterwhite está para adoração assim como o pato está para a água. Ele só queria nadar num grande lago de adoração, mas a água nunca era absorvida a ponto de tocá-lo, acabava sempre escorrendo.

— Parece isso mesmo — falou Mathilde. — Dá para perceber que você realmente o conheceu.

— Talvez eu não devesse dizer isso — confessou a moça. — Mas não vejo mal, agora que ele já faleceu. Melhor do que ninguém, você sabia como ele era. Mas o elenco e a equipe faziam tipo uma aposta. Sempre que alguém errava alguma coisa no ensaio, tinham que colocar uma moeda de vinte e cinco centavos no pote, e quem conseguisse seduzir Lancelot primeiro ficava com o dinheiro. Tanto homens quanto mulheres. Nós doze.

— Quem ganhou? — perguntou Mathilde.

Havia um tique no canto da sua boca.

— Não esquite — disse a moça. — Ninguém. Na noite de estreia, demos o dinheiro para nosso contrarregra porque ele estava com um bebê novo em casa. — Ela tirou uma pasta da mochila e entregou a Mathilde. — Ainda estou trabalhando no ângulo pessoal. Definitivamente tem alguma coisa aí, só preciso

descobrir o que é. Enquanto isso, paguei para termos um informante na Charles Watson. Vice-presidente sênior. Ele se considera um denunciante nobre, mas só depois que juntou uma fortuna, uma casa nos Hamptons, *ad nauseam*. Essa pasta aqui é a nata da superfície. E, cara, isso vai longe.

Mathilde leu, e ao erguer os olhos, a rua estava ensolarada.

— Caramba — exclamou.

— Tem mais — continuou a detetive. — É terrível. Um monte de gente rica vai ficar puta da vida. Seja qual for o motivo, estamos fazendo bem ao mundo.

— Ah, bem. Sempre desconfiei de autoelogios — disse Mathilde. — Vamos comemorar adequadamente quando você me entregar as coisas pessoais.

— Comemorar? Você, eu, champanhe e uma suíte no St. Regis? — sugeriu a detetive, se levantando.

Mathilde olhou para as pernas descobertas e fortes dela, o quadril estreito, o rosto vigilante escondido embaixo de toda aquela lourice. Sorriu, sentiu o mecanismo enferrujado do flerte começar a se mexer. Ela nunca estivera com uma mulher. Provavelmente seria mais macio, menos musculoso, como ioga sexual. Pelo menos seria diferente.

— Pode ser. Depende do que você me entregar.

A detetive assobiou baixinho e disse: — Para o trabalho agora eu vou.

*

Quatro anos após a morte de Lotto, quando Mathilde estava com cinquenta anos, ela comprou uma passagem para Paris.

Tudo estava tão luminoso fora do avião que ela precisou colocar óculos escuros. Mesmo assim, a luminosidade entrava e quicava pelo seu cérebro como uma bola de frescobol. E ela também não queria que ninguém reparasse que o cheiro do lugar para onde ela estava voltando a deixava arrasada, fazendo seus olhos vazarem.

Ela voltara a ficar pequena ali. Nessa língua, era de novo incapaz de ser vista. Recompôs-se num café em frente ao portão de desembarque. Quando o garçom do aeroporto lhe entregou o *espresso* e o *pain au chocolat* numa bolsa plástica, ele falou com ela em francês, embora se virasse e, com os sofisticados na mesa ao lado, falasse um inglês não flexionado. Quando chegou a hora de pagar, ela não entendeu esse negócio de euro. Procurou francos na bolsa.

Naquele dia cinzento granuloso, Paris a impressionou com os aromas. Escapamento, mijo, pão e cocô de pombo, poeira e árvores perdendo as folhas e vento.

O motorista do táxi, com o nariz marcado por poros, passou bastante tempo olhando para Mathilde pelo retrovisor e perguntou se ela estava bem. Como ela não respondeu, ele disse de um jeito tranquilizador: — Pode chorar aqui, chuchu. Chore o quanto quiser. Não é nenhum sacrifício ver uma mulher bonita chorar.

No hotel, ela tomou banho e trocou de roupa, depois alugou um Mercedes

branco e saiu da cidade. O rio barulhento do tráfego reconfortou a americana dentro dela.

As rotatórias ficaram mais apertadas. As estradas, menores. No fim, eram de terra. Havia vacas, tratores, vilarejos semiabandonados de pedra cinzenta escurificada.

O que parecera tão grandioso em sua mente era, na verdade, terrivelmente minúsculo. O estuque da casa fora renovado, pintado de branco sob a hera trepadeira. As pedras na entrada de veículos eram novas, seixos cor de creme bem redondinhos. Os teixos haviam crescido, tinham as copas cortadas rentes, como os meninos no primeiro dia de aula. As uvas viníferas no fundo serpeavam verdes até onde ela conseguia ver, entrando pelos velhos campos de vacas da sua avó.

Um homem um pouco mais novo que Mathilde consertava a roda de uma moto na entrada. Usava uma jaqueta de motociclista e tinha uma franja com gel caída na testa. Mathilde reconheceu seus dedos compridos nos dele. Seu pescoço longo. A mesma ponta dobrada da orelha esquerda.

— Papa — disse em voz alta, mas, não, o homem era muito jovem.

Na janela, apareceu uma mulher. Forte, olhar cansado, idosa, embora seu cabelo fosse tingido de um tom preto como tinta de lula. Tinha feito um risco grosso de delineador nas pálpebras inferiores. Olhou para Mathilde no carro e sua boca enrugada se mexeu, como se ela estivesse mastigando algo. Sua mão, que segurava a cortina, era vermelha, esfarrapada, como se tivesse passado uma vida entre as entranhas frias dos peixes.

Mathilde se lembrou de um armário cheio de queijos amadurecendo, o cheiro avassalador. Cega a princípio, ela foi embora de carro.

No vilarejo, a catedral foi desconcertante. Um seixo romanesco, sendo que ela se lembrava de algo grandioso, chocante. Gótico. O *tabac* vendia ovos ainda sujos de titica de galinha. Era apenas meio-dia e a *boulangerie* estava fechando. Ela entrou num *salon* que também vendia pizzas para viagem e era a *mairie*.

Quando a prefeita se sentou e Mathilde disse o que queria, a mulher piscou tão furiosamente que deixou listras de rimel preto na parte interna das lentes dos óculos.

— Mas você tem certeza absoluta? — perguntou. — Aquela casa, bem... É daquela família há centenas de anos.

— É a única casa no mundo para mim — afirmou Mathilde.

O sotaque bretão retornou com facilidade à sua língua. Resistente como novilhas, como as pedras nos campos.

— Vai ter um custo para você — informou a prefeita. — Eles são muito avaros, aquela família, muito agarrados com o dinheiro que têm.

Ela franziu a boca e fez um gesto de esfregar as pontas dos dedos perto do peito.

— Consigo me imaginar sendo feliz lá — disse Mathilde. — E só lá. Anseio voltar para essa cidade no verão. Talvez até abrir um antiquarizinho com lugar para tomar chá, atrair os turistas.

A expressão da prefeita relaxou ao ouvir isso. Mathilde sacou o cartão bege do seu advogado e empurrou-o na mesa.

— Por favor, conduza todos os negócios por meio desse homem. Você vai ganhar, é claro, uma comissão de cinco por cento.

— Seis — disse a prefeita.

— Sete. Não me importo. O que for necessário.

A prefeita assentiu, Mathilde se levantou e, ao sair, disse: — Faça sua mágica.

Voltou para Paris com a sensação de que outra pessoa dirigia o carro. Fazia vinte e quatro horas que não comia quando, por fim, se sentou em sua mesa no La Closerie des Lilas. Não a melhor comida de Paris. O mais literário dos restaurantes, no entanto. Ela estava usando um tubinho de seda prateado, com o cabelo para trás, o rosto corado de um jeito bonito.

Quando o garçom apareceu, Mathilde apenas disse: — Faz muito tempo que não venho à França. Sinto falta da comida como um membro fantasma.

Os olhos castanhos do homem brilharam. Seu bigode se sobressaltou como um rato que levou um beliscão.

— Vou trazer nossos melhores pratos para você — prometeu.

— E o vinho que harmoniza — disse ela.

Ele fingiu exasperação.

— Claro — disse. — Eu blasfemaria?

Quando ele colocou o champanhe diante dela e o lagostim na maionese de ervas, ela disse: — Obrigada.

Comeu, os olhos semicerrados.

O tempo todo, soubera que Lotto estava com ela, do outro lado da mesa, desfrutando junto a comida. Ele teria adorado essa noite, o vestido dela, a comida, o vinho. O desejo cresceu dentro dela até ficar quase insuportável. Se erguesse o olhar, ela sabia, veria apenas uma cadeira vazia. Ela não ergueu o olhar.

Depois do queijo, o garçom trouxe um prato com frutinhas de marzipã de tons pastel, e Mathilde sorriu para ele.

— *À la victoire* — disse.

— *À l'amour* — disse ele, piscando.

Ela voltou devagar para o hotel, andando pelos paralelepípedos que levantavam vapor depois da breve tempestade de verão que passara pela cidade enquanto ela comia. Sua sombra a acompanhava ao lado. Ela conseguiu chegar ao banheiro, sentando-se calmamente na banheira de travertino amarelo antes de se curvar e vomitar.

Pegou um voo de volta para sua casinha branca no jardim das cerejeiras. A compra da casa na França demorou meses. No dia em que a transação foi concluída — por uma fração do que Mathilde teria pagado, mas, aparentemente, muito mais do que a casa valia —, seu advogado lhe mandou uma garrafa de Château d'Yquem.

Ela ligou para ele.

— Excelente trabalho, Klaus.

— Obrigado, Sra. Satterwhite — disse. — Eles foram... exigentes.

— Ah, mas são pessoas exigentes — concordou ela despreocupadamente. — Sinto dizer isso, mas acho que tenho mais trabalho para você.

— Claro. É por isso que estou aqui — falou ele.

— Agora, por favor, mande demolir a casa. Do teto às vigas. As vinhas nos fundos, arrancadas do chão. Tudo. Sei que é uma propriedade antiga e que isso é contra todos os tipos de leis, mas faça tão depressa para que ninguém tenha tempo de saber o que você está fazendo. E faça o quanto antes.

A mais leve hesitação. Ela adorava esse homem discreto.

— Como quiser — disse ele.

Nas fotos que ele mandou uma semana depois, havia céu onde antes era chaminé, uma vista desimpedida do pomar onde antes ficavam as paredes de pedra de quatrocentos anos. O terreno era um manto de terra suavemente estendido.

Era menos, pensou ela, como olhar para um cadáver do que olhar para onde um cadáver fora sepultado.

Seu coração se abriu e vazou. Este que havia estado ali para ela.

Mandou para Klaus um carro muito melhor que ela mesma tinha. A voz dele estava bem-humorada quando ela lhe telefonou.

— O trabalho está feito — disse ele —, mas não sem muita gritaria e muita, muita raiva. Muitas lágrimas. Acho que você não pode aparecer naquela cidade tão cedo.

— Ah, bem — disse ela. — Conte uma novidade.

Mathilde falou isso com leveza, sim. No entanto, sentia a velha fera se agitando dentro dela.

— Você tem uma mania patológica de dizer a verdade — disse-lhe Lotto certa vez.

Mathilde riu e concordou. Naquela hora, não tinha certeza se estava mentindo ou dizendo a verdade.

Grandes faixas de sua vida eram espaços em branco para seu marido. O que ela não lhe contava contrabalançava ordenadamente o que lhe contava. No entanto, há inverdades constituídas de palavras e inverdades constituídas de silêncios, e Mathilde só mentira a Lotto no que nunca contara.

Não contou que nunca se importou de ser o ganha-pão do casal durante o longo período em que os dois tinham vinte e tantos anos, nem com a pobreza, nem com os almoços pulados e os jantares de arroz e feijão, nem com a transferência do dinheiro de uma conta pequena para pagar as contas mais urgentes, nem de aceitar dinheiro da irmã pequena de Lotto, que dava porque era uma das únicas pessoas no mundo que eram boas de verdade. A gratidão dele pelo que considerava sacrifício da esposa o deixava em dívida para com ela.

Ela se importava, sim, com algo que nunca disse em voz alta: queria que seu marido fosse melhor no que ele escolhera fazer.

Toda aquela espera na fila debaixo de chuva. Entrando só para apresentar um monólogo. Voltando para casa para esperar ao lado do telefone que tocava sem anunciar trabalho. Amuar, beber, dar festas. Engordar, perder o cabelo, perder o charme. Ano após ano após ano.

No último inverno que passaram no apartamento do subsolo, ela pintou o teto de dourado para simular a luz do sol, para se animar, para reunir a coragem de colocar Lotto sentado e delicadamente lhe contar a verdade: que por mais que ela acreditasse no marido, ele talvez quisesse encontrar uma carreira em que ele também acreditasse. Essa busca pela profissão de ator não daria certo.

Antes que ela conseguisse reunir coragem, chegou o ano-novo. Lotto ficou bêbado, como sempre, mas, em vez de cair no sono, permaneceu acordado e, tomado por emoções intensas, escreveu o que estava preso em seu coração havia décadas. Quando ela acordou de manhã cedo, encontrou o computador e, em seu ciúme, tão assiduamente contido, a primeira coisa em que pensou foi nos papos dele no Instant Messenger com alguma personificação loura bonitinha de uma garota marginalizada de dezesseis anos. Ela pegou o laptop para ler o que ele escrevera. E, espantada, descobriu que era uma peça com a estrutura de uma maravilha.

Ela levou o computador para o closet do quarto e trabalhou febrilmente. Editou, condensou, limpou o diálogo e reformulou as cenas. Ele não se lembrava do que havia escrito ao acordar. Ela teve facilidade para fazer a obra se passar inteiramente como dele.

Em poucos meses, *As Nascentes* foi concluída. Polida. Mathilde a leu várias vezes dentro do closet à noite enquanto Lotto dormia, e soube que era boa.

Contudo, por mais que fosse uma peça maravilhosa, uma peça que mais tarde mudaria a vida deles, ninguém queria lê-la. Lotto a levava para produtores, diretores de teatro. Eles ficavam com as cópias que ele mandara encadernar, mas ninguém retornava sua ligação. Mathilde observava a alegria renascida do marido definhar de novo. Parecia uma morte lenta por desbridamento, pequenos sangramentos constantes.

Uma ideia surgiu na forma de um dos bilhetes de Antoinette, um pequeno artigo arrancado de uma revista sobre Han van Meegeren, o falsificador de obras de arte que convenceria o mundo de que suas pinturas sem graça eram Vermeers, embora todos os Jesus que ele pintasse tivessem o próprio rosto do forjador. Antoinette circulara o raio X de uma falsificação, onde, através do rosto redondo fantasmagórico de uma garota, dava para ver a tela pouco inspirada do século XVII sobre a qual Meegeren pintou: uma cena de fazenda, patos, regadores. *Camada falsa em cima de base ruim. Isso me lembra de alguém*, escrevera Antoinette.

Mathilde foi à biblioteca num fim de semana em que Lotto estava nos Adirondacks acampando com Samuel e Chollie, umas férias que ela planejava para tirá-lo do caminho. Encontrou a gravura que queria num livro pesado. Cavalo branco deslumbrante carregando um homem de vestes azuis em primeiro plano, uma confusão de cabeças em cima de outros cavalos, um prédio estonteante numa colina em contraste com o céu. Jan van Eyck, ela descobrira muitos anos atrás, na faculdade. Quando viu o slide durante a aula, seu coração parara.

E pensar que ela o segurara nas mãos no quartinho embaixo da escada na casa do tio. Ela sentira o cheiro: madeira velha, óleo de linhaça, tempo.

— Roubado em 1934 — dissera o professor. — Um painel de um retábulo maior. Presume-se que tenha sido destruído muitos anos atrás.

Ele passou para o próximo exemplo de arte desaparecida, mas Mathilde não conseguia ver nada além de um borrão brilhante.

Na biblioteca, pagou por uma fotocópia colorida e datilografou uma carta. Nenhuma saudação. *Mon oncle*, começava.

Mandou a carta e a fotocópia pelo correio.

Uma semana depois, estava cozinhando espaguete, fazendo pesto, e Lotto estava no sofá, olhando fixo para um exemplar de *Fragmentos de um discurso amoroso*, os olhos desfocados, respirando pela boca.

Ele atendeu o telefone quando tocou. Ficou ouvindo.

— Ah, minha nossa — disse, levantando-se. — Sim, senhor. Sim, senhor. Sim, senhor. Claro. Eu não poderia estar mais feliz. Amanhã às nove. Ah, obrigado. Obrigado.

Ela se virou, uma colher fumegando na mão.

— O que foi isso? — perguntou.

Ele estava pálido, esfregando a cabeça.

— Eu nem — começou e sentou-se pesadamente.

Ela foi até ele e se posicionou entre suas pernas, tocando em seu ombro.

— Amor? — disse ela. — Algum problema?

— Era o Playwrights Horizons. Estão montando *As Nascentes*. Um empresário particular ficou louco pela peça e está patrocinando tudo.

Ele apoiou a testa no peito dela e caiu no choro. Ela beijou o rodadoiro de cabelo na parte de trás da cabeça dele para esconder sua expressão, que ela sabia que seria feroz, sombria.

*

Quando, alguns anos mais tarde, um advogado entrou em contato com ela em seu telefone no teatro onde Lotto estava ajudando a selecionar o elenco para sua nova peça, ela ouviu atentamente. Seu tio, disse o advogado, tinha morrido [roubo de carro; pé de cabra]. Ele deixara seu dinheiro para um abrigo para mães indigentes. Havia, no entanto, uma coleção de antigas obras eróticas japonesas que ele deixara para ela, Aurélie.

Ela disse:

— Mas não sou a pessoa que você está procurando. Meu nome é Mathilde.

E desligou. Quando os livros foram entregues no seu apartamento mesmo assim, ela os levou para a livraria Strand, e, com o que ganhou, comprou um relógio para Lotto que era à prova d'água até uma profundidade de cento e vinte metros.

*

Na noite de estreia de *As Nascentes*, Mathilde ficou em pé com Lotto no escuro.

Broadway! Começar de forma tão grandiosa! Ele andara deslumbrado com a sorte. Ela sorriu, sabendo que aquela sorte não era real.

As oficinas foram brilhantes. Atraíram uma vencedora do Tony para o papel de Miriam: ondulante, preguiçosa, fervilhando, a mãe. Os atores que interpretavam Manfred e Hans, pai e filho, mal eram conhecidos no momento, mas uma década mais tarde seriam, em cartaz com filmes longa-metragem.

Havia um punhado de estrangeiros, alguns vanguardistas intrépidos. Mas, confrontada pelo diretor num tête-à-tête sussurrado com as péssimas vendas antecipadas na tarde do dia anterior, Mathilde passara a manhã e a tarde inteiras no telefone e enchera as poltronas vazias com amigos deles. O público estava alvoroçado, e o estado de espírito do teatro, buliçoso e amigável antes de as luzes diminuírem. Só Lotto era capaz de atrair trezentos fiéis no último minuto apenas por boa vontade. Ele era amado, de forma singular e profunda.

Naquele momento, no escuro, ela observava as transformações sutis

enquanto seu marido se concentrava. Tão ansioso nos últimos meses, ele voltara a ser o rapaz magro e muito alto com quem ela se casara. A cortina se abriu. E ela assistiu, a princípio, achando engraçado e depois com um entusiasmo que beirava o assombro enquanto ele articulava com os lábios as falas, fazia determinada expressão para cada personagem quando os atores entravam e saíam. Aquilo virou um tipo de espetáculo de um artista sozinho nas sombras.

Durante a cena em que Manfred morria, o rosto de Lotto estava escorregadio e brilhante. Suor, não lágrimas, pelo menos era o que ela achava. Difícil dizer. [Lágrimas.]

Houve aplausos de pé, vindos de oito pessoas, os atores voltavam em cena de novo e de novo e de novo, não meramente pelo grande amor que o público sentia por Lotto, mas porque a peça deu certo, como num passe de mágica, congelada no momento da emissão. E quando Lotto saiu dos bastidores, deu para ouvir o rugido do público lá no barzinho do quarteirão, para onde os amigos — os mesmos a quem se implorara para que viessem e que, ao chegarem, encontraram o espetáculo com a lotação esgotada — foram em seguida e começaram a própria festa improvisada.

A animação durou a noite inteira, até depois do fechamento do bar, quando não havia nenhum táxi na rua e, por isso, Mathilde e Lotto resolveram voltar a pé para casa, o braço dela entrelaçado no dele, conversando sobre nada, sobre tudo, o desagradável bafo quente do metrô subindo das grades.

— Ctônico — disse ele, a bebida liberando a pretensão em seu íntimo, o que ela ainda achava encantador, uma permissão para a glória.

Já estava tão tarde que havia poucas pessoas na rua e pareceu, só nesse momento, que tinham a cidade para eles.

Ela pensou em toda a vida ali logo abaixo dos seus pés, na abundância daquilo sobre o qual estavam passando por cima, sem ter ideia.

— Sabia que o peso total de todas as formigas na Terra é o mesmo que o peso total de todos os humanos na Terra? — disse Mathilde.

Ela, que nunca bebia demais, estava um pouquinho bêbada, era verdade. Houve tanto alívio na noite. Quando as cortinas se fecharam sobre o pano de fundo, uma enorme pedra bloqueando o futuro deles rolou para longe.

— Elas ainda estarão aqui quando tivermos morrido — disse ele, bebendo de uma garrafinha de bolso. Quando chegassem em casa, ele estaria de porre. — As formigas, as águas-vivas e as baratas. Elas serão as rainhas da Terra.

Lotto estava achando graça nela, logo ele, que ficava bêbado com frequência. Coitado do fígado dele. Ela imaginou o órgão dentro do marido, como um rato chamuscado, cor-de-rosa e apavorado.

— Elas merecem esse lugar mais do que nós — disse ela. — Fomos irresponsáveis com nossas dívidas.

Ele sorriu e ergueu os olhos. Não havia estrelas. Havia muita névoa de

poluição para isso.

— Sabia que — começou ele — faz só um tempinho, descobriram que só na nossa galáxia há bilhões de mundos capazes de abrigar vida? — Ele fez seu melhor Carl Sagan: — Bilhões e bilhões!

Ela sentiu uma queimação atrás dos olhos, mas não sabia ao certo por que essa ideia a tocava.

Mas ele viu com clareza e entendeu. [Ele a conhecia; as coisas que ele não sabia sobre ela seriam capazes de afundar um transatlântico; ele a conhecia.]

— Estamos solitários aqui — disse ele. — É verdade. Mas não estamos sozinhos.

*

No espaço nebuloso depois que ele morreu, enquanto vivia numa espécie de dor atemporal subterrânea, ela viu um vídeo na internet sobre o que aconteceria em nossa galáxia em bilhões de anos. Estamos num tango extremamente lento com a galáxia de Andrômeda, ambas as galáxias em formato de espirais com braços abertos, e estamos nos movendo uma em direção à outra como corpos giratórios. As galáxias vão ganhar velocidade à medida que se aproximarem, lançando centelhas azuis, novas estrelas, até passarem girando uma pela outra. E, então, os longos braços das galáxias vão se esticar saudosamente e agarrar as mãos no último instante, e elas vão voltar girando na direção oposta, as pernas enroscadas, mas nunca se chocando, até a segunda espiral se tornar um aperto, uma queda, um beijo. E, então, no âmago das coisas, quando estiverem o mais perto possível, um buraco negro supermaciço se abrirá.

*

Na manhã que se seguiu à gloriosa noite de estreia, quando tudo estava bom e a luz era doce e possível, ela foi para casa com o jornal e uma caixa inteira de doces, *pains au chocolat*, *chaussons aux pommes* e croissants, e comeu uma *viennoiserie* brilhante de amêndoa em quatro mordidas enquanto andava. Já em casa, na aconchegante toca de teto dourado deles, ela se serviu de um copo d'água enquanto Lotto folheava o jornal com o cabelo todo desganhado de quem acabou de sair da cama, e quando ela tornou a se virar, o rosto grande e lindo dele tinha ficado pálido. Ele fez uma careta curiosa, baixando o lábio inferior até exhibir os dentes de baixo, sem palavras, talvez pela primeira vez.

— Opa — disse ela, e se aproximou depressa dele e leu por cima do seu ombro. Ao terminar, comentou: — Essa crítica pode comer uma tigela cheia de pênis.

— Olhe o palavreado, amor — disse ele, mas a frase tinha saído automaticamente.

— Não, falando sério — continuou Mathilde. — Como é mesmo o nome dela? Phoebe Delmar. Ela odeia tudo. Odiou a última peça do Stoppard. Falou que era autoindulgente. Chegou a dizer que Suzan-Lori Parks não estava tendo sucesso

em ser checkoviana, o que é loucura, porque é claro que Suzan-Lori Parks não está tentando ser Checkov, dâ. Já é bastante difícil ser Suzan-Lori Parks. Esse parece o critério mais simples para ser crítico, certo, avaliar uma obra em seus próprios termos. Ela fala como uma poeta fracassada com cara de vadia que não sabe nada e tenta ficar famosa derrubando as pessoas. Ela só detona. Não presta nenhuma atenção.

— É — disse ele, mas muito baixinho.

Depois se levantou e deu meia-volta desafortunadamente, por um momento, como um cachorro grande e alto prestes a se deitar na grama para tirar uma soneca, depois foi para o quarto, se enfiou embaixo das cobertas e ficou ali, indiferente, embora Mathilde, nua, entrasse engatinhando no quarto e tirasse o lençol de baixo do colchão e deslizasse pelo corpo comprido dele, subindo desde os dedos dos pés, sua cabeça brotando do edredom no pescoço dele. Mas Lotto estava com o corpo flácido, os olhos fechados e não reagia, e mesmo ao colocar as mãos dele em sua bunda, elas deslizaram molengas na infelicidade dele.

Medidas drásticas, então. Ela riu sozinha. Ah, amava esse homem desafortunado. Mathilde foi até o jardim, com o matagal alto depois que Bette falecera, deu alguns telefonemas, e às quatro da tarde, Chollie tocou a campainha de braço dado com Danica.

— Beijo beijo — gritou Danica em cada uma das orelhas de Mathilde, e depois: — Foda-se, eu te odeio, você é muito bonita.

Então Rachel e Elizabeth entraram de mãos dadas, ostentando nos pulsos tatuagens de nabos iguais, cujo significado, elas, às risadinhas, se recusavam a divulgar. Arnie surgiu e preparou drinques de gim fizz com abrunhos, e Samuel entrou com seu bebê no peito. Quando Mathilde conseguiu fazer Lotto vestir uma bonita camisa social azul e calça cáqui e o arrastou do quarto até seus amigos, a cada abraço, cada pessoa que vinha lhe dizer com sinceridade quão maravilhosa a peça era, Mathilde o via aumentar um centímetro. Via a cor voltando ao rosto dele. O homem engolia elogios do jeito que corredores engolem eletrólitos.

Quando a pizza chegou, Mathilde abriu a porta, e embora estivesse de calça legging e uma blusa semitransparente, os olhos do entregador foram sugados para Lotto no meio da sala, que transformava seus braços em braços de monstro e arregalava os olhos, contando a história de quando ele foi atacado no metrô, golpeado na parte de trás da cabeça com uma pistola. Ele estava emitindo sua luz habitual. Imitou um cambaleio, depois caiu de joelhos, e o entregador de pizza se inclinou para assistir, ignorando o dinheiro que Mathilde tentava lhe entregar.

Quando ela fechou a porta, Chollie estava parado ao seu lado.

— De porco a homem em apenas uma hora — disse ele. — Você é uma Circe ao contrário.

Ela riu em silêncio. Ele tinha pronunciado *Chir-che*, como se Circe tivesse sido uma italiana moderna.

— Ah, seu autodidata sujo — disse ela. — Pronuncia-se *Cir-ce*.

Ele pareceu magoado, mas deu de ombros, e falou: — Nunca pensei que diria isso, mas você é boa para ele. Uau, caramba! — exclamou ele, agora com um sotaque muito forte da Flórida. — Golpista modelo loura cabeça oca sem amigos na verdade acaba sendo boa. Quem teria pensado? No início, eu achava que você ia pegar o dinheiro e dar no pé. Mas não. Lotto deu sorte. — Com sua voz normal, Chollie acrescentou: — Se acontecer de ele se dar bem em alguma coisa, será por sua causa.

Apesar das pizzas quentes em suas mãos, a sala parecia fria. Mathilde sustentou o olhar de Chollie.

— Ele teria sido ótimo sem mim — afirmou ela.

Os outros continuavam no sofá, rindo de Lotto, apesar de Rachel estar olhando para Mathilde da bancada da cozinha, agarrando os próprios cotovelos.

— Nem você poderia ter feito magia para criar isso, bruxa — disse Chollie.

Então pegou uma caixa de pizza das mãos dela, a abriu, dobrou três fatias juntas, e colocou a caixa de novo na pilha para comer a massa nas próprias mãos, rindo para ela com a boca cheia de gordura.

*

Durante os anos em que Lotto sentia que estava se tornando bom o suficiente e seguro o suficiente, mesmo enquanto trabalhava sem parar, todas as suas peças sendo lançadas, produções pelo país inteiro aumentando continuamente de modo que as obras sozinhas proporcionavam uma vida confortável, mesmo então ele era provocado por Phoebe Delmar.

Quando *Telegonia* saiu, Lotto tinha quarenta e quatro anos, e a aclamação foi instantânea e quase universal. Mathilde semeara a ideia na cabeça dele; fora semeada na dela por Chollie anos antes quando ele fez aquele comentário sobre Circe. Era a história de Circe e o filho de Odisseu, Telégono, que, depois que Odisseu os abandona, é criado pela mãe numa mansão nos bosques de Ea, protegido pelos tigres e pelos porcos encantados. Quando ele saiu de casa, como todos os heróis devem fazer, a mãe bruxa de Telégono lhe deu um arpão de arraia envenenado. Ele foi para Ítaca em seu pequeno navio, começou a roubar o gado de Odisseu e acabou travando uma batalha terrível com o homem que ele não sabia que era seu pai, matando-o, por fim.

[Telégono se casou com Penélope, a sofrida mulher de Odisseu. O próprio filho de Penélope com Odisseu, Telémaco, acabou se casando com Circe. Meios-irmãos se tornaram padrastos. Como Mathilde sempre lia o mito, isso era um clamor em apoio à sensualidade das mulheres mais velhas.]

A peça de Lotto também era um gesto dissimulado de assentimento para a ideia do século XIX do termo *telegonia*: que filhos podiam herdar os traços genéticos dos amantes anteriores da mãe. Telégono, na versão de Lotto, tinha focinho de porco, orelhas de lobo e listras de tigre dos amantes que Circe

transformara em animais. Esta personagem estava sempre caracterizada com uma máscara apavorante, cuja fixidez tornava ainda mais poderosa a personagem de fala macia. De brincadeira, Telêmaco era caracterizado com uma máscara redonda, que tinha vinte olhos diferentes e dez bocas e narizes para todos os pretendentes de Penélope quando Odisseu estava ausente em seu pequeno meandro pelo Mediterrâneo.

Tudo foi colocado em Telluride nos nossos dias. Era uma acusação de uma sociedade democrática que, de alguma maneira, era capaz de conter bilionários.

— Lancelot Satterwhite não vem de uma família endinheirada? Isso não é hipocrisia da parte dele? — Dava para escutar um homem se perguntando no foyer durante o intervalo.

— Ah, não, ele foi desertado por ter se casado com a mulher dele. É uma história muito trágica, na verdade — disse uma mulher, ao passar.

Isso se espalhou pelo boca a boca, tornando-se viral. A história de Mathilde e Lotto, o romance épico. Ele foi desertado, banido, proibido de voltar para casa na Flórida. Tudo por Mathilde. Por seu amor por Mathilde.

Ah, meu deus, pensou ela. A piedade! Era o suficiente para fazê-la passar mal. Mas, por ele, ela deixou sustentarem essa história.

E, depois, talvez uma semana depois da estreia, quando as compras antecipadas e ingressos foram estendidos a dois meses e Lotto se afogava numa enorme quantidade de e-mails e telefonemas congratulatórios, ele foi para a cama no meio da noite, e ela acordou no mesmo instante e perguntou: — Você está chorando?

— Chorando! — repetiu ele. — Nunca. Sou um homem viril. Espirrei bourbon nos olhos.

— Lotto.

— Quer dizer, eu estava cortando cebola na cozinha. Quem não adora picar cebolas no escuro?

Ela se sentou.

— Me conte.

— Phoebe Delmar — disse ele, entregando-lhe o laptop.

Sob o brilho fraco da tela, o rosto dele estava aflito.

Mathilde leu e deixou escapar um assobio.

— É melhor essa mulher tomar cuidado — disse num tom sombrio.

— Ela tem direito a ter a própria opinião.

— Ela? Não. Essa é a única calúnia que você recebeu por *Telegonia*. Essa mulher é louca.

— Calma — disse ele, mas parecia reconfortado pela raiva da esposa. — Talvez ela tenha razão. Pode ser que eu esteja sendo supervalorizado.

Pobre Lotto. Ele não suportava um dissidente.

— Conheço cada parte de você — disse Mathilde. — Conheço cada ponto

final e cada elipse no seu trabalho, e estava presente quando você escreveu. Posso dizer melhor do que ninguém no mundo, muito melhor do que essa crítica sanguessuga bombástica cujos próprios tiros saem pela culatra, que você não está supervalorizado. Você não está nem um pinga supervalorizado. Ela está supervalorizada. Deviam cortar os dedos dela para que não escrevesse mais.

— Obrigado por não xingar — disse Lotto.

— *E* ela pode se foder bem devagarinho com um forçado. No buraco escuro do cu dela — acrescentou Mathilde.

— Arrá — disse ele. — Teu espírito é uma maçã muito amarga. Tem o caldo mais ácido que há.

— Tente dormir — disse Mathilde e deu um beijo nele. — Simplesmente escreva outra. Escreva uma melhor. Seu sucesso é como absinto para ela. Irrita.

— Ela é a única pessoa no mundo que me odeia — disse ele com tristeza.

O que era essa mania de adoração universal? Mathilde sabia que era indigna do amor de uma única alma, e ele queria o amor de todas. Ela conteve um suspiro.

— Escreva outra peça, e ela vai mudar de opinião — disse ela, como sempre fazia.

E ele escreveu mesmo outra, como sempre fazia.

Mathilde começou a correr distâncias maiores nos morros. Duas horas, três horas.

Às vezes, quando Lotto era vivo e ainda estava a todo vapor no seu escritório no sótão, ela escutava do jardim o marido rir sozinho, recitando as falas das personagens nas vozes de cada uma, e tinha que calçar os tênis de corrida e partir rua abaixo para não subir e se aquecer na felicidade dele. Tinha que correr sem parar para se lembrar de que ter um corpo forte por si só era um privilégio.

Mas depois que Lotto se foi, a dor de Mathilde começara a se irradiar em seu corpo, e durante uma corrida, vários meses depois de ter enviuvado, ela precisou parar a vinte quilômetros de casa e passar um bom tempo sentada num barranco porque, pelo visto, seu corpo tinha parado de funcionar como devia. Ao se levantar, ela só conseguiu sair mancando como uma velha. Começou a chover, e suas roupas ensoparam, o cabelo grudou na testa e nas orelhas. Voltou devagar para casa.

Mas a detetive particular estava na cozinha da casa de Mathilde, a luz acesa em cima da pia. O crepúsculo castanho sem brilho de outubro caía do lado de fora.

— Abri a porta e entrei — disse a detetive. — Faz só um minuto.

Ela estava usando um vestido preto justo e maquiagem. Desse jeito, parecia alemã, elegante sem ser bonita. Usava brincos em forma de oito nas orelhas, o infinito balançando toda vez que ela mexia a cabeça.

— Hã — disse Mathilde. Tirou os tênis, as meias, a camisa molhada, e secou o cabelo com a toalha de Deus. — Eu não fazia ideia de que você sabia onde eu morava.

A detetive fez um gesto dispensando o comentário e disse: — Sou boa no que faço. Espero que não se importe que eu tenha servido uma taça de vinho para a gente. Você vai querer quando vir o que descobri sobre seu velho amigo Chollie Watson.

Ela riu do próprio prazer.

Mathilde pegou o envelope de papel manilha que ela estendeu, e as duas saíram para a varanda de pedra, onde o sol aguado baixava sobre as frias montanhas azuis. Ficaram observando em silêncio até Mathilde começar a tiritar.

— Você está chateada comigo — disse a detetive.

Com muita delicadeza, Mathilde respondeu: — Esse é meu espaço. Não deixo ninguém entrar. Encontrar você aqui pareceu um assalto.

— Desculpe — disse a detetive. — Não sei no que eu estava pensando. Achei que tivéssemos uma química. Às vezes força muito a barra.

— Você? É mesmo? — disse Mathilde, cedendo, tomando um gole de vinho.

A detetive sorriu, e seus dentes brilharam.

— Você vai ficar menos brava comigo daqui a alguns minutos. Descobri coisas interessantes. Vamos apenas dizer que seu colega tem muitos amigos. Tudo ao mesmo tempo.

Ela indicou o envelope que tinha entregado a Mathilde e virou o rosto. Mathilde puxou as fotos lá de dentro. Como era estranho ver alguém que ela conhecia havia tanto tempo entrelaçado desse jeito. Depois de ter visto quatro fotos, ela tremia, e não era de frio. Conferiu todas, decidida.

— Excelente trabalho — afirmou. — Isso é repugnante.

— E caro também — acrescentou a investigadora. — Levei a sério quando você disse que dinheiro não era problema.

— Não é.

A detetive se aproximou, encostando o braço em Mathilde.

— Sabe, sua casa me surpreendeu. É perfeita. Cada detalhe. Mas muito pequena para alguém que tem tanto. Só tem luz, superfícies e paredes brancas. Shaker, quase.

— Vivo monasticamente — disse Mathilde, querendo dizer, claro, mais.

Os braços estavam cruzados, vinho em uma das mãos, fotos na outra, mas isso não impediu a detetive, que se debruçou sobre o braço da cadeira para beijar Mathilde. Sua boca era macia, incisiva, e quando Mathilde sorriu, sem retribuir o beijo, a outra voltou a se recostar na cadeira e disse: — Ah, tudo bem. Desculpe. Valia a pena tentar.

— Não precisa se desculpar — disse Mathilde, apertando o braço da mulher. — Só não fique estranha.

*

Alinhavando as festas a que Lotto e Mathilde haviam ido, como se fosse um colar, a pessoa teria o casamento deles em miniatura. Ela sorriu para o marido na praia onde os homens apostavam corrida com carros de controle remoto. Ele era uma sequoia entre pinheiros, a luz batendo em seu cabelo já mais ralo, seu riso sendo carregado pelas ondas, a música emanando misteriosamente do teto, as conversas entre as mulheres na varanda sombreada, bebendo mojitos e observando os homens. Era inverno, estava gelado. Todas usavam casacos de fleeces. Fingiam não se importar.

A festa estava perto do fim, embora nem Mathilde nem Lotto soubessem disso.

Só um almoço para celebrar o upgrade de Chollie e Danica nos Hamptons. Novecentos metros quadrados, governanta, chef e jardineiro. Burros, pensou Mathilde, seus amigos eram idiotas. Com o falecimento de Antoinette, Lotto e ela poderiam comprar essa casa muitas vezes. Só que mais tarde, no carro, Lotto e ela ririam dos amigos por causa desse tipo de desperdício burro, o tipo com que ele foi criado antes de seu pai bater as botas, o tipo que os dois sabiam que não significava nada, apenas ostentação. Mathilde ainda fazia faxina tanto na casa

quanto no apartamento, tirava o lixo, limpava a privada, lavava as janelas e pagava as contas. Ainda cozinhava e lavava a louça e as sobras viravam o almoço do dia seguinte.

Desconectada das necessidades humildes do corpo, a pessoa não passa de um fantasma.

Essas mulheres em volta dela eram espectros. Pele esticada nos rostos. Comendo três bocadinhos da comida gostosa do chef e se declarando saciadas. Tilintando em prata e diamantes. Abscessos do eu.

Mas havia uma mulher ali que Mathilde não conhecia, e essa era abençoadamente normal. Era morena e sardenta, mas não estava maquiada. Seu vestido era bonito, mas não fino. Tinha uma expressão irônica. Mathilde inclinou-se diante dela e disse, *sotto voce*: — Mais uma palavra sobre pilates e vou explodir.

A mulher riu em silêncio e disse: — Todas nós estamos fazendo prancha enquanto o grande navio americano afunda.

Elas conversaram sobre livros, o manual de *bondage* disfarçado de romance para adolescentes, o romance meticulosamente montado com fotos de grafites de rua. A mulher concordou que o novo restaurante vegetariano em Tribeca que estava na moda era interessante, mas disse que uma refeição inteira que girava em torno de alcachofra girassol caía na mesmice, prato a prato.

— Eles podem querer considerar outros tipos de alcachofras — disse Mathilde.

— Acho que dão muita importância ao que é pretensioso.

Elas foram se afastando devagarinho das outras até ficarem sozinhas perto dos degraus.

— Desculpe — disse Mathilde. — Não tenho certeza se sei seu nome.

A mulher sugou o ar. Suspirou. Apertou a mão de Mathilde.

— Phoebe Delmar — disse.

— Phoebe Delmar — repetiu Mathilde. — Eta ferro. A crítica.

— A própria.

— Sou Mathilde Satterwhite. Meu marido é Lancelot Satterwhite. O dramaturgo. Bem ali. Aquele grandalhão com a gargalhada alta que escreve as peças que você tem estripado nos últimos quinze anos.

— Eu estava ciente. Risco ocupacional — disse Phoebe Delmar. — Costumo aparecer em festas como uma tia severa. Meu namorado me trouxe. Eu não sabia que você estaria aqui. Nunca teria estragado sua diversão com minha presença.

Ela parecia triste.

— Sempre achei que eu iria dar na sua cara se a encontrasse — disse Mathilde.

— Obrigada por não fazer isso.

— Bem. Ainda não me decidi totalmente não fazer.

Phoebe pôs a mão no braço de Mathilde.

— Nunca tive intenção de causar sofrimento. É o meu trabalho. Levo seu marido a sério. Quero que ele seja melhor do que é. — Sua voz era sincera, doce.

— Ah, por favor. Você diz isso como se ele estivesse doente — disse Mathilde.

— Ele está. Síndrome do Grande Artista Americano — revelou Phoebe Delmar. — Sempre maior. Sempre mais ruidoso. Lutando para conquistar o lugar mais alto na hegemonia. Você não acha que uma doença acomete os homens quando eles tentam fazer arte neste país? Então me diga: por que Lotto escreveu uma peça de guerra? Porque obras sobre guerra sempre superam obras sobre emoções, mesmo se as menores, mais domésticas, forem mais inteligentes, bem-escritas, interessantes. As histórias de guerra são as que ganham os prêmios. Mas a voz do seu marido é a mais forte quando ele fala com mais contenção e clareza.

Ela olhou para o rosto de Mathilde, deu um passo atrás e acrescentou: — Ô.

— Almoço! — gritou Danica, tocando um grande sino de latão na varanda.

Os homens pegaram os carros, apagaram os charutos no chão, arrastaram-se duna acima, com calças cáqui enroladas até os joelhos e a pele rosada com o vento frio. Sentaram-se a uma mesa comprida com os pratos amontoados de comida do bufê. Aquecedores de ambiente disfarçados de arbustos exalavam calor. Mathilde se sentou entre Lotto e a mulher de Samuel, que estava mostrando a Mathilde fotos do novo bebê do casal — o quinto filho de Samuel — no celular.

— Perdeu um dente no parquinho, aquela menina levada. E só tem três anos.

Na outra ponta da mesa, Phoebe Delmar ouvia, sem dizer uma palavra, um homem com uma voz tão alta que trechos da conversa eram audíveis até onde Mathilde estava.

— O problema com a Broadway hoje em dia é que virou algo para *turistas*... O único grande dramaturgo que a América produziu é August Wilson... Não vá ao teatro. É só para os esnobes ou gente de Boise, Idaho.

Phoebe captou o olhar dela, e Mathilde riu para seu filé de salmão. Meu Deus, ela desejou não gostar da mulher. Facilitaria muito mais as coisas.

— Quem é aquela senhora com quem você estava conversando? — perguntou Lotto mais tarde no carro.

Ela sorriu para o marido e beijou os nós dos dedos dele.

— Não peguei o nome dela — respondeu.

Quando *Escatologia* estreou, Phoebe Delmar adorou a peça.

Em seis semanas, Lotto estaria morto.

Muitas vezes já disse que *ia escrever As Mulheres de Gênios com quem já me sentei. Já me sentei com muitas. Eu me sentei com mulheres que não eram casadas com gênios que eram verdadeiros gênios. Eu me sentei com mulheres legítimas de gênios que não eram gênios de verdade... Resumindo, me sentei muitas vezes e durante bastante tempo com várias mulheres e com mulheres de vários gênios.* Gertrude Stein escreveu isso na voz de sua parceira, Alice B. Toklas. Stein sendo, aparentemente, o gênio: Alice, aparentemente, a mulher.

*

— Não sou nada — disse Alice, após a morte de Gertrude —, senão uma lembrança dela.

*

Depois que Mathilde capotou a Mercedes, o policial chegou. Ela abriu os lábios e deixou o sangue escorrer, pelo drama.

Os flashes azuis e vermelhos intermitentes deixavam o homem com aparência doente, saudável, depois doente de novo. Ela viu a si mesma, como se o rosto dele fosse um espelho. Estava pálida e magra, com a cabeça raspada, o queixo ensanguentado, sangue escorrendo pelo pescoço, sangue nas mãos e escorrendo pelos braços.

Ela ergueu as palmas, que cortara na cerca de arame farpado, ao pular voltando para a estrada.

— Chagas — disse, fazendo o possível para quase não usar a língua, e riu.

Ela quase fizera a coisa certa. Primeiro, aquela luminosa manhã de abril depois de *Hamlet*, em Vassar, após a completa e impetuosa fuga para Lotto, o amor em seu sangue já zunindo como uma colmeia.

Ela acordara com um estalido do escuro quando as luzes do caminho do lado de fora da janela se apagaram. Ainda vestida, nenhuma dor reveladora lá embaixo. Sua promessa a Ariel foi mantida, então; ela não fizera sexo com Lotto. Não quebrara compromisso algum. Só dormira ao lado desse rapaz encantador. Olhou embaixo do lençol. Ele estava nu. E como.

Lotto estava com os punhos cerrados embaixo do queixo, e mesmo dormindo, ausente aquela inteligência de quando está acordado, ele não era nada atraente. A pele com marcas nas bochechas. O cabelo ainda cheio e enrolando em volta das orelhas, os cílios, aquele maxilar esculpido. Nunca na vida ela conhecera alguém tão inocente. Em quase todas as pessoas que já tinham passado pelo mundo, havia pelo menos uma pequena lasca de maldade. Nele não havia nenhuma: ela soube disso quando o viu em pé no peitoril da janela na noite anterior, o relâmpago chocando o mundo atrás dele. Sua avidez, sua profunda bondade, essas eram as vantagens do privilégio dele. Esse sono tranquilo de ter nascido homem, rico, branco, americano e nessa época próspera, quando as guerras que aconteciam eram longe de casa. Esse rapaz que ouviu desde o momento em que nasceu que podia fazer o que quisesse. Só precisava tentar. Poderia errar e errar, e todo mundo esperaria até ele acertar.

Ela devia estar ressentida. Mas dentro de si não conseguia encontrar em lugar nenhum ressentimento por ele. Queria colar seu corpo no de Lotto até a bela inocência dele se estampar nela.

Em seu ouvido, a voz que ela tentou bloquear durante todos aqueles anos lhe disse severamente para ir embora. Não se infligir a ele. Ela não nascera para ser obediente, mas o imaginou acordando e a encontrando ali, quão irreparável seria o dano, então obedeceu: vestiu-se e fugiu.

Puxou a gola do casaco até a bochecha, para que ninguém visse sua aflição, apesar de ainda estar escuro lá fora.

Havia uma lanchonete na cidade, escondida nas ruas mais cinzentas, com menos brilho, um lugar em que a maioria dos alunos de Vassar jamais chegaria perto. Por isso, ela a adorava. E: a gordura, o cheiro, o cozinheiro homicida que esfaçalhava as batatas douradas como se as odiasse e a garçonete que parecia neurologicamente descompensada, o rabo de cavalo puxado de maneira inconsciente na direção de uma orelha, um olho se fixando no teto enquanto anotava o pedido. Em uma das mãos, suas unhas eram compridas, na outra, eram curtas e pintadas de vermelho.

Mathilde se sentou à sua mesa habitual, escondeu o rosto atrás do cardápio e

deixou o sorriso diminuir no rosto, e a garçonete não disse uma palavra, apenas colocou o café preto, a torrada de pão de centeio e um pequeno lenço de linho com bordado azul diante de Mathilde, como se soubesse que lágrimas viriam. Bem. Talvez viessem, embora Mathilde não chorasse desde que era Aurélie. Um lado do rosto da garçonete deu uma piscadela e ela voltou para o rádio mal sintonizado num locutor chulo, todo danação e perdição.

Mathilde sabia o que aconteceria com a sua vida se ela deixasse. Já sabia que Lotto e ela se casariam caso plantasse essa ideia no cérebro dele. A questão era se poderia deixá-lo escapar. Praticamente qualquer uma seria melhor para ele do que ela.

Ela observou a garçonete se remexendo atrás do cozinheiro homicida para pegar uma caneca da prateleira embaixo da bancada. Notou como ela colocava as mãos no quadril dele, como ele esbarrava no traseiro dela, um pastelão particular, beijo de quadris.

Mathilde deixou o café e a torrada esfriarem. Pagou, deu uma gorjeta exagerada. Depois se levantou e foi a pé para a cidade, parou no Caffè Aurora para um café com cannoli, e estava no quarto de Lotto com duas aspirinas e um copo d'água quando os cílios dele deram uma leve estremecida e ele ergueu os olhos, acordando de um sonho qualquer — unicórnios, leprechauns, alegres bacanais de floresta —, para encontrá-la sentada ao seu lado.

— Ah — disse ele. — Achei que você não podia ser real. Achei que fosse o melhor sonho que eu já tive.

— Nada de sonho. Sou real. Estou aqui.

Ele colocou a mão dela na sua bochecha e ficou ali deitado, encostado nela.

— Acho que estou morrendo — murmurou Lotto.

— Você está com uma ressaca terrível. E nós nascemos morrendo — disse ela.

Ele riu, e Mathilde segurou a bochecha quente e áspera dele, tendo se comprometido com Lotto para sempre.

Não devia ter feito isso. Ela sabia. Mas seu amor por ele era novo, e seu amor por si mesma era velho, e ela era tudo que tivera durante muito, muito tempo. Estava cansada de enfrentar o mundo sozinha. Ele surgira no momento exato, sua corda de salvamento, embora tivesse sido melhor para ele se houvesse se casado com o tipo de mulher compassiva e religiosa, que ela ficaria sabendo que a mãe dele queria para o filho. Aquela moça Bridget teria feito todo mundo feliz. Mathilde não era compassiva nem religiosa. Mas prometeu que ele nunca descobriria o alcance da sua escuridão, que ela nunca lhe mostraria o mal que vivia dentro dela, que ele só conheceria dela o grande amor e a luz. E Mathilde queria acreditar que foi só isso que ele conheceu durante a vida toda deles juntos.

*

— Quem sabe, depois da formatura, pudéssemos ir para a Flórida — disse

Lotto no cangote dela.

Isso foi logo depois que eles se casaram. Dias, talvez. Ela pensou na mãe de Lotto ao telefone, no suborno que Antoinette oferecera. Um milhão de dólares. Por favor. Por um momento, considerou contar a ele sobre o telefonema, depois pensou em como ele ficaria magoado e percebeu que não poderia fazer isso. Ela o protegeria. Melhor para ele acreditar que a mãe era punitiva do que só simplesmente cruel. O apartamento de Mathilde em cima do antiquário do final do século XIX estava alongado de forma bizarra na luz filtrada do poste de rua.

— Desde os quinze anos não vou para casa. Quero exibir você. Quero mostrar todos os lugares de minha juventude infratora — disse ele, a voz ficando mais grave.

— Essa palavra não existe — murmurou ela.

E beijou-o tão demoradamente que o fez esquecer. Depois: — Amor — acrescentou ele, limpando com o pé descalço e uma toalha de papel o copo d'água que derramara no chão de carvalho do apartamento novo e secreto deles em Greenwich Village, todo reluzente, ainda sem mobília. — Eu estava pensando que talvez em um fim de semana pudéssemos visitar Sallie e minha mãe na praia. Eu adoraria ver seu corpo relaxando bronzado.

— Com certeza — disse Mathilde. — Mas vamos esperar você conseguir seu primeiro grande papel. Você quer voltar como o herói conquistador. Além do mais, graças à sua mãe, não temos dinheiro nenhum.

Quando ele pareceu em dúvida, ela chegou mais perto, deslizou a mão por baixo do cós da calça jeans dele e murmurou: — Se você voltar com um papel garantido, será o pica das galáxias.

Ele olhou para ela. Depois: — Acho que tenho transtorno afetivo sazonal — resmungou Lotto, observando a neve aguada escorrer pela rua cor de estanho, tiritando por causa da corrente de ar que entrava pelas janelas que tocavam a calçada. — Vamos para casa no Natal pegar um pouco de sol.

— Ah, Lotto — disse Mathilde. — Com o quê? Acabei de fazer nossa compra semanal no mercado com trinta e três dólares e algumas moedas de vinte e cinco centavos.

Os olhos dela ficaram úmidos de frustração. Ele deu de ombros.

— Sallie vai pagar. Três segundos no telefone, e está resolvido.

— Tenho certeza — disse ela. — Mas somos muito orgulhosos para aceitar esmolas de qualquer um. Certo?

Ela não disse que ligara para Sallie justo na semana anterior. Que Sallie pagara dois meses de aluguel atrasado e a conta do telefone.

Ele tiritou.

— Certo — disse com tristeza, observando no vidro da janela sua expressão se fechando. — Somos muito orgulhosos, orgulhosos demais, não? — Depois: — Não consigo acreditar — acrescentou, saindo do quarto, ainda segurando o

telefone pelo qual recebera a atualização semanal da mãe e de Sallie — que estamos casados há dois anos e você nunca conheceu minha mãe. É loucura.

— Completa — disse Mathilde.

Ela ainda estava ressentida por causa de um bilhete que Antoinette mandara para a galeria. Nenhuma palavra dessa vez. Só a imagem de um quadro arrancada de uma revista de papel acetinado, *A Rainha Jezabel Punida por Jeú*, de Andrea Celesti, a dama defenestrada sendo devorada por cães. Mathilde abriu o envelope e riu, surpresa. Ariel, espiando por cima de seu ombro, dissera: — Isso. Ah. Não nosso tipo de coisa.

Ela pensou nesse bilhete e tocou no lenço que usava no cabelo, cortado curto recentemente, pintado de um estranho tom laranja brilhante. Estava reposicionando um quadro na parede que ela mesma tirara da caçamba de lixo na galeria, de um tom azul emocionante que ela guardaria pelo resto da vida, muito tempo depois dos amores, dos desejos físicos. Olhou para Lotto e disse: — Mas não tenho tanta certeza assim de que ela gostaria de me conhecer, amor. Ainda está tão brava por você ter se casado comigo que nem sequer veio nos visitar.

Ele a pegou no colo e a encostou na porta. Mathilde enroscou as pernas na cintura do marido.

— Ela vai ceder. Dê tempo.

Tão transparente, seu marido, o jeito que ele acreditava que, se ao menos pudesse mostrar à mãe que fizera a escolha certa ao se casar com Mathilde, tudo ficaria bem. Nossa, eles precisavam do dinheiro.

— Nunca tive mãe — disse ela. — Também fico de coração partido por ela não querer me conhecer, a nova filha dela. Quando foi a última vez que você a viu? No segundo ano de faculdade? Por que ela não pode vir visitar você? Xenofobia é uma desgraça.

— Agorafobia — corrigiu ele. — É uma doença de verdade, Mathilde.

— Foi o que eu quis dizer — disse ela. [Ela, que sempre dizia o que queria dizer.]

Depois:

— Minha mãe disse que ficaria feliz de nos mandar passagens para o feriado de Quatro de Julho esse ano se quisermos ir comemorar.

— Ah, Lotto, quem dera — disse Mathilde, largando o pincel e franzindo o cenho para a parede, que era de um estranho tom azul-marinho esverdeado. — Mas lembre que aquela exposição enorme que estamos fazendo na galeria está tomando todo o meu tempo. Mas você pode ir. Vá em frente! Não se preocupe comigo.

— Sem você? — disse ele. — Mas o objetivo todo é fazer com que ela goste de você.

— Da próxima vez.

Pegou o pincel e pintou delicadamente o nariz dele com a tinta, depois riu quando ele borrou o rosto na barriga nua dela, deixando marcas desbotadas no branco.

E foi assim. O dinheiro nunca dava, e quando podia ele arranjava um bico, e quando ele não tinha um bico, ela precisava trabalhar à beça num grande projeto, e, não, a irmã dele vem passar esse fim de semana, e eles tinham aquela festa a que já haviam se comprometido ir, e, bem, talvez fosse mais fácil se Antoinette viesse visitá-los. Quer dizer, ela é muito rica e não trabalha, e se quer vê-los tão desesperadamente assim, ela pode pegar um avião, não pode? Eles são muito ocupados, sem um minuto de folga, e os fins de semana são o tempo *deles*, o precioso tempinho que conseguem passar se lembrando de por que se casaram! E não é como se a mulher tivesse algum dia feito um esforço mínimo, sério, ela nem sequer foi na formatura de Lotto na faculdade. A nenhum espetáculo dele. A nenhuma estreia das peças dele. Que. Ele. Mesmo. Escreveu. Porra. Sem falar que ela nunca viu o primeiro apartamento minúsculo deles naquele subsolo em Greenwich Village, que ela nunca viu esse apartamento de agora um pouco melhor, que ela nunca na vida sequer foi à casa de campo no meio das cerejeiras, a alegria de Mathilde, que ela talhara com as próprias mãos a partir de uma ruína. Sim, claro, agorafobia é uma coisa horrível, mas Antoinette também é a mulher que nenhuma vez quis falar com Mathilde ao telefone. Cujos presentes, todo aniversário e todo Natal, nitidamente vinham de Sallie. Lotto não sabe como isso magoa? Mathilde, sem mãe, sem família, ser descartada assim. Como é doloroso para ela saber que o amor da sua vida tem uma mãe que a rejeita.

Lotto poderia ter ido sozinho. Com certeza. Mas era ela quem sempre organizava a vida deles. Ele nunca comprara uma passagem de avião, alugara um carro. É claro que também havia o motivo pior, um mais sombrio do qual se afastava depressa toda vez que esbarrava nele, uma fúria tardia que ignorou por tanto tempo que, agora, se tornara enorme demais para contemplar.

A urgência diminuiu quando compraram um computador para Antoinette e as conversas de domingo migraram para o vídeo. Antoinette não tinha que sair de casa para enviar sua cara branca flutuando como um balão no quarto escuro. Durante uma década, todo domingo, a voz de Lotto fazia a transição para a criança inteligente e superarticulada que ele deve ter sido. Mathilde precisava sair de casa quando essa ligação entrava.

Certa vez, ele deixou a ligação aberta e foi buscar alguma coisa, uma resenha, um artigo, para dividir com a mãe, e, sem desconfiar, Mathilde chegou toda suada de uma corrida usando o top de ginástica, afastando o cabelo molhado das bochechas, pegou o rolo de espuma de pilates, deitou-se de lado, de costas para o computador, e ficou empurrando o corpo para trás e para a frente com o peso concentrado no rolo até relaxar a banda iliotibial. Foi só quando ela se virou

para o outro lado que viu Antoinette assistindo da tela, tão perto da câmara que ficou com a testa enorme, o queixo pontudo, um traço vermelho de batom, mãos no cabelo, olhando de forma tão intensa que Mathilde não conseguiu se mexer. Um trator subiu a estrada de terra deles e se afastou com menos barulho. Só quando ouviu os passos de Lotto descendo a escada, ela foi capaz de se levantar, se afastar. Do corredor, ela o ouviu dizer: — Mãezinha. Batom! Você se embelezou para mim.

E ela respondeu com uma voz doce, macia: — Ah, você está insinuando que não estou sempre uma beleza?

E Lotto riu, então Mathilde fugiu para o jardim, sentindo as pernas bambas.

Depois: Ah, amor, não chore, claro, eles deviam visitar Antoinette, doente como ela está esses dias, com pelo menos cento e oitenta quilos agora, diabética, muito pesada para fazer mais do que cambalear da cama para o sofá. Eles deviam. Com certeza deviam. E irão. [E, dessa vez, Mathilde estava falando sério.]

Antes que ela pudesse fazer planos, porém, Antoinette, doente, ligou para a casa de Mathilde no meio da noite, a voz quase baixa demais para ouvir.

— Por favor. Deixe eu ver meu filho. Deixe Lancelot vir até aqui — disse ela.

Capitulação. Mathilde aguardou, saboreando. Antoinette suspirou, e nesse suspiro havia irritação, superioridade, e Mathilde desligou sem dizer nada. Lotto gritou do seu escritório lá em cima onde estava trabalhando.

— Quem era?

E Mathilde gritou lá de baixo.

— Engano.

— A essa hora da noite? — questionou ele. — As pessoas são terríveis.

Engano. Ela se serviu de bourbon. Bebeu diante do espelho do banheiro, observando o rubor sumir do seu rosto, os olhos fuzilando, as pupilas dilatadas.

Então ela foi tomada por uma sensação curiosa, como se uma mão agarrasse seus pulmões. Apertasse.

— O que estou fazendo? — perguntou em voz alta.

Amanhã. Ligaria para Antoinette e diria: Bem, é claro que Lotto poderia ir aí. Ele era o único filho de Antoinette, afinal. Agora estava muito tarde. De manhã, à primeira hora, ela ligaria. À primeira hora, bem, depois do passeio de cento e trinta quilômetros de bicicleta. Ele nem estaria acordado quando ela voltasse. Mathilde dormiu bem e saiu na noite azulando em aurora. Névoa matinal, subida rápida morros gloriosos acima, a garoa refrescante, o sol queimando a umidade. Ela esquecera a água. Voltou após apenas trinta quilômetros. A descida pela estrada do campo até sua casinha branca.

Quando voltou depressa para a casa, Lotto estava na soleira da porta, com a cabeça nas mãos. Ergueu os olhos para ela, pálido e desconsolado.

— Minha mãe morreu — disse ele.

Ele ficaria sem conseguir chorar pela próxima hora ou mais.

— Ah, não — disse Mathilde.

Ela não considerara a morte possível ao se tratar de Antoinette. [Tão imenso, o que havia entre as duas, imortal.] Foi até o marido, e ele encostou o rosto em seu flanco suado, e ela segurou nas mãos a cabeça dele ali. E então sua própria dor aumentou, uma surpreendente vertigem forte nas têmporas. Agora com quem ela podia brigar? Não era assim que devia acabar.

*

Durante a faculdade, uma vez Mathilde foi com Ariel a Milwaukee.

Ele tinha negócios lá, e ela era dele no fim de semana, para fazer o que ele quisesse. Ela passou a maior parte do tempo tirando na bay window do quarto da pousada. Lá embaixo: metal polido, pratos de *scones*, paredes abarrotadas de telas a óleo pintadas por solteironas vitorianas, uma mulher cujas narinas infladas lhe diziam o que achava de Mathilde.

Lá fora, caíra quase um metro de neve à noite. Os tratores haviam formado montanhas que bordeavam a calçada com a neve varrida da rua. Havia algo profundamente tranquilizador em relação a tanto branco intocado.

Mathilde observava uma menininha com macacão de neve vermelho e listras roxas vir descendo a rua. Meias-luas, um gorro muito grande para sua cabeça. Desorientada, a menina se virou e se virou e se virou. Começou a subir a montanha de neve que bloqueava a rua. Mas ela era muito fraca. No meio da subida, escorregava para baixo. Tentava de novo, afundando mais os pés. Mathilde prendia a respiração toda vez, soltava quando a menina caía. Imaginou uma barata em uma taça de vinho, tentando escalar as laterais lisas.

Quando Mathilde olhou do outro lado da rua, para um prédio de tijolos aparentes que ocupava o quarteirão inteiro, ornamentado pelo estilo dos anos 1920, ela notou, em janelas separadas, três mulheres observando o esforço da menininha.

Mathilde observou as mulheres enquanto elas observavam a menina. Uma estava rindo por cima do próprio ombro nu para alguém no quarto, corada de sexo. Outra era idosa, tomando chá. A terceira, amarelada e muito magra, cruzara os braços finos e contraía os lábios.

Por fim, a menina, exausta, escorregou e descansou, com o rosto na neve. Mathilde tinha certeza de que ela estava chorando.

Quando Mathilde tornou a erguer os olhos, a mulher de braços cruzados olhava zangada através do vidro, do frio e da neve diretamente para ela. Mathilde se assustou, certa de que estivera invisível. A mulher desapareceu. Reapareceu na calçada, com roupas de ficar em casa, de tweed e leves. Jogou o corpo no monte de neve na frente do prédio, atravessou a rua, agarrou a menina pelas luvas e a puxou para o outro lado do monte. Carregou-a para o lado oposto da rua

e fez isso de novo. Tanto mãe quanto filha estavam polvilhadas de branco quando entraram.

Muito depois de elas terem entrado, Mathilde pensou na mulher. O que ela estava imaginando quando viu a filhinha cair e cair e cair. Mathilde se perguntou que tipo de raiva amarrotava tanto o coração de uma pessoa que a tornava capaz de ver uma criança lutar, fracassar e chorar durante tanto tempo, sem se mexer para ajudar. Mães, Mathilde sempre soubera, eram pessoas que abandonavam você para lutar sozinho.

Ocorreu-lhe então que a vida tinha uma forma cônica, o passado alargando-se para além do ponto definido do momento vivido. Quanto mais vida se tinha, mais a base se expandia, de modo que as feridas e as traições, que eram quase imperceptíveis quando aconteciam, se esticavam feito pontinhos num balão inflado lentamente. Um pontinho na criança pequena se torna uma deformidade grosseira no adulto, inescapável, de contorno irregular.

Uma luz se acendeu na janela da mãe e da filha. Ali, a menina se sentou com um caderno. A cabecinha baixa. Depois de algum tempo, a mãe colocou uma xícara fumegante ao lado da menina, que a pegou e a aninhou nas mãos. Na boca de Mathilde, surgiu o gosto doce-salgado esquecido de leite quente.

Talvez, pensou Mathilde, observando flocos caírem no escuro e na rua deserta, eu estivesse errada. Talvez a mãe tenha observado a filha cair e cair e não se mexeu para ajudar movida por algo insondável, algo que Mathilde tinha dificuldade para entender, algo que era como um imenso tipo de amor.

*

À meia-noite, no dia em que se livrou da cadela ao empurrá-la para uma vida nova com a pequena família, Mathilde acordou e se viu fora de casa na noite encoberta, nada de luar, a piscina um poço de breu. Ainda usando o vestido marfim justo até o chão, ela se flagrou gritando pela cadela: — Deus! — berrava. — Deus!

Mas o animal não estava voltando depressa para ela. Não havia barulho, tudo parado, escuro e vigilante. Seu coração começou a martelar. Ela entrou, chamando: — Deus? Deus?

Olhou dentro de todos os armários, embaixo de todas as camas, conferiu a cozinha e, só quando deu por falta da caixa, lembrou-se do que havia feito.

Entregado a criatura a estranhos, como se a cadela não fosse parte dela.

Mathilde mal conseguiu esperar amanhecer. O dia era um único risco laranja no escuro quando ela bateu à porta da casa de dois andares nos campos. O marido atendeu, pressionando o dedo nos lábios, e saiu descalço. Inclinou o corpo para dentro, assobiou uma vez, e Deus saiu pulando porta afora, uma fita roxa em volta do pescoço, chiando, gemendo e tentando se agarrar aos pés de Mathilde. Ela se agachou e apertou a cadela no rosto por um bom tempo, depois olhou para o homem.

— Desculpe — disse Mathilde. — Diga a seus filhos que peço desculpas.

— Nada de desculpas — retrucou ele. — Você está sofrendo. Se minha mulher morresse, querida, eu colocaria fogo na casa.

— Esse é o próximo item da lista — comentou ela, e ele deu uma risadinha, sem sorrir.

Ele buscou a caixa, os brinquedos, colocou tudo no carro dela. Quando saiu de novo, sua mulher veio junto, andando na ponta dos pés pela grama coberta de geada, com algo fumegando nas mãos. Não estava sorrindo nem séria. Parecia apenas cansada, o cabelo despenteado. Entregou muffins de blueberry pela janela, debruçou-se para dentro do carro, e disse: — Não sei se lhe dou um tapa ou um beijo.

— A história da minha vida — disse Mathilde.

A mulher girou e foi embora com passos firmes. Mathilde observou, queimando as mãos no tabuleiro.

Olhou pelo espelho para a cara de raposa de Deus no banco de trás, os olhos amendoados.

— Todo mundo me abandona. Não se atreva — disse ela.

A cadela bocejou, exibindo os dentes afiados, a língua úmida.

*

Durante o último ano deles, embora ela não dissesse nada, Ariel deve ter sentido seu fortalecimento. O contrato deles terminando. O mundo se abrindo para Mathilde, quase doloroso em seu potencial. Ela ainda era tão jovem.

Tinha uma ideia de como seria sua vida depois da faculdade, depois de Ariel. Moraria num quarto de pé-direito alto pintado de marfim suave, o chão claro. Só se vestiria de preto, trabalharia com gente e começaria a fazer amizade. Nunca, de fato, tivera amigos. Não sabia sobre o que amigos poderiam conversar. Sairia para jantar fora toda noite. Passaria o fim de semana inteiro sozinha na banheira com um livro e uma garrafa de vinho. Poderia ser feliz enquanto envelhecia, andando no meio das pessoas quando quisesse, mas sozinha.

No mínimo, ela queria foder com alguém da sua idade. Alguém que a olhasse no rosto.

Em março, logo antes de conhecer Lotto e ele colorir seu mundo, ela entrou no apartamento de Ariel e já o encontrou ali à sua espera. Ela largou a bolsa com cautela. Ele estava no sofá, muito quieto.

— O que você gostaria de comer? — disse ele.

Ela não comia desde a noite anterior. Estava com fome.

— Sushi — respondeu, imprudentemente.

Ela nunca mais conseguiu comer sushi.

Quando o entregador chegou, ele a fez abrir a porta nua para pagar. O rapaz mal conseguia respirar, olhando para ela.

Ariel pegou a embalagem de isopor, abriu-a, misturou o molho de soja e o

wasabi, depois pegou um pedaço de nigiri e o passou na mistura. Colocou o pedaço no ladrilho da cozinha. O chão estava meticulosamente limpo, como tudo à sua volta.

— De quatro — ordenou ele, exibindo todos os dentes ao sorrir. — Rasteje. Não use as mãos — disse ele. — Pegue com os dentes. Agora lamba a sujeira que você fez.

O parque fazia pressão nas palmas de suas mãos e em seus joelhos. Ela odiava a parte de seu corpo, pequena e quente, que ardia por estar ali, de quatro. Menina suja. Ela queimava. Fez uma promessa: nunca engatinharia para outro homem. [Os deuses amam foder com a gente, diria Mathilde mais tarde. Ela se tornou uma esposa.]

— Mais um? — disse Ariel. Mergulhou o sushi, colocou-o no fim do corredor, vinte metros adiante. — Rasteje — ordenou, rindo.

*

A PALAVRA *WIFE*, esposa em inglês, vem do proto-indo-europeu *weip*.

Weip significa *virar, torcer ou embrulhar*.

Numa etimologia alternativa, a palavra *wife* vem do proto-etc. *ghwibh*.

Ghwibh significa *partes pudendas*. Ou *vergonha*.

A detetive apareceu no mercado. Mathilde colocou as compras no portamalas e foi para o banco da frente, e lá estava a moça esperando com uma caixa de documentos apoiada nos joelhos. Sua maquiagem toda olhos esfumados e batom vermelho, sexy.

— Nossa! — exclamou Mathilde, se sobressaltando. — Eu disse para não ser estranha.

A moça riu.

— Acho que é minha assinatura. — Fez um gesto indicando a caixa. — Tá-rã. Consegui tudo. Esse cara nunca vai sair da prisão federal. Quando você vai acabar com esse otário? Quero estar lá com pipoca assim que sair nos noticiários.

— A primeira fase é de fotos particulares. Que começa daqui a alguns dias — disse Mathilde. — Tem uma festa a qual preciso ir. Vou fazê-lo sofrer um pouco antes da segunda fase.

Ela deu partida no carro e levou a detetive para sua casa.

Não foi nem tão estranho quanto Mathilde esperara nem tão sexy. Ela estava triste, encarando o lustre e sentindo o calor familiar crescer dentro de si. Era de se esperar que uma lésbica tivesse habilidade, mas, realmente, Lotto fora melhor. Ai, nossa, ele tinha sido melhor do que qualquer um em tudo. Estragara-a para o sexo. Qual era, de verdade, o objetivo disso? Não poderia haver nenhum segundo ato nessa brincadeirinha de cama delas, só uma reprise do primeiro ato, com as personagens invertidas, nada de emoção, desfecho complicado e, francamente, ela não tinha certeza do que sentia em relação a enfiar a cara nas partes de outra dama. Deixou o orgasmo faiscar em sua testa e sorriu para a detetive particular quando ela saiu dos lençóis.

— Isso foi — começou Mathilde.

Mas a detetive interrompeu: — Não, eu entendi. Bem claro. Você não é chegada a mulher.

— Eu não era *não* chegada — disse Mathilde.

— Mentirosa — disse a moça. Sacudiu o cabelo escuro, que encheu como um cogumelo. — Mas é melhor. Agora podemos ser amigas.

Mathilde se sentou, olhando para ela, que estava colocando o sutiã.

— Além da minha cunhada, acho que nunca tive uma verdadeira amiga mulher — disse.

— Seus amigos são todos homens? — perguntou a garota.

Demorou um bom tempo até Mathilde poder dizer: — Não.

A moça ficou olhando para ela por um instante, depois se inclinou à frente e lhe deu um demorado beijo maternal na testa.

*

O agente de Lotto ligou para ela. Estava na hora, ele deu a entender com um

tremor na voz, de que ela começasse a se encarregar novamente dos assuntos de trabalho. Algumas vezes, ele tinha sido o receptor do suave veneno dela.

Mathilde fez uma pausa tão demorada que ele disse: — Alô? Alô?

Grande parte dela queria deixar as peças para trás. Encarar o desconhecido à sua frente.

Mas ela segurou o fone no ouvido. Olhou em volta. Lotto não estava nessa casa, nem do lado dele da cama, nem no escritório no sótão. Nem nas roupas nos armários. Nem no primeiro apartamentinho no subsolo onde, algumas semanas atrás, ela ficou olhando pelas janelas, observando só o sofá roxo de um estranho e um pug pulando na maçaneta. Seu marido não estava prestes a surgir na entrada de veículos, embora ela estivesse sempre alerta, escutando com atenção. Não havia filhos. O rosto dele não brilharia refletido em um menor. Não havia paraíso, não havia inferno. Ela não o encontraria numa nuvem nem num poço de fogo nem num campo de asfódelos depois que seu corpo a abandonasse. O único lugar em que Lotto ainda podia ser encontrado era em sua obra. Um milagre, a habilidade de pegar uma alma e implantá-la, inteira, em outra pessoa por até algumas horas de cada vez. Todas aquelas peças eram fragmentos de Lotto que, juntos, formavam uma espécie de todo.

Então ela pediu para o agente lhe mandar o que precisava ser feito. Ninguém esqueceria Lancelot Satterwhite. Não as peças dele. Não os minúsculos fragmentos dele em sua obra.

*

Quase oito meses depois de ter enviuvado, Mathilde ainda sentia os choques no chão onde pisava. Desceu do táxi na rua escura da cidade. Em seu vestido prateado, em sua nova magreza, o cabelo com corte joãozinho e descolorido até ficar branco, ela era amazona. Usava guizos nos punhos. Queria que a ouvissem chegando.

— Ai, meu deus — exclamou Danica, quando Mathilde abriu a porta e entrou no apartamento, entregando o casaco a uma empregada. — A viuvez com certeza lhe cai bem para caramba. Nossa, olhe só para você.

Danica nunca fora bonita, mas agora estava escondendo isso com pele laranja e bombeada de botox, músculos fortes de ioga por baixo. Sua pele era tão fina que dava para ver as costelas delicadas no ponto em que se encontravam no centro do peito. O colar que ela usava custava o salário anual de um gestor médio. Mathilde sempre odiara rubis. Corpúsculos secos polidos até brilharem, pensava ela.

— Ah — disse Mathilde. — Obrigada.

Deixou a outra beijá-la. Danica disse: — Nossa. Se houvesse garantia de que eu acabaria igual a você quando ficasse viúva, deixaria Chollie comer bacon em todas as refeições.

— Isso é uma coisa horrível de se dizer — falou Mathilde.

E, com os olhos pretos marejando, Danica disse: — Ah, me desculpe. Eu estava tentando fazer uma piada. Nossa, sou a pior pessoa de todas. Sempre metendo os pés pelas mãos. Já bebi muitos martinis, ainda não comi nada, tentando caber nesse vestido. Mathilde, me desculpe. Sou uma idiota. Não chore.

— Não estou chorando — respondeu ela, e pegou o copo da mão de Chollie e bebeu o gim de uma só vez.

Ela colocou em cima do piano o presente de Danica, o lenço Hermès que Antoinette — bem, na verdade, Sallie — lhe dera alguns aniversários atrás, ainda naquela chamativa caixa laranja.

— Ah, muito generosa! — disse Danica, e deu um beijo na bochecha de Mathilde.

Danica foi para a porta receber outros amigos, um antigo candidato a prefeito e sua mulher laqueada.

— Perdoe ela. Está bêbada — disse Chollie.

Ele surgiu de forma despercebida. Como sempre.

— Sim, bem, e quando ela não está? — questionou Mathilde.

— Touché. Ela merece isso — disse ele. — A vida é dura para ela. Danica se sente muito insignificante, tentando acompanhar o ritmo daquelas socialites puro-sangue. Quer ir ao toalete para se recompor?

— Nunca estou descomposta — disse Mathilde.

— Verdade — disse Chollie. — Mas sua cara está... Sei lá, estranha.

— Ah. É porque parei de sorrir — respondeu Mathilde. — Durante tantos anos, nunca deixei ninguém me ver sem estar sorrindo. Não sei por que não parei antes. É imensamente relaxante.

Ele parecia aflito. Segurou as próprias mãos e corou. Depois, olhou para o rosto dela e falou: — Fiquei surpreso por você ter respondido ao convite, Mathilde. Isso mostra maturidade depois da nossa conversa. Depois do que revelei. Clemência. Bondade. Eu não sabia que existia isso em você.

— Sabe, Chollie, fiquei muito brava — disse ela. — Queria estrangular você com meus cadarços. Quase matei você com aquela colher de sorvete. Mas depois me dei conta de que você era um merda. Lotto nunca teria me largado. Sei disso do fundo do peito. Não importa o que você tenha feito, não seria capaz de nos magoar. Nosso relacionamento estava muito além de qualquer coisa que você pudesse ter feito para estragá-lo. Você não passa de um mosquitinho, Chollie. Só coceira, nenhum veneno. Você é menos que nada.

Chollie estava prestes a dizer algo, mas só fez uma expressão cansada e suspirou.

— Enfim. Apesar de tudo, somos velhos amigos — acrescentou ela, apertando o antebraço dele. — Na vida, a gente não tem muitos amigos de longa data. Senti falta de vocês. Dos dois. Até de Danica.

Ele ficou muito tempo quieto, olhando para ela. Por fim, disse: — Você

sempre foi muito boa, Mathilde. Somos todos indignos de você.

Ele estava suando. Virou-se de costas, ou aborrecido ou comovido. Por algum tempo, ela ficou folheando um livro luxuoso na mesa de centro chamado *Alado cupido é pintado cego*, que lhe pareceu estranhamente familiar, mas todos os painéis se misturaram e ela não viu nada.

Mais tarde, enquanto todo mundo atravessava a sala para ir jantar, Mathilde ficou alguns segundos para trás, olhando ostensivamente para o pequeno Rembrandt que Chollie tinha acabado de comprar. Se um Rembrandt podia ser entediante, esse era. Composição clássica, três corpos numa sala escura, um servindo algum unguento de um jarro, um sentado, um falando. Bem, ninguém nunca acusara Chollie de ter bom gosto. Ela voltou na direção do piano. Tirou outro presente da bolsa, este em papel azul-claro. Era fino. Do tamanho de um envelope, embrulhado. Não havia cartão nesse, mas ela tinha certeza de que era o melhor presente de todos. Quase artístico, Chollie nu iluminado por luz estroboscópica em meio a toda aquelas carnes estranhas.

Ao meio-dia no dia seguinte à festa de aniversário de Danica, Mathilde estava esperando. Sentada lendo o jornal na sala de café da manhã, se deleitando em seu pijama. Atendeu o telefone no primeiro toque, já rindo.

— Ela me deixou — disparou Chollie. — Sua cachorra do inferno monstruosa filha da puta.

Mathilde tirou os óculos de leitura e os apoiou na cabeça. Jogou para Deus uma lasca de panqueca.

— Veja só isso. Estou arriscando tudo — disse ela. — Parece que meu jogo é mais de longo prazo que o seu. Espere só para ver o que vai chegar para você em seguida.

— Vou matar você — disse ele.

— Não dá. Morri oito meses atrás — retrucou ela e desligou delicadamente.

*

Ela ficou sentada na cozinha, saboreando. A cadela em sua cama, a lua na janela. Na bela tigela azul, os tomates de sua horta de verão tinham murchado e exalavam um forte cheiro doce de terra, logo antes da podridão. Por dois meses, deixara a carta de Land ali, com o que imaginara que havia nela. O quê? Gratidão? Palavras sensuais? Um convite para ela ir visitá-lo na cidade? Gostara muito dele. Algo nele era bálsamo para ela. E Mathilde teria ido, passado a noite no loft dele de tijolos aparentes e, sem dúvida, excessivamente caro na área da moda de frente para o rio, e teria voltado para casa de madrugada sentindo-se ridícula. Também teria se sentido tranquila e bem, acompanhando em voz alta uma música pop de trinta anos atrás. Sexy. Jovem de novo.

Ela acabara de voltar do penúltimo encontro com o detetive do FBI. Ele ficara com água na boca pelo que ela contara. As fotos comprometedoras de Chollie haviam feito sua mágica. [Em três meses, Danica seria uma divorciada

incrivelmente rica.] A caixa de pastas que no dia seguinte ela daria para o pequeno agente suarento com costeletas hoje estava servindo de apoio para seus pés na cozinha. Ela ficava olhando no escuro para onde estava a caixa que tinha a mesma palidez lunar de um cogumelo.

Em seu laptop, havia um filme francês. Em sua mão, uma taça de malbec. Havia algo saciado nela. Algo aplacado. Estava imaginando a queda de cabeça de Chollie. Imaginou o rosto gordo dele na televisão enquanto o enfiavam numa viatura de polícia. Como ele faria uma expressão infantil, desnorreada.

A campainha tocou. Ela abriu a porta para Rachel e Sallie. No umbral, duplicado, seu marido brilhou por um instante.

Mathilde se permitiu ser amparada por algumas respirações no apoio dos braços delas, sentiu o peso de próprio corpo aliviado pela primeira vez em tanto tempo.

Abriu um champanhe gelado para elas. [Por que não?]

— Comemorando? — perguntou Rachel.

— Me diga você — respondeu Mathilde.

Ela notara a gola de Sallie torta, o anel torcido errado no dedo de Rachel. Nervos. Havia algo acontecendo. Mas elas não contaram, ainda. Ficaram sentadas bebendo. Com seu rosto comprido e ossudo, Rachel, no crepúsculo, parecia moldada de resina. Sallie refinada com um casaco de seda, corte de cabelo chique. Mathilde pensou em Sallie em sua volta ao mundo, imaginou exuberância, frutas em forma de cisnes, amantes em lençóis úmidos. A palavra *solteirona* escondia uma liberdade abrasadora. E como Mathilde não vira isso antes?

Rachel apoiou o copo e se inclinou para a frente. A esmeralda bateu três vezes devagarinho em sua clavícula, brilhou fraco quando parou no ar.

Mathilde fechou os olhos, disse: — Fale.

De sua agenda, Sallie puxou uma pasta de papel kraft e a colocou nos joelhos de Mathilde, que levantou um canto com o indicador e a abriu. Do mais ao menos recente, uma galeria de vício. A maior parte nem era dela. Do mais novo ao mais antigo, tudo antes da morte de Lotto. Foto granulada de Mathilde de biquíni numa praia na Tailândia, a separação fracassada. Mathilde dando um beijo na bochecha de Arnie numa esquina. [Ridículo, ainda que fosse propensa a infidelidade, ele era muito nojento.] Mathilde, abatida, um esqueleto, jovem, entrando na clínica de aborto. Seu tio, estranhas páginas brilhantes tiradas clandestinamente de algum arquivo secreto delineando seus supostos delitos a partir de 1991. Muito depois, ela leria isso como se fosse um romance. Por fim, sua avó de Paris e sua folha corrida em francês, sorrindo maliciosamente para a câmera, *prostituée* como excrementos de mosca na página.

Grandes lacunas aqui: um rendilhado do tecido de sua vida. Ainda bem que o pior dela permanecia obscuro. Ariel. A esterilização, a esperança infundada por

filhos que tinha deixado viver em Lotto. O que Aurélie havia feito todos aqueles anos antes. Todos os déficits de bondade que totalizavam uma Mathilde-sombra.

Então Mathilde se lembrou de respirar e ergueu os olhos.

— Você me pesquisou?

— Não. Antoinette pesquisou — disse Sallie, batendo o dente no copo. — Desde o início.

— Esse tempo todo? — perguntou Mathilde. — Ela era dedicada.

Uma pontada. Esse tempo todo, e Mathilde estivera totalmente viva na cabeça de Antoinette.

— Mãezinha era uma mulher paciente — afirmou Rachel.

Mathilde fechou a pasta e deu tapinhas nos papéis, deixando-os bem-arrumados. Serviu igualmente o resto do champanhe nos copos. Quando olhou, Sallie e Rachel estavam inflando as bochechas de forma grotesca e a assustaram. Juntas, elas começaram a rir.

— Mathilde acha que temos a intenção de prejudicá-la — disse Sallie.

— Doce M. — disse Rachel. — Não faríamos isso.

Sallie suspirou, enxugou o rosto.

— Não es quente. Nós protegemos você. Antoinette tentou duas vezes mandar pacotes para Lotto, um sobre seu tio, outro sobre o aborto. E de novo quando você o deixou. Ela deixou passar que era eu quem levava a correspondência para a caixa de correio no fim da entrada de veículos e a trazia de lá.

Rachel riu.

— O testamento que ela me mandou para ser autenticado foi perdido. Doando a parte de Lotto das finanças da empresa a uma ONG de resgate de chimpanzés. Os pobres macacos necessitados vão ficar sem as bananas deles — disse ela, dando de ombros. — Foi culpa da mãezinha. Ela nunca esperou perfídia grosseira dos mansos e suaves.

Mathilde viu seu rosto refletido na janela, mas não, era uma coruja-das-torres num galho baixo nas cerejeiras.

Ela mal conseguia se controlar. Nunca esperara isso. Essas mulheres. Tamanha bondade. Os olhos delas brilhando na sala mal-iluminada. Elas a enxergavam. Não sabia por quê, mas a enxergavam e a amavam mesmo assim.

— Tem mais uma coisa — disse Rachel, tão depressa que Mathilde precisou se concentrar para entender. — Você não sabe disso. Nós não sabíamos até minha mãe morrer. Quer dizer, foi um choque total. Tivemos que processar isso antes de fazermos qualquer coisa. E então íamos contar ao Lotto depois que organizássemos as coisas. Mas ele... — Ela deixou a frase inacabada.

Mathilde observou seu rosto, como se em câmera lenta, desmoronar. Ela entregou um álbum de fotos de cordovão barato. Mathilde o abriu.

Dentro: uma confusão. Um rosto assustadoramente familiar. Bonito, cabelo

escuro, sorrindo. A cada página, o rosto ficava mais jovem, até ser um bebê de rosto vermelho e enrugado dormindo em lençóis de hospital.

Um certificado de adoção.

Uma certidão de nascimento. Satterwhite, Roland, nascido em 9 de julho de 1984. Mãe: Watson, Gwendolyn, 17 anos. Pai: Satterwhite, Lancelot, 15 anos.

Mathilde deixou o álbum cair.

[Um enigma que ela pensara ter resolvido mostrava que continuava interminavelmente.]

Mathilde sempre fora pão-duro, na verdade. Só com Lotto fora mão aberta.

*

Mesma noite. Tomates apodrecendo. O perfume de Sallie persistia, embora ela e Rachel estivessem sonhando ebramente nos quartos de hóspedes lá em cima. Na janela, um fio de lua. Garrafa de vinho, mesa de cozinha, cadela roncando. Diante de Mathilde, uma extensão de papel branco, acessível como as bochechas de uma criança. [Escreva, Mathilde. Entenda.]

Flórida, escreveu ela. Verão. Anos 1980. Lá fora, o sol insuportável pegando fogo sobre o oceano. Lá dentro, carpetes bege. Tetos chapiscados. Pegadores de panela na cozinha cor de oliva com a forma lasciva da Flórida em serigrafia, sereias à esquerda, foguetes à direita. Cadeiras reclináveis Naugahyde. Um bestiário da vida moderna americana passando na televisão. Flutuando sozinhos na caverna quente da casa: um menino e uma menina. Gêmeos, quinze anos recém-completados. Charles, a que chamavam Chollie. Gwendolyn, a quem chamavam Gwennie.

[Estranho como é fácil evocar isso tudo. Como a dor de um sonho. Uma vida que se houvesse imaginado por tanto tempo que quase virara memória. Essa infância de classe média americana dos anos 1980 que nunca se teve.]

Em seu quarto, a menina passou vaselina nos lábios, o rosto resplandecendo hábito branco no espelho.

Quando o pai chegasse em casa, ela ia aparecer de pijama cor-de-rosa, o cabelo cacheado revoltado preso em duas tranças, e esquentaria o jantar que guardara para ele: frango e um legume cozido. Ela bocejaria e fingiria sono. Fazendo companhia ao pai na cozinha, seu irmão imaginária a metamorfose no quarto da irmã: pernas despidas e pálidas na minissaia, olhos escurecidos com maquiagem. Uma criatura estranha, muito diferente da irmã que ele conhecia, penetrando na noite pela janela.

As mudanças noturnas dela não eram sem medo. Eram por medo. Pequena até mesmo para uma menina de quinze anos, ela poderia ter sido oprimida por qualquer garoto que passasse. Uma contestação da garota que já estudara cálculo, que vencera feiras de ciências construindo os próprios robôs. Ela foi tiritando pelas ruas escuras, em direção à loja de conveniência, sentindo agudamente o lugar intacto embaixo da saia. Levava-o para passear pelos corredores. Burt Bacharach; o caixa olhando boquiaberto para ela, pele malhada de vitiligo. Homem de macacão branco, observando-a na seção de refrigerantes, chacoalhando o troco no bolso. *Me dê um daqueles*, pediu ele, mas se referia ao gorduroso cachorro-quente que girava. Embaixo da furiosa lâmpada anti-insetos do lado de fora, três ou quatro garotos davam saltos com skates. Ela não os conhecia. Eram mais velhos, com idade de universitários, embora ela duvidasse

— cabelo oleoso, casacos de capuz e bolso canguru — que eles estivessem na faculdade. Ela parou ao lado do orelhão, enfiando e tirando o dedo da abertura para moedas. Nada de troco, nada de troco, nada de troco. Um se aproximou lentamente. Olhos azuis brilhantes sob uma monocelha.

Discutível quanto tempo demorou a sedução. Quanto mais inteligente a menina, mais rápido essas coisas andam. Audácia física como um número intelectual em corda bamba: o prazer não do prazer, mas da atuação e da vingança contra o aparelho nos dentes, a flauta, o monte de expectativas. Sexo como rebelião contra como as coisas devem ser. [Soa familiar? É. Nenhuma história mais comum na Terra.]

Durante quase um ano, uma embriaguez de dedos e línguas. Pela janela no escuro, ela seguia de novo e de novo. E vinha escola e equipe de debate e ensaio da banda. Lenta solidificação embaixo das costelas feito cimento vulcanizante exposto ao ar. O corpo sabe o que o cérebro refuta. Ela não era burra. Aquele ano teve sorte com a moda. Moletons usados enormes, até os joelhos. A mãe chegou tarde em casa na véspera de Natal. A menina apareceu na manhã de Natal de camisola de flanela e a mãe se virou, cantarolando. Ela viu a filha, o volume na cintura, e deixou cair o pão de macaco que estava fazendo.

A menina foi levada para um lugar tranquilo. Ninguém foi desagradável. Suas entranhas foram esfregadas. Vozes suaves. Ela foi embora, não a mesma menina de quando entrou.

[A vida dos outros se reúne em fragmentos. Uma luz brilhando de uma história independente pode iluminar o que permanecera escuro. Cérebros são milagrosos. Criaturas contadoras de histórias dos humanos. Os estilhaços se juntam e criam uma unidade.]

Os gêmeos fizeram dezesseis anos na primavera. Havia as trancas novas do lado de fora da porta, nas janelas. Seu irmão de repente sete centímetros mais alto que ela. Ele começou a segui-la por toda parte, uma sombra com cara de pateta.

— Joga Banco Imobiliário? — perguntou ele, quando ela atravessou a sala numas das chatas noites de sábado.

— Não se preocupe comigo — disse ela.

Estava de castigo, tinha que dizer baixinho aos garotos skatistas que ficavam no portão da escola esperando, às meninas que ela conhecia desde o jardim de infância, que queriam que se juntasse a elas para assistir a *O Cristal Encantado* comendo pipoca e ondulando o cabelo. Ela sempre foi mais popular que seu gêmeo, mas não demorou para um leve cheiro de sexo deixá-la maculada. Ela só tinha o irmão. Depois Michael.

*

Michael era bonito, metade japonês, alto e sonhador, com uma mecha de cabelo preto modernosa em cima de um olho. Em sala de aula, Gwennie passara

semanas imaginando sub-repticiamente sua língua lambendo a pele clara do pulso dele. Ele sonhava com meninos, Gwennie sonhava com ele. Chollie gostava dele de má vontade. Seu irmão exigia absolutos: lealdade, generosidade, coisas que Michael não podia dar. Mas a maconha que ele dividia relaxava Chollie o suficiente para levá-lo a fazer piadas, a sorrir. E foi assim até a escola terminar. A mãe dela em San Diego, Milwaukee, Binghamton. Ela era uma enfermeira viajante que cuidava de bebês quase frágeis demais para sobreviver.

Eles conheceram Lotto. Dolorosamente alto, o rosto bombardeado de acne, aquele seu coração de menino doce. O verão se estendia diante deles: diversas drogas, cerveja, cola de sapateiro, tudo válido desde que os gêmeos estivessem em casa na hora do jantar. Gwennie era o centro dessa roda. Os meninos giravam em volta dela, satélites.

[Um tempo tão breve, esse *ménage à quatre*. Só o verão inteiro entrando em outubro, mas mudou tudo.]

Nas ameias do velho forte espanhol, eles cheiravam óxido nitroso em latas roubadas. St. Augustine com suas manadas de turistas brilhando ali embaixo. Michael pegava sol, balançando o corpo no ritmo da música do toca-fitas, a maciez gloriosa daquele corpo. Lotto e Chollie estavam absortos numa conversa, como de costume. O mar abaixo cintilando. Precisava que eles olhassem para ela. Plantou bananeira na beira do forte, uma queda de doze metros para a morte. Praticara ginástica olímpica até seu corpo se tornar um traidor com peitos. Manteve a posição. De cabeça para baixo, os rostos deles em contraste com o azul, seu irmão se levantando com medo. Ela desceu e quase desmaiou com o sangue no cérebro, mas se sentou. O latejar tão alto em seus ouvidos que ela não escutou o que ele dizia, só fez um gesto com a mão e disse: — Porra, relaxe, Choll. Sei o que estou fazendo.

Lotto riu. Os músculos do abdômen de Michael se flexionaram para olhar para Lotto. Gwennie observando os músculos do abdômen.

No início de outubro, eles passaram um sábado na praia. O pai deles começara a confiar nela de novo, ou a confiar em Chollie para mantê-la na linha, e voou para Sacramento para passar o fim de semana com a mãe deles. Dois dias livres como uma boca aberta. Eles passaram o dia inteiro no sol bebendo cerveja e desmaiaram, e quando ela acordou, estava toda queimada, era o pôr do sol, e Lotto começara a construir algo enorme com areia, já com um metro e vinte de altura e três metros de comprimento, apontando para o mar. Levantando-se confusa, ela perguntou o que era aquilo. Ele disse: — Píer espiralado.

Ela perguntou:

— De areia?

Ele sorriu e respondeu: — Essa é a beleza disso.

Um momento se abrindo nela de repente, se expandindo. Olhou para ele.

Ela não tinha visto antes, mas havia algo especial ali. Queria abrir um túnel dentro dele para entender o que era. Havia uma luz sob a timidez e a juventude. Uma doçura. Um surto súbito da antiga fome nela para pegar para si parte dele e fazê-lo seu por um instante.

Em vez disso, ela se abaixou e ajudou, todos ajudaram, e no fim da manhã, quando estava pronto, eles ficaram sentados em silêncio, aconchegados para se proteger do vento frio, e observaram a maré engolir a escultura inteira. Tudo mudara, de alguma forma. Eles foram para casa.

O dia seguinte, domingo. Sanduíches de ovo comidos em cima da pia, gema escorrendo. Cama até três da tarde. Quando ela saiu para comer, Chollie estava com bolhas de queimadura de sol no rosto, mas sorria.

— Arranjei ácido — disse ele, a única maneira de aguentar a festa na casa abandonada no pântano aquela noite.

Ela sentiu uma pontada de medo.

— Ótimo — disse tranquilamente.

Eles levaram hambúrgueres para a praia de novo. Onde a cadeira do salva-vidas estivera enterrada no fim da espiral deles, foi desenterrada, colocada de pé, como um dedo médio erguido. Ela se absteve da droga, mas os garotos compartilharam. A coisa estranha entre Lotto e ela se intensificou. Ele permaneceu perto dela. Chollie subiu na cadeira de salva-vidas e ficou em pé, em contraste com as estrelas, gritando, levantando uma caneca de rum.

— Somos deuses! — disse.

Essa noite, ela acreditou. Seu futuro era uma daquelas estrelas, frio, brilhante e certo. Ela faria alguma coisa transformadora do mundo. Sabia disso. Riu para o irmão, brilhando na luz da fogueira e das estrelas, e depois Chollie deu um grito agudo e pulou, pairando por um bom tempo como um pelicano, com um pescoço flácido, aqueles braços e pernas canhestros, no ar. Aterrissou com um estalo. E depois os gritos do irmão, e ela segurou a cabeça dele, e Lotto saiu correndo para pegar o carro da tia, e quando ele dirigiu até a praia, Michael pegou Chollie nos braços e o jogou no banco de trás e pulou para o lado do motorista e partiu sem Gwennie nem Lotto.

Desolados, eles observaram as luzes traseiras subirem a rampa para a estrada. Removidos os gritos de Chollie, o vento estava muito barulhento.

Ela pediu que Lotto fosse com ela contar a seu pai, e ele disse claro. [Olhe, aquele jovem coração puro.]

Em casa, ela tirou a maquiagem, os piercings, fez duas tranças no cabelo, vestiu um conjunto de moletom rosa. Ele nunca a tinha visto de cara lavada, mas conteve o riso, gentilmente. O voo do pai chegou às sete e, às sete e meia, seu carro parou embaixo da *porte cochère*. Ele entrou pela porta despejando descontentamento. Devia ter sido um fim de semana ruim com a mãe dos gêmeos, o casamento deles por um fio. Lotto já era centímetros mais alto que o

homem mais velho, mas o pai dela encheu a sala, e Lotto deu um passo para trás.

O rosto do pai dela, tão furioso.

— Gwennie, já disse, nada de garotos em casa. Tire ele daqui.

— Papai, esse é Lotto, ele é amigo de Chollie. Chollie pulou de uma coisa e quebrou a perna, está no hospital, Lotto só chegou há pouco para lhe contar, porque a gente não conseguia entrar em contato com você. Desculpe — disse ela.

Seu pai olhou para Lotto.

— Charles quebrou a perna? — perguntou.

— Sim, senhor — respondeu Lotto.

— Tinha álcool envolvido? Drogas? — disse o pai.

— Não, senhor — mentiu Lotto.

— Gwennie estava presente? — quis saber o pai.

Ela prendeu a respiração.

— Não, senhor — respondeu ele suavemente. — Só conheço ela da escola. Ela anda com o pessoal inteligente.

O pai olhou para eles. Assentiu, e o espaço que ele ocupava na sala de repente ficou menor.

— Gwendolyn — disse o pai —, ligue para sua mãe. Vou para o hospital. Obrigado por me contar, menino. Agora fora.

Ela olhou para Lotto, e o carro do pai arrancou depressa, e quando Gwennie saiu pela porta da frente, tinha vestido sua menor saia, a camisa cortada embaixo dos peitos, maquiagem retalhando o rosto. Lotto estava esperando nas azuleiras.

— Foda-se ele — disse Gwennie. — Vamos para a festa.

— Você é encrenca — falou ele com admiração.

— Você não tem ideia.

Eles foram na bicicleta de Chollie. Ela se sentou no guidom e ele pedalou. No túnel da estrada escura, rãs cantando lugubrememente, o cheiro de podre do pântano subindo. Ele parou a bicicleta e pôs seu moletom em Gwennie. Tinha um cheiro bom, de amaciante. Alguém em casa o amava. Lotto ficou em pé nos pedais quando chegaram na descida e descansou a cabeça no ombro dela, que se recostou nele. Ela sentiu o cheiro de adstringente em suas bochechas assoladas. A casa estava iluminada por fogueiras, faróis deixados acesos. Já centenas ali, a música ensurdecadora. Eles ficaram em pé, de costas para o tapume cheio de farpas, bebendo cerveja que era praticamente só espuma. Sentiu Lotto olhando para ela. Fingiu não reparar. Ele se aproximou do seu ouvido como se fosse sussurrar, mas ele estava, o quê? Lambendo-a? Um choque independente a percorreu e ela deu passos decididos na direção do fogo.

— Qual merda é essa — disse ela, e deu um murro muito forte num ombro.

A cabeça se ergueu, a boca besuntada, Michael. Ele tinha afastado o rosto da cabeça loura de alguma garota.

— Ah, oi, Gwennie — disse Michael. — Lotto, meu parceiro.

— Que merda é essa — repetiu Gwennie. — Você devia estar com meu irmão. Com Chollie.

— Ah, não — disse Michael. — Dei o fora quando seu pai apareceu. Ele é um cara assustador. Essa garota me deu uma carona.

— Sou Lizzie — disse a garota. — Faço trabalho voluntário em hospital nos fins de semana? — disse ela.

Aninhou o rosto no peito de Michael.

— Ô — sussurrou Lotto. — Isso é que é garota.

Gwennie pegou a mão de Lotto e o puxou para dentro da casa. Velas nos peitoris das janelas e lanternas que projetavam luz em concha na parede e corpos em colchões que alguém arrastara lá para dentro para essa finalidade, bundas, costas nuas, pernas e braços brilhando. Nó de música vindo de quartos distintos. Ela o levou escada acima para a janela que dava para o telhado da varanda. Eles se sentaram na noite fresca, ouvindo a batida da festa, conseguindo apenas ver um clarão do fogo. Dividiram um cigarro em silêncio, e ela enxugou o rosto e o beijou. Seus dentes esbarraram. Ele falara sobre festas de pegação no fim do mundo de onde ele viera, mas ela não esperara realmente que ele soubesse o que fazer com a boca e a língua. Na verdade, ele sabia. Ela sentiu a velha vertigem nas juntas. Pegou a mão dele e apertou-a em seu corpo, permitiu que ele deslizasse os dedos por baixo do elástico para sentir como ela tinha ficado molhada. Empurrou-o de costas. Montou em suas pernas, tirou seu pênis para fora, observou-o crescer, enfiou-o lá dentro. E ele arquejou, espantado, depois agarrou seu quadril e realmente mandou ver. Ela fechou os olhos. As mãos de Lotto levantaram sua camisa e baixaram o bojo de seu sutiã, então seus peitos apontaram como foguetes. Havia uma coisa nova, um calor apavorante, calor como no meio do sol. Ela não se lembrava de calor semelhante de todas as outras vezes. Ele a penetrou, ela o sentiu saindo, abriu os olhos para encontrá-lo rolando, apavorado, pela lateral da varanda, e caindo. Ela olhou em volta e notou na janela uma cortina de fogo. Pulou, a saia se levantando, o que ele deixara nela vazou enquanto ela caía.

[Algo errado em ficar excitado, evocando essa garota morta, esse garoto morto, para que pudessem transar.]

Na cadeia, ela tiritou a noite inteira. Sua mãe e seu pai estavam emburrados, firmes, quando ela chegou em casa.

Lotto sumira por uma semana, depois duas, depois um mês, e Chollie encontrou uma carta em sua mesa de cabeceira dizendo que a mãe de Lotto o mandara para um internato só de meninos, coitado. Ele contou a Gwennie, mas ela parara de se importar. A festa inteira, os bombeiros e o policial tinham visto que Gwennie e Lotto pagaram mico. A escola toda sabia que ela era uma puta. E ponto final. Marginalizada. Michael não soube o que dizer. Ele se afastou,

encontrou outros amigos. Gwennie parou de falar.

Na primavera, quando o estado dela se tornou impossível de ignorar de novo, os gêmeos roubaram o carro do vizinho. Culpa dele por deixar a chave na ignição. Subiram a entrada de veículos, observando os sagueiros e os capins, a caixinha cor-de-rosa em cima das estacas. Chollie fez um ruído de desapontamento; ele esperara que a família de Lotto fosse podre de rica, mas não parecia. [Nunca se sabe.] Margaridas ridicularizadas, parecendo mamilos na grama. Eles bateram à porta. Uma mulher miúda de expressão severa atendeu, a boca fina contraída.

— Lancelot não está aqui — disse ela. — Vocês deviam saber disso.

— Estamos aqui para ver Antoinette — disse Chollie.

Ele sentiu a mão da irmã em seu braço.

— Eu estava indo para o mercado. Bem, seria melhor vocês entrarem — disse ela. — Sou Sallie. Tia de Lancelot.

Eles estavam sentados havia dez minutos, bebendo chá gelado e beliscando biscoitos amanteigados, quando uma porta se abriu e uma mulher saiu. Era alta, imponente, gorda, o cabelo amontoado de forma elaborada no topo da cabeça. Havia certa leveza nela, o tecido fino e transparente das roupas, o jeito que ela mexia as mãos, algo delicado de uma maneira que desarmava.

— Que agradável — murmurou ela. — Não estávamos esperando visitas.

Chollie deu uma risadinha em sua cadeira, lendo-a, odiando o que lia.

Gwennie encontrou os olhos de Antoinette fixos nela e fez um movimento sinuoso com as mãos para mostrar a barriga.

No rosto de Antoinette, uma expressão como papel pegando fogo. Depois ela sorriu alegremente.

— Suponho que meu filho teve alguma coisa a ver com isso. Ele adora garotas. Puxa vida.

Chollie se inclinou para a frente na cadeira para dizer alguma coisa, mas do quarto da mulher saiu um bebê de fralda, o cabelo em chuca-chucas gêmeos. Ele fechou a boca. Antoinette apoiou a neném em um joelho e cantou: — Diga oi, Rachel!

E balançou a mãozinha gorda da criança para os gêmeos. Rachel engoliu o punho, observando as visitas com seus olhos castanhos ansiosos.

— Então, o que vocês querem de mim? — perguntou Antoinette. — Interromper uma gravidez manda uma garota direto para o inferno. Não vou pagar para isso.

— Queremos justiça — afirmou Chollie.

— Justiça? — repetiu Antoinette com suavidade. — Todos nós queremos justiça. E paz no mundo. Unicórnios brincando. O que você quer dizer exatamente, menininho?

— Se me chamar de menininho de novo, sua porca gorda, vou dar um soco

na porra da sua boca — ameaçou ele.

— Você só mostra pobreza espiritual quando fala palavrão, menininho — disse ela. — Meu filho, abençoado seja seu coração puro, nunca seria tão vulgar.

— Foda-se, sua bruxa com cara de boceta.

— Querido — começou Antoinette muito baixinho, colocando a mão na de Chollie, fazendo-o parar subitamente com seu toque. — Você merece crédito por lutar por sua irmã. Mas a menos que queira que eu leve um cutelo à sua masculinidade, sugiro que espere no carro. Sua irmã e eu vamos chegar a um acordo sem você.

Chollie ficou pálido, abriu a boca, abriu as mãos, fechou-as, depois saiu pela porta e passou uma hora sentado no carro com a janela aberta, ouvindo pop dos anos 1960 no rádio.

Sozinhas, Antoinette e Gwennie sorriram educadamente para Rachel até a neném voltar para o quarto.

— Eis o que vamos fazer — disse Antoinette, inclinando-se para a frente.

Gwennie diria ao irmão e aos pais que havia abortado. Uma semana depois, ela fugiria, mas, na verdade, iria para um apartamento em St. Augustine. Seria tudo arranjado pelos advogados de Antoinette. Cuidariam dela desde que ficasse dentro de casa. Também seria arranjada a adoção. Depois do nascimento, Gwennie deixaria o bebê no hospital e voltaria para sua antiga vida. Nunca contaria para ninguém, ou a mesada acabaria.

[Ecos em toda parte. Dolorosas, as manipulações dos bastidores, como o dinheiro ultrapassa o coração. Ótimo. Coloque o dedo na ferida. Aperte.]

A garota escutava o oceano, emudecido pela janela. Rachel voltou, apertou o botão da televisão e se sentou, chupando o dedo, no tapete. Gwennie a observou, querendo machucar essa mulher que fedia a rosas, a talco de bebê. Por fim, Gwennie olhou para Antoinette sem sorrir.

— Você não vai reconhecer o próprio neto? — perguntou.

— Lancelot vai ter um futuro brilhante — disse ela. — Menos brilhante se isso acontecer. O trabalho da mãe é deixar abertas todas as portas possíveis para seus filhos. Além do mais, haverá candidatas mais adequadas para carregar os filhos dele. — Ela fez uma pausa, sorriu docemente. — Filhos mais adequados, por conseguinte.

Dentro da barriga de Gwennie, uma cobra se retorcia.

— Ótimo — disse ela.

[Quanto disso é suposição, projeção? Tudo. Nada. Você não esteve ali. Mas conheceu Antoinette, como sua doçura preguiçosa mascarava ferocidade. Ela faria esse discurso de novo, embora o dardo fosse errar o alvo na segunda vez. Ah, sim. Você conheceu Antoinette a fundo.]

No carro de novo. Chollie dirigia e se sentia aflito, vendo a irmã chorar no cotovelo.

— Mandou ela ir para o inferno? — sugeriu ele.

Ele processaria aquela bruxa por tudo que ela tinha, foda-se que era mãe de Lotto. Chollie se aproveitaria ao máximo dela e moraria naquela casa de praia pelo resto da vida, triunfante, rico.

Gwennie afastou o braço e disse: — Dinheiro por silêncio. Não brigue comigo. Assinei o contrato.

Ele tentou dizer do seu próprio jeito sem palavras o que não diria em voz alta, mas a irmã não queria saber.

— Gostei dela — disse, embora isso fosse totalmente inverídico.

Eles apareceram na casa dos pais porque não havia outro lugar em que quisessem estar. Quiabo, frango e pão de milho de uma caixa, a mãe deixando cair a espátula, vindo de braços abertos. Gwennie anunciou tanto a gravidez quanto o aborto em torno de um pudim de caramelo. Era por Chollie, para que ele não se metesse. Seu pai apoiou a testa na beirada da mesa da cozinha, chorou ali. Sua mãe ficou sem falar e voou na manhã seguinte a trabalho para El Paso. Foi fácil para Gwennie fingir uma fuga. Arrumou uma pequena sacola de viagem e entrou no carro que veio buscá-la quando ela deveria estar na escola, e foi acomodada num apartamento de dois quartos, com carpete cor de aveia e canecas de plástico, e recebia a visita de uma enfermeira toda semana, a comida aparecia na porta e assistia a tantos programas de televisão quanto conseguisse processar, o que vinha bem a calhar, pois ela não poderia ter lido um livro caso houvesse um por ali, o que provavelmente não havia, não em todo esse triste complexo de condomínios com fontes turquesa, palha de cipreste tingida de vermelho.

O bebê pegou. Pegou dela os ossos e pegou dela a juventude dia após dia. Gwennie comia pouco, assistia a talk shows o dia inteiro. *Caro Lotto*, escreveu ela uma vez para o garoto banido para a fria desgraça do norte, mas metade das palavras já era uma mentira, então ela rasgou o bilhete e o colocou embaixo do filtro de café na lixeira. Só boiar na banheira lhe deixava aliviada.

A vida dela pausara. Mas em *fast-forward* nasceu o bebê. Gwennie fez epidural. Foi um sonho. Sua enfermeira particular chegou ao hospital e fez tudo. Colocava o bebê nos braços de Gwennie, mas, quando ela saía do quarto, Gwennie botava o bebê de novo no berço. Ele era levado embora e trazido de volta, apesar de ela dizer para não fazerem isso. Seu corpo sarou. Seus seios endureceram. Dois dias, três dias. Gelatina verde em copinhos e queijo americano no pão. Um dia, ela assinou um papel e o bebê se foi. Havia um envelope cheio de dinheiro em sua mochila. Ela saiu do hospital para o calor abrasador de junho. Estava para lá de vazia.

Foi a pé para casa, mais de dezesseis quilômetros. Quando entrou, encontrou Chollie na cozinha, bebendo refresco. Ele deixou o copo cair. Ficou com o rosto vermelho e gritou com ela, que seus pais tinham dado queixa na polícia, que toda

noite o pai deles passava a noite inteira vigiando as ruas, que Chollie tinha pesadelos com ela sendo estuprada. A menina deu de ombros, deixou a mochila no chão e foi para a sala ligar a televisão. Depois de um tempo, ele levou ovos mexidos e torrada para ela e se sentou ao seu lado, observando a luz se mover em seu rosto. Semanas se passaram. Seu corpo funcionava independentemente de seu cérebro, que estava em outro lugar, em outro hemisfério. Havia algo arrastando-a, uma âncora enganchada em alguma coisa invisível embaixo. Era preciso grande esforço para se mexer.

Seus pais foram gentis. Deixaram que ela faltasse às aulas, levaram-na a um terapeuta. Não adiantava. Ela permaneceu na cama.

— Gwennie — dizia seu irmão. — Você precisa procurar ajuda.

Não adiantava. Seu irmão, sem olhar para ela, pegou sua mão. Com tanta delicadeza, tanta ternura, que ela não ficou constrangida. Fazia semanas que ela não tomava banho. E estava cansada demais para comer.

— Você está fedendo — afirmou Chollie, zangado.

Você sempre fedeu, pensou ela, mas não disse. Chollie estava preocupado, só saía agora para ir à escola. Seu pai, só durante o trabalho. O intervalo de tempo que ela ficava sozinha era de três horas, curto. Num dia em que estava com mais energia do que de costume, ela ligava para o vizinho de Michael que vendia drogas. Ele vinha, olhava para seu cabelo embaraçado, sua camisola de garotinha, e parecia relutante em entregar o saco de papel. Ela botava dinheiro nas mãos dele, batia a porta na sua cara. Enfiava o saco entre o colchão e as molas. Dia após dia, a mesma coisa. Franja pegajosa de poeira na borda das pás dos ventiladores de teto. Basta.

Chollie mostrara a ela seu estoque de ecstasy e disse maliciosamente: — É assim que começa minha busca pelo domínio do mundo.

Contou que passaria a noite inteira fora vendendo numa rave. Será que ela ficaria bem?

— Vá — disse ela —, ganhe seu dinheiro.

Ele foi. O pai estava no quarto, dormindo. Então ela colocou o envelope com o dinheiro de Antoinette embaixo do travesseiro do irmão e refletiu sobre isso. Depois trocou os lençóis fedidos dele e botou novamente o dinheiro embaixo do travesseiro. Pegou o saco de drogas de baixo do próprio colchão, engoliu uma pílula e esperou fazer efeito, em seguida virou o vidro na boca e engoliu as pílulas com uma caixa de leite. A dor começou em seu estômago.

Já tonta. O ar ficara turvo. Ela desabou na cama. Vagamente, ouviu o pai sair para trabalhar. O sono movia-se furtivamente sobre ela como ondas. Nas ondas, uma doçura, uma paz.

[Vá em frente e chore no seu vinho, mulher zangada, a meia vida de distância. O que espera que vai seguir você para fora do escuro? A manhã entrando pela janela como faz todo dia, a cadela acordando na cama dela

sonhando com esquilos. Mas ressurreição é coisa que não existe. No entanto, apesar de tudo, você fez isso, não fez? Trouxe de volta a pobre menina. Agora o que vai fazer? Aqui está ela diante de você, tão viva quanto jamais será, e seu pedido de desculpas nunca teria significado nada.]

Chollie voltou para casa, encontrou um silêncio pesado e percebeu que havia algo errado. O pai no trabalho, Chollie atrasado por causa da festa. Ele ficou parado à porta, sem ouvir nada, depois correu. Encontrou o que encontrou. Tudo nele virou de cabeça para baixo. Esperou a ambulância, e, enquanto esperava, um plano veio à tona, o que ele faria, os anos que demoraria. Deslizou a cabeça da irmã em seu colo e a segurou ali. A mil e seiscentos metros dali, o barulho. As sirenes.

*

Era aurora, uma fina palidez se espalhando ao longe. Mathilde estava tremendo, mas não de frio. Sentia pena deles, os covardes. Por que ela, também, desesperava. Ela, também, estava cega pela escuridão, mas virar as costas é muito fácil. Trair. O punhado, o copo gelado, o gole. A cadeira chutada para trás, a queimação na pele do pescoço. Um minuto de dor, depois tranquilidade. Desprezível, tamanha falta de orgulho. Melhor sentir tudo. Melhor a queimação demorada, lenta.

O coração de Mathilde era um coração amargo, vingativo e rápido. [Verdade.]

O coração de Mathilde era um coração bondoso. [Verdade.]

Ela pensou nas costas deslumbrantes de Land, musculosas e compridas, a espinha uma delicada serrilha. Tinham sido as costas de Lotto também. Os lábios, as maçãs do rosto, os cílios, tudo igual. O fantasma manifesto na carne viva. Ela poderia dar ao rapaz esse presente. Se não pai ou mãe, ainda sangue, um tio. Chollie era quem mais conhecia Lotto depois dela, afinal. Poderia contar a Land sobre Lotto, evocar uma pessoa com o que, para Land, haviam sido só detalhes, fragmentos: entrevistas, peças, um breve momento com a viúva, mas Mathilde sabia como ela estava fechada, como só havia lhe mostrado seu corpo, nada real. Chollie poderia trazer Gwennie para ele, uma mãe. Mathilde poderia deixar Land com algo vivo. Poderia dar tempo ao menino e a seu tio.

Ela se levantou. O que lhe dera leveza esses últimos meses fugira, e seus ossos pareciam feitos de granito, sua pele esticada como uma lona velha em cima deles. Ela ergueu a caixa, sentindo todo o peso da maldade de Chollie nos braços, e a colocou na pia.

Acendeu um fósforo e observou a beirada azul sugar o palito, e, por um instante, a leveza voltou, o sopro para apagar a chama logo atrás de seus lábios... Porra, Chollie merecia o pior pelo que ele havia feito com Lotto em seus últimos dias, a dúvida que criara, mas algo deteve seu sopro. [Interno. Não nós.] Logo antes de a chama queimar sua pele, ela largou o fósforo dentro da caixa.

Observou os papéis queimarem, desolada, sua maldição contra Chollie subindo numa língua de fumaça. Ela mandaria uma carta do próprio punho, mais tarde, para os dois. Land poderia ligar para o novo tio todos os dias de sua vida. Ele faria isso. Chollie daria a festa de casamento de Land em seu palácio à beira-mar. Chollie estaria presente nas formaturas dos filhos de Land, iria dirigindo os Porches que lhes daria. Land seria amado.

— Isso não é pouco — disse ela em voz alta.

A cadela acordou, gritando com a fumaça. Quando Mathilde ergueu os olhos da mixórdia carbonizada, a garotinha sombria que ela convocara tinha sumido.

Décadas mais tarde, a enfermeira entraria na sala de chá na casa de Mathilde. [Tela azul na parede; um sentimento sereno, melancólico de ser jovem e carente de amor.] Ela levaria uma bandeja de bolos, que era a única coisa que Mathilde ainda comia. Ela falaria, essa mulher, falaria e falaria, porque havia um sorriso nos lábios de Mathilde. Mas quando a tocasse, a enfermeira encontraria a velha morta. Nenhuma respiração. Pele esfriando. A última centelha no cérebro de Mathilde a puxava na direção do mar, da praia abrasiva, de um amor ardente como uma tocha na noite quase imperceptível na costa.

Chollie, que ouvira a notícia uma hora mais tarde, pegou um avião. No meio da manhã, ele levou a melhor sobre as trancas do apartamento de Mathilde em Londres e entrou com passos vacilantes, arfantes. Estava tão gordo e velho nessa época quanto um fogão bojudado. A tudo ele sobreviveu, como sobreviviam os ratos, as águas-vivas, as baratas. Ele pegou os três livros finos que Mathilde escrevera recebendo uma retumbante ausência de aplausos e os colocou na bolsa. [*Alazon, Eiron, Bomolochos*; ela era maliciosa, mas não havia sutileza nisso. Num quarto em sua casa, o resto dos exemplares estava em caixas de papelão, sendo comido por baratas.] Embora fosse velho, Chollie estava perspicaz como sempre. Serviu um bourbon, depois largou o copo e levou a garrafa para o sótão. Passou uma noite folheando as valiosas primeiras versões das peças de Lancelot Satterwhite em suas meticulosas caixas de arquivo, procurando a primeira versão esgotada ridiculamente amarelada de *As Nascentes*. Valeria mais do que essa casa inteira. Ele não a encontraria. Ela não estava mais junto das outras peças, tendo deixado Mathilde décadas atrás em um amanhecer, surrupiada pela mão de um jovem que acordara envergonhado e furioso numa casa estranha, que deixara a cadela sair no escuro para fazer xixi e preparara salada de frutas e café sem acender a luz. Que enfiara os papéis por baixo da camisa, aquecera-os com sua pele ao voltar de carro para a cidade. No fim, não importava. Land tivera um direito tão forte como qualquer outro, é verdade. Um garoto que explicara o roubo numa carta que enfiara numa grande tigela azul cheia de tomates maduros, um garoto que sentira na pele o que só uma única pessoa realmente soubera.

*

Viúva havia dois anos, Mathilde foi falar com Land em Nova Jersey. Uma produção de *A Tempestade*. Ele fora Caliban. Saira-se bem, mas, infelizmente, não havia brilho. Os filhos dos gênios raramente sendo gênios et cetera. Seu maior talento era o rosto deslumbrante que ele escondia atrás do látex.

Depois que a cortina se fechou, ela foi para o crepúsculo. Não se disfarçara, pensando que não haveria necessidade. Ela tinha um peso saudável, seu cabelo retornara, e tinha um tom castanho natural suave. Mas lá estava ele na frente do

teatro, fumando cigarro com sua maquiagem grumosa, a corcunda nas costas, os trapos.

— O que você achou, Mathilde? — gritou ele através do turbilhão de gente saindo para jantar, para a babá, para um drinque.

O olhar que ele lhe lançou. Nossa. Era como se conseguisse ver o interior do coração sombrio dela, e ficasse morto de enjoo com o que via.

Bem, é verdade, Lotto tinha a mesma rigidez moral. Se ele soubesse... tudo o que ela havia feito, tudo o que ela era, a raiva faiscando como raio sob a pele, as ocasiões em que ela o ouvia se gabar em alguma festa, jovialmente bêbado, e odiava as palavras saindo daquela linda boca, como ela queria queimar os sapatos que ele descalçava em qualquer lugar, o jeito preguiçoso que ele tinha com os sentimentos rápidos e delicados das pessoas, o ego mais pesado do que a laje de granito na qual a casa deles era fixada, como ela às vezes ficava enjoada do corpo dele que já fora dela, do cheiro do corpo, da flacidez na cintura, dos pelos feios daquele corpo que agora era ossos. Será que a teria perdoado? Ah, nossa, claro que teria.

Ela parou subitamente. Empertigue-se, disse a si mesma. Deu ao pobre Land o maior sorriso.

— Não desanime. Para a frente! — disse.

Viu o rosto dele repetidas vezes enquanto dirigia depressa na noite para voltar para casa, para sua cachorra. Como um homem bonito às vezes pode ser tão feio. Talvez Land fosse muito melhor ator do que ela acreditara que fosse. Com certeza, melhor do que Lotto fora. Bem, ela sabia como era isso.

*

Teatros vazios são mais silenciosos que outros lugares vazios. Quando dormem, os teatros sonham com barulho, luz e movimento. Ela encontrara apenas uma porta destrancada que dava para a rua, e saiu no vento gelado. Mesmo agora, a franzina Danica e a linda Susannah estavam exaurindo sua conversa fiada, dispensando o garçom com um gesto, quase prontas para começar a falar mal de Mathilde por ter dado bolo nelas. Que seja. O dia inteiro no trabalho ela sentira a ansiedade disparar, e quando Lancelot não respondeu às suas mensagens de texto, quando não voltou para casa, ela foi encontrá-lo. *Gacy* em cartaz. Peça sobre o mal, correndo-o por dentro. Ela seguiu os vestígios fracos da voz dele pelos bastidores, mãos estendidas, arrastando os pés, para tatear o caminho no escuro. Ela não acenderia a luz e avisaria que estava ali. Afinal, estava nos bastidores, e ele lá em cena, é claro, na penumbra, dizendo: *Pobre senhor honesto, abatido pelo próprio coração,*

*Destruido pela bondade! Feitio estranho, inusitado
Cujos maiores crimes são ser bom demais!*

Quem, então, ousa ter metade dessa bondade?

Pois a generosidade, que faz os deuses, desvaloriza o homem.

Só no fim da cena ela a identificou: *Timão de Atenas*. Seu Shakespeare

menos favorito. Ele começou a cena seguinte. Ah. Estava fazendo a peça inteira. Sozinho. Para ninguém.

Ela estava em segurança na escuridão, e ali se permitiu sorrir para ele — homem cômico, doce — e o sorriso se expandiu de forma alarmante em seu diafragma, então ela precisou respirar fundo e com seriedade para não rir. Porque olhe para ele, muito alto, andando no palco. Mantendo moribundo o velho sonho com essas infusões de interpretação. O velho eu que ela considerava morto ainda secretamente vivo. Mas teatral, muito escandaloso. Não o ator que ele achava que era.

Ela ficou parada nas dobras pretas da cortina, e ele terminou e se curvou e se curvou, depois recuperou o fôlego e voltou para seu corpo. Apagou as luzes. Tinha uma luz no celular e guiou-se com ela para sair, mas Mathilde tomou o cuidado de ficar fora do fraco círculo luminoso. Ele passou perto dela, que sentiu o cheiro dele: suor, café e o próprio cheiro humano dele, e talvez bourbon para soltá-lo. Ela esperou até ouvir a porta fechar, depois andou mais depressa tateando no escuro para a rua gelada, pulou num táxi e disparou para casa. Quando ele entrou, foi apenas minutos depois dela, mas ela havia sentido o cheiro do inverno no cabelo dele quando encostara a cabeça em seu pescoço. Segurou com delicadeza a cabeça dele, sentindo a felicidade secreta se mexendo dentro dele.

*

Mais tarde, sob seu *nom de plume*, ela escreveu uma peça chamada *Volumnia*. Foi encenada num teatro de cinquenta lugares. Ela deu tudo de si para aquilo. [Não deveria ter ficado surpresa quando ninguém apareceu.]

Bastante tempo atrás, e ela era muito pequena na época. Havia uma longa escuridão entre o que ela se lembrava e os resultados. Havia algo entreaberto aí. Quem tem quatro anos ainda é uma criança. Parecia muito rigoroso odiar uma criança por ser criança, por cometer um erro infantil.

Talvez tivesse sempre estado ali. Talvez tenha surgido em explicação, mas o tempo todo guardava dentro dela uma segunda história embaixo da primeira, travando uma batalha terrível e silenciosa com sua certeza. Ela teve que acreditar de si mesma que a melhor história era a verdadeira, ainda que a pior fosse insistente.

Tinha quatro anos e ouvia o irmão brincando lá em cima na casa da avó quando o resto da família comia faisões que seu pai matara naquela manhã. Na janela, a família estava reunida embaixo da árvore, *baguettes* e *cassoulet* na mesa, vinho. O rosto rosado de sua mãe estava inclinado para trás, o sol em cheio em sua pele. Seu pai dava um pedaço a Bibiche. A boca de sua avó estava mais um traço do que um *n*, sinalizando felicidade. O vento aumentava, as folhas farfalhando. Havia no ar cheiro bom de estrume e um delicioso *far Breton* esperando, úmido, na bancada para a sobremesa. Ela estava no pinico, tentando fazer xixi, mas seu irmão era mais interessante com suas canções e batidas lá em cima. Era para ele estar dormindo. Menino mau, ele não dormia.

A menina subiu a escada, acumulando poeira com a ponta do dedo.

Abriu a porta do quarto. Seu irmãozinho a viu e gritou de felicidade. *Venha*, disse ela. Ele saiu cambaleando. Foi atrás dele até os degraus, degraus de carvalho antigo reluzindo das pantufas que poliam para baixo e para cima, dia após dia.

Seu irmão estava parado no alto da escada, vacilante, as mãos procurando alcançar as dela, tendo certeza de que ela iria ajudá-lo. Pressionou o corpo no da irmã. Mas, em vez de dar a mão a ele, ela moveu a perna, encostada nele. Ela não teve intenção, de verdade, bem, talvez parte dela tivesse, sim, talvez ela tivesse. Ele cambaleou. Então ela observou o bebê cair lentamente pela escada, a cabeça feito um coco, *tum-tum* até embaixo.

O nó dele parado lá embaixo. Roupa suja jogada.

Quando ela ergueu os olhos, se deparou com a prima de dez anos onde não a tinha visto antes, parada na porta do banheiro do andar de cima, boquiaberta.

Essa era a versão ruim. Essa versão foi o que os acontecimentos posteriores lhe disseram que ocorrera. Era tão real quanto a outra. Passavam simultaneamente em *looping*.

No entanto, Mathilde nunca conseguiu acreditar totalmente nela. Aquele movimento brusco de uma perna numa inserção tardia, claro. Ela não conseguia acreditar, mas algo nela acreditava, sim, e essa contradição que carregava

dentro de si se tornou a fonte de tudo.

Tudo o que sobrou foram os fatos. Antes de tudo isso acontecer, ela tinha sido muito amada. Depois, o amor fora removido. E ela tendo empurrado ou não, o resultado era o mesmo. Não houvera perdão para ela. Mas era muito nova. E como era possível, como pais podiam fazer isso, como ela pôde não ser perdoada?

Foi matemático, casamento. Não, como pode se esperar, adicional. Foi exponencial.

Esse único homem nervoso em um terno de tamanho muito pequeno para seu eu comprido, magro. Essa mulher de vestido de renda verde com uma fenda até o alto da coxa e uma rosa branca atrás da orelha. Nossa, tão jovem.

A mulher diante deles era uma ministra unitarista e, em sua cabeça raspada, os cabelos grisalhos brilhavam no sol filtrado pela renda na janela. Do lado de fora, Poughkeepsie acordava. Atrás deles, um homem de uniforme de detento chorava baixinho ao lado de um cara de pijama com um dachshund: suas testemunhas. Um brilho nos olhos de todos. Dava para saborear o amor no ar. Ou talvez fosse sexo. Ou quem sabe fosse tudo igual, então.

— Aceito — disse ela.

— Aceito — disse ele.

Eles aceitaram. Aceitariam.

Nossos filhos serão lindos para caralho, pensou ele olhando para ela.

Lar, pensou ela, olhando para ele.

— Podem se beijar — disse a celebrante.

Os dois se beijaram. Se beijariam.

Então agradeceram a todo mundo e riram. Papéis foram assinados, felicitações oferecidas, e todos ficaram parados em pé um instante, sem querer deixar aquela sala respeitável onde havia tanta ternura. Os recém-casados voltaram a agradecer timidamente a todos e saíram pela porta para a fria manhã. Eles riram, corados. Havia entrado números inteiros. Sairiam elevados ao quadrado.

*

A vida dela. Na janela, o periquito. Resto de um meio-dia azul no crepúsculo de Londres. A séculos de distância do que fora vivido mais profundamente. Dia numa praia rochosa, criaturas na poça de maré. Todas aquelas tardes comuns, escutando passos nas vigas da casa e conhecendo o sentimento por trás delas.

Porque é verdade: mais do que nos destaques, nos acontecimentos felizes, foi nas pequenas coisas e na rotina que ela encontrara vida. As centenas de vezes que cavara o solo do jardim, cada vez a gratificante mordida da pá no solo, tão frequente que essa ação, a pressão, a liberação e o forte cheiro de terra delineavam o calor que ela havia encontrado naquela casa no pomar das cerejeiras. Ou isso: todos os dias eles acordavam no mesmo lugar, o marido acordando-a com uma xícara de café, o creme ainda girando no preto. Quase não notada, essa delicadeza. Ele a beijava no topo da cabeça antes de sair, e ela sentia algo subindo por seu corpo para encontrá-lo. Essas intimidades silenciosas faziam seu casamento, não as cerimônias nem as festas nem os vernissages nem

as ocasiões para trepadas espetaculares.

Enfim, essa parte estava acabada. Uma pena. Suas mãos se aquecendo com o chá pareciam amontoados de tricô que uma criança cobrira de feltro nas palmas imundas. Décadas suficientes e um corpo se transforma lentamente numa grande câimbra. Mas houve uma época, certa vez, quando ela fora sexy, e se não sexy, pelo menos esquisita o bastante para forçar. Por essa janela clara, ela conseguia ver como tudo havia sido tão bom. Não tinha arrependimentos.

[Isso não é verdade, Mathilde. O sussurro em seu ouvido.]

Ah. Nossa. Sim, havia um. Solitário, brilhando. Um arrependimento.

Era que, a vida inteira, ela dissera *não*. Desde o início, deixara pouquíssimas pessoas entrarem. Aquela primeira noite, o rosto jovem dele brilhando para o dela na luz negra, corpos se debatendo em volta deles, e dentro dela houve o inesperado reconhecimento nítido. Ah, *isso*, uma súbita paz chegando para ela, que não se sentia em paz desde que era muito pequena. Do nada. Dessa noite surpreendente com relâmpagos no campus escuro tempestuoso do lado de fora, com calor, música, sexo e medo animal lá dentro. Ele a vira, ultrapassara os obstáculos, atravessara a multidão e pegara a mão dela, esse rapaz brilhante que estava lhe dando um lugar para descansar. Ele lhe ofereceu não só todo seu eu risonho, o passado que o formou, o quente corpo pulsante que a emocionou com sua beleza e o futuro que ela sentiu comprimido e aguardando, mas também a tocha que ele carregava diante de si no escuro, o entendimento dele, fascinante, instantâneo, de que no fundo dela havia bondade. Com a dádiva, veio a semente amarga do arrependimento, o abismo intransponível entre a Mathilde que ela era e a Mathilde que ele vira nela. Uma questão, no final, de visão.

Ela queria ter sido a Mathilde amável, a boa. A ideia que ele fazia dela. Ela teria olhado sorrindo para ele. Teria escutado além do *Case-se comigo* para o mundo que girava por trás das palavras. Não teria havido nenhuma pausa, nenhuma hesitação. Ela teria rido, tocado em seu rosto pela primeira vez. Sentido o calor dele na palma da mão. *Sim*, ela teria dito. *Com certeza*.

Agradecimento

Minha gratidão começa por Clay, que vi pela primeira vez em 1997, quando ele saiu da sala da sua equipe na Amherst College, com aquele rabo de cavalo preto comprido, e me virei, aturdida, para minha amiga e disse que me casaria com ele, por mais que eu não acreditasse em casamento. O livro ganhou vida na página na Colônia MacDowel, com a ajuda das obras de Anne Carson, Evan S. Connel, Jane Gardam, Thomas Mann, William Shakespeare, e pessoas demais para listar. Foi imensamente melhorado enquanto passava pelas mãos do meu agente, Bill Clegg, e meus amigos brilhantes Jami Attenberg, Kevin A. González, Elliott Holt, Dana Spiotta, Laura van den Berg e Ashley Warlick. A Riverhead proporcionou a ele (e a mim) um novo lar caloroso, e sou grata a todos, especialmente a Jynne Martin e Sarah McGrath, que me assombra com sua calma impassível e suas revisões certeiras. Abençoados sejam os verificadores de fatos e os revisores do mundo, todos eles. Abençoados sejam, também, os leitores deste livro. Falando nisso, abençoados sejam os leitores de todos os livros. Beckett e Heath são minhas alegrias mais puras, meus suportes contra o desespero, mas as pessoas que cuidam deles para que eu possa trabalhar também são. E se começa com Clay, esse livro também termina com ele: o rabo de cavalo foi cortado e estamos mais velhos e mais lentos, e, embora eu continue ambivalente em relação ao casamento, acho incrível a sorte que tive no nosso.

SOBRE A AUTORA

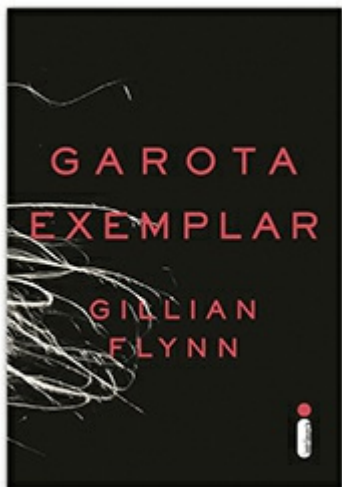


© Megan Brown

LAUREN GROFF é autora dos romances best-sellers *The Monsters of Templeton* e *Arcadia* e do livro de contos *Delicate Edible Birds*. Graduada pela Amherst College e Master in Fine Arts em ficção pela University of Wisconsin-

Madison, já recebeu diversos prêmios, como o Paul Bowles Prize de Ficção, o Medici Book Club Prize, o PEN/O. Henry Award e o Pushcart Prize, além de ter sido finalista do Orange Prize para Novos Escritores e do L.A. Times Book Prize. Seus contos foram publicados nas revistas *The New Yorker*, *Harper's Bazaar*, *Tin House*, *One Story*, *Ploughshares* e *The Atlantic*, assim como nas antologias *100 Years of the Best American Short Stories*, *The Pushcart Prize: Best of the Small Presses*, *PEN/O. Henry Prize Stories* e em três volumes da *The Best American Short Stories*. *Destinos e fúrias* é seu terceiro romance, best-seller do *The New York Times*, com direitos de publicação vendidos para mais de 20 países. Eleito livro do ano pela Amazon e por veículos como *The Washington Post*, *NPR*, *Time*, *The Seattle Times*, *Minneapolis Star-Tribune*, *Slate*, *Library Journal* e *Kirkus Reviews*, entre outros, foi finalista do Kirkus Prize e do National Book Award de 2015. Groff mora em Gainesville, na Flórida, com o marido e dois filhos.

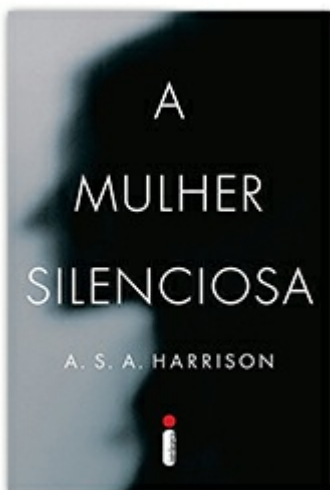
LEIA TAMBÉM



Garota exemplar
Gillian Flynn



Circo invisível
Jennifer Egan



[A mulher silenciosa](#)

[A. S. A. Harrison](#)



[Os lança-chamas](#)
[Rachel Kushner](#)

Table of Contents

[Elogios](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Destinos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[Fúrias](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[Agradecimento](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)